

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

TESE DE DOUTORADO

LUCI SILVA RIBEIRO

Processo e Figuração: Um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias

UNICAMP
MARÇO DE 2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP
Bibliotecária: Maria Silvia Holloway – CRB 2289**

R354p **Ribeiro, Luci Silva**
 Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia
de Norbert Elias / Luci Silva Ribeiro.
-- Campinas, SP : [s. n.], 2010.

Orientador: Josué Pereira da Silva.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Elias, Norbert, 1897-1990 – Crítica e interpretação.
2. Sociologia - Teoria. 3. Teoria social. 4. Civilização.
I. Silva, Josué Pereira da. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

**Título em inglês: Process and figuration: a study on the Sociology of Norbert
Elias**

Palavras chaves em inglês (keywords) :

**Elias, Norbert, 1897-1990 –
Criticism and interpretation
Sociology - Theory
Social theory
Civilization**

Área de Concentração: Sociologia

Titulação: Doutor em Sociologia

**Banca examinadora: Josué Pereira da Silva, Andréa Borges Leão, Sérgio
Luiz Pereira da Silva, Rubem Murilo Leão Rêgo,
Fernando Antonio Lourenço**

Data da defesa: 31-03-2010

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Cs
R837

LUCI SILVA RIBEIRO

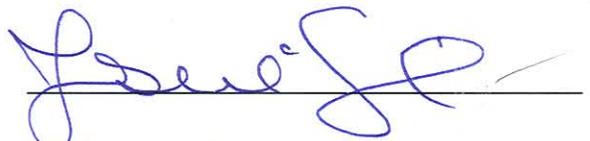
Processo e Figuração: um estudo sobre a sociologia de Norbert Elias

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a Orientação do Prof. Dr. Josué Pereira da Silva.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela comissão julgadora em 31 / 03 / 2010.

Banca examinadora

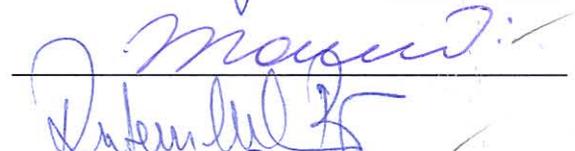
Prof. Doutor Josué Pereira da Silva
(DS/IFCH/UNICAMP) (orientador)



Andréa Borges Leão

Profa. Dra. Andréa Borges Leão
(FE/Universidade Federal do Ceará)

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço
(DS/IFCH/UNICAMP)



Rubem Murilo Leão Rego

Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rego
(DS/IFCH/UNICAMP)

Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva
(PPGMS/UNIRIO)



Suplentes

Prof. Dr. Jesus Ranieri
(DS/IFCH/UNICAMP)

Profa. Dra. Myrian S. Santos
(DCS/UERJ)

Prof. Dr. Sérgio Tavoraro
(DCS/UFC)

201009373

À todos que solidariamente me ajudaram, e em especial
à minha mãe Luiza, e ao meu pai João (*in memoriam*)

Agradecimentos

Foram anos dedicados a esta tese, anos em que contei com apoio e solidariedade de muitas pessoas, amigos antigos, novos amigos e amigos que passaram, alguns dos quais já não estão neste mundo. Então, este trabalho tem para mim, entre outras coisas, o significado da solidariedade estendida. Eis o meu profundo agradecimento a todos.

Agradeço com saudade e carinho a Marion Scull (*in memoriam*), que antes de deixar esse mundo, me ajudou tão fraternamente a aceitar as dádivas da vida, principalmente, quando elas me chegavam tão amargas. Agradeço a sua mãe Marga Scull, que através a generosidade sua e de sua filha, transcreveu para mim cartas do arquivo de Norbert Elias escritas em Sütterling. Agradeço a Daniel Carrara, pela sua amizade prazerosa, pelo seu companheirismo sutil e pela ajuda verdadeiramente humana que me concedeu. Agradeço aos meus queridos amigos Brand Arenari e Carlos Cardonha pela doce acolhida que me deram, física e emocional. Agradeço a Ana Helena Guimarães por ter sido minha carinhosa amiga. Agradeço a Mario Videira pelas traduções de cartas e documentos em francês, e por ter aceitado ser meu irmão querido, e como irmão ter me acolhido muitas vezes.

Agradeço à minha família, minha mãe Luiza, meu pai João (*in memoriam*), minha irmã Claudia, por sempre terem me apoiado e incentivado, indiscriminadamente. Agradeço às minhas queridas e especiais amigas Denise Longo e Márcia Malaguti, pela consultoria que me deram para as cartas e textos em inglês, pela ajuda impagável que sempre me deram. Agradeço a Camilo Flamarion, meu eterno amigo que tantas vezes quando precisei esteve ao meu lado. Agradeço a Danilo Ramos pelas transcrições de parte dos documentos em inglês. Minha gratidão a Rossana Cavalini e a Fábio Coelho pelo socorro de última hora com a tradução do inglês para o português de boa parte das citações deste trabalho. Agradeço de coração à minha querida e forte amiga Andrea Lopes, cujo auxílio amoroso em tantos aspectos me fez seguir em frente. E sou grata de coração pelo cuidado, apoio e incentivo de Deise Arcocha e Iara Gravio.

Agradeço sinceramente às minhas amadas Paula Marcelino e a Adriana Delbó por estarem ao meu lado e por fazerem parte da minha vida. Agradeço a Giuliana Franco Leal pelas leituras do meu texto, pelos comentários e por ser minha amiga e a Silvio Camargo pelo companheirismo acadêmico e humano. Agradeço a Susann Kreutzmann e a Klaus Frey pela revisão que fizeram das minhas traduções do alemão. Agradeço a Isac Marcelino pelo trabalho cuidadoso que teve com os 'enfeites' deste trabalho, em especial pela linha do tempo. Agradeço ao ótimo trabalho de Maysa Gabrielle, que teve a gentileza de aceitar o trabalho de revisão deste texto em tempo recorde. Agradeço a Claudia Dornbusch e sua mãe Ilse Dornbusch pela ajuda que deram na transcrição da troca de correspondência em alemão.

Agradecimento especial ao meu prezado orientador Professor Josué Pereira da Silva, cuja ajuda em vários aspectos, confiança e paciência foram as motivações perfeitas para que eu seguisse em frente. Aos professores Fernando Lourenço e Jesus Ranieri, agradeço gentilmente pelas sugestões e críticas feitas à época da minha qualificação.

Agradeço aos funcionários do Marbach Archiv, Hildegard Dieke e Hiltrun Fink e Thomas Kemme onde se encontra o arquivo de Norbert Elias, em Marbach, por sua dedicação e ajuda durante os períodos de pesquisa no arquivo.

Agradeço ao Professor Doutor Erhard Stöllting, por aceitar ter me orientado e ter me oferecido as condições necessárias para a condução de minha pesquisa na Alemanha. Departamento de Sociologia da Universidade de Potsdam.

Agradeço ao Doutor Cas Wouters e sua companheira Truus Snieder pela gentil acolhida em Amsterdam. Agradeço aos Professores Johan Gousblom e Stephen Mennell pelas entrevistas que tão gentilmente me concederam.

Agradeço ao departamento de sociologia do IFCH, aos funcionários da pós-graduação, em especial à Maria Christina Faccioni, pela pronta ajuda que sempre me deram. Agradeço ao DAAD e aos seus funcionários pelo tutorado de pesquisa na Alemanha, indispensável para a realização desse trabalho. Por fim, agradeço à Capes pelo apoio institucional.

A maioria da gente enferma de não saber dizer o que vê e o que pensa. Dizem que não há nada mais difícil do que definir em palavras uma espiral: é preciso, dizem, fazer no ar, com a mão sem literatura, o gesto, ascendentemente enrolado em ordem, com que aquela figura abstrata das molas ou de certas escadas se manifesta aos olhos. Mas, desde que nos lembremos que dizer é renovar, definiremos sem dificuldade uma espiral: é um círculo que sobe sem nunca conseguir acabar-se. A maioria da gente, sei bem, não ousaria definir assim, porque supõe que definir é dizer o que os outros querem que se diga, que não o que é preciso dizer para definir. Direi melhor: uma espiral é um círculo virtual que se desdobra a subir sem nunca se realizar. Mas não, a definição ainda é abstrata. Buscarei o concreto, e tudo será visto: uma espiral é uma cobra sem cobra enroscada verticalmente em coisa nenhuma.
(Fernando Pessoa).

RESUMO

Este trabalho tem como tema a análise da abordagem sociológica desenvolvida pelo sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990).

A teoria de processo e figuração desenvolvida pelo autor ao longo de sua vida fundamenta-se na relação funcional de interdependência recíproca que se estabelece entre os indivíduos vivendo em sociedade. Com essa postura, Norbert Elias transpõe o campo das dicotomias já determinadas, pois estabelece *a priori* uma relação de interdependência entre indivíduo e sociedade. Tal abordagem teórica tem por objetivo a construção de modelos de análise, empiricamente embasados, calcados em uma perspectiva processual, de longo prazo, onde se identifique, simultaneamente, as alterações nas estruturas sociais, para que, assim, possa-se chegar a visualizar a direção de seu curso. Outro apoio conceitual ao modelo teórico, além da noção processual, é a idéia de figuração, esta consiste, basicamente, na compreensão das organizações sociais – famílias, escolas, cidades ou estratos sociais – como sendo formadas pelas relações de interdependência entre os indivíduos. Em uma figuração são analisadas as dinâmicas das inclinações individuais que levam varias pessoas a se unirem em formarem uma sociedade. Dessa forma, os sentimentos e padrões de comportamento individuais são levados em consideração em igualdade com a análise de macroestrutura social.

Neste trabalho, cada conceito será tratado isoladamente, porém sem que se perca a relação entre eles. Isso se deve a uma escolha didática, para que fique claro ao leitor as especificidades seja da noção de processo, seja da noção de figuração, bem como a maneira que se relacionam.

Considerando que os arcabouços teóricos e empíricos não nascem descolados de um contexto social e histórico, bem como são igualmente fruto de percepções individuais de quem os produz, este trabalho apresenta ainda uma biografia concisa de Norbert Elias.

Abstract

This doctoral thesis is dealing with the analysis of the sociological approach developed by the German sociologist Norbert Elias (1897-1990).

The process and figuration theory developed by the author during his lifetime is based on the idea of functional relations of mutual interdependence established between individuals living in society. From this starting point, Norbert Elias establishes *a priori* a relationship of interdependence between individual and society, transcending the field of predetermined dichotomies. Such theoretical approach aims at the construction of analytical models that are empirically substantiated and based on a long-term and process-related perspective. By identifying the changes occurring within social structures, it renders possible to visualize the direction of their course.

In addition to the notion of process, the idea of figuration has been considered as part of Elias' theoretical model. This idea comprises basically an understanding of social organizations – families, schools, cities or social classes – as being formed by relations of interdependence between individuals. In a given figuration the individual penchants are analyzed that bring different people to come together making up a society. Thus, sentiments and patterns of individual behavior are considered in the same way as the social macro-structure is analyzed.

In this work, each concept is treated separately, but without ignoring the relation between them. This is due to a didactical choice in order to clarify to the reader the specifics of the two concepts, process and figuration, as well as the ways that characterize their interrelation.

Taking into consideration that the theoretical and empirical frameworks do not come into being detached from a specific social and historical context and, in addition, have to be understood as the fruits of the individual perceptions of whom has been responsible for generating them, this thesis presents also a short biography of Norbert Elias.

Sumário	
Introdução	01
Capítulo 1	
A Trajetória de Norbert Elias: vivências que inspiram teorias	19
1.1. Estabilidade e ruptura	26
1.2 Mudanças da trajetória e o fim da República de Weimar	37
1.3 O exílio e o recomeço	51
1.4. Apenas um elo na cadeia de gerações	73
Capítulo 2	
Perspectiva processual: direções de processos sociais e conhecimento	101
2.1 Para a construção de uma abordagem processual	104
2.2. Sociologia do conhecimento: uma perspectiva processual	118
2.3 As direções do conhecimento: relação entre engajamento e distanciamento	133
2.4 Para uma compreensão processual do conhecimento: Teoria simbólica	139
2.5 Considerações metodológicas	146
Capítulo 3	
Figurações e relações de interdependência: o papel das emoções	165
3.1 A perspectiva figuracional	166
3.2 Figurações e a importância das emoções	176
3.3 Sociologia figuracional: emoções e normas sociais	191
Considerações Finais	203
Bibliografia	225
Anexos	233

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a abordagem sociológica proposta pelo conjunto da obra do alemão Norbert Elias.

Norbert Elias insere-se na produção sociológica europeia ao longo do século XX. Filósofo de formação, seus primeiros trabalhos buscaram elaborar uma crítica à teoria kantiana do conhecimento – *Idéia e indivíduo: uma contribuição para a filosofia da história*.¹ A mudança para a sociologia decorreu, em grande parte, das limitações encontradas pelo autor no campo da filosofia, que oferecia uma visão cindida entre o indivíduo e a produção de suas ideias. Segundo Elias, a sociologia oferecia condições para que essa perspectiva fosse ampliada; a liberdade desse campo que ainda estava em fase de consolidação permitia que o pesquisador ousasse na construção e desenvolvimento de suas pesquisas.

Uma das obras mais conhecidas de Elias, a publicação de dois volumes em 1939, *O processo civilizador* (1993 e 1994a), pode ser considerada um expoente dessa situação de relativa independência de ideias no campo da sociologia. Isso não significa, contudo, que não houvesse uma rigorosa avaliação do meio acadêmico sobre as produções de sua área, que eram submetidas aos cânones vigentes. A inovação de *O processo civilizador* está em trazer para o debate sociológico a tematização sobre as transformações das emoções e da estrutura da personalidade como fruto das interações sociais, além de aliar essas transformações ocorridas na esfera das personalidades individuais às transformações ocorridas no âmbito da formação dos Estados Nacionais europeus. Com essa obra, Elias inicia uma jornada para desenvolver e aprofundar uma abordagem sociológica que primou pela relação entre indivíduo e sociedade, uma perspectiva que supere a dicotomia vigente nas ciências sociais e humanas que separa o indivíduo produtor de conhecimento do meio no qual esse conhecimento é gerado.

¹ *Idee und Individuum. Ein Beitrag zur Philosophie der Geschichte.* (Elias, 2006a)

A consequência, segundo Elias, de aceitar uma análise balizada por um paradigma dicotômico é a reificação, a redução tanto das categorias de análise quanto dos resultados da pesquisa. Para o autor, "... conceitos como indivíduo e sociedade não dizem respeito a dois objetos que existiriam separadamente, mas a aspectos diferentes, embora inseparáveis, dos mesmos seres humanos, e que ambos os aspectos (e os seres humanos em geral) habitualmente participam de uma transformação estrutural" (Elias, 1994a: 220). Assim, contrariando as heteronomias vigentes, Elias segue na direção de esclarecer a relação que necessariamente se estabelece entre esses dois conceitos habitualmente tratados em separado. A teoria de processos e figuração desenvolvida pelo autor ao longo de sua vida fundamenta-se na relação funcional de interdependência recíproca que se estabelece entre os indivíduos. Com essa postura, Elias transpõe o campo das dicotomias, pois estabelece *a priori* uma relação entre indivíduo e sociedade. Esta conduta de análise se faz presente já em sua primeira publicação – *O processo civilizador* –, porém não a vemos prontamente estruturada como uma abordagem paradigmática. O que na verdade vai-se consolidando ao longo dos anos.

A discutida cisão entre agência e estrutura é uma característica presente na formação da sociologia como matéria científica. Herdeira dos métodos e procedimentos das ciências físicas e naturais, a sociologia trouxe consigo a mesma marca reificadora daquelas ciências. O uso de conceitos próprios do campo das ciências naturais, se, por um lado, auxiliou a sociologia a alcançar um status científico, por outro lado, limitou sua perspectiva a uma análise estática dos eventos sociais. Segundo Elias (2004: 14, 15):

Tem-se verificado uma tendência para tornar científicos modelos de pensamentos e expressão usados naquilo que hoje designamos por ciência física, em nítida distinção com o mundo humano e social. Muitas das descobertas das estruturas químicas e físicas passaram para o estoque de conceitos e palavras usados quotidianamente na sociedade européia, enraizando-se nela. Muitas palavras e conceitos cujas formas atuais derivam essencialmente da interpretação dos fatos naturais foram transferidos indevidamente para a interpretação dos fenômenos humano e sociais. (...). Por isso impedem que se

desenvolva um modo mais autônomo de falar e de pensar, mais adequado às particularidades específicas das figurações humanas.

O surgimento da sociologia no cenário europeu do século XIX se deve também a uma mudança nos padrões de sensibilidade da época. A necessidade de uma ciência sobre as transformações correntes no mundo social surge da crescente percepção dos problemas dentro daquele contexto. A sociologia como disciplina de conhecimento sobre a realidade social – mais especificamente como uma ciência que propõe esclarecer as relações sociais, os diferentes processos de formações societais (não apenas no que têm de comum, mas principalmente no que apresentam de anomia) – nasceu em um contexto de complexas transformações estruturais do mundo ocidental europeu no século XIX.² Essas transformações tinham como característica o desalojamento de uma ordem instituída tanto nacionalmente – formação dos Estados modernos e as respectivas formas de governo; a monarquia – como internamente: formação de classes sociais que se autonomizaram perante o governo. A célebre frase de Marx, “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, nos oferece de forma concisa a compreensão do período: uma ordem sólida, calcada em valores supremos e transferida ao longo de várias dinastias, vai perdendo lugar para outra ordem social, na qual o poder político e econômico passa para as mãos de uma burguesia industrial que já se configura em luta com a classe trabalhadora.

A necessidade de explicação dos fenômenos sociais intensifica-se à medida que as relações sociais se diversificam e tornam-se mais complexas. Como afirmou Merton, a sociologia surgia no século XIX “como uma nova ciência de um assunto muito antigo” (Merton, 1968: 58). Assim, a sociologia concentra seu foco de análise nos problemas presentes, mas com vistas a explicá-los em suas singularidades e regularidades, e, por conseguinte, oferecer respostas para solucioná-los. Vemos, portanto, que a sociologia nasce com a clara preocupação com o futuro das organizações sociais, e a primeira tarefa atribuída a ela por seus

² Não é o objetivo aqui tratar da história da sociologia, existem inúmeros trabalhos competentes a esse respeito. O propósito é apenas introdutório. Ver (Aron, 1982) e (Bottomore, 1978).

fundadores era oferecer conhecimentos suficientes para assegurar uma ordem regular e organizada.

Para August Comte, considerado por muitos o fundador da sociologia, a questão pertinente que se colocava era como manter a evolução da sociedade no caminho regular e moralmente correto, ou seja, Comte pensava a sociedade de uma forma geral, desenvolvendo um processo:

As nossas verdadeiras necessidades lógicas convergem, pois, essencialmente para este comum destino: consolidar, tanto quanto possível, por nossas especulações sistemáticas, a unidade espontânea do nosso entendimento, estabelecendo a continuidade e a homogeneidade de nossas diversas concepções e fazendo-nos achar de novo a constância no meio da variedade de modo a satisfazer igualmente às exigências simultâneas da ordem e do progresso. (Comte, 1976: 27)

Elias credits a Comte duas inovações importantes e necessárias para o desenvolvimento da sociologia, que significaram o rompimento com o pensamento filosófico dominante. A primeira, como pudemos perceber, era a preocupação com o processo do desenvolvimento humano, que deveria se desenvolver em uma direção moralmente correta. A preocupação era com o futuro das sociedades humanas, não mais com a racionalidade do indivíduo autonomizado: “Para onde vamos? Onde nos leva o desenvolvimento da humanidade? Será que se orienta na ‘direção devida’ e será essa a direção dos meus objetivos e ideais? O modo como Comte ataca estas questões trai o velho dilema que sempre confrontou os filósofos (...). Comte considerou algumas vezes a evolução do pensamento humano apenas como um dos problemas-chave da evolução da humanidade (Elias, 2004: 36)”.

A segunda inovação de Comte diz respeito à introdução do sujeito pensante na rede de relações sociais. A produção de conhecimento não é mais compreendida como mérito de um sujeito isolado, mas como um processo contínuo no qual o indivíduo se insere: “A transição de uma teoria filosófica para uma teoria sociológica do conhecimento, o que Comte realizou, surge

essencialmente com a substituição da pessoa individual, enquanto sujeito do conhecimento, pela sociedade humana” (Elias, 2004: 38).

Dessa forma, vemos que Elias resgata as tendências inovadoras da sociologia no que diz respeito à sua ruptura com a filosofia, afirmando a necessidade de uma autônoma ciência da sociedade. No entanto, a afinidade com Comte esbarra na direção moral que este confere ao desenvolvimento humano. Para Elias, os processos de desenvolvimento não correspondem a uma direção estabelecida por uma vontade individual ou geral. Os processos são cegos, mas cabe à sociologia examinar e interpretar “(...) as forças compulsivas que agem sobre as pessoas nos seus grupos e sociedades empiricamente observáveis” (Elias, 2004: 16). São essas forças, segundo o autor, que dão a direção dos processos sociais.

A inclinação da sociologia em estudar e explicar os fenômenos sociais, considerados anomias e entraves ao desenvolvimento da humanidade, é reforçada por Èmile Durkheim, considerado, ao lado de Comte, um dos fundadores da sociologia. No entanto, o que gostaríamos de ressaltar não é o desenvolvimento da sociologia, mas que aspectos desse desenvolvimento firmaram sua característica particular de ciência social. Nesse sentido, encontramos em Durkheim uma postura de análise social que reforça a cisão entre indivíduo e sociedade, como podemos observar no trecho a seguir:

O Sistema de sinais de que me sirvo para exprimir o pensamento, o sistema monetário que emprego para pagar dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo nas minhas relações comerciais, as práticas seguidas na minha profissão, etc., etc. funcionam independentemente do uso que delas faço (...). Estamos, pois, em presença de modos de agir, de pensar e de sentir que apresentam a notável propriedade de existir fora das consciências individuais. (Durkheim, 1983: 87, 88)

Em Durkheim observamos a predominância do mundo social sobre as explicações do mundo natural e mental nos quais os indivíduos estão inseridos. Com isso, o mundo social apresenta-se como algo externo e supra-individual. Segundo Elias (2004: 129), Durkheim “(...) se deparou com problemas que se

centravam na existência de fenômenos sociais ‘exteriores’ ao indivíduo e à sua consciência ‘íntima’ e, junto com estes, um conjunto de problemas mais antigos da teoria do conhecimento que giram em torno da existência de objetos ‘exteriores’ e da sua relação com o sujeito gnosiológico individual e da sua ‘consciência’, ‘espírito’, ‘razão’ e outros atributos igualmente ‘internos’”.

Encontramos em Weber, um dos responsáveis pelo estabelecimento científico da sociologia, uma postura contrária à de Durkheim. A sociologia compreensiva inaugurada por Weber propôs interpretar a atividade social e com isso explicar de forma causal seu desenvolvimento e seus efeitos. A interpretação não corresponde a um decifrar das ações sociais, mas ela nos conduz a considerar o sentido que os atores sociais atribuem às suas próprias ações. Dessa forma, a sociologia compreensiva define os fenômenos sociais a partir de condutas individuais. Na interpretação weberiana, cada ação é dotada de um sentido subjetivo atribuído pelo agente, isto é, o sentido de uma ação não pode, portanto, ser apreendido como sendo de caráter objetivo, correto ou verdadeiro.

Quanto “livre”, isto é, quanto mais a “decisão” do agente for tomada apenas com base em “ponderações” próprias, não pressionadas por “coação externa” nem paixões irresistíveis, tanto mais a motivação se adapta, *ceteris paribus*, às categorias “fim” e “meios” (...). Quanto mais “livre”, no sentido aqui empregado, é a ação, tanto menos traz em si o caráter do “decorso natural”; mais se realiza, finalmente, aquele conceito de “personalidade” que encontra a sua “essência” na constância de sua relação interior com determinados “valores” e “significados” últimos da vida, que se exprimem em suas ações e fins, e, assim, se convertem em ação teleológica racional. (Weber, 1995: 97)

Elias, em oposição a Weber, situa o indivíduo em uma densa trama social, e a abordagem de processos e figuração analisa as ações individuais como ações funcionais e interdependentes. Para contra argumentar a posição weberiana, Elias lança mão de um exemplo dado pelo próprio Weber para definir o que não deve ser considerada uma ação social: “*Segundo Weber*, abrir um guarda-chuva quando chove não é uma ação social. Aos seus olhos, a ação de abrir um guarda-chuva é realizada sem que se atente aos outros. É claro que nunca lhe ocorreu que os guarda-chuvas só se encontram em certas sociedades, não se fabricando,

nem se utilizando em outras” (Elias, 2004: 130). Vemos, portanto, que Elias localiza as ações individuais em um contexto sociocultural de relações individuais diretas e indiretas. A ação de abrir um guarda-chuva corresponde a uma ação social construída em uma sociedade onde se convencionou usar, fabricar e comercializar este objeto.

As posições dos principais expoentes da sociologia levantadas nessa pesquisa mereceriam um maior aprofundamento, no entanto seu tratamento, ainda que superficial, tem o objetivo de servir de guia para o estabelecimento das oposições que parecem irreconciliáveis no âmbito das ciências sociais, em geral, e na sociologia em particular. A análise sociológica sempre precisou se debater entre um dos opostos, ou o indivíduo em detrimento da sociedade, ou a sociedade em detrimento do indivíduo. É esse o dilema que vimos acima exposto nas considerações sobre Comte, Durkheim e Weber.

O que observamos ao longo do desenvolvimento da sociologia como matéria científica é a sua crescente diferenciação: quanto mais complexas se tornam as organizações sociais, tanto mais a sociologia se pluraliza e enseja a formação de novas teorias, sejam elas de micro, médio ou macro alcance. Os limites encontrados por essas correntes teóricas esbarram não apenas no alcance de suas explicações, mas também porque os respectivos alcances revelam de forma mais aguda a polarização agência/estrutura. As críticas normalmente dirigidas às macroteorias referem-se a generalizações dos sistemas sociais e, conseqüentemente, a pouca, ou quase nenhuma, atenção dispensada com as particulares características de uma determinada sociedade. Não se credita a um modelo sociológico macroteórico a capacidade de predizer com margem de segurança o funcionamento de mecanismos sociais, por generalizar de forma rígida as estruturas e mecanismos de funcionamento sociais. No que tange à micro-sociologia e à sociologia de médio alcance, é criticado o reduzido potencial de alcance, pois podem contribuir para estudos de problemas locais e pontuais.

A retomada, então, ainda que de forma muito simplificada, de um quadro crítico do desenvolvimento da sociologia tem por finalidade introduzir nesse

mesmo quadro uma abordagem de processos sociais de longa duração, com o objetivo de enriquecer o debate sociológico em geral no que diz respeito ao alcance da sociologia na atualidade. A abordagem sociológica de Elias propõe a superação dessa dicotomia pela articulação contínua entre as formas de organização sociais e manifestações individuais.

Ao final de sua longa vida, com 93 anos, Elias conseguiu esboçar, segundo sua própria aspiração, um programa de abordagem sociológica sobre o desenvolvimento social de longo prazo, ao qual ele denominou Teoria de processos e figuração. Essa abordagem teórica propõe modelos de análise calcados em uma perspectiva processual, de longo prazo, na qual se identifiquem as alterações nas estruturas sociais e possa-se assim chegar a visualizar a direção de seu curso. O outro apoio conceitual ao modelo teórico é a ideia de figuração, que consiste basicamente na compreensão das organizações sociais – como famílias, escolas, cidades ou estratos sociais – como sendo formadas pelas relações de interdependência entre os indivíduos. Em uma figuração são analisadas as dinâmicas das inclinações individuais que levam várias pessoas a se unirem e formarem uma sociedade. Dessa forma, os sentimentos e padrões de comportamento individuais são levados em consideração em igualdade com a análise de macroestrutura social.

A teoria de Processos e figuração teve sua trajetória marcada por longos períodos de interrupção. Em 1939, com a conclusão de *O processo civilizador*, Elias deduziu um modelo teórico de análise. O modelo teórico e empírico que essa obra inaugura consiste no estudo de longo prazo de comparações entre as fases de desenvolvimento de uma determinada sociedade, em estrita conexão com as fases de alterações comportamentais e nas estruturas das personalidades individuais. Isso significa analisar, ao mesmo tempo, o indivíduo e o meio social. Elias concluiu de seu estudo que um processo civilizador corresponde a uma centralização política de poder e, ao mesmo tempo, a padronização de normas sociais que obrigam o convívio sob a égide de uma sociedade.

O autor afirma que essa orientação de modelo de análise pode ser utilizada nos lugares onde se deseja descobrir, de forma estruturada, os caminhos que conduziram a uma determinada figuração ao seu estado atual. Com tal mapeamento é possível entrever as reais origens de problemas sociais e assim influenciar positivamente suas soluções. Vale lembrar que o estabelecimento de normas que regulem o convívio social não garante que elas sejam estáticas. As normas e regras de convívio social sofrem, igualmente, transformações e podem perder sua força legitimadora de coesão social. Quando isso ocorre, é sinal de que se coloca em marcha mais avançada o que Elias denominou “processo de decivilização” – sobre o qual trataremos mais adequadamente nas considerações finais deste trabalho.

A noção de processos já estava pronta no primeiro trabalho de grande envergadura de 1939 e, embora a noção de figuração fosse evidente, ainda não havia sido devidamente nomeada. Apenas trinta anos mais tarde, a noção dinâmica dos indivíduos com suas emoções e personalidades agindo em interrelação tomou forma sob o conceito de figuração. Este passou a ser utilizado mais sistematicamente por Elias a partir da década de 1970, e está mais bem esclarecido no livro *Was ist Soziologie?* (2004). Com o binômio processos e figuração, o autor designa sua abordagem de Teoria de processos e figuração. Veremos ao longo dos escritos de Elias, bem como daqueles que o citam, que os conceitos são muitas vezes usados separadamente, podendo-se ouvir teoria da figuração ou teoria processual. O importante é a associação intrínseca entre esses dois conceitos.

Neste trabalho, trataremos cada conceito isoladamente, porém sem que se perca a relação entre eles. Na verdade, ora a luz é jogada sob um, enquanto o outro permanece na sombra, ora inverte-se o procedimento. Isso se deve a uma escolha didática, para que fique claro ao leitor as especificidades de cada um e a maneira como se relacionam.

Um estudo sobre a abordagem sociológica de Norbert Elias justifica-se por duas razões. A primeira diz respeito à necessidade de explicar melhor ao leitor de

Elias o que é sua abordagem e sobre quais bases está fundamentada. Com isso, espera-se minimizar julgamentos prematuros e parciais que o leitor possa adquirir sobre a singularidade da contribuição de Elias, cuja obra é muitas vezes mal interpretada, subestimada ou superestimada. A segunda justificativa, relacionada à primeira, refere-se a evidenciar os contornos da abordagem de Elias, apontando suas limitações e potencialidades para o fortalecimento do campo sociológico e das ciências sociais.

Vemos que a sociologia de Norbert Elias inscreve-se em um cenário de amplo debate sociológico. Elias não é apenas herdeiro de um *ethos* científico gerado na consolidação da sociologia como matéria científica na Alemanha nas primeiras décadas do século XX, mas, dado o amplo espectro de sua abordagem, dialoga com as correntes mais contemporâneas das áreas das ciências sociais. No entanto, ainda existem algumas dificuldades, em certo sentido compreensíveis, de trabalhar com a abordagem desenvolvida por ele. Isso deve, principalmente, ao fato de Elias não ter sistematizado seu aporte de forma que este servisse de guia àqueles que desejassem utilizá-lo. Apesar de suas obras mais conhecidas, como *O processo civilizador* (1993 e 1994a), *A sociedade de corte* (1995), *Os estabelecidos e os outsiders* (2000), *Mozart* (2005a) e *Os alemães* (1997c) apresentarem de forma clara os procedimentos de pesquisa e a perspectiva teórico-empírica que guiaram os objetivos de cada trabalho, falta uma estruturação comum entre desenvolvimento teórico, pesquisa empírica e métodos utilizados.

A ausência de um corpo estruturado das bases teóricas que sustentam as produções de Elias acaba por gerar mal-entendidos sobre a abordagem eliaseana. Muitas vezes, suas obras são escolhidas como fonte de referência empírica, sendo apenas citadas, sem que se considere a relação teórica complexa que o autor desenvolve entre as noções de processos e figurações. É justamente esse aporte teórico o fio condutor de todas as obras de Norbert Elias.

Um outro problema, também decorrente da dificuldade de compreensão sobre a articulação teórica de Elias, diz respeito ao desenvolvimento de críticas

fragmentárias à perspectiva sociológica de Elias.³ Podemos encontrar nas palavras de Zygmunt Bauman (1998: 31) um exemplo de uma crítica comum à abordagem eliaseana. Ao afirmar que “Elias faz da história recente como sendo aquela que elimina a violência da vida diária (...)”, Bauman considera de forma equivocada as afirmações de Elias sobre o resultado da análise de longa duração realizada em *O processo civilizador*. A violência não é afastada ou suprimida. O processo de centralização política dos Estados europeus concentrou nas mãos do Estado o monopólio do uso da violência. Em completa concordância com Weber, Elias explica como esse processo se deu, e como uma crescente internalização do controle dos afetos humanos correu na direção da concordância social na observação das regras e condutas do conviver. A seu favor, Elias argumenta que:

³ Existem muitas críticas pertinentes feitas a Norbert Elias, assim como críticas que se equivocam na avaliação da análise que fazem da perspectiva teórica de Elias. Nas considerações finais deste trabalho, tanto algumas críticas pertinentes quanto as que se equivocam serão tratadas de forma a evidenciar os pontos convergentes e divergentes.

Surge como evidência para muitas pessoas que a descrição de qualquer tendência a longo prazo no fluxo figuracional dos acontecimentos passados implica, imediatamente, uma previsão definitiva para o futuro. Se na “modelação do comportamento interpessoal se demonstrou uma tendência civilizadora a longo prazo, aceita-se sem discussão que o investigador procurou provar que as pessoas são obrigadas no futuro a se tornarem mais civilizadas. (...). Quem quer que se preocupe com a construção de modelos de desenvolvimento social de base empírica, está sujeito a defrontar-se com a obstrução constante dos argumentos que se tornaram correntes, em oposição aos modelos de desenvolvimento de gerações anteriores”. (Elias, 2004: 175).

A abordagem de Elias é composta, como já observamos, pela articulação dinâmica entre dois conceitos: o conceito de processo e o de figuração. Muitas críticas tomam os conceitos de forma isolada, tirando assim sua força de análise, e não atentam para o fato de que o corpo da abordagem é caracterizado pela relação entre ambas.

Uma vez esclarecidas, ainda que de forma genérica, algumas questões relacionadas à justificativa deste trabalho, é possível, então, apresentar os objetivos principais que se impuseram a essa tarefa. O primeiro objetivo refere-se a uma apresentação da composição da abordagem eliaseana. Norbert Elias pretendeu desenvolver um arcabouço sociológico teórico-empírico que pudesse dar conta de uma variedade de questões sociais. Com esse arcabouço, ele almejava superar a dicotomia balizadora das diferentes abordagens sociológicas, a saber: a dicotomia entre agência e estrutura, ou como Elias mais comumente a chamou de dicotomia entre indivíduo e sociedade. O segundo objetivo que aqui se coloca diz respeito ao alcance e contribuição dessa abordagem para a teoria social contemporânea. Em outras palavras, este trabalho procura mostrar em que medida a perspectiva sociológica eliaseana pode contribuir para pensar questões contemporâneas.

Para lograr esses objetivos tratamos de esmiuçar a abordagem de Elias, ainda que de forma exaustiva, a fim de deixar clara sua composição e aplicação. A partir desse primeiro passo, foi possível vislumbrar sua real potencialidade, incluindo aí suas limitações, para contribuir para uma melhor compreensão das

problemáticas atuais, dentre as quais podemos citar, de forma generalizada, a dificuldade em lidar com as formas antigas e crescentes de violência, bem como para uma discussão do sentido da vida moderna. Essas questões são amplas e complexas, mereceriam uma consideração mais adequada. No entanto, serão abordadas de forma mais restrita dada a própria natureza desse trabalho, que não consiste em um debate sistemático sobre as formas de violência contemporânea ou sobre os significados do viver construídos socialmente.

Para concluir, após termos discorrido sobre o tema deste trabalho, sua justificativa, bem como seus objetivos, seria conveniente uma vez mais reforçar a contribuição que este trabalho pode oferecer ao arcabouço sociológico. O desenvolvimento do conhecimento sociológico é fruto do desdobramento de várias abordagens sociológicas particulares. Essas, por sua vez, originam-se em contextos sociais e históricos dos mais variados. Assim, o que convencionamos chamar de sociologia é constituído por várias sociologias, formas diferentes de abordar, com diferentes métodos, o objeto comum: o mundo social. As várias escolas normalmente concorrem para afirmar seu próprio método ou teoria sobre as questões sociais que propõem analisar. Podemos sintetizar esse argumento quando nos referimos ao debate em torno da dicotomia agência/estrutura, tida como a balizadora das abordagens das ciências sociais.

A sociologia de Elias vem se inscrever nesse debate com a proposta de superação da dicotomia. Pois, segundo o próprio Elias, estabelecer os perfis de análise com base em pares dicotômicos empobrece a pesquisa científica e deixa a desejar no que diz respeito aos resultados obtidos.

Chegamos assim a um ponto importante da nossa discussão. O exame detalhado de uma específica abordagem sociológica que se incumbe de superar a divisão dicotômica constitutiva do campo sociológico pode auxiliar a compreensão da complexidade inerente à área de pesquisa sociológica. No caso específico, compreender a sociologia de Norbert Elias pode significar a ampliação da perspectiva sociológica presente no debate contemporâneo em teoria social.

Considerando que os arcabouços teóricos e empíricos não nascem descolados de um contexto social e histórico, bem como são igualmente fruto de percepções individuais de quem os produz, esta tese apresenta ainda uma biografia concisa de Norbert Elias. A finalidade dessa composição é lançar luz sobre a relação, quase sempre negligenciada, entre os acontecimentos vividos, as percepções elaboradas de um indivíduo e sua produção intelectual. Com esse intuito em vista, é possível alcançar uma compreensão mais realista e crítica, nesse caso específico, da abordagem sociológica desenvolvida por Norbert Elias. A biografia que aqui se apresenta constitui material de apoio para compreender o desenvolvimento da abordagem eliasiana. Segundo Mennell (1990b: 152), “Norbert sempre disse que o mais importante era seu trabalho, e não a sua vida; mas isso é uma contradição a seus próprios princípios. Para ele, toda explicação sociológica é considerada inadequada se não se tiver tempo para um de seus eixos principais, e não se pode facilmente compreender sua obra sem situá-la no curso de sua vida”.⁴

Por fim, nos pareceu conveniente o esclarecimento sobre algumas considerações metodológicas que envolvem este trabalho. Dado o caráter teórico desta tese, a pesquisa apoiou-se necessariamente no conjunto das obras de Norbert Elias nas línguas alemã, inglesa e portuguesa, e em obras de *experts* em Norbert Elias, dentre eles Goudsblom (1977), Mennell (1989), Dunning (2003). Parte da pesquisa foi realizada com o auxílio de bolsa sanduíche – fornecida pela CAPES em cooperação com o DAAD – na Universidade de Potsdam, Alemanha. O período foi dividido em dois estágios que se intercalaram. Um estágio foi reservado à pesquisa biográfica, e ao trabalho de análise de textos, o que ofereceu a possibilidade de contato com a literatura internacional sobre o autor, além do acesso a textos de Norbert Elias publicados na Alemanha e Inglaterra. O

⁴ “Norbert always said that it was his work, not his life, that was important; but that was a contradiction of his own principles. For he regarded any sociological explanation as inadequate if it did not have time as one of its principal axes, and one cannot easily understand his work without setting it in the course of his life.” (Mennell: 1990b, 152)

segundo estágio foi dedicado à pesquisa no Arquivo de Literatura Alemã (DLA) em Marbach. Esse arquivo abriga o espólio de Norbert Elias.

O arquivo de Elias comporta um acervo rico e volumoso de boa parte de seus manuscritos, muitos ainda inéditos, textos de aulas, troca de correspondências, documentos pessoais e profissionais, palestras gravadas ainda em fitas cassete. Esse material está devidamente inventariado em três grandes catálogos. O primeiro catálogo traz o inventário do arquivo pessoal de Elias, todos os documentos referentes à sua vida pessoal e profissional. O segundo traz o inventário da biblioteca de Elias classificada em várias áreas temáticas e com textos marcados e não marcados. Muitos livros são de difícil acesso, pois são muito antigos e deteriorados pelo tempo. O terceiro catálogo traz a relação de todos os manuscritos de Elias, divididos por áreas, e títulos de temas abordados por Elias. Faz ainda parte desse catálogo uma pasta com uma relação das correspondências de Norbert Elias.

A pesquisa realizada no arquivo em Marbach foi significativa pois pôde iluminar várias questões pertinentes ao processo intelectual de Norbert Elias. Dessa forma, foi possível tornar mais nítidos os contornos pessoais do autor traçados na interação humana com seu tempo, seus pares e as pessoas mais próximas. Veremos que a biografia apresentada no primeiro capítulo tem suas subdivisões caracterizadas pelo tipo de material encontrado sobre cada período da vida de Elias. Ora quem nos narra a história é o próprio Elias através de depoimentos, ora as correspondências trocadas por ele, e ora os textos das aulas ministradas.

O período de pesquisa no exterior foi profícuo e possibilitou um maior aprofundamento sobre a abordagem de Norbert Elias, bem como sua relação com a teoria social contemporânea. Uma vez tratados aqui as motivações, objetivos e procedimentos da pesquisa, devemos apresentar a forma que esse conteúdo adquiriu neste trabalho. Assim, esta tese apresenta a seguinte configuração:

O primeiro capítulo traz a biografia do autor de forma a dar destaque aos momentos da produção de sua obra. Ele está dividido em quatro fases, cada fase

corresponde aproximadamente a um período de 20 anos. As etapas da vida de Norbert Elias narradas na dissertação são tratadas e apresentadas de forma diferente. Isso se deve ao tipo de material encontrado que ajuda a delinear a trajetória do sociólogo. A primeira fase, por exemplo, trata um pouco da infância, das experiências familiares e da participação de Elias na Primeira Grande Guerra. O tom dessa narrativa é dado pelos relatos em entrevista do próprio Norbert Elias e por livros e textos produzidos sobre ele. A segunda parte da biografia trata um período mais maduro, porém também tem como apoio literatura secundária sobre o autor. A terceira e a quarta parte são mais ricas em material, há trocas de correspondências, impressões pessoais mais contemporâneas registradas sobre Elias, e é praticamente esse material que nos dá um quadro dos anos mais produtivos da vida de Norbert Elias.

O segundo capítulo aborda, de forma mais sistemática, a perspectiva processual de Norbert Elias, sem contudo dissociá-la da noção de figuração. A sociologia processual é caracterizada pelo estudo de um tema em seu desenvolvimento de longa duração. Nesse sentido, Elias apoia-se nos dados históricos para encontrar o material de sustento aos modelos teóricos que desenvolveu. A visão processual necessária para uma pesquisa sociológica deve considerar, igualmente, de forma crítica, as abordagens correntes sobre a produção e aplicação do conhecimento. Visando essa postura crítica, o capítulo trata a relação entre as formas predominantes de produção de conhecimento e uma perspectiva processual de abordagem do conhecimento humano. Por fim, trataremos de forma mais pontual as questões metodológicas levantadas pelas obras de Norbert Elias.

O terceiro capítulo foca a análise figuracional em relação com as alterações nas emoções e personalidades humanas, bem como sua função para formas normativadas de comportamento. Fecha-se assim o panorama geral sobre a abordagem de Norbert Elias: teoria dos processos e figurações.

Nas considerações finais retomaremos o argumento central da tese e, a partir disso, desenvolveremos uma breve discussão sobre os limites da

abordagem de Elias apontados por algumas críticas relevantes sobre a intenção de uma abordagem sociológica que se dispõe a superar a dicotomia característica do campo sociológico: indivíduo/sociedade. Por fim, com o apoio dessas críticas, poderemos traçar, ainda que sucintamente, alguns caminhos futuros para a abordagem eliaseana.

“Não é a vida do indivíduo tão mais valiosa quanto de toda espécie? Pois cada ser humano singular já é um mundo, que nascerá e morrerá com ele, sob cada lápide repousa uma história do mundo.” (Heine)

Capítulo 1

A trajetória de Norbert Elias: vivências que inspiram teorias

As biografias, sejam curtas ou extensas, desempenham um papel importante para a compreensão da formação de uma personalidade. Elas tornam conhecido o processo de uma vida singular entrelaçada ao seu contexto histórico e social. Assim, o que poderia sugerir um culto à personalidade torna-se um modo relacional para apreender uma época e seu contexto. Esse é um objetivo por que a incluímos neste trabalho. O objetivo principal, se é que se pode fazer tal divisão, é evidenciar, através de sua trajetória individual, o desenvolvimento de sua abordagem sociológica, pois, no nosso entender, uma divisão entre vida pessoal e vida profissional inviabilizaria a compreensão do que procuramos propor como análise processual e figuracional.

O desenho biográfico que traçamos neste trabalho apoia-se na própria abordagem de Elias, e é resultado de uma pesquisa intensiva nos arquivos pessoais do autor, em alguns trabalhos biográficos publicados enquanto Elias ainda vivia e em pesquisas sobre trajetórias individuais e produções intelectuais. A seguir, procuraremos descrever de forma breve e informativa os caminhos desse processo.

Existem dois trabalhos biográficos relevantes sobre Norbert Elias, que procuraram dar a mesma ênfase tanto à vida pessoal como à carreira profissional

de Elias, além de situar sua trajetória no contexto histórico-social.⁵ O primeiro trabalho, mais completo, é de autoria do professor alemão Hermann Korte, chama-se: *Sobre Norbert Elias: o vir a ser de um cientista do humano*, publicado inicialmente em 1988.⁶ O segundo trabalho é do pesquisador e sociólogo alemão Heinhard Blomert e trata de um período específico da vida acadêmica em Heidelberg no período entre guerras. O livro intitula-se *Intelectuais de partida: Karl Mannheim, Alfred Weber, Norbert Elias e as ciências sociais em Heidelberg no período entre guerras*.⁷ Outro tipo de material biográfico importante é a entrevista biográfica de Elias concedida a Heerma van Voss e A. Von Stolk em 1984, publicada com o título de *Norbert Elias por ele mesmo*.⁸

Após o falecimento do autor, em 1990, a Norbert Elias Foundation preparou o espólio de Elias e o ofereceu ao governo alemão. Assim, o Arquivo de Literatura Alemã, em Marbach, no sul do país, acolhe e cuida do acervo atualmente. Dessa forma, o arquivo é de domínio público, com a exceção de troca de correspondências entre pessoas que estão vivas, salvo seu expreso consentimento. O acesso aos documentos pessoais de Norbert Elias abre a possibilidade de uma nova perspectiva sobre sua trajetória e o desenvolvimento de sua abordagem sociológica, uma vez que coloca à disposição do pesquisador uma série de informações pessoais, com significativo conteúdo afetivo.

Com o apoio das já citadas biografias, de entrevistas de Elias publicadas, experiências comuns compartilhadas e também publicadas, como é o caso do livro do editor de Elias, Michael Schröter,⁹ bem como documentos pesquisados no arquivo de Marbach – cartas, notas de aula, manuscritos – nos foi possível traçar uma modesta biografia, que difere das já publicadas por trazer um tipo de material que guia nossa percepção para a relação entre os conteúdos emotivos e os acontecimentos vividos.

⁵ Existem, obviamente, outros trabalhos que procuraram analisar a trajetória de Elias, no entanto, esses trabalhos dão maior ênfase à vida profissional e procuram dar esclarecimento a pontos de difícil compreensão da obra de Elias. Ver a respeito, (Van Kriegen, 1998); (Blomert, 1989).

⁶ Ver a respeito, (Korte, 1997).

⁷ Ver a respeito, (Blomert, 1999).

⁸ Ver a respeito, (Elias, 1996).

⁹ Ver a respeito, (Schröter, 1997).

Em consonância com a perspectiva processual de Norbert Elias, o traçado de sua biografia intelectual apenas faria sentido se apresentasse a trajetória individual como processo. Embora se tenha conhecimento geral sobre a vida do autor, falta-nos a perspectiva do entrelaçamento entre os eventos históricos, contexto social, relações pessoais e a expressão de toda essa experiência do viver em sua obra.

A abordagem de Cecília Salles sobre o processo de produção artística nos ajudou a compreender a importância da interpretação do processo de criação de uma obra, e não apenas o produto final. Segundo Salles, o pesquisador que se incumba de desvendar os meandros do processo de criação artística, denominado crítico genético, ao narrar a gênese da obra “(...) pretende tornar o movimento legível e revelar alguns dos sistemas responsáveis pela geração da obra. Essa crítica refaz, com o material que possui, a gênese da obra e descreve os mecanismos que sustentam essa produção” (Salles, 2004: 13). Dessa forma, procuramos, com a análise dos documentos encontrados em Marbach, lançar luz sobre episódios que nos ajudariam a compreender o processo de desenvolvimento intelectual de Norbert Elias.

Ao tomarmos de forma análoga o processo de criação intelectual e científico e o processo de criação artística, vemos que ambos apresentam semelhanças significativas no que se refere às influências recebidas do mundo social. Embora uma corrente de pensamento, como é o caso da produção intelectual e científica, esteja tão firmemente sujeita a um método, é possível observar a relevância da vida cotidiana, do contexto histórico e cultural. Vemos que o processo individual se localiza em um tempo e em um espaço, e o entrelaçamento desses elementos influenciam diretamente a criação artística e intelectual. O autor, o artista, estão em intrincada relação com o mundo que os rodeia, não estão apartados dele, mas sim em interação.¹⁰

¹⁰ Podemos ter como exemplo o trabalho de Philip Roth. Em *Shop Talk*, Roth entrevista cinco renomados escritores – Primo Levi, Ahron Appelfeld, Ivan Klíma, Isac Bahevis e Milan Kundera – sobre suas raras experiências de vida, e assim poder perceber o processo criativo e suas raízes nas histórias de vida tão singulares. Ver a respeito, (Roth, 2005).

Gostaríamos de reiterar que o propósito desta pequena biografia é o de dar relevo à abordagem sociológica de Norbert Elias, porém considerando seu processo, dando atenção aos movimentos do autor em sua trajetória. Não é, portanto, nosso intuito desenvolver reflexões aprofundadas sobre a personalidade de Norbert Elias. Nesse sentido, é por bem admitirmos que essa trajetória não constitui uma apresentação biográfica completa. Tanto a apresentação e interpretação do material analisados são insuficientes para fornecer um quadro integral do autor, de seu tempo e do desenvolvimento de sua obra.

Uma vez feita essa ressalva, nos sentimos na obrigação de adiantar ao leitor algumas informações sobre o autor que surgiram durante a pesquisa, pois entendemos que estas preparam o terreno, constituem um tipo de contexto preliminar sobre Norbert Elias.

Norbert Elias várias vezes afirmou que não havia uma nítida separação entre seu trabalho e sua vida pessoal.¹¹ Seu arquivo em Marbach confirma essa afirmação. A maioria dos documentos arquivados refere-se à vida acadêmica, que parece ter sido o centro sobre o qual girou sua vida. No entanto, a impessoalidade própria desse círculo foi permeada pela pessoalidade afetiva de Elias. As relações dentro desse círculo foram tratadas com bastante civilidade e cordialidade. As correspondências quase sempre mostram um Elias gentil e cordato, e falando sobre si mesmo, o que podemos entrever deste pequeno trecho extraído de uma carta de 1977 de Elias, então com 80 anos, ao então maduro Bourdieu:

Caro Pierre Bourdieu,

Eu gostei muito da forma como você apresentou meu *paper*. Ele ficou muito melhor do que em inglês ou alemão (...). Eu devo aprender com você como apresentar melhor as minhas coisas. Eu escrevo muito vagarosamente (ao menos na maior parte das vezes) e sem qualquer interrupção, sem dizer a mim mesmo: agora aqui um ponto final. Dê um subtítulo e deixe claro que você está começando um novo ponto.¹²

¹¹ Ver a respeito, (Elias, 1996).

¹² Cópia do original em anexo número 01.

A trajetória de Elias, apesar das rupturas contingentes da vida, mostrou seguir uma direção, ou talvez convenha chamar de vocação, constantemente alimentada para a vida acadêmico-universitária. De tal forma que a maioria de suas relações de amizade provem deste meio. Foi perguntado a ele em uma entrevista se ele não havia se arrependido de não ter se casado ou tido filhos.¹³ Já com 87 anos, sua resposta foi bem convencional, afirmou que não havia como conciliar casamento e carreira, que para ele existia uma rivalidade entre esses dois projetos. Porém, Elias encontrou na docência, no trabalho intelectual, o que poderíamos chamar de sentido existencial. “Eu sempre gostei muito de dar aulas para estudantes, e você pode tomar isso como uma substituição, se quiser, do fato de que o ensino tem algo de paternal em si mesmo” (Elias, 1996: 99).¹⁴

A dedicação acadêmica não foi tão prontamente reconhecida. Norbert Elias viveu anos em completo anonimato. Este fato pode ser explicado pelos tempos difíceis em que viveu, como veremos mais apropriadamente adiante. No entanto, o próprio autor reconhece ser um *outsider* no mundo acadêmico, pois não era filiado a nenhuma corrente dominante de pensamento. A essa inadequação correspondeu a construção de uma abordagem científica de sociedade que procura superar as divisões dicotômicas do saber; a qual Norbert Elias chamou de Teoria da figuração.¹⁵ O acompanhamento de sua trajetória, como veremos, evidenciará as etapas de formação e consolidação dessa teoria, além de expor, como seu sinuoso caminho, que não começou com a difícil publicação dos dois volumes de *O processo civilizador* em 1938 e 1939, mas sim com as heranças de sua origem: judeu, nascido na Alemanha em 1897.

Segundo o próprio Elias (2005: 14): “Para se compreender um indivíduo, é necessário saber quais são os desejos dominantes, para quais realizações ele aspira. Se a sua vida corre para ele de forma significativa ou não, depende de se,

¹³ Ver a respeito, (Elias, 1996).

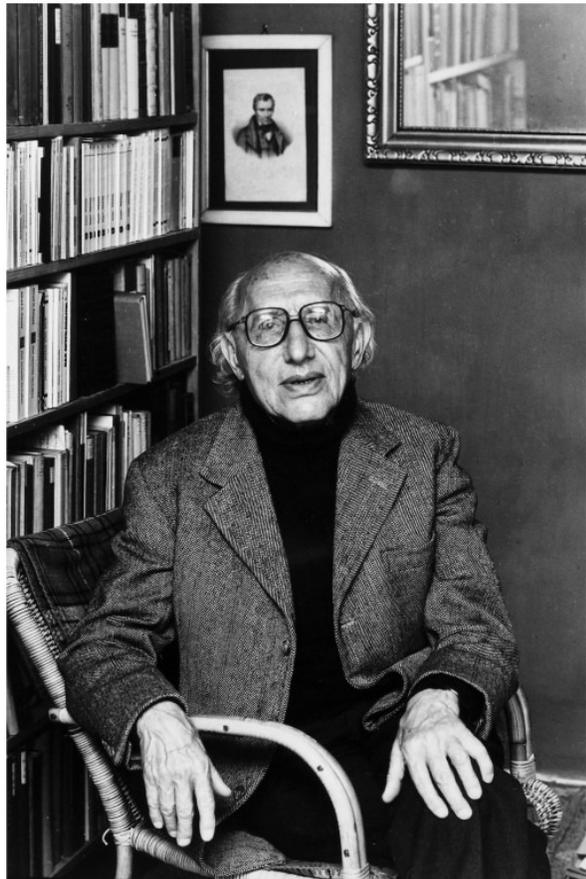
¹⁴ “(...) *ich habe immer sehr gern Studenten unterrichtet, und das können Sie, wenn Sie wollen, einen Ersatz nennen. Das Unterrichten hat etwas Väterliches an sich*”. (Elias, 1996: 99).

¹⁵ Embora Norbert Elias não tenha escrito uma obra que sistematize sua teoria figuracional, é possível compreendê-la em vários de seus textos. (Ver Elias 1994a, 1997a, 1997b, 1997c, 1998, 2000 e 2004)

e até que ponto, ele é capaz de realizá-la”.¹⁶ Esse desejo dominante, mencionado por Elias, é formado no início da infância com a convivência e socialização, e se fixa gradualmente com o passar dos anos como a sua própria forma de vida. Logo, o que poderemos perceber desde o início é a tendência de Elias a se tornar um cientista social, ou cientista do humano, como preferia ser chamado, pois para ele eram os seres humanos pessoas completas, e deveriam ser considerados como tais, e não apenas suas ações, ideias, experiências ou sentimentos, separadamente, que não raro estão no centro das pesquisas sociológicas.

A fim de melhor acompanhar e compreender o entrelaçamento da trajetória de vida com a produção intelectual, a biografia que segue é composta por quatro fases que através da linearidade deixam entrever aqueles processos singulares de formação da personalidade tramados com o mundo social. A primeira fase, que compreende os períodos entre 1897 e 1924, nos mostra um período de abandono de visões de mundo estáveis e equilibradas, é um período de rupturas. A segunda fase, que abrange os períodos entre 1924 e 1933, se, por um lado, revela a afirmação da postura acadêmica de Norbert Elias, por outro, evidencia as dificuldades impostas pelo regime nazista. A terceira fase, mais extensa, compreende o período de exílio iniciado em 1933, a produção de *O processo civilizador*, as dificuldades para construir novamente uma vida acadêmica, até o retorno de Gana em 1969. A quarta e última fase é dedicada ao período entre 1968 e 1990; ela se revela, curiosamente, a fase mais produtiva de Elias que contava com 71 anos quando experienciou o êxito, após 30 anos, de *O processo civilizador*.

¹⁶ “Um einen Menschen zu verstehen, muss man wissen, was die beherrschenden Wünsche sind, nach deren Erfüllung er sich sehnt. Ob sein Leben für ihn selbst sinnvoll verläuft oder nicht, hängt davon ab, ob und wie weit er sie zu verwirklichen vermag”. (Elias, 2005: 14)



1.1. Estabilidade e ruptura

A civilidade, a amabilidade, a curiosidade intelectual e a sabedoria parecem ser características consensuais entre aqueles que conheceram Norbert Elias. Mesmo contando com idade avançada, Elias despertava um tipo de interesse típico sobre sua trajetória de vida. Cas Wouters narra que quando conheceu Elias pessoalmente em Amsterdam, em 1969, fez a ele uma pergunta que beirava a ingenuidade, porém que refletia a já conhecida reputação de Elias.¹⁷ “Fiz uma pergunta ingênua e direta a Elias, se ele poderia explicar como sua sabedoria se desenvolveu. ‘Pergunta difícil. Eu não sei’, ele começou a responder, rindo ironicamente. ‘Talvez seja por eu ter viajado muito. Vocês todos parecem tão confinados a seu próprio país.’” (Wouters, 2008: 226).¹⁸

Elias faleceu com 93 anos, em 1990. Atravessou o século XX e viveu momentos históricos decisivos para as sociedades ocidentais. Com mais de 90 anos, contava com a prudência própria dos anciões, porém era portador de uma combatividade própria da juventude. Essa energia era dedicada essencialmente ao trabalho intelectual. Após sua morte, a publicação póstuma de três livros testemunha a perseverança no trabalho, e em sentido mais geral, no que conferia a Elias o significado do viver.

No obituário escrito para o jornal alemão *Die Zeit*, Ulrich Greiner compartilha com o leitor a admiração que Elias despertava, principalmente porque o autor mantinha uma altivez inabalável no sentido que desenvolveu para sua vida. Era como se Elias, na percepção de quem o homenageia, fosse portador de um segredo, não o da longevidade, mas o segredo de ter construído e mantido um sentido dignamente humano para sua existência.

¹⁷ Cas Wouters é sociólogo e atualmente pesquisador da Utrecht University – Amsterdam. Foi durante anos colaborador e assistente de Norbert Elias.

¹⁸ “I asked Elias the naïve and blunt question whether he could explain the development of his wisdom. ‘Difficult question, I don’t know’, he began his answer, and laughing mischievously he proceeded, ‘Maybe it’s because I have travelled a lot. You all seem so confined to your own country’”. (Wouters, 2008: 226).

O Segredo de Norbert Elias, um dos grandes sociólogos deste século, não é fácil de descrever. Ele foi um homem com vitalidade e apaixonado, até em alta idade. Recentemente, com 92, ele respondeu à pergunta, “O senhor é um ser humano feliz?” “Sim, eu sou feliz porque realizei razoavelmente a tarefa que me foi colocada”¹⁹ (Greiner, Ulrich).

A tarefa constantemente mencionada por Elias era, em uma linguagem acadêmica, o estabelecimento das bases de uma abordagem sociológica que fosse empiricamente comprovável. Porém, se nos detivermos mais pausadamente sobre os desígnios de tal tarefa, veremos que Elias não se enclausura nas especialidades próprias das ciências sociais. Pelo contrário, ele procura a interdisciplinaridade, transformar em campo de conhecimento sociológico a intersecção entre as várias disciplinas das ciências sociais e humanas. A sociologia é, na visão de Elias, a disciplina da sociedade, das relações sociais por excelência, e por este motivo cabe a ela a tarefa maior de descobrir como e por que os indivíduos se ligam em vários períodos da história, e em que medida essa ligação causa problemas com o convívio social.

Paulatinamente tomei consciência desta tarefa, ainda de forma vaga no meu tempo em Heidelberg, e um pouco mais nítida quando estive em Frankfurt. Enfrentei esta tarefa, a de esboçar uma teoria central da sociologia, que se aproximasse da empiria, que fosse, portanto, passível de revisão e de correção; que proporcionasse o fundamento de uma construção teórica, sobre o qual futuras gerações pudessem construir; um fundamento que, dependendo do caso, elas possam refutar, corrigir ou transformar. Com crescente consciência, persegui essa tarefa, e trabalhei com ela até hoje, no decorrer de todas as missões especiais que foram-se colocando no meu sinuoso caminho. (Elias, 1996: 172)²⁰

¹⁹ “Das Geheimnis des Norbert Elias, eines der größten Soziologen dieses Jahrhunderts, ist nicht leicht zu beschreiben. Er war ein vitaler und leidenschaftlicher Mann, bis ins hohe Alter. Kürzlich erst, da war er 92, antwortete er auf die Frage ‘Sind Sie ein glücklicher Mensch?’: ‘Ja. Ich bin glücklich, weil ich die Aufgabe, die sich mir gestellt hat, einigermaßen erfüllt habe.’ ” (Greiner, Ulrich. Norbert Elias, Zum Tod des grossen Soziologen. Die Zeit, Frankfurt, 10 de agosto de 1990).

²⁰ “Mir selbst kam diese Aufgabe allmählich zu Bewusstsein noch vage in der Heidelberger, etwas schärfer umrissen in der Frankfurter Zeit, und dieser Aufgabe, eine Zentraltheorie der Soziologie zu entwerfen, die empirienah, also überprüfbar und korrigierbar ist, den Grundstock eines Theoriegebäudes zu legen, auf dem spätere Generationen aufbauen, das sie je nachdem verwerfen, korrigieren oder auch weiterentwickeln können – dieser Aufgabe ging ich mit wachsender Bewusstheit nach und arbeitete an ihr bis heute durch alle die vielen Sonderaufgaben hindurch, die meines gewundenen Weges kamen” (Elias, 1996: 172).

A convicção do cumprimento de uma tarefa, embora imbuída de uma aura de uma nobreza predestinada, foi-se formando em um processo de desenvolvimento de autoconhecimento, não foi um bem natural. O processo individual do vir a ser é urdido cotidianamente e articula-se com os processos de desenvolvimento histórico e social. Pode-se afirmar que o indivíduo ao fim de sua vida passou por um processo, que ele em sua singularidade difere da criança e do jovem que foi um dia. “Hume confessou, certa vez, que não conseguia compreender em que sentido o adulto que ele era naquele momento podia ser ‘o mesmo’ menino que um dia ele foi. Também aqui a resposta é que a identidade não é tanto a de uma substância, mas mais ainda é a continuidade das transformações que conduzem de um estágio a outro, e também nesse caso se trata de uma continuidade rememorada”. (Elias, 1988: 191)²¹

As contingências da vida ofereceram o material para a percepção de uma missão e, conseqüentemente, seu cumprimento. Norbert Elias teve uma vida regrada, calma e segura até os 18 anos de idade. Essa figuração muda drasticamente com seu alistamento voluntário para lutar na Primeira Grande Guerra.

Norbert Elias nasceu em 1897, em Breslau, antigo território alemão. Filho único e superprotegido de uma abastada família judia, Elias viveu a infância e boa parte da adolescência em um sólido e protegido ambiente familiar. Essa segurança política e social era vivenciada por grande parte das famílias burguesas alemãs, e era o reflexo da pacificação e delimitação das fronteiras do próprio Estado. A Alemanha vivia um período de tranquilidade após a unificação da nação em 1871. O Segundo Reich não trouxe uma ordem mais segura apenas para os alemães, mas também para os judeus, que gozavam de maior liberdade e puderam ascender socialmente. Elias relata que, sob o império de Guilherme II, os judeus vivenciaram o respeito a seus direitos civis. Se um judeu tivesse conflitos com um não judeu e precisasse ir a tribunal, ele poderia contar que seus direitos

²¹ “Hume bekannte einmal, er könne nicht verstehen, in welchen Sinne der Erwachsene, er er heute sei, ‚derselbe‘ sei wie das kleine Kind, das er einst war. Auch hier leuted die Antwort, dass der Identität nicht so sehr eine der Substanz ist als vielmehr eine der Kontinuität der Wandlungen, die von einer Stufe zur nächsten führen; und auch in diesem Falle handelt es sich um eine erinnerte Kontinuität” (Elias, 198: 191).

seriam garantidos. Esse período contrasta drasticamente com os anos subsequentes, com a derrota da Alemanha na Primeira Grande Guerra, com o fim da República de Weimar e com a ascensão do Partido Nacional Socialista em 1933.

Elias foi uma criança frágil, segundo ele mesmo, contraiu todos os tipos de doenças infantis que se possa imaginar. O amparo familiar se fazia presente cada vez que adoecia; toda a família se voltava para ele. O medo da morte estava exorcizado pelo zelo e cuidado. “Até hoje eu vejo minha mãe sentada preocupada ao pé de minha cama. Na verdade, eu não me lembro de ter sentido nenhum medo da morte, mesmo se ele estivesse presente. Mas todas essas coisas, sexualidade, morte estavam restritas aos bastidores. Meus pais eram, ambos, pessoas muito boas, e eu sabia que poderia confiar plenamente neles – não com essas palavras, mas como um sentimento” (Elias, 1996: 23).²²

A preocupação dos pais com a fragilidade do filho fez com que ele recebesse aulas particulares em casa, até ir para o Johannes Gymnasium com dez anos de idade, considerado à época um excelente ginásio de ensino laico, frequentado por vários alunos judeus de Breslau.²³ O ambiente familiar era percebido por Elias com naturalidade. Os papéis eram desempenhados com perfeita naturalidade. O pai, Hermman Elias, era um bem-sucedido industrial, e sua mãe, Sophie Elias, uma zelosa e amorosa mãe. Elias atribuía essa tranquilidade à harmonia da desigualdade. A criança vivenciava o afeto, a segurança material, proporcionada por essa divisão hoje vista como desigual. Certamente que essas sensações foram suficientes para proporcionar à criança afeto e auto-estima. Mas também podem ter sido as bases de um aprendizado para a relativização das situações complexas.

²² “*Ich sehe bis heute meine Mutter vor mir, wie sie besorgt an meinen Bett saß. Eigentlich kann ich mich an keine Todesangst erinnern, auch wenn sie dagewesen sein muss. Aber alles dies, Sexualität un Tod, wurde völlig hinter den Kulissen gehalten. Meine Eltern waren beide sehr gute Menschen, und ich wusste, ich konnte mich absolut auf sie verlassen – nicht mit solchen Worten, aber als ein Gefühl.*” (Elias, 1996: 23).

²³ Devido ao ensino laico, e à presença de vários professores judeus no quadro docente, como alunos judeus que frequentavam o colégio, o Johannes Gymnasium foi fechado em 1933 pelo governo nacional socialista. Ver a respeito, (Korte, 1997).

Elias nunca se referiu à mãe como uma mulher submissa ou subjugada, nem tampouco ao pai como um homem que desse preferência à realização pelo trabalho, e, por conseguinte, como o provedor por excelência. A autoridade era paterna. O pai foi um homem bem-sucedido e orgulhoso de sua realização. Elias o definiu como um homem extremamente honesto, bem-sucedido e muito disciplinado.

Vemos que a temática da disciplina se faz presente na vida de Elias desde muito cedo, através do exemplo familiar. A percepção da necessidade da disciplina para obter autocontrole sobre afetos, emoções, fez parte de uma cultura social prussiana. Elias, em entrevista a Carmen Thomas, afirmou que a forma de se obter disciplina na sua época de juventude era extremamente dura, mas que as pessoas começam a perceber que a disciplina é necessária para o convívio com outro, e começam a procurar formas mais amenas de autodisciplina.²⁴

A disciplina prussiana certamente foi fundamental para a sobrevivência de Elias durante a Primeira Guerra Mundial. Com 18 anos incompletos, em 1915, Elias, assim como quase todos seus colegas do Gymnasium, alista-se voluntariamente no exército. Esse alistamento voluntário era comum e esperado dos jovens alemães. Graças ao treinamento rígido, intenso e disciplinado do exército prussiano, o jovem Elias teve condições de sobreviver à guerra.

Korte, em sua biografia sobre Elias, afirma que: “Certamente, foi uma ruptura traumática; do lar rico e de confiável segurança afetiva para as trincheiras de guerra”.²⁵ Esse fato contribuiu, por um lado, severamente para a ruína de uma ingênua visão de mundo. Um mundo ordenado, seguro, dividido, com lugares definidos e delimitados, e por outro lado, para a formação de uma personalidade mais madura e disciplinada. “Vagarosamente se modela a personalidade do jovem Elias, assume os primeiros contornos. Lar judeu, formação humanista, disposição para o duro trabalho intelectual, e a compreensão da necessidade de

²⁴ Ver a respeito, (Carmen Thomas, entrevista).

²⁵ Ver a respeito, (Korte, 1997).

autodisciplina descrevem esses contornos apenas de forma incompleta, porém fornecem informação sobre a orientação fundamental". (Korte, 1997: 75)²⁶

Norbert Elias, compreensivamente, não gostava de recordar o período que serviu como soldado. Nas poucas comunicações que fez à respeito era evidente o constrangimento que sentia quando o tema era mencionado. Esse embaraço devia-se, naturalmente, ao fato de alguém como ele, cuja postura sempre foi favorável à paz e ao entendimento, ter servido como voluntário. Mas existe ainda um segundo motivo para o mal-estar: Elias tinha um trauma, viveu um choque traumático, e precisou voltar a Breslau. Não conseguia se lembrar do final do período em que serviu no front de batalha, nem que tipo de experiência foi o motivo desencadeador do choque. Esse evento ficou como uma vivência obscura, perdida no labirinto de sua psique. Provavelmente, a dificuldade de falar sobre esse período esteja relacionada a duas situações: esquecimento de algo que se viveu, à completa incapacidade de resgatar a memória da vivência, e os horrores comuns a todas as guerras.

A guerra foi uma das experiências mais traumáticas. Dessa atenciosa casa familiar partir, com 17 anos, direto para o exército Prussiano. Em 1915 eu fui como voluntário de guerra para o exército. E depois veio o de costume: logo depois do Oeste, Somme, a grande miséria, o terrível, inacreditável... Eu era telegrafista, mas eu não quero mais falar sobre isso.²⁷

O cenário mundial durante a Primeira Guerra era o de uma clara divisão: de um lado a Tríplice Aliança, de outro, a Tríplice Entente. Curiosamente, os países envolvidos nessa guerra viam-se a si mesmos como civilizados. A competitiva configuração formada por esses países - França e Inglaterra de um lado,

²⁶ *“Langsam formt sich die Persönlichkeit des jungen Elias, nimmt erste Konturen an. Jüdisches Elternhaus, humanistische Bildung, Bereitschaft zu harte intellektueller Arbeit und die Einsicht in die Notwendigkeit von Selbstdisziplin beschreiben diese Konturen sicherlich nur unvollständig, gegen aber doch Auskunft über die grundsätzliche Ausrichtung”* (Korte, 1997: 75).

²⁷ Trecho transcrito de entrevista concedida por Norbert Elias em 30 de maio de 1985 a Carmen Thomas da WDR. *“Der Krieg... es war eines der traumatischen Erlebnisse. Aus diesem behüteten Haushalt, mit 17 Jahren plötzlich in die preußische Armee zu kommen. 1915 ging ich als Kriegsfreiwilliger zur Armee. Und dann kam das Übliche: erst nach dem Osten, dann Somme, die ganze Misere, die furchtbare, unglaubliche... Die Menschen, die den Zweiten Weltkrieg mitgemacht haben, können sich kaum noch vorstellen, was der Schützengrab der Ersten war ... Ich war Telegraphist, aber ich will davon nicht mehr erzählen.”*

Alemanha e Prússia, de outro lado - na busca pela hegemonia no continente europeu, evidenciou a fragilidade do ideal de paz alcançado, principalmente, com a tardia unidade do Estado alemão.

As preocupações visíveis de Norbert Elias no final da década de 1930, já às portas da Segunda Guerra Mundial, com o processo de pacificação social, o qual ele chamou de “processo civilizador”, foram frutos de inquietações que necessitaram de vários anos para tomar a forma de tema, de problematização sociológica. Seguramente, a experiência pessoal na Primeira Grande Guerra foi uma das mais marcantes em sua vida. Não foi possível para Elias sair incólume, as vivências como soldado tiveram seus significados reelaborados ao longo de toda a vida e influenciaram o amadurecimento intelectual do autor.

Menos ingênuo, Elias retorna da guerra e, em dúvida quanto à carreira a seguir, optou por duas. Em 1918 inicia seus estudos em filosofia e medicina na Universidade de Breslau. Como Norbert Elias tencionava conciliar as duas carreiras é uma incógnita. Mas o que chama a atenção é a escolha. Medicina era a carreira desejada por seu pai. Hermann Elias desejou ser médico, porém as circunstâncias o impediram, e assim deu sequência aos negócios familiares já tradicionais, a tecelagem, uma das ocupações mais comuns entre os judeus da época. Elias não se decidiu pela medicina por imposição paterna, antes, por admiração e afeição ao pai.

A escolha pelo curso de filosofia vai ao encontro das necessidades intelectuais do próprio Elias. Desde a infância, o gosto pela erudição de forma geral era cultivado pela educação familiar e reforçado, mais tarde, pelo rigoroso ensino no Johannes Gymnasium. Assim, a escolha de dois cursos mostra-se como uma tentativa de conciliar sua própria vocação com o desejo de satisfazer e agradar ao pai. Korte argumenta que a escolha pela filosofia continha em si um desafio. Mesmo com a aparente aceitação da ascensão dos judeus, a carreira universitária era um terreno árduo e quase impossível de se fixar.²⁸

A filosofia foi ocupando mais o horizonte de Elias e, ao fim de dois anos, após passar pelas provas intermediárias de medicina, o autor vai deixando a

²⁸ Ver a respeito, (Korte, 1997).

carreira médica de lado e dedica-se cada vez mais à filosofia. Porém, o aprendizado em medicina foi incorporado à visão de mundo, ajudou a fortalecer as primeiras bases da concepção do mundo social do autor, segundo a qual o todo só poderia ser compreendido em relação ao funcionamento integrado de suas partes. Essa concepção, desenvolvida largamente *a posteriori* como base da própria Teoria da figuração, foi também – não intencionalmente – responsável pela ruptura de Elias com a carreira em filosofia.

O fato de que meus estudos de medicina formarem uma das experiências de base, que tiveram influência na minha mudança da filosofia para a sociologia, tornou-se claro para mim só mais tarde. Mas até nos anos 60, nos meus seminários introdutórios para os estudantes de sociologia, eu tinha à minha disposição, de vez em quando, o modelo do cérebro e de suas partes. Parecia-me que, como estudante de sociologia, seria imprescindível saber o mais geral sobre a constituição do sistema nervoso humano, para poder avançar na imagem do ser humano, necessária para a compreensão das relações sociais, a imagem do ser humano sintonizado com a vida entre humanos, animais, plantas e minerais. (Elias, 18, 19; 2006e) ²⁹

Tornar-se filósofo e seguir carreira acadêmica na Alemanha era o caminho visível e desejado por Elias. Entretanto, havia um descontentamento latente com o conhecimento filosófico, que se manifestou seriamente na tese de doutorado e no embate que levou à ruptura com o orientador, o filósofo neo-kantiano Richard Höningwald, e com a filosofia.

A tese em filosofia “Ideia e indivíduo. Um exame crítico do conceito de história” não foi defendida no ano de 1922.³⁰ Porém, a não concordância com a concepção kantiana da história e conseqüentemente a elaboração de uma

²⁹ “*Dass meine Medizinstudium zumindest eine der Grunderfahrungen bildete, die bei meinem Übertitt von der Philosophie zur Soziologie mitspielten, wurde erst später klar. Aber ich hatte noch bis in die sechziger Jahre hinein bei meinen Einführungsvorlesungen für Soziologiestudenten gelegentlich ein zerlegbares Gehirmodell zur Hand. Das Größte über den Aufbau des menschlichen Nervensystems, so schien es mir, müsste man als Soziologiestudent wissen, um sich zu dem für das Verständnis gesellschaftlicher Zusammenhänge unentbehrlichen Menschenbild vorzuarbeiten, zum Bild des Grund her auf das Leben unter Menschen, Tieren, Pflanzen und Mineralien abgestellten Menschen*” (Elias, 2006e: 18, 19).

³⁰ A dissertação sob o título “Idee und Individuum. Eine kritische Untersuchung zum Begriff der Geschichte” não foi defendida em 1922, mas apenas em 1924, Elias cede ao orientador e altera passagens em seu texto e muda o título da tese para “Idee und Individuum. Ein Beitrag zur Philosophie der Geschichte”. Elias não possuía mais um exemplar completo de sua dissertação, e o texto foi publicado de forma fragmentada. (Ver: Elias, 2006a)

dissertação crítica provocaram a crise com seu orientador. Nessa dissertação já se observa de forma clara a tendência para superar a dicotomia analítica entre indivíduo e sociedade. Elias questiona se o “Eu” seria objetivamente comprovável. A resposta é positiva, mas sob a condição da existência da multiplicidade de “Eus”. “Eu não posso saber sobre mim, eu não sou, enquanto eu não me referir claramente aos outros Eus, e me diferenciar deles” (Elias, 2006a: 74).³¹

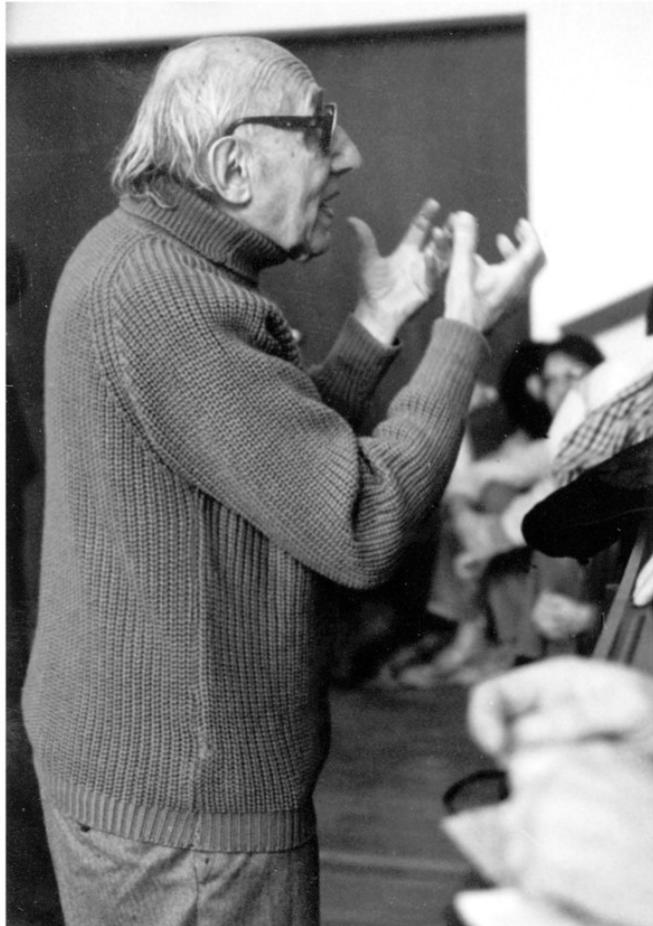
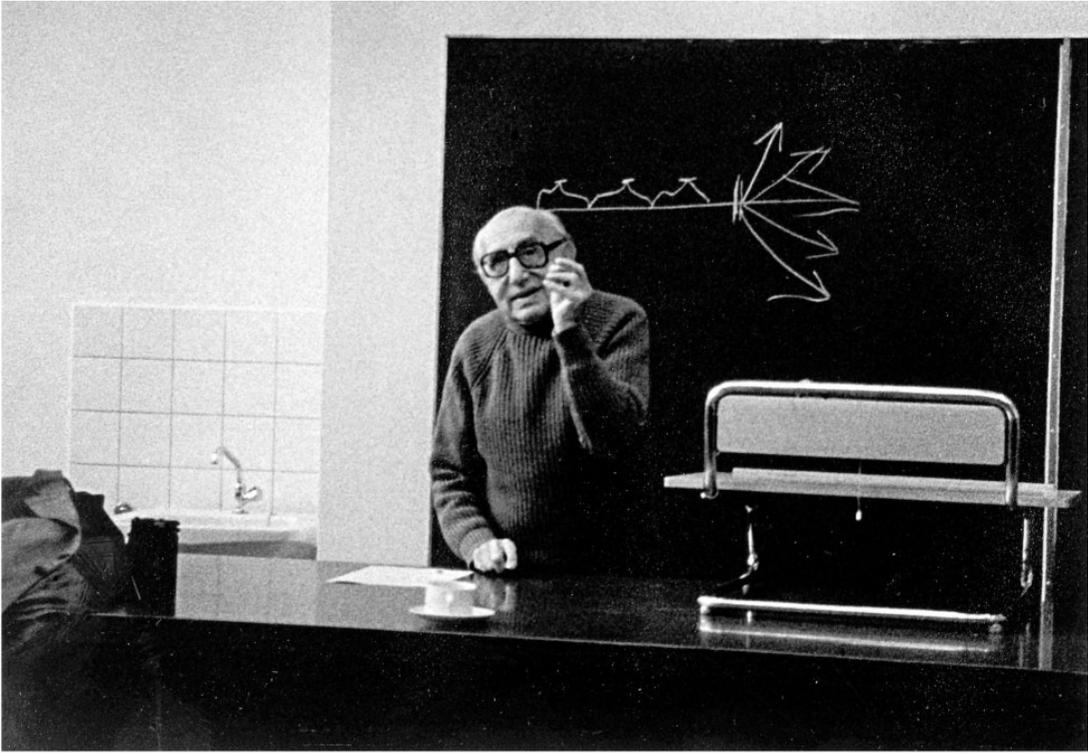
A dissertação defendida apenas dois anos mais tarde, em 1924, teve por exigência do orientador as últimas páginas reescritas, e Elias literalmente rasurou os trechos conclusivos com os quais o orientador não havia concordado. Assim a tese foi defendida com outro título, dessa vez mais conciliador: “Ideia e indivíduo. Uma contribuição para a Filosofia da História”. Elias recebeu, em 1924, seu título de doutor, com uma tese rasurada, e teve mais certeza de que a filosofia não oferecia as perspectivas de abordagem que ele procurava. Esse fato, como argumenta Korte, foi importante para a formação e afirmação da personalidade de Elias. “O jovem estudante se posicionou por suas convicções e sobreviveu ao conflito com uma pessoa poderosa. Isso foi para o jovem indivíduo uma experiência importante de ruptura, que pode conduzir proibida do pensamento a um novo conhecimento – uma experiência que se constituiu em mais um elemento de sua personalidade (Korte, 1997: 81).³²

A ruptura com o orientador revelou uma mudança de curso mais radical. Com a impossibilidade de permanecer na Universidade de Breslau e continuar a carreira acadêmica em filosofia, devido ao conflito com Hönigswald, Elias decide ir para Heidelberg, um renomado centro universitário. A escolha por Heidelberg não foi aleatória: o jovem estudante já havia visitado a universidade anos antes, quando cursou uma disciplina com o filósofo Karl Jaspers. Em 1924, tenta a habilitação em filosofia com Jaspers, este, porém, não o aceita. Elias então, sem

³¹ “*denn ich kann nicht um mich wissen, ich ‘bin’ nicht, sofern ich nicht eindeutig auf andere Iche bezogen, von ihnen unterscheiden bin*” (Elias, 2006a: 74)

³² “*Der junge Student hate sich für seine Einsichten eingestzt und den Streit mit einem Mächtigeren durchgestanden. Es war für den jungen Menschen eine wichtige, wegweisende Erfahrung, dass die Redlichkeit des Denkens zu neuem Erkenntnissen führen kann – eine Erfahrung, die zu einem weiterem wichtigen Baustein seiner Persönlichkeit wurde*” (Korte, 1997: 81)

sólidos conhecimentos em sociologia, desiste da habilitação em filosofia e consegue a aceitação de Alfred Weber para a habilitar-se em sociologia.



1.2 Mudanças da trajetória e o fim da República de Weimar

Certa vez Elias (2006c: 50) afirmou que o ser humano é um processo.³³ A frase, embora curta, deixa margem a uma série de interpretações; poder-se-ia pensar em processo biológico, em transformação emocional e psíquica, no desenvolvimento de um trajeto profissional, um desenrolar gradual de identificação social. No entanto, a percepção de Elias vai urdir todos esses elementos, e o ser humano que ele enxerga é uma trama complexa, em constante tecer.

A imagem complexa oferece uma moldura, mas deixa o conteúdo a cargo das especificidades de cada processo, de cada personalidade, tempo e lugar. Se as imagens projetadas de trajetórias seguem rumos não planejados, nem sequer imaginados, ainda assim é possível seguir uma inclinação, uma vocação, que ao mesmo tempo em que serve de guia, também é conduzida pelos episódios fortuitos do viver.

A pequena cidade de Heidelberg, situada no sudoeste da Alemanha, representava no início do século passado um importante centro universitário. Segundo Elias, Heidelberg representava um tipo de Meca para os sociólogos. Lá se fixaram Max Weber e seu irmão caçula Alfred Weber. Após a morte de Max Weber, sua viúva, Marianne Weber conduziu um célebre círculo de intelectuais. A importância desse grupo era tal que um aspirante à carreira acadêmica em Heidelberg deveria ser admitido primeiramente nesse círculo. Esse costume já enraizado conferia aura aristocrática e de prestígio a quem fosse primeiramente aceito por Marianne Weber. Elias em sua conhecida entrevista rememora a figura de Marianne e essa situação:

³³ “*So mag sich also auch das sprachliche Herkommen in uns etwas sträuben, wenn man den Satz hört: Der Mensch ist ein Prozess. Aber vielleicht hilft diese Aussage dem Vorstellungsvermögen voraus.*” (Elias, 2006c: 50). Assim pode ser que a forma de falar nos cause certa resistência (o costume idiomático linguagem) quando se ouve a frase: O ser humano é um processo. Mas talvez essa afirmação de antemão ajude a imaginação.

Marianne Weber era uma mulher impressionante. Ela me deu a impressão de ser uma robusta camponesa intelectual, que tinha os pés no chão, que sabia administrar sua casa e sua fazenda e que velava pelo seu patrimônio. Quando se pertencia a seu círculo, podia-se contar com ela. Eu não sei se isso é correto, mas eu tinha a impressão de que sem essa forte mulher, Max Weber não teria tido a perseverança necessária para triunfar em tudo o que realizou.

(...)

Certo dia, depois de me dizer algumas palavras amáveis, ela me convidou para fazer uma exposição em sua casa, durante uma tarde. Isso era de praxe. Eu esperava por aquilo, mas o convite poderia ter demorado um pouco. O fato de ele ter sido feito era um bom sinal. (...) e três semanas mais tarde, eu apresentei em sua casa, se bem me lembro, foi na varanda, a minha pequena exposição sobre a sociologia da arquitetura gótica. (...) Ao final, aplaudiram-me educadamente e me disseram algumas palavras amáveis. No salão da viúva de Max Weber eu não fui rejeitado. (Elias, 1996: 126, 127).³⁴

A negativa de Karl Jaspers em admitir Elias como seu orientando e candidato a habilitação em filosofia abre caminho para a possibilidade de habilitação em outra área, a sociologia. Anos antes, em 1919, Elias ainda estudante em Breslau cursou alguns seminários em Heidelberg, em específico, com Jaspers. Nesse primeiro contato, toma conhecimento da crescente influência da sociologia no ambiente acadêmico. Quando retorna a Heidelberg em 1924, a sociologia mostra-se como um campo promissor. Elias relata que durante seu primeiro período não teve em absoluto nenhuma conexão com a sociologia, porém quando retornou a “(...) sociologia estava na moda em Heidelberg, o que não tinha

³⁴ *“Marianne Weber war eine eindrucksvolle Frau, sie machte auf mich den Eindruck einer robusten intellektuellen Grossbauerin, die fest auf dieser Erde steht die Haus und Hof zusammenzuhalten Weiss, die über das Ihre wacht. Wenn man zu den Ihren gehörte, konnte man auf sie verlassen. Ich weiss nicht, ob es stimmt, aber ich hatte die Vorstellung, dass Max Weber ohne diese starke Frau nicht die Durchhaltekraft gehabt hätte, all das zu schaffen, was er fertiggebracht hat.*

(...)

Eines tages, nach einem paar freundlichen Worten, lud sie mich ein, einmal an einen ihrer Nachmittage etwas vorzutragen. Das war üblich. Ich hatte es erwartet, aber die Einladung hätte ausbleiben können. Dass sie kam, war ein gutes Zeichen. (...) und drei Wochen später hielt ich dann bei ihr, wenn ich mich recht entsinne auf dem Balkon, meinen kleinen Vortrag über die Soziologie der gotischen Architektur. (...). Am Ende gab es höflichen Applaus und freundliche Worte. Ein kleiner Schritt auf dem Wege zu einer Universtätslaufbahn. In Salon der Witwe Max Webers – ich war nicht verworfen worden.” (Elias, 1996: 126, 127).

acontecido durante minha primeira temporada” (Elias, op. cit. em Blomert, 1999: 239)³⁵

Segundo a narrativa de Blomert, Elias trazia consigo de sua formação em Breslau uma forte orientação para a história, e ele não havia ainda conhecido ligação entre material histórico e estrutura social, como era ensinada em Heidelberg por Alfred Weber.³⁶

Elias se candidata a habilitação com Alfred Weber apenas entre 1928 e 1929. Este, no entanto, adverte a demora, uma vez que havia quatro candidatos à frente de Elias. Esse fato revela-se desanimador, pois significaria uma espera de vários anos. Alcançar a cátedra de professor era um percurso de sérias privações. O aspirante deveria se dedicar à carreira durante alguns anos, participando de seminários, assumindo aulas, e sem receber nada por isso.³⁷ A demora para Elias seria longa. Paralelamente à orientação de Alfred Weber, Elias conhece Karl Mannheim de quem se torna amigo e assistente informal. Segundo Blomert (1999: 241), a posição institucional de Elias “estava definida como ‘habilitante’ de Alfred Weber, e como docente (nos seminários de Mannheim), assim ele era ao mesmo tempo professor e aluno no InSoSta”.³⁸

Eu me tornei muito próximo de Mannheim, que não era muito mais velho que eu, nós nos queríamos muito bem e nos tornamos bons amigos. Mannheim era sem sombra de dúvida um homem brilhante e vivia naquela época seu apogeu; cada vez mais ele atraía estudantes para si, que se afastavam dos velhos professores, como Alfred Weber. Existia

³⁵ “(...) *sociology was fashionable in Heidelberg which it had not been during my first stay*” (Elias, op. cit. Blomert, 1999: 239).

³⁶ Ver a respeito, (Blomert, 1999).

³⁷ Max Weber em “Ciência como vocação” expõe a situação de quem aspira à carreira universitária na Alemanha: “Para um jovem cientista sem fortuna pessoal é, com efeito, extremamente arriscado enfrentar os azares da carreira universitária. Deve ele ter condições para subsistir com seus próprios recursos, ao menos durante certo número de anos, sem ter, de maneira alguma, a certeza de que um dia lhe será aberta a possibilidade de ocupar uma posição que lhe dará meios de viver decentemente” (Weber, 1993: 18).

³⁸ “ (...) *als Habilitant Alfred Webers, und als Dozent (in Seminaren von Mannheim), so war er gleichzeitig Lehrer und Lernender am InSoSta.*” (Blomert, 1999: 241)

uma forte tensão entre ambos, ainda que ela se apresentasse de forma muito civilizada (Elias, 1996: 46).³⁹

Elias decidiu se tornar sociólogo com quase 30 anos. O contato próximo com Alfred Weber e Karl Mannheim exerceu forte influência sobre sua escolha, mas também influenciou sobremaneira a perspectiva sociológica desenvolvida por Elias anos mais tarde. Um dos pontos centrais da abordagem sociológica do conhecimento sob a perspectiva de Elias se refere à transmissão geracional de conhecimento. Aprendemos de outros que nos antecederam. Norbert Elias fazia parte de uma geração de intelectuais, cujas tendências estavam inscritas nas formas de pensar, por exemplo, os problemas sociológicos.

Embora Elias fale muito pouco sobre as influências que recebeu, um olhar mais atencioso sobre o desenvolvimento da sociologia alemã na década de 20 nos mostrará, sem muita surpresa, que a tendência de análise sociológica comparativa e histórica se fazia presente com os trabalhos reconhecidos de Max Weber, como “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Alfred Weber é um exemplo clássico de como a sociologia alemã na década de 1920 se ocupou da sociologia da cultura de forma combinada com a pesquisa histórica. Eberhard Demm, biógrafo de Alfred Weber, relata que após 1909, Alfred Weber dedica-se cada vez mais a estudar as mudanças do *habitus* sociocultural em culturas e povos específicos ao longo de gerações. Podemos ver aqui a proximidade das abordagens de Alfred Weber e Norbert Elias, que também se ocupará da questão de formação do *habitus* e da perspectiva histórica.

Desde seus trabalhos iniciais, Elias se ocupou com as questões relacionadas ao conhecimento, bem como ao desenvolvimento da ciência. O tema da habilitação que Elias iria desenvolver com Alfred Weber era o nascimento da moderna ciência natural. Infelizmente, sabe-se pouco sobre esse projeto e em que estágio estava quando Elias encerra sua habilitação com Weber. Korte, ao

³⁹ “*Ich schloss mich eng an Mannheim an, der nicht viel älter war als ich; wir mochten einander wirklich gern und wurden gute Freunde. Mannheim war ohne Frage brillant und damals auf seinem Höhepunkt; so zog er immer mehr Studenten an sich, weg von den Älteren wie Alfred Weber. Es bestand eine starke Spannung zwischen den beiden, auch wenn sie sich in sehr zivilisierter Form äußerte.*” (Elias, 1996: 46)

analisar um currículo de Elias para a Universidade de Frankfurt, encontrou a seguinte explicação:

Eu terminei primeiramente um grande trabalho científico sobre a história da consciência humana, que por motivos financeiros não foi até hoje impresso. Eu trabalhei então, sobretudo, nos seminários de Alfred Weber e Karl Mannheim, e comecei um trabalho “A sociologia do nascimento das ciências naturais”, para me municiar de material, precisava ir a Florença. Apesar do apoio de Alfred Weber e Karl Mannheim “dada a necessidade da ciência alemã”, o trabalho não encontrou apoio financeiro, e eu precisei encerrar o trabalho que já havia começado (Korte, 1999: 97).⁴⁰

Apesar de ter interrompido o projeto de habilitação com Weber e de ter seguido com Mannheim, *A sociedade de corte* e *O processo civilizador* contêm uma análise da sociologia da ciência. Elias sempre se referia a Alfred Weber como um homem correto e apreciava, de certo modo, sua posição liberal. Elias herdou uma perspectiva sociológica abrangente, no entanto procurou se diferenciar de Alfred Weber e de Karl Mannheim, ao formular as questões sociológicas corretas colocadas ao desenvolvimento histórico. Segundo Goudsblom:

Essa relação não é nada simples. Para começar, Elias não é ligado aos chamados “pais da sociologia” numa linha direta de ancestralidade intelectual. Comte e Durkheim, por exemplo, não eram muito lidos na Alemanha dos anos vinte e trinta; certas semelhanças entre *Über den Prozess der Zivilisation* e alguns aspectos do trabalho dos dois deve-se a uma afinidade que não pode ser explicada por associação direta. Elias certa vez me escreveu:

Sou totalmente consciente sobre o fato de que outros me influenciaram, que aprendi com outros – , embora não somente através dos livros, mas também com eventos de meu tempo e, se com livros, aprendi minimamente com as teorias de outros sociólogos. De fato, eu acredito que minha habilidade de escrever Über den Prozess der Zivilisation deveu-se em parte ao fato de meu conhecimento acerca dos livros que são agora

⁴⁰ “Ich vollendete zunächst eine grössere wissenschaftliche Arbeit über die ‘Geschichte des menschlichen Bewusstseins’, die aus finanziellen Gründen bis heute noch nicht gedruckt worden ist. Ich arbeitete dann vor allem in den Seminaren von Alfred Weber und Karl Mannheim mit und begann eine Arbeit, ‘Zur Soziologie der entstehenden Naturwissenschaften’, begab mich, um Material zu sammeln, nach Florenz. Da aber trotz der Befürwortung durch Alfred Weber und Karl Mannheim, die ‘Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft’ zur Unterstützung der Arbeit keine Mittel aufbringen konnte, musste ich die begonnenen Studien vorerst abbrechen” (Korte, 1999: 97).

declarados os livros-padrão dos ancestrais da sociologia, ser extremamente deficiente, quando escrevi o livro.

Entretanto, embora na maioria dos casos não haja uma linha direta de influências, é possível reconhecer no trabalho de Elias algumas das ideias fundamentais que são frequentemente associadas a – para mencionar apenas alguns dos nomes famosos - Comte, Marx, Weber, Durkheim, Freud e Simmel. (Goudsblom, 1977: 78).⁴¹

As influências de Mannheim são mais controversas. Elias procura acentuar as diferenças, mas não as aproximações teóricas. “Mannheim certamente percebia o fluxo da história, mas o via de forma relativista, como um vai e vem simplesmente não-estruturado. Ele não conseguiu sair desse relativismo porque a natureza não planejada e de longa duração dos processos sociais – entre outros, também o do conhecimento – ainda estava fora de seu horizonte” (Elias, 1999: 155).⁴²

Porém, se Elias se distancia de Mannheim, entre outras coisas, no que diz respeito à consideração sobre a direção dos processos históricos, encontramos influências nítidas de Mannheim no tocante à construção de Elias sobre as interdependências humanas. Em *Ideologia e utopia*, Mannheim argumenta que a pesquisa psicogenética vem resgatar a noção do indivíduo relacionado ao seu contexto social.

Os dois métodos de estudar os fenômenos culturais (...), o epistemológico e o psicológico, tinham em comum a tentativa de explicar o significado a partir de sua gênese no sujeito. O

⁴¹ “*This relationship is far from simple. For one thing, Elias is not linked to the so-called “fathers of sociology” in a straight line of intellectual ancestry. Comte and Durkheim, for example, were not much read in Germany in the twenties and thirties; certain similarities between Über den Prozess der Zivilisation and some aspects of their work are due to an affinity which cannot be explained by direct acquaintance. As Elias once wrote to me in a letter:*

‘I am extremely conscious of the fact the others have influenced me, that I have learned from other – though not only from books, but also from the events of my age and, if from books, least of all from the theories of others sociologists. In fact I believe that my ability to write Über den Prozess der Zivilisation was to some extent due to the fact that my knowledge of the books which are now declared the standard books of sociologist’s ancestors was at the time of writing this book extremely deficient.’

Yet, although in most cases there is no direct line of influences, it is possible to recognize in Elias’s work a number of fundamental ideas that are often associated with – to mention but a few of the most famous names – Comte, Marx, Weber, Durkheim, Freud, Simmel. (Goudsblom, 1977: 78)

⁴² “*(...) denn Mannheim sah zwar den geschichtlichen Strom, aber er sah ihn relativistisch, als ein blosses unstrukturiertes Kommen und Gehen. Er kam aus der Relativismus nicht heraus, weil die Natur langfristigen ungeplanter, aber gerichtetr gesellschaftlicher Prozesse – unter anderem auch des Wissens – noch ausserhalb seines Horizontes lag*” (Elias, 1996: 155).

importante, nesse particular, não é tanto saber se consideravam como sujeito um indivíduo concreto ou um espírito generalizado, mas sim que, em ambos os casos, o espírito individual era concebido como distinto, separado do grupo. (...)

Essa ficção do indivíduo isolado e auto-suficiente encontra-se, sob formas mais variadas, na base da epistemologia individualista e da psicologia genética. A epistemologia operava com esse indivíduo e auto-suficiente, como se já, ao nascer, possuísse em essência todas as capacidades características dos seres humanos, inclusive a do conhecimento puro (...). De modo similar na psicologia individualista do desenvolvimento, o indivíduo passa necessariamente por certas fases no curso das quais o ambiente físico e social não têm outra função além de libertar as capacidades previamente formadas no indivíduo. (Mannheim, 1954: 74)

A crítica de Mannheim à forma fragmentada de análise do indivíduo, que ele chama de ficção, é o ponto de partida para a proposição e uma análise sociológica psicogenética, que considera o indivíduo e a produção de conhecimento em relação constante com o ambiente social. Elias, por sua vez, compartilha essa orientação, a de que o indivíduo, assim como suas ações, sistemas de valores e conhecimento devem ser considerados em relação ao contexto histórico e social ao qual pertencem. Vemos, assim, que a influência de Mannheim, embora pouco referida por Elias, se faz presente em um dos argumentos mais essenciais da sociologia eliasiana, a relação de interdependência entre indivíduos e sociedade, que ultrapassa as antinomias produzidas pelo estudo fragmentado do indivíduo e da sociedade. Essa concepção de análise se faz terminantemente presente em *O processo civilizador*, e em *A sociedade dos indivíduos*, cuja primeira parte foi produzida em 1939 e deveria ter composto o livro sobre o processo de civilização das condutas e comportamentos na Europa.

Para onde quer que nos voltemos, deparamos com as mesmas antinomias. Temos uma certa ideia tradicional de que nós mesmos somos como indivíduos. E temos uma certa noção de que queremos dizer quando dizemos “sociedade”. Mas essas duas ideias – a consciência que temos de nós como sociedade, de um lado, e como indivíduos, de outro – nunca chegam realmente a coalescer. (...). Ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda a sociedade é uma sociedade de indivíduos. Mas, quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente na realidade, verificamos, como aquele quebra-cabeça cujas peças não compõem uma imagem íntegra,

que há lacunas e falhas em constante formação em nosso luxo de pensamento. (Elias, 1994b: 15, 16)

Uma análise mais detalhada das obras de Alfred Weber e de Karl Mannheim poderia nos trazer mais argumentos sólidos para elucidarmos as influências desses dois intelectuais para o pensamento de Elias. No entanto, essa tarefa configuraria outro tipo de trabalho e não o que nos propusemos nesta tese. Para o momento, podemos admitir que o contato pessoal direto, ora como aluno, ora como colega, deixou impressões marcantes no jovem Elias, que as influências intelectuais, não manifestas explicitamente, contribuíram para a direção do pensamento sociológico de Elias.

Karl Mannheim era tido como uma pessoa distante - embora de reconhecida capacidade intelectual -, tinha dificuldades no trato com os alunos. Elias, pelo contrário, sempre foi reconhecidamente bom professor e desenvolveu uma relação muito próxima com os alunos. Tal proximidade devia-se ao fato de Elias ter a perspicácia para ajudar os alunos a encontrarem seu próprio caminho dentro da sociologia, ao invés da imposição pela pesquisa de temas atuais, ou da crença no engajamento político, tão forte à época. Segundo Richard Löwenthal,⁴³ jovem estudante em Heidelberg e orientando de Mannheim, Elias procurava respeitar a vocação individual de seus alunos. Relembra Mannheim como “um homem muito difícil para aqueles que trabalhavam com ele. Elias, pelo contrário, um homem muito difícil para aqueles que estavam acima dele” (Korte, 1997: 99).⁴⁴

Já em Heidelberg, Elias começa a fazer a mediação entre Mannheim e seus estudantes, mediação essa que ganhou reputação em Frankfurt. Segundo relato de sua ex-aluna e amiga durante muitos anos, Gisèle Freund:⁴⁵

Mannheim sempre deixou clara a distância entre ele e seus alunos. Suas aulas e seminários não eram para mim, uma estudante principiante, fáceis de seguir. Ele amava,

⁴³ Richard Löwenthal foi um judeu alemão, jornalista e cientista político.

⁴⁴ “(...) *ein sehr schwieriger Mensch für Leute, die mit ihm arbeiteten. Elias dagegen ein sehr schwieriger Mensch nach oben hin.*” (Löwenthal, in: Korte, 1997: 99)

⁴⁵ Gisèle Freund foi aluna de Mannheim, e com a ajuda de Elias, desenvolveu seu doutorado na França sobre a sociologia da fotografia. “*La Photographie en France au ix-neuvième siècle: Étude de sociologie et d'esthétique*”. Tornou-se famosa por seus documentários fotográficos.

assim como também vários professores alemães, revestir seus pensamentos e ideias em uma terminologia, um tipo de língua secreta, que apenas era compreensível para seus estudantes. Norbert Elias era o vínculo entre Mannheim e seus estudantes. Ele era extremamente amável, pois ele compreendia e se dedicava aos problemas de cada um, e fazia isso com generosidade. (...) Em nosso primeiro encontro, me chamou a atenção a estética de sua mão fina com seus longos dedos que manifestavam seu amor e compreensão pela arte. Ele falava lenta e pausadamente, era sincero e educado, podia também rir muito. (Freund: 1977: 12, 13).⁴⁶

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por profundas mudanças na Europa, principalmente, na Alemanha. Finda a Primeira Grande Guerra, a configuração política alemã muda radicalmente. Após a derrota da Alemanha, o Imperador Wilhelm II perde o trono com a Revolução de Novembro de 1918; e é instituída a República, que ficou conhecida como a República de Weimar, a qual duraria até 1933.

Aos tradicionais círculos acadêmicos, como o de Heidelberg, soma-se a Escola de Frankfurt, fundada em 1923. Mas há que se ressaltar que o Instituto, embora tivesse como linha de orientação o marxismo, primou por uma abordagem interdisciplinar. Com esse espírito foram convidados professores de vários lugares. Karl Mannheim foi um deles, e convidou Elias, em 1930, a acompanhá-lo como assistente. Segundo Korte (1997: 114):

Elias assumiu suas funções, como assistente de Mannheim, no seminário de sociologia na páscoa de 1930. Ele deveria ajudar na elaboração dos seminários, orientar estudantes, manter o contato do Theodor Wiesengrund – Adorno e realizar o seu trabalho de habilitação. Theodor Wiesengrund (...), era o braço direito de Horkheimer quando se tratava de manter contato com o colega Karl Mannheim. Horkheimer e Mannheim eram dois mundos diferentes. Se diferenciavam no tocante à origem, temperamento e

⁴⁶ “Mannheim liess immer den Abstand fühlen, der zwischen ihm und seinen Schülern bestand. Seine Vorlesungen und Seminare waren für mich, einen Anfangsstudente, nicht immer leicht zu folgen. Er liebte, wie so viele deutsche Professoren, seine Gedanken in eine Terminologie einzukleiden, eine Arte Geheimsprache, die nur seinen Schülern verständlich war. Norbert Elias was da Bindeglied zwischen Mannheim und seinen Studenten. Er war ungemein beliebt, da er es verstand auf die Probleme jedes Einzelnen einzugehen, und dies auch mit Grosszügigkeit tat (...). Bei unserer ersten Begegnung fielen mir seine feinen Hände mit dem langgestreckten Fingern eines Ästhetikers auf, dir seine Liebe und Verständnis zur Kunst offenbarten. Er sprach langsam und bedächtig, ernst und höflich, konnte aber auch viel lachen” (Freunde: 1977: 13).

orientação científica, e justamente pelo que tinham de semelhança – no que dizia respeito à ambição e força de ação - intensificou-se a distância entre ambos.⁴⁷

O favorável período de liberdades democráticas influenciou positivamente a pesquisa acadêmica. Porém, havia um abismo entre a efervescência cultural usufruída por uma classe burguesa instruída, que, embora sofresse com a depressão econômica, ainda não se via de todo ameaçada por ela; e as camadas economicamente desfavorecidas na Alemanha, que sofriam com a crise econômica e com as consequências com a perda da Primeira Guerra. A insatisfação popular fazia-se notar, sobretudo, pelo crescimento vertiginoso do Nacional Socialismo.

O Instituto de Pesquisa Interdisciplinar da Universidade de Frankfurt era, como lembra Elias, um amplo centro de pesquisas que reunia esforços conjuntos da sociedade e do Estado. “Uma singularidade, que no meu entender poucas outras universidades possuíam. Era comum que homens e também especialmente mulheres da cidade assistissem às aulas de interessantes e estimulantes professores universitários” (Elias, 2006b: 492).⁴⁸

Theodor Adorno, um dos condutores do Instituto, sob a percepção de Elias, era um homem que não via o mundo a partir de um único prisma, fosse da sociologia ou da filosofia, pelo contrário, “(...) ele tinha uma forte aversão contra os meros especialistas. Adorno era ao mesmo tempo um ensaísta ao tipo da grande tradição europeia” (Elias, 2006b: 493).⁴⁹ Como um homem culto, Adorno também era, na percepção de Elias, um humanista, embora Adorno não gostasse desse

⁴⁷ “Am Soziologischen Seminar nahm Elias also Ostern 1930 seine Tätigkeit als Assistent Karl Mannheims auf. Er hatte bei den Vorbereitungen der Seminare zu helfen, Studenten zu betruen, den Kontakt zu Theodo Wiesenrund-Adorno zu halten und an seiner Habilitationsschrift zu arbeiten. Theodor Wiesengrund (...) war Horkheimers verlänger Arm, wenn es um Kontakte zu dem Kollegen Karl Mannheim ging. Horkheimer und Mannheim, das waren zwei verschiedene Welten. Herkunft, Temperament und wissenschaftliche Orientierung unterschieden sie, und soweit sie – was Ehrgeiz und Darstellungskraft betraf – sich ähnlich waren, verstärkte gerade dies die Distanz zueinander” (Korte, 1997: 114).

⁴⁸ “(...) eine Eigentümlichkeit, die man meines Wissens bei verhältnismäßig wenigen anderen deutschen Universitäten findet. Es war gang und gäbe, dass Männer und besonders auch Frauen der weiteren städtischen Gesellschaft mehr oder weniger regelmäßig Vorlesungen interessanter und anregender Universitätslehrer besuchten”. (Elias, 2006b: 492).

⁴⁹ “ (...) hatte er eine ziemlich starke Abneigung gegen den blossen Fachgelehrten. Adorno war zugleich auch ein Essayist in der grossen europäischen Tradition” (Elias, 2006b: 493).

conceito. Porém, para Elias o humanismo crítico que compartilhava com Adorno dizia respeito às “pessoas que emocionalmente e intelectualmente permaneciam ao lado dos dominados, dos excluídos e dos explorados (...)” (Elias, 2006b: 495).⁵⁰

O período da República de Weimar foi um dos mais liberais vividos pelos intelectuais alemães. Os bons ventos da República favoreciam as discussões acadêmicas, porém havia a separação entre duas mentalidades antagônicas. Foi a não consideração dessa clivagem que levou à ascensão de Hitler e o estabelecimento do totalitarismo alemão. Em um período relativamente curto, a Alemanha passa por transformações dramáticas. A instável, porém liberal e democrática República de Weimar, que representou bons ventos a favor de uma *intelligentsia* esclarecida, também alimentou ingênua e paradoxalmente uma mentalidade conservadora e autoritária. A relação entre esses duas mentalidades existentes na Alemanha pode ser mais bem esclarecida com um relato de Elias sobre esse período.

Em palestra dada em 1983, portanto, cinquenta anos após 1933, Elias discorre sobre a ocupação das universidades pelo Partido Nacional Socialista. E o faz de forma interrelacional, incluindo suas próprias experiências daquele período, analisando ao mesmo tempo o contexto político e social da Alemanha do final da República de Weimar.⁵¹ O episódio sobre a ocupação das universidades não é um evento solto, descolado de um processo social. Ele é fruto de uma figuração muito particular, em que a coexistência de dois tipos de mentalidades, uma liberal humanista, calcada em valores democráticos, e outra conservadora, representada pela antiga aristocracia alemã e sem qualquer afinidade com valores democráticos. A divisão a que Elias se referiu não era de classes, mas de mentalidades, como acentuamos. O grupo conservador, que se via desprovido de seus poderes após a instituição da República de Weimar, era expressivo e encontrava respaldo em amplos setores da sociedade, inclusive nos centros

⁵⁰ “(...) an einen Menschen, der emotional und intellektuell auf der Seite der Machtschwächeren, der Unterdrückten, der Aussenseiter und Ausgebeuteten steht (...)”. (Elias, 1996b: 495)

⁵¹ Elias produziu um longo e esclarecedor manuscrito sobre a República de Weimar, os círculos acadêmicos e a ascensão do Nacional Socialismo. Selecionei alguns trechos de modo a não perder o eixo da narrativa. Ver o anexo.número 3.

universitários. Esse apoio foi, em certa medida, responsável pela ascensão de Hitler ao poder. Porém, essa figuração não era clara para os grupos liberais e socialistas do governo de Weimar, que conviviam com essa oposição sem enxergá-la como uma verdadeira ameaça. Nas palavras de Elias:

A República de Weimar em que vivi, e o mundo acadêmico ao qual pertenci, primeiramente em até 1930 em Heidelberg, e de 1930 até 1933 em Frankfurt, foi absolutamente um mundo amigável e livre. Tanto em Heidelberg quanto em Frankfurt havia um mundo intelectual produtivo, altamente vivo e estimulante (Elias, s/d, Manuscrito, p. 2)

Em Heidelberg, como em Frankfurt, existia um grande círculo de professores universitários com inclinações liberais e humanistas no sentido mais amplo das palavras. A notícia da força crescente do Nacional Socialismo chegou a esse círculo com o som abafado, como uma parede almofadada na própria consciência. Eu não devo nunca esquecer de lembrar a vocês o tempo sobre o qual falo. Eu vivia em Heidelberg após meu doutorado, aproximadamente entre 1924 e 1929. Eu ouvi de Alfred Weber, que me deu esperanças de fazer a habilitação, a condição de ter que esperar em uma fila. Três deveriam fazer a habilitação antes de mim. O primeiro chamava-se Bersträsser, o segundo chamávamos de Ehrmann, o terceiro eu esqueci, o quarto deveria ser eu. Ehrmann era membro do Partido Nacional Socialista. Isso era característico da tolerância liberal de Alfred Weber, que ele estava disposto a habilitar tanto um nacional-socialista como um judeu (...). Isso talvez mostre um pouco a vocês como Alfred Weber, como tantas outras pessoas viam naqueles tempos o Nacional-Socialismo, uma convicção política como qualquer outra. (Elias, s/d, manuscrito, pp. 7, 8)

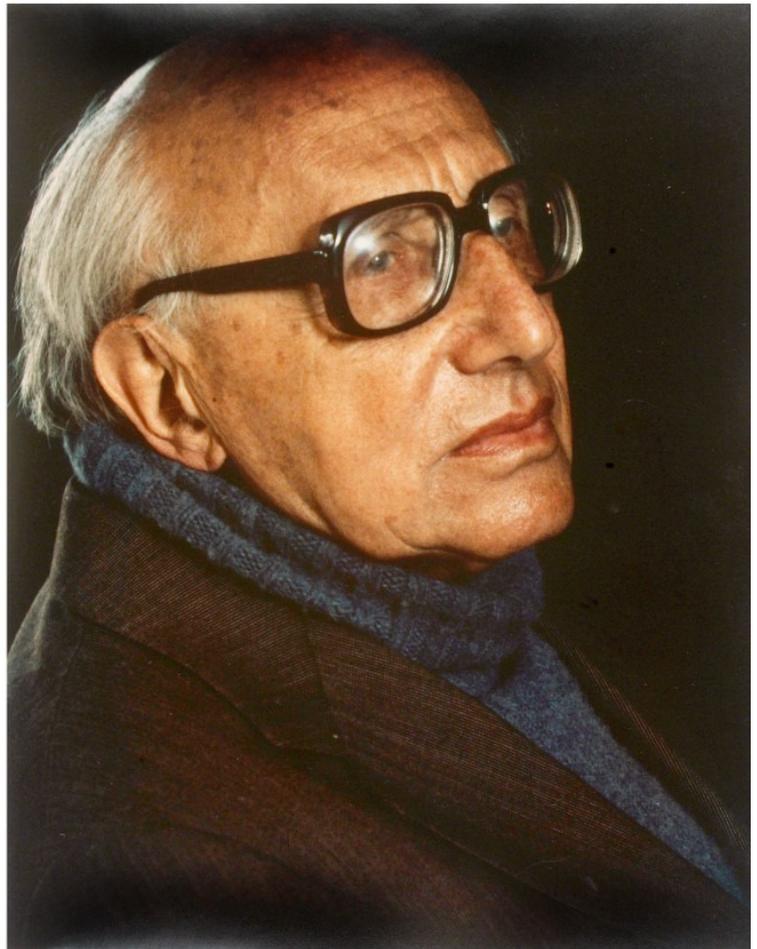
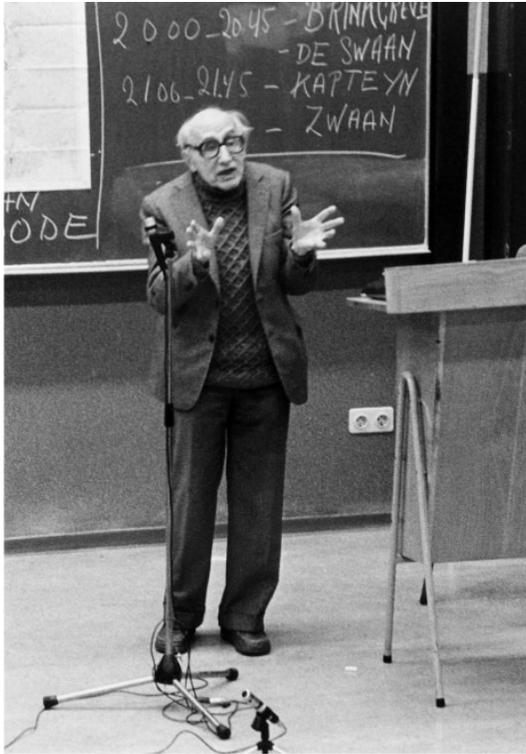
Até que em 1933 Hitler assume a chancelaria e começa a implementar medidas que viriam a cercear os direitos civis de grande parte da população, estabelecendo uma ditadura e excluindo os judeus da sociedade. Dentre essas medidas, uma das primeiras foi a proibição de contratação de funcionários públicos de origem judaica, bem como a exoneração de todos os funcionários públicos judeus. O Instituto foi fechado em 13 de março de 1933, e em 14 de março, a Gestapo torna pública a dissolução do Instituto por motivo de “inimigos do Estado”.

Com a dissolução do Instituto, e a proibição de ensinar no sistema universitário alemão, seus condutores e muitos pesquisadores optam pela

emigração. Adorno emigra para a Inglaterra em 1934 e, posteriormente, em 1938, para os USA. Walter Benjamin viaja para Paris em 1933. Horkheimer em 1933 vai para a Suíça, Mannheim vai em 1933 para Londres, na London School of Economics. Após a partida de vários responsáveis pelo Instituto, Elias, que ainda era assistente e responsável pelo seminário de sociologia, conservava a posse das chaves do prédio e das salas de seminários. Um dia foi chamado e levado por dois oficiais da SS para o prédio do Instituto e lhe foi ordenado que entregasse as chaves. O oficial que recebeu as chaves lhe disse:

O senhor era assistente aqui. Me entregue as chaves do seu seminário. O senhor está terminantemente proibido de entrar nesse seminário e nesse prédio. O senhor me entende? “Sim”, eu disse, “eu compreendo o senhor”, e fui andando um tanto desolado para casa. A pergunta era: O que eu devo fazer agora? Vagarosamente começou a se mostrar a possibilidade de que a vida que se tinha conduzido até aquele momento teria chegado ao fim. E, além disso, se vê no vazio. (Elias, s/d, Manuscrito, p. 20)

Embora o trabalho de habilitação de Elias, sob a orientação de Mannheim, já estivesse pronto, e com uma data marcada para sua defesa, a ocupação das universidades pela SS impediu que Elias se habilitasse conforme o protocolo. O título da habilitação era *Der höfische Mensch - O homem da corte* – e só foi publicado em 1969 com o título de *Die höfische Gesellschaft - A sociedade de corte*. O fato de não ter concluído a habilitação lhe foi de grande prejuízo, pois não tinha o título de Privat Dozent que o habilitaria a uma carreira universitária também fora da Alemanha. Como muitos de seus colegas, sem perspectivas de viver na Alemanha, Elias viaja para Paris, onde permanece vivendo em precárias condições até 1935, quando decide mudar-se para a Inglaterra, onde permanece formalmente até o final da década de 1960.



1.3 O exílio e o recomeço

Após a ascensão do partido Nacional Socialista, e diante da impossibilidade de continuar na Alemanha uma carreira acadêmica, Norbert Elias decide migrar. Primeiramente, vai para a Suíça, mas também lá há grandes dificuldades para se estabelecer. Decide, então, migrar para a França, procurar se estabelecer em Paris. Elias nunca escondeu sua admiração pela França; em sua famosa entrevista biográfica afirma: “Eu sempre tive um profundo amor pela França. Eu amava a cultura francesa e, naquela época, falava um francês impecável praticamente sem sotaque – ao contrário da Inglaterra, onde nunca perdi meu sotaque” (Elias, 1996: 66).⁵²

A primeira fase do exílio, de dois anos, é vivida em Paris. A situação também lá não era favorável, não havia a perspectiva de seguir carreira acadêmica. Seguindo o conselho e o convite de alguns amigos, Elias decide migrar em 1935 para a Inglaterra e tenta se estabelecer em Londres. Nesse período o autor decide se dedicar a conseguir um posto acadêmico, o que apenas seria possível com uma publicação. Elias tinha publicado até então poucos artigos e necessitava de uma obra mais substantiva. A experiência com a habilitação em Frankfurt – sobre a corte francesa no século XVIII – serviu como ponto de partida e inspiração para um novo trabalho. Embora Elias não tivesse a certeza de qual tema abordar, seguiu algumas pistas já dadas pela pesquisa anterior sobre os costumes e comportamentos. Elias buscou auxílio financeiro no Comitê de Ajuda aos Refugiados Judeus na Inglaterra, que o enviou uma quantia pequena, mas suficiente para viver modestamente, por três anos.⁵³

Quando cheguei a Londres, evidentemente, não tinha nenhuma fonte de renda. Havia lá um comitê de refugiados que se declarou disposto a me ajudar: Disse-lhes que só poderia retomar minha carreira se me dessem dinheiro suficiente para escrever um livro (...).

⁵² “Nun, ich hatte scho immer eine tiefe Liebe für Frankreich. Ich liebte die französische Kultur und sprach damals ein fast makellooses Französisch fast akzentfrei – im Gegensatz zu England, wo ich meinen Akzent nie verloren habe” (Elias, 1996: 66)

⁵³ É justo ressaltar que alguns anos após o término do trabalho, já em melhores condições financeiras, Elias começa a contribuir para o Comitê de Ajuda aos Refugiados Judeus na Inglaterra. Contribuição que transcorreu até sua morte em 1990.

Minhas ideias quanto ao que ia escrever ainda eram bastante vagas, mas pouco a pouco meus mergulhos no catálogo me fizeram cair numa pista que me pareceu promissora. (...) Foi assim que caí nos tratados de etiqueta. Um dia, fiz com que me trouxessem um deles por acaso, creio que era Courtin. Achei-o apaixonante, e isso porque sabia que os psicólogos contemporâneos pensavam que só se podia obter uma visão convincente das mentalidades humanas estudando as dos homens de hoje, ao passo que não se podia descobrir nada sobre as normas comportamentais dos homens do passado, e menos ainda informações seguras. Com isso, subitamente me vi de posse de um material que mostrava a diversidade das normas vigentes em épocas antigas e que permitia analisar seu desenvolvimento de maneira segura (Elias, 1996: 62, 63).⁵⁴

O período que Elias se dedica ao trabalho sobre o que viria a ser *O processo civilizador* era de sérias dificuldades pessoais, muitas delas decorrentes da grave situação política e social da Alemanha. Recém migrado, Elias não tinha um inglês fluente e por este motivo seu trabalho só poderia ser escrito em alemão. Fator nada favorável para sua recepção na Inglaterra, onde pretendia se estabelecer. Havia a crescente preocupação com seus pais, já idosos e vivendo em uma sociedade onde a violência contra os judeus crescia a cada dia. No entanto, continuou seu trabalho seguindo a diretriz sobre as alterações nos padrões de comportamento. Não havia por parte do autor uma preocupação latente com a recepção de sua obra, segundo ele: “Escrevi esse livro sem qualquer ideia de que ele não teria importância para os outros. Para mim mesmo, o tema era extremamente interessante”.⁵⁵

⁵⁴ Este trecho foi transcrito de um discurso preparado por Norbert Elias em comemoração ao seu aniversário de 90 anos. O título do Manuscrito é “Notes to the Aula speech”, e o original encontra-se no arquivo de Norbert Elias em Marbach. “I still remember the stage at which I had discovered that different editions of mannerbooks could serve as a very reliable source for chances in human feeling and behavior. I had already written up chapters about the process of chance in table manners, spitting and one or two others but I had as yet no name for the process for which I had discovered the striking evidence and so also no title for the book which emerged under my hands. I remember discussing the problem with friends, some of which also worked in the British Museum Reading Room. Change of Manners is an obvious suggestion that cropped up. Chance of Culture we suggested and rejected. Than I remembered Thomas Mann’s presentation of Kultur as something of very high value, civilization as something as lesser value and I decided that process of change upon which I had stumbled by browsing in manner books was really a civilizing process and I decided to stick to the label Prozess der Zivilisation. Of course this title had to be best tested. But the more I examined it, the more I like it.”

⁵⁵ “Ich schriebe also das Buch – ohne jede Vorstellung, dass es völlig ausserhalb der Interessen anderer lag. Mir selbst erschien das Thema höchst interessant.” (Elias, 1999: 730).

Elias terminou o primeiro volume no final de 1937, e então começaram as dificuldades para sua publicação. Com as restrições de toda ordem impostas aos judeus na Alemanha, era cada vez mais difícil para os judeus ter autonomia sobre suas finanças e manter seus negócios quando deles dependiam. O primeiro editor em Breslau precisou fechar sua gráfica e teve o paradeiro desconhecido. Assim, o pai de Elias, Hermann Elias, arcou com as despesas e mediou um segundo editor. Elias relata que seu pai:

(...) precisou pedir uma autorização à administração local para pagar com o dinheiro de sua conta a impressão do segundo volume. E quando o segundo tomo foi concluído, encontrei um editor na Suíça que concordou em publicar o livro desde que tivesse as provas em mãos. Então, meu pobre pai precisou novamente ir às autoridades nazistas para solicitar uma licença de exportação para o impressor. Ele conseguiu ainda fazer tudo. Sem a ajuda de meu pai, nunca teria conseguido publicar o livro. Eu penso frequentemente que ele se salvou por um fio. (Elias, 1996: 82)⁵⁶

O editor suíço chamava-se Fritz Karger, e muitos anos mais tarde ele relata as dificuldades encontradas em 1938 para publicar *O processo civilizador*.

No ano de 1938 foi oferecido a minha editora Haus zum Falken para publicação um trabalho científico de dois volumes. As probabilidades de comércio de um trabalho científico de quase 750 páginas sobre um tema sociológico pareciam escassas, e não se poderia contar na Alemanha com a distribuição de um livro de um autor judeu. Quando eu lancei os olhos em seu conteúdo, a publicação me pareceu tão necessária que eu decidi aceitá-lo.

Uma vez que uma comercialização do livro não era legal, e para que os prováveis interessados do mundo livre não pensassem que estariam ajudando os nazistas com a compra do livro (eles não poderiam saber que nenhuma divisa foi paga à Alemanha), eu solicitei à gráfica que suprimisse o timbre “Printed in Germany”, mas isso foi recusado. (...)

⁵⁶ “(...) er musste bei den Behörden eine Genehmigung einholen, damit er den Druck des zweiten Bandes von seinem Konto bezahlen konnte. Und als auch der zweite Band fertig war, gelang es mir, einen Verleger in der Schweiz zu finden, der bereit war, das Buch herauszubringen, wenn er die Druckbögen geliefert bekäme. So musste mein armer Vater wieder zu den Nazi-behörden gehen und sie um eine Exportlizen für den Drucker bitten. Alles das hat er noch erreicht. Ohe die Hilfe meines Vaters hätte ich das Buch nicht veröffentlichen können. Ich denke oft, dass es nur um Haaresbreite gerettet wurde.” (Elias, 1996: 80)

Dessa forma, eu não queria enviar os livros, assim, eu me sentei e cobri com tinta nanquim o timbre de cada um dos exemplares, de forma que ficasse ilegível.⁵⁷

A obra foi publicada em 1938, mas não teve repercussão. O período não lhe era favorável, a Europa estava às portas da Segunda Guerra Mundial. O sociólogo holandês Joham Goudsblom (1979: 21) assim define a recepção da obra de Elias em finais da década de 1930.

O livro não poderia ser exportado nem para a Alemanha, nem para os países ocupados pela Alemanha. Na língua francesa – e nos países de língua inglesa não havia interesse em uma dissertação em dois volumes de um desconhecido autor alemão. Também, após a guerra, a divulgação do livro foi dificultada devido à limitação de divisas. Além disso, ocorreu que, na maioria dos países europeus, sociólogos e outros cientistas sociais da nova geração se empenharam mais em estabelecer a ligação com o recente desenvolvimento [sociológico] americano, do que em se esforçar com um volumoso e desconhecido tratado alemão de 1939.⁵⁸

Mesmo em épocas difíceis, algumas poucas resenhas ressaltaram a qualidade da obra de Elias. *O processo civilizador* trazia uma composição *sui generis* na qual psicologia, história, sociologia, política eram perspectivas que se complementavam e não se opunham. Porém, os críticos a viam sob uma perspectiva cindida, não integrada. Raymond Aron, por exemplo, ressalta a

⁵⁷ “Im Jahre 1938 wurde meinem eben gegründeten Verlag ‘Haus zum Falken’ die in Deutschland hergestellten Druckbögen einer zweibändigen Forschungsarbeit zur Veröffentlichung angeboten (...). Die Absatzaussichten einer Forschungsarbeit im Umfang von fast 750 Seiten über ein soziologisches Thema schienen sehr gering, und in Deutschland konnte überhaupt kaum mit einem Absatz des Buches eines jüdischen Autors gerechnet werden. Als ich aber Einblick in seinen Inhalt erhielt, erschien mir seine Veröffentlichung so wichtig, dass ich mich noch zu seiner Annahme entschloss. (...) Da mit einem Absatz des Buches in Deutschland nicht zu rechnen war und die Interessenten in der freien Welt nicht glauben sollten, dass sie mit dem Kauf des in Deutschland gedruckten Buches die Nazis unterstützen (sie konnten ja nicht wissen, dass dafür keinerlei Divisen nach Deutschland gezahlt waren), hatte ich die Druckerei ersucht, den sonst üblichen Vermerk ‘Printed in Germany’ fortzulassen, aber das wurde abgelehnt (...). So wollte ich sie nicht hinausschicken, und so setzte ich mich hin und schwärzte in jedem Explar, das ich fortschickte, diesen Vermerk mit chinesischer Tusche, sodass er unlesbar wurde.”

⁵⁸ “Das Buch konnte nicht nach Deutschland oder in von Deutschen besetzte Länder exportiert werden. In französisch – und englischsprechenden Ländern bestan kein Interesse an einer zweibaniger Abhandlung eines unbekanntes deutschen Auors. Auch nach dem Krieg wurde die Verbreitung des Buches durch Währungsbeschränkungen behindert. Hinzu kam, dass in den meisten europäischen Ländern Soziologen und andere Sozialwissenschaftler der jüngeren Generation eher damit beschäftigt waren, de Anschluss an de jüngere amerikanische Entwicklung zu bekommen, als sich mi dem umfangreichen und unbekanntes deutschen Beitrag von 1939 abzumühen.” (Goudsblom, op. cit. Gleichmann, 1979: 21)

qualidade da inovação ao se tratar sociologicamente a mudança na estrutura de personalidade.⁵⁹

Universidade de Paris,
Paris, 10 de julho de 1939.

Caro Senhor,

Com efeito, eu comprei um exemplar do seu livro para o centro de documentação social. Escrevi uma breve resenha que será publicada no próximo fascículo dos *Anais Sociológicos* e que encontrará em anexo. De resto, eu me proponho a analisar mais longamente a sua obra quando os dois tomos que o senhor anuncia forem publicados. Com efeito, sua obra me interessa muito e coloca problemas interessantes, tanto por seu conteúdo, como pelos seus métodos.

No momento, me é difícil apresentar as críticas pois os tomos seguintes, provavelmente, responderão a muitas das questões que eu gostaria de lhe colocar no momento. Eu me limitarei a uma única observação: talvez o senhor pudesse precisar mais a direção e o sentido da evolução que você descreve. Talvez não haja unicamente repressão e refinamento, talvez haja, em compensação, certas expressões que se tornam lícitas; mas isto é antes uma questão do que uma crítica; eu gostaria que o senhor descrevesse mais o estado psíquico do indivíduo civilizado.

Se por sua vez, o senhor tiver alguma crítica ou alguma sugestão a me comunicar a respeito da resenha, não hesite em o fazer e eu a levarei em conta, na medida do possível, antes ainda da impressão.

Esperando o prazer de vos encontrar em Paris ou em Londres, creia, caro senhor, com a certeza de meus melhores sentimentos.

Raymond Aron

Os tempos que se seguiram logo após a trabalhosa publicação de *O processo civilizador* não foram melhores. Há um grande período de tempo entre a primeira edição e a segunda edição de *O processo civilizador*. Foram praticamente 30 anos até que a obra e seu autor começassem a ter o reconhecimento do mundo acadêmico. As razões para esse fato são muitas, como já mencionadas por Goudsblom. O fato é que a guerra não permite que a vida retorne sua ordem normal. Mesmo finda, os acontecimentos deixam marcas por toda uma existência, e, em muitos casos, não se pode mais retomar o ponto de onde se parou. Elias

⁵⁹ Cópias do original da carta e da resenha de Aron no anexo número 03.

migrou em 1933 sem ter concluído formalmente sua habilitação. Em 1940 contava com 43 anos, e não tinha mais possibilidade de começar um novo projeto de habilitação. Em meio à falta de notícias reais sobre a situação de seus pais, e da própria escassez de notícias sobre o rumo da guerra, Elias soube do falecimento de seu pai, e aos poucos vai perdendo contato com a mãe, que é enviada em 1942 para Auschwitz.

Deflagrada a Segunda Guerra Mundial em 1939, os países europeus formam novamente alianças bélicas. No plano interno, grupos procuravam organizar resistência, tanto na Alemanha, quanto na França e Inglaterra. A guerra entre nações mobiliza o ideário da luta pela identidade nacional, sua grandeza deixa à mostra lacunas, verdadeiras provas de que essa tendência não é unânime e de que isso pode explicar o papel das resistências internas. Havia mais uma situação a se considerar, e de fato, pouco refletida: a situação de alemães e judeus alemães que residiam nos países rivais à Alemanha. Os alemães residentes na Grã-Bretanha são considerados estranhos e potencialmente perigosos, a despeito de muitos judeus lá procurarem refúgio.

Foram organizados na Inglaterra, a partir do início de 1940, alguns campos de refugiados, onde os cidadãos alemães e austríacos residentes na Inglaterra permaneciam detidos até que se comprovasse a sua lealdade ao país. A Isle of Mann, pequena ilha situada na costa irlandesa, comportava alguns campos de refugiados, com características muito semelhantes.⁶⁰ O maior desses campos era

⁶⁰ Segundo Brenson em sua pesquisa sobre a população de internos nos campos de refugiados na Inglaterra: “A maioria da população do Campo era do contingente de judeus refugiados (a maioria dos quais, na confusão daqueles tempos, tinha sido deploravelmente mal categorizada e seria libertada em breve). Havia, no entanto, vários outros grupos no campo. Um grupo significativo era o dos exilados políticos e intelectuais do Nacional Socialismo (que poderiam ou não ser judeus). Havia um grupo de religiosas luteranas do Hospital Alemão de Londres; garotas não-júdas da Alemanha e Áustria que haviam trabalhado na Grã-Bretanha como empregadas domésticas; esposas ou viúvas britânicas de cidadãos alemães; e checos e cidadãos de várias outras nacionalidades que haviam sido de alguma forma envolvidos nesse processo internacional”. (Brinson, 2006: 80).

The greater part of the camp population was made up of the Jewish refugee contingent (most of whom, in the confusion of the times, had been woefully miscategorised and who would fairly soon be released). There were, however, several other distinct groups in the camp, a significant one consisting of the political and intellectual exiles from National Socialism (who might or might not also be Jewish). There was a band of Lutheran Deaconesses from the German Hospital in London; non Jewish girls from Germany and Austria who

o Central Camp Douglas, onde Norbert Elias esteve internado por aproximadamente oito meses. Elias falou muito pouco sobre esse episódio. O que nos foi possível averiguar com base em entrevistas e em alguns poucos documentos é que esse período, que se seguiu logo após a publicação de *O processo civilizador*, foi fortemente marcado por preocupações e incertezas em relação ao futuro.

Embora a situação no campo de refugiados fosse muito diferente daquela nos campos de concentração sob o comando alemão, havia uma constante preocupação com a possibilidade de migração forçada para fora do Reino Unido. O clima de desconfiança das autoridades britânicas se materializou em ações concretas e de violação de direitos civis. Norbert Elias guardou consigo poucos documentos desse período, mas um é particularmente revelador, pois mostra a preocupação do autor com a situação de desrespeito de direitos que aconteciam em Camp Douglas.

29 de julho

De acordo com o Volume 362, nº. 88, o Subsecretário de Estado do Departamento de Assuntos Internos declarou no debate de 10 de julho de 1940:

“Eles (os internos) já chegaram lá (no Canadá) e as categorias enviadas são, prioritariamente, prisioneiros de guerra, marinheiros nazistas aprisionados, militares e civis aprisionados por razões de segurança, homens solteiros da categoria B, e particularmente aqueles que não se opuseram a ir.

Na medida do possível, portanto, enviamos ao Canadá **as classes mais perigosas** de detentos, completando seus números com homens solteiros com menos de 50 anos, preferencialmente aqueles que expressaram desejo de ir” (pág. 1245)

Deve-se dizer que os eventos ocorridos no Campo contrariam as declarações do Subsecretário de Estado: aproximadamente 1200 detentos deixaram o campo em três grupos. Com exceção de poucos, esses eram compostos de pessoas que nunca foram perguntadas sobre seu consentimento, e não foram de maneira alguma selecionadas pelo critério de “classes perigosas”. No primeiro grupo, que partiu em 3 de julho, todos os homens solteiros entre 20 e 30 anos de idade foram obrigados a partir, sem distinção. No segundo grupo, de 4 de julho, todos os solteiros de 16 a 20 e 30 a 40 anos de idade

had been working in Britain as maids; British-born wives or widows of Germans; and Czechs and various other nationals who had somehow become caught up in the internment process. (Brinson, 2006:80)

também foram obrigados a partir, sem distinção. Assim, nesses dois grupos, muitos detentos foram obrigados a partir mesmo havendo expressado enfaticamente seu desejo de permanecer. Filhos foram separados de seus pais, irmãos de irmãos, jovens foram mandados para outro continente sem consentimento ou até contra a vontade de seus pais (...).⁶¹

Evidentemente, essa é uma carta de denúncia, e não foi possível averiguar a quem estava endereçada. Porém, ela nos dá uma pequena luz sobre os acontecimentos daquele período. O fato de Elias não fazer muitas menções a esse período nos priva da formulação mais ousada de algumas hipóteses. Certamente, o olhar sociológico de Elias alcançou essas questões. Porém, havia uma preocupação latente, maior do que a possibilidade de deportação. A situação de seus já velhos pais em Breslau.

As correspondências eram escassas, e as informações, embora muitas vezes precisas, deixavam a margem todo o território dos acontecimentos periféricos. Sabemos que Elias repetidas vezes, quando falava em seus pais, mostrava visivelmente seu abatimento, um enorme peso por não ter conseguido ajudá-los, ou os convencido a tempo de permanecer em Londres. Seus pais acompanhavam dia após dia a partida de amigos e familiares para longe da

⁶¹ Cópia do original, no anexo número 04.

Douglas, Central Camp

July 29th

According to Volume 362 no. 88, the Under Secretary of State for the Home Department Stated in the Debate of the 10 th of July 1940:

“they (the internees) have all now arrived there (in Canada) and the categories sent have been, in priority, prisoners of War, Nazi seamen who have been interned and rank as civilian internees who have been interned for security purposes, single men in category B, and particularly those who took no objection to going.

So far as possible, therefore, we have sent to Canada the most dangerous classes of internees, and where we had to make up the number we have selected single men under the age of 50 and in preference those who expressed a wish to go” (Page 1245).

Contrary to this it must be stated that in this Camp the events cannot in any way be brought in accordance with the quote statement of the Under Secretary of State: there were about 1200 internees who left the camp in three transports. With the exception of a few these were composed of people who were never asked whether they consented and were not in the very least selected on the basis of ‘dangerous classes’. With the first transport on the 3th July all single men between the ages 20 to 30 were ordered to leave without any distinction. With the 2nd transport on July the 4th all single men between the ages of 16 to 20 and 30 to 40 were also ordered to leave without any distinction. Thus in both transports many internees were forced to go against their emphatically expressed wish to stay back. In this way sons were separated from their fathers, brothers from brothers, juveniles were shipped overseas without or even against the consent of their parents. (...).

Alemanha, e por fim se convenceram, que o melhor para eles era também partir, mas já não era mais possível.

A seguir transcrevemos uma série de troca de correspondências entre Elias e seus pais. Estas são constituídas basicamente de cartões que tanto na Inglaterra quanto na Alemanha a Cruz Vermelha intermediava a troca de notícias entre aqueles que estavam privados de liberdade. Primeiro Elias, que foi interno em um campo de refugiados por aproximadamente dez meses, depois, sua mãe Sophie, que esteve por pouco tempo em um “abrigo” antes de ser deportada para Auschwitz.

Em maio de 1940, os pais escrevem a Elias:

Amado filho, necessito para emigração de rápido e forte empenho seu junto a seus amigos, comitês de ajuda ou editora. Necessito urgente de uma resposta. De seus preocupados pais.⁶²

Sophie Sara Elias,

Breslau, 30, XI, 1940.

Meu tão, tão querido Norbert, desde aproximadamente um ano e meio nós não escrevemos mais a você, nem ouvimos mais nada sobre você. Esse endereço eu agradeço a uma boa conhecida e espero que você não demore muito a receber esta carta. Apesar de tudo, eu preciso te comunicar algo muito triste. O seu amado pai infelizmente faleceu no dia 22.11.1940. (...) Eu nunca imaginei que o amado e dedicado pai fosse me deixar sozinha. Você bem pode imaginar o quão só e desamparada eu me sinto, o quanto eu penso o dia inteiro apenas no meu bom Hermann, que viveu e trabalhou apenas para sua família e cujo único desejo era voltar a te ver.

(...)

Dr. B. está nos Estados Unidos, ele tem boas relações? Não seria também possível para você ir para lá? Talvez fosse possível que você pudesse me levar com você, ou talvez você conheça alguém que pudesse se interessar por mim? Eu sei exatamente como as coisas estão difíceis para você, especialmente na sua atual situação. (...) Querido Norbert, eu ficaria muito feliz se lhe fosse permitido responder a essa carta, para que eu saiba como você está. Eu te desejo tudo, tudo de bom e te saúdo com o coração. Sua mãe.⁶³

Em 1941, Elias escreve a mãe por intermédio da Cruz Vermelha:

Recebi a notícia, pai descansou em paz. Estou muito infeliz, estou em pensamento com você. Mantenha-se firme e saudável por mim. Amor e Beijos.⁶⁴

Em junho de 1941, a mãe responde a Elias.

Recebi a notícia, estou saudável, muito infeliz. Espero que você esteja bem e trabalhando. Pai está na Lohestrasse. Escreva logo, fique saudável. Lembranças e beijos. Mãe.⁶⁵

⁶² *Geliebter Sohn, benötige zur Auswanderung dringend sofortige entsprechende Bemühungen Deiner seitens bei Freunden, Hilfskomitees oder Karge . Deine umgehend diesbezüglich Nachricht notwendig. Herzlichen Grüss. Deine besorgen Eltern. Data: maio de 1940/Enviada: 3 Jun de 1940. Cópia do Original no anexo 05.*

⁶³ Cópia do original no anexo número 06

⁶⁴ *“Soeben Nachricht Vaters Stille Hinscheiden. Sehr Unglücklich Bin in Gedanken bei Dir. Halte Dich tapfer, gesund für mich. Liebe, Küsse. 1941.”* Cópia do original no anexo número 07

⁶⁵ *“Soeben Nachricht erhalten, bin gesund, sehr unglücklich, hoffentlich bist Du zufrieden und beschäftigt. Vater liegt Lohestrasse. Schreibe bald, Bleib gesund. Grüsse, Küsse. Mutter.”* Enviada: 5 jun. 1941. Cópia do original no anexo número 08.

Em junho de 1942, Elias escreve a mãe:

Muito feliz com as felicitações de aniversário, estou saudável, triste porque você está só. Onde estão as velhas amigas? Tio Georg? Você sabe como tudo é difícil. Penso sempre em você.⁶⁶

Em agosto de 1942, a mãe escreve a Elias.

Novamente feliz com as notícias de junho. Eu estou saudável, trabalho, penso todo dia em você. Familiares e velhas amigas foram embora, endereço desconhecido. Georg está em Berlin. Os Blums estão aí? Lembranças, beijos.

Mãe.⁶⁷

Elias perde o contato com a mãe, e vem a ter conhecimento alguns anos mais tarde de sua deportação, no provável ano de 1942, para Auschwitz. As cartas enviadas por Elias a seus pais se perderam. Mas Elias guardou um rascunho de uma carta escrita estranhamente em inglês. Talvez fosse uma tentativa de exprimir na língua e no país escolhido para viver o afeto, o agradecimento e própria afirmação na escolha da sociologia. Esse exercício mostra-se como a afirmação de várias escolhas: sociologia, Inglaterra, e tem o tom de despedida e agradecimento próprio de quem está distante.

Dr. Norbert Elias

7th Union Rd
6th - 1 - 41

Queridos pais,

Espero que estejam bem e tenham passado o aniversário de mamãe calmamente e sem preocupações. Espero também que a carta de parabéns por seu aniversário que enviei há um mês tenha chegado a tempo. Obviamente, é muito ruim estar tão longe assim, e não ter esperança de nos vermos num futuro próximo. Todo dia penso em vocês, se estão sofrendo muito com os recentes acontecimentos e nossa triste separação. Precisamos todos ter coragem e esperar pacientemente pelo melhor.

Eu já lhes disse em minhas últimas cartas para que não se preocupem comigo. Estou prosseguindo com meu trabalho em paz e calmamente como sempre, preparando um

⁶⁶ *“Hoch erfreut über Geburtstagswünsche bin gesund traurig dass Du allein bist. Wo sind alten freundinnen? Onkel Georg? Weiss wie Schwierig alles ist. Denke immer an Dich.”* Data 09.06.42/ Enviada: 24 jun. 42. Cópia do original no anexo número 09

⁶⁷ *“Wieder freudig über Juninachricht. Ich bin gesund, arbeite, denketäglich deiner. Verwandte, alte Freundinnen fort. Adresse Unbekannt. Georg in Berlin. Sind Blums dort? Grüsse Küsse. Mutter. 4/8/42. Cópia do original no anexo número 10.*

novo livro que espero escrever com Ginsberg, que é muito gentil comigo e, acredito, de sua maneira hesitante, gostar de mim. Tio Karl também está aqui. Ele não se dá muito bem com Ginsberg, e, no geral, não está muito feliz. Mas como eu dediquei a ele o segundo volume de meu livro *The Civilization Process*, ele também me trata muito gentilmente. Os dias, semanas e meses estão passando rápido demais. Trabalho na biblioteca de manhã e na maior parte da tarde. No almoço, vou para a casa dos Fuchs, onde estou morando. À noite, frequentemente sentamos juntos e revivemos lembranças antigas, pensando em todas as pessoas que conhecemos. Penso em vocês e como seria bom se estivessem aqui. Espero de coração que nós três possamos sentar juntos numa sala aconchegante com a neve caindo lá fora, como cai agora, e conversando sobre as dificuldades por que passamos. No geral, posso dizer que foi bom eu ter escolhido a sociologia e psicologia como minha profissão. Embora, é claro, não me faça um homem rico, consigo ganhar a vida, e é uma fonte constante de satisfação. Acredito ser uma profissão em alta, com um grande futuro, e sou muito, muito grato a vocês por terem tornado possível eu seguir este caminho, mais ainda sabendo que vocês queriam que eu me tornasse um médico. Preocupo-me muito com o fato de não poder devolver o dinheiro investido em mim – agora que devem estar precisando.

Há poucas pessoas de Breslau aqui. Para a maioria não é, claro, uma vida fácil, e fora o fato de estarmos separados, tendo a pensar que seria difícil também para vocês viverem aqui. Mas isso vai mudar quando eu tiver dinheiro suficiente para nós três. Preciso fazer algumas anotações para Ginsberg, por isso devo terminar por aqui. Queridos pais, espero que estejam bem e sua coragem e espírito continuem firmes. Querida mamãe, espero que você garanta que papai não sucumba a sentimentos de pessimismo e depressão. Precisamos estar bem, sejamos jovens ou idosos. Com amor, para sempre.⁶⁸

Os anos que se seguiram após a saída de Elias do campo de refugiados, a primavera de 1941, até o chamado para a vaga de docente em Leicester, em 1954, 13 anos, portanto, foram de adaptação a uma nova vida. A possibilidade de seguir carreira acadêmica era praticamente inviável. Elias não tinha o título da habilitação, que não pôde apresentar a tempo em Frankfurt, antes do fechamento do instituto. A obra *O processo civilizador*, publicada em 1939, foi escrita em alemão, e havia, portanto, uma barreira linguística a ser ultrapassada. Nos anos que se seguiram após a Segunda Guerra, havia poucas vagas para docentes em sociologia na Inglaterra, a disciplina ainda não estava consolidada como matéria

⁶⁸ Cópia do original no anexo número 11.

científica nas universidades do Reino Unido. Diante desse quadro, Elias procura lecionar sociologia e psicologia social em cursos extracurriculares, em alguns centros de formação e habilitação de adultos, em uma Inglaterra marcada pelos danos da guerra e dificuldades de reconstrução, como ressalta Goudsblom.⁶⁹

Um aspecto que apresentou dificuldades para Elias durante seus primeiros anos na Inglaterra foi o fato de a sociologia ainda não ter obtido reconhecimento como disciplina acadêmica, não tinha se estabelecido em nenhuma instituição acadêmica além da London School of Economics (...). Quando o *British Journal of Sociology* apareceu em 1950, Elias enviou um trabalho sobre o início da profissão naval na Inglaterra. Aqui, ele novamente abordou um problema sociogenético, sustentando que a profissão de oficial naval havia emergido lentamente de uma fusão não-planejada de dois grupos previamente não ligados, e com posições sociais e status muito diferentes: Oficiais militares e marinheiros de origem humilde. (Goudsblom, 1977: 48)⁷⁰

A Inglaterra, após a Segunda Guerra, assim como boa parte dos países europeus, começava a se reconstruir e lidar com o surgimento de uma nova configuração geopolítica. O mundo divide-se em dois blocos que representaram modelos econômicos e ideologias antagônicas. De um lado, estavam os Estados Unidos e os países em reconstrução apoiados financeiramente por eles, principalmente França, Inglaterra e Alemanha Ocidental; do outro lado, estavam a União Soviética e os países do Leste Europeu sob sua influência, incluindo-se aí a parte oriental da Alemanha, que permaneceu um país dividido até 1989.

Os países europeus, além da reconstrução, precisaram lidar com a franca exposição dos crimes de guerra e crimes contra a humanidade cometidos pela

⁶⁹ Em 1940, ele esteve temporariamente ligado a London School of Economics como assistente sênior de pesquisa. Ao término dessas atividades, trabalhou por mais de uma década como professor de cursos de extensão da University of London. Segundo seu próprio testemunho, este trabalho de educação de adultos não foi desprovido de alegria e sucesso, mas na Inglaterra um trabalho assim não possibilitava progresso na área acadêmica (Goudsblom, 1977: 47).

⁷⁰ “One of the things that presented Elias with difficulties during his first years in England was the fact that sociology had not yet received much recognition as an academic discipline, and was scarcely established in any university outside the London School of Economics (...). When the *British Journal of Sociology* began to appear in 1950, Elias submitted a paper on the genesis of the naval profession in England. Here again he took up a sociogenetic problem, arguing that the profession of naval officer had emerged slowly from the unplanned fusion of two previously unconnected groups of very different social rank and status: gentlemen officers who were military men and mariners who were common sailors of humble origin.” (Goudsblom, 1977: 48)

Alemanha. Os julgamentos de Nuremberg duraram três anos, e acreditou-se que assim os erros seriam expurgados. Neste contexto, Elias pôde aprofundar questões que já lhe eram muito caras, como a de desenvolver uma abordagem teórica consistente que propusesse uma mediação, ao contrário das antinomias vigentes, da relação entre indivíduo e sociedade. As aulas ministradas de forma muito didática procuram chamar a atenção dos alunos, pessoas que não tinham necessariamente vínculo acadêmico, mas pessoas que aprenderam, ou poderiam aprender, a olhar seu ambiente social sob uma perspectiva sociológica. Elias parecia primar pela mobilização de um conteúdo emocional para o aprendizado, para a perspectiva sociológica que ele desenvolvia naquela forma laboral, como podemos observar nesse excerto de uma aula de Elias:

Analisemos o caso de dois professores, ambos igualmente inteligentes e competentes em seus campos; um deles frio e ríspido, confiante, mas inacessível, mais interessado na matéria que em seus alunos, o outro solidário, caloroso, dotado de um entusiasmo genuíno por seu trabalho e com excelente contato pessoal com seus alunos. Nos dois casos, os alunos aprenderão com seus professores, mas o processo de aprendizado e os resultados atingidos não serão os mesmos. No primeiro caso, o aprendizado se dará mais por memorização. Com um professor assim, os alunos, na maioria dos casos, aprenderão os conceitos de cor, como um dever auto-imposto, talvez por temerem o professor ou por necessitarem saber a matéria para seu próximo exame. Mas raramente terão um interesse sólido e profundo na matéria. Como regra, no segundo caso, o aprendizado e o entendimento serão muito mais profundos, porque o professor influenciará os alunos em um nível intelectual e em seu senso de responsabilidade, mas também emocionalmente. Este professor terá muito mais chance de atingir o que está além da capacidade do primeiro: uma integração mais completa do conteúdo comunicado com a própria personalidade dos alunos. Será possível dizer qual efeito esta característica não-intelectual de um professor tem sobre os esforços dos alunos em aprender?⁷¹.

⁷¹ Trecho transcrito de aula preparada por Elias. O texto de aula integral encontra-se no arquivo de Norbert Elias em Marbach. A entrada para o documento é: (1)(MISC- E XXIV).

“The psychology of teaching and the teaching of Psychology”: Let us take the case of two teachers both of equal intelligence an equally competent in their own field, one rather cold and dry in his manner, self-possessed, not easily accessible personally and more interested in his subject than in his pupils, the other sympathetic, warm-hearted, endowed with a genuine enthusiasm for his work and in very good contact with his pupils personally. In both cases pupils will be able to learn something from their teacher, but both the process and the result of learning will be not quite the same. In the first case learning will be more akin to memorizing. With such a teacher pupils will, in most cases, learn what they have to learn by heart, more or less as a duty self-imposed or otherwise, perhaps because they are afraid of their teacher or because they need this subject for their next examination. But they will rarely acquire through him a stronger and deeper interest in his subject. In the second case their learning and understanding, as

Elias parecia saber a resposta a essa questão, cuja formulação remete a uma inevitável comparação: Karl Mannheim e Norbert Elias, como vimos as declarações de seus estudantes do tempo de Heidelberg e Frankfurt. A pergunta é formulada de forma a conduzir a consciência para a importância do papel das emoções no plano concreto, mais especificamente para relevância da afinidade simpática e seu conteúdo emocional. Assim, o educador Elias desloca mais uma vez a polaridade emoção versus razão para o campo da relação entre emoção e razão.

O campo da psicologia social parecia ser promissor no sentido de lançar luz sobre as áreas consideradas fora do âmbito da sociologia e da psicologia. Na verdade, a psicologia social ocupou-se da área de intersecção entre os conteúdos sociológicos e psicológicos, da relação entre indivíduo e sociedade. Novamente, em um texto de suas aulas, Elias deixa clara a distinção entre as várias disciplinas que têm em comum o ser humano, mas que escapam de uma relação interdisciplinar:

Vocês devem se lembrar da ocasião em que eu lhes disse que a psicologia social é uma das ciências dedicadas ao estudo do homem. Mencionei algumas disciplinas científicas que possuem o mesmo fim – história, economia, arqueologia, entre outras. Quero lembrá-los de algo que disse naquela ocasião, que dedicar-se a todas essas ciências, ao estudo do homem, difere não tanto em relação ao objeto, que é o homem em sociedade, quanto à maneira de enxergar esse objeto em comum, investigando, cada uma, um aspecto diferente desse objeto. Disse também que todos esses aspectos diferentes do homem parecem, no nosso entendimento, desconectados. O psicólogo estuda um aspecto do homem, o historiador outro, mas aparentemente o historiador não se vê muito uso nas investigações realizadas pelo psicólogo, e este último também não vê muito uso na pesquisa do primeiro. Eu poderia lhes dar muitos outros exemplos similares, mas pode-se dizer que, sendo seu objeto de estudo o mesmo, deve haver algo errado com o método do historiador ou do psicólogo (...). A psicologia social é uma das disciplinas

a rule, will go much deeper because this teacher appeals not merely to his pupil's intellect or their sense of duty, but also to their emotions (to use this convenient catchwork) this teacher is much more likely to achieve what is normally beyond the other, namely a fuller integration of the material communicated to them into their own personality. It is possible to say what effect these non-intellectual characteristic of a teacher have on his pupils effort to learn?

relativamente recentes que tenta fazer uma ponte entre essas várias disciplinas – a fim de integrar os aspectos que esses cientistas investigam hermeticamente.⁷²

Um aspecto de Elias que corrobora suas posições interdisciplinares, principalmente no tocante à cooperação entre sociologia e psicologia, foi sua participação, após o término da guerra, nas seções de análise de grupo de Siegfried Heinrich Foulkes, o fundador da escola de análise de grupo na Inglaterra. Elias (1996: 82) relata que: “Foulkes fundou uma escola de análise de grupo, isto é, a aplicação da psicanálise individual a grupos. Para isso, a colaboração de sociólogos mostrava-se muito significativa, eu fui esse sociólogo (...). Penso que exerci uma influência considerável para a teoria desse tipo de terapia de grupo”.⁷³ A contribuição do sociólogo Elias para Foulkes foi a concepção de que não se pode separar indivíduo e sociedade; embora constituam entidades diferentes, deve-se sempre considerar simultaneamente essas duas esferas.

Em 1954, Elias recebe dois convites para trabalhar como docente no departamento de sociologia em duas universidades: Leeds e Leicester. Elias decide por Leicester, onde o curso de sociologia era um dos mais recentes da Inglaterra. Lá ajudou a formar e consolidar o curso de sociologia. Para Elias era importante que os alunos tivessem um sólido conhecimento básico de sociologia; por esse motivo, ele dedica-se por dez anos para elaborar um curso de introdução

⁷² Trecho transcrito de um texto de aula, sem data., O título da aula é “Man in society”. O texto original encontra-se no arquivo de Norbert Elias em Marbach., número de entrada no arquivo é 167.

“Now you may remember the last time I said the social psychology is one of the sciences concerned with the study of man. I have mentioned a number of others scientific disciplines concerned with the study of man – history, economics, archaeology and so on, and I wish to bring back to your mind a statement which I made last time, when I said that being concerned with all these sciences, concerned with the study of man, differed not so much in their object, which is man in society, as in the way of approach to this common object, and in the aspect of this common object which they specifically investigate. I also made the point that these various aspects of man seem in our understanding to be disconnected. The psychologist studies one aspect of man, the historian another, but as it seems the historian cannot make much use of the investigations made by psychologists, nor can the psychologist make much use of the investigations of the historian. I could give you many other examples of this kind, but one can say that, as their object is really the same, there must be something wrong, either with the method of the historian or with that of the psychologist... Now social psychology is one of those relatively recent disciplines which tries to build a bridge between the various disciplines – to integrate the aspects which these scientists investigate in water-tight compartments”.

⁷³ *“Es gelang Fucks (Fulkes), eine Schule der Gruppenanalyse zu begründen, das heisst, die individuelle Psychoanalyse auf Gruppen zu übertragen. Bei einem solchen Vorhaben war eine enge Zusammenarbeit mit Soziologen von grösster Bedeutung, und ich war dieser Soziologe. (...) Ich glaube, das ich einen gewichtigen Einfluss auf die Theorie dieser Art von Gruppentherapie ausübt habe.”* (Elias, 1996: 82).

à sociologia.⁷⁴ Uma de suas maiores frustrações foi ver que esse curso foi sendo aos poucos abandonado.

Mas o período em Leicester foi produtivo, não só para Elias, como para muitos estudantes em formação. Toda a série de estudos sobre a sociologia do esporte – reunidas em 1987 no livro *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process* – foi desenvolvida a partir da década de 1960, em cooperação estreita com seu então aluno Eric Dunning, hoje reconhecidamente um especialista em sociologia do esporte através da abordagem figuracional. O estudo *Os estabelecidos e os outsiders*, produto de uma pesquisa entre Norbert Elias e seu então orientando John Scotson, foi realizado no final da década de 1950 e início da década de 1960.⁷⁵ Segundo Elias e Scotson:

A pesquisa começou, como muitas outras, porque moradores do lugar chamaram a atenção para o fato de que um desses bairros tinha um índice de delinquência sistematicamente mais elevado que o dos outros (...). Ao começarmos a investigar os fatos e buscar explicações, nosso interesse deslocou-se dos diferenciais de delinquência para as diferenças de caráter desses bairros e para as relações entre eles. No decorrer de uma exploração bastante minuciosa do microcosmo de Winston Parva, com seus três bairros distintos, passamos a conhecer bastante bem as localidades e alguns de seus membros. O fascínio exercido em nós por seus problemas foi aumentando sistematicamente – sobretudo à medida que percebemos, pouco a pouco, que alguns deles tinham um caráter paradigmático: lançavam luz sobre problemas comumente encontrados, em escala muito maior, na sociedade como um todo. (Elias, Scotson: 15)

Essa pequena introdução ao tema do livro mostra de forma muito clara a perspectiva do autor: a de buscar as relações erigidas nas figurações sociais e explicá-las em seu processo de desenvolvimento. Assim, as diferenças entre os três bairros são explicadas em termos de relações; o foco afasta-se de um e de outro bairro para captar de forma ampliada a interdependência entre eles. Apesar da abordagem inovadora, como lembra Gousdbloom (50: 1977), o livro foi ignorado e caiu no esquecimento: “O livro foi virtualmente ignorado. Não recebeu menção

⁷⁴ Um dos programas do curso mencionado por Elias encontra-se no anexo número 12.

⁷⁵ O estudo *Os estabelecidos e os outsiders* foi publicado em 1965, após o retorno de Elias do período de Gana e sua aposentadoria.

em nenhuma das duas publicações especializadas, *The British Journal of Sociology* e no *The Sociological Review*; também não obteve resenha na *Sociology*, que foi primeiramente publicado em 1967. Não surpreendentemente, vendeu muito mal, tornando-se após alguns anos impossível de se obter”.⁷⁶

Entre 1935 e 1962, Elias pôde se familiarizar com a cultura inglesa, estava relativamente inserido do campo acadêmico, embora em uma posição ainda *outsider*, como ele mesmo afirmou. “Eu era um *outsider*, essa situação apenas mudou, depois que eu deixei a Inglaterra” (Elias, 1996: 86).⁷⁷ O curso de sociologia já estava sedimentado, e Elias aos 65 anos caminhava para a aposentadoria. Nessa ocasião surgiu a oportunidade de lecionar sociologia em Gana, na África. Elias tinha uma grande curiosidade, e a oportunidade lhe pareceu promissora para aprofundar suas abordagens sobre o processo civilizador. Com essa experiência sua perspectiva poderia ganhar novos contornos, material de sustentação das argumentações, ou de revisão.

Elias anuncia a seu amigo, Tom Bottomore, a sua decisão de lecionar sociologia em Gana. O próprio Tom Bottomore havia chegado de um período de pesquisa na Índia.

Caro Tom,

Você já deve ter ouvido que me foi oferecida e eu aceitei a Cadeira de Sociologia em Gana, mas sinto que devo escrever-lhe pessoalmente a respeito. Quando lhe escrevi em setembro, ponderando se deveria ou não me candidatar ao cargo, talvez nenhum de nós dois tenha pensado seriamente que isso poderia se concretizar. Agora que isto é um fato, estou feliz. Como você deve perceber, meus amigos e pessoas de meu convívio estão divididos a esse respeito. A maioria parece achar a decisão não muito sábia, mas, como você sabe, não baseio minhas decisões nisso. Há o problema do clima, é claro - mas em geral gosto de países quentes e do mar. (...).⁷⁸

⁷⁶ “The book was virtually ignored, however. It received no notice in either of the two professional journals, the *British Journal of Sociology* and the *Sociological Review*; nor was it reviewed in *Sociology*, which was first published in 1967. Not surprisingly, it sold rather badly, and after a few years it became unobtainable”.

⁷⁷ “Ich war ein Aussenseiter, und das änderte sich erst, nachdem ich England verlassen hatte” (Elias, 1996: 86).

⁷⁸ “My dear Tom,

You have probably heard in the meantime that I have been offered and that I have accepted the Chair in Sociology in Ghana, but I feel I must send you a personal line about it. When I wrote to you in September whether I should apply, perhaps neither of us thought quite seriously that it would come of. Now that it has, I

am rather happy about. As you may realise, my friends and acquaintances are rather divided in this matter. The majority seem to think that I am rather unwise, but as you know I am not very dependent on that. There is the problem of the climatic conditions, of course -I shall have to see – by and large I like warm countries and the sea. (...)”. Cópia do original no anexo número 13.

O espírito curioso de Elias poderia novamente encontrar material para suas pesquisas sociológicas, utilizando os acontecimentos cotidianos, estruturadores de uma forma de vida totalmente diferente daquela ocidental inglesa. “Eu sabia que poderia ver em Gana rituais mágicos, que poderia ver sacrifício de animais, *in vivo*, e efetivamente vivi lá situações que deixaram de ter expressão nas sociedades mais desenvolvidas. Certamente, isso tinha a ver com minha teoria dos processos civilizadores: as emoções eram mais fortes e imediatas” (Elias, 1986: 88).⁷⁹

A experiência em Gana o ajuda a conferir mais consistência às suas próprias teorias. A comparação inevitável não se fez de forma a hierarquizar situações culturais distintas, mas serviu como um pequeno laboratório contemporâneo. Em 6 de fevereiro de 1963, Elias escreve a Tom Bottomore.⁸⁰

Caro Tom,

(...)

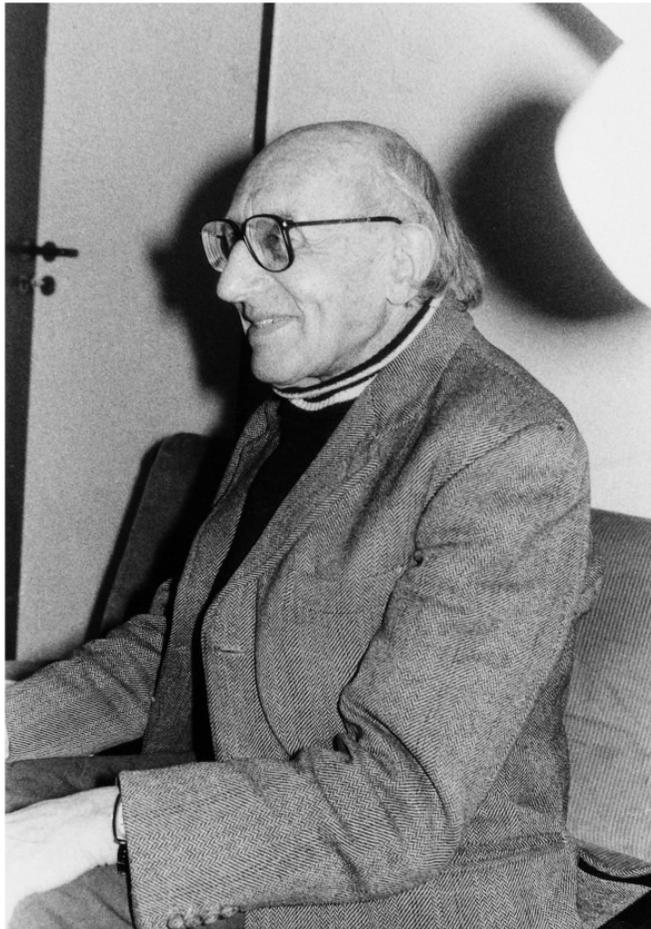
O fascínio que este país exerce sobre mim, após 4 meses, não diminuiu de maneira alguma. Estou aprendendo mais que nunca, ou em outras palavras, estou agora me conscientizando de minha ignorância sociológica. Há tantas coisas e que apenas mal comecei a entender. Espero que você possa ver em breve o produto da pesquisa que comecei. Fiquei muito feliz com a publicação de seu livro-texto. Mande-me uma cópia, por favor, se possível. Pode ser útil para lecionar aqui. Não sei se o responsável já lhe mandou algumas de nossas provas. (...)

Ao retornar de Gana, em 1964, Elias começa, paulatinamente, a publicar alguns livros e artigos, como *Os estabelecidos e os outsiders*, com Scotson, em 1965, e *Dynamics of Sport Groups with Special Reference to Football*, com Eric Dunning, em 1966. A amizade entre Elias e o sociólogo holandês Johan Goudsblom, iniciada na década de 1950, se fortalece. Goudsblom foi o

⁷⁹ “Ich wusste, dass ich in Ghana magische Handlungen würde sehen können, dass Tieroper würde sehen können, *in vivo*, und tatsächlich habe ich dort vieles erlebt, wovon die Erfahrung in entwickelteren Gesellschaften farblos geworden ist. Es hatte natürlich mit meiner Theorie von Zivilisationsprozess zu tun: die Emotion waren stärker und unmittelbarer.” (Elias, 1996: 88)

⁸⁰ Cópia do original no anexo número 14.

responsável pela recepção do pensamento de Norbert Elias na Holanda. Vagarosamente, Elias começa a ser reconhecido.



1.4. Apenas um elo na cadeia de gerações

O ano de 1968 é conhecido como um ano de conturbados eventos sociais e políticos: os estudantes franceses se rebelaram em maio, pedindo a retirada do general Charles de Gaulle; nos Estados Unidos os movimentos eram contra a Guerra do Vietnã iniciada em 1959. A Checoslováquia vivia um processo de redemocratização em abril – a Primavera de Praga - que é violentamente desmantelado pela invasão do país pelos comunistas do pacto de Varsóvia, em agosto de 1968. A Alemanha vivia igualmente um período de agitação política. Esses acontecimentos não se devem apenas às consequências não previsíveis da política da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética. Eles se relacionam diretamente com um choque geracional. Os jovens de 68 viveram sob o signo de um conflito ideológico, com os vestígios emocionais da Segunda Guerra ainda não totalmente compreendidos.

A primeira hora do terrorismo na Alemanha deu-se também em 1968 com a formação da guerrilha estudantil. A revolta estudantil no final da década de 60 provocou uma reviravolta na Alemanha. Os protestos eram contra a passividade, o conservadorismo, a falta de mudanças, a injustiça no Terceiro Mundo. Em junho de 1968, o nome “Fração do Exército Vermelho” (RAF) apareceu oficialmente pela primeira vez. A opinião pública alemã também denominou os ativistas como “Grupo Baader-Meinhof”. Era o começo do terror na Alemanha, que só acabou com a dissolução oficial da RAF, no final da década de 90.

Elias fala de um tipo de coerção sobre o qual pouco se discutiu, ou que não se teve sequer consciência, fala não apenas das contradições de natureza econômica, mas “(...) (d)a busca de significado, (d)a busca de um propósito que favoreça a plena realização pessoal e possa ser vivenciado como significativo” (Elias, 1997c: 215). Segundo o autor, o movimento de jovens estudantes que enveredaram pela linha terrorista tinha como força impulsionadora um sentimento de uma existência desprovida de sentido. Era, portanto, necessário destruir a sociedade que lhes impingia essa falta de significado existencial. “Destrua o que está destruindo você!”. Expressa um sentimento que se tornou um *leitmotif* para

muitos terroristas: o sentimento de que esta sociedade ameaça destruí-los como pessoas por meio de uma existência absurda, desprovida de sentido, a que estão condenados” (Elias, 1997c: 216).

Mudanças na sociedade humana, como os movimentos de 1968, compõem um quadro básico de referência. Esse movimento expressa, antes, uma forma aguda e intensificada de um conflito que esteve sempre presente, o conflito geracional abrangente, que é social e não apenas individual. Para Elias os conflitos geracionais são correspondem a problemas estruturais do corpo social, pois dizem respeito às chances de poder e ao significado da vida que cada geração experiencia como valoroso.

Em meio à emergência desses conflitos, *O processo civilizador* é reeditado. Segundo Goudsblom (1979), para Elias a falta de êxito no reconhecimento da primeira edição em 1939 não se deveu apenas às condições desfavoráveis da época em que foi produzido. Há um fator de maior relevância para isso: o forte enraizamento de formas tradicionais de abordagem científica e cosmovisão relacionados à maneira e à forma de se pensar a sociedade e o indivíduo. Essas formas tradicionais remetem à imagem preponderante de um sujeito isolado, enclausurado em si mesmo, ao qual Elias chamou de *homo clausus*. Pois essa imagem de um sujeito autônomo, perfeitamente independente da sociedade é confrontada pela obra inovadora de Norbert Elias.

Elias formula uma nova introdução para a segunda edição de *O processo civilizador*, na qual expõe que sua obra, tanto no aspecto teórico quanto no aspecto empírico “(...) efetivamente se opõe às tendências dominantes da sociologia contemporânea” (Elias, 1997b: 25).⁸¹ Este seria o motivo principal de a obra não ter encontrado ressonância no mundo acadêmico. As razões pela segunda edição do longo trabalho de Elias podem ser derivadas da mesma explicação pela qual não encontrou acolhida. Os problemas levantados há mais de trinta anos apenas começaram a se distinguir a partir da década de 1960 em diante. “(...) constato que, uma geração depois, esse estudo ainda conserva o

⁸¹ “(...) her in recht entschiedenen Gegensatz zu weit verbreiteten Tendenzen der zeitgnössichen Soziologie sthet” (Elias, 1997b: 25).

caráter pioneiro em um uma área de problemas cuja pesquisa combinada simultaneamente no plano teórico e no plano empírico, que aqui se coloca, não encontra hoje menos necessidade do que há trinta anos” (Elias, 1997b: 16).⁸²

Apesar da sua reedição e dos trabalhos publicados nos anos subsequentes, Elias, inúmeras vezes, necessitou explicar o corpo teórico e empírico que desenvolveu e que chamou a partir da década de 1970 de Teoria figuracional ou de Teoria da figuração. Em especial, Elias justificava sua compreensão do conceito de civilização, que normalmente vem associado à ideologia neo-colonial europeia. Em 1988, em resposta ao antropólogo Hans Peter Duerr, Elias explica que, ao decidir, na década de 1930, escrever um livro sobre os sentimentos e comportamentos humanos apenas lentamente os problemas principais de tal empreitada se tornaram claros.⁸³

O objetivo do trabalho era, segundo Elias, deixar claro que uma mudança social de longo prazo nos sentimentos e comportamentos, que se concretiza por meio do entrelaçamento e do entrecruzar de intenções de vários indivíduos, não pode ser explicada como resultado de planos e objetivos de indivíduos isolados ou de grupos, mas sim como fato de natureza própria. Os conceitos disponíveis para explicar essas mudanças encerravam conteúdos ideológicos que poderiam transmitir a ideia oposta à intenção do autor. O conceito de civilização é um desses conceitos. Porém, Elias procurou livrá-lo da carga ideológica usando-o apenas em relação estrita com comprovações empíricas.

Corresponde a esta intenção, que dediquei essencialmente o primeiro capítulo do meu livro ao antigo e particular desenvolvimento ideológico de ambos os conceitos de *Kultur* e *Zivilisation*. Isso me permitiu apresentar nos capítulos seguintes e depois no capítulo final “Esboço para uma teoria da civilização”, e mais tarde também em outros livros, um

⁸² “(...) finde ich, dass diese Untersuchung nach einer Generation immer noch den Charakter einer Pionierarbeit in einem Problemfelde bewahrt hat, das der kombinierten Durchforschung auf empirischen und der theoretischen Ebene zugleich, wie sie hier vorliegt, heute kaum weniger bedarf als vor dreissig Jahren” (Elias, 1997b: 16).

⁸³ Duerr acusou Elias de desenvolver uma abordagem sociológica fundamentada em um conceito eurocêntrico; o conceito de civilização, que justificou e marcou uma conduta neo-colonialista. Ver: (Duerr, 1988).

conceito de civilização orientado para os fatos e livre de conteúdos ideológicos (Elias, 2006d: 335).⁸⁴

A partir de 1969, muitas pessoas começaram a reconhecer que a abordagem que Elias ajudava a lidar com questões paradigmáticas essenciais para a sociologia, como afirma Goudsblom:

Entre seus defensores estavam o cientista político Godfried Van Benthem Van den Bergh, o antropólogo Anton Blok, eu, um sociólogo, e com algumas reservas, o historiador Maarten Brands. Na época, tínhamos todos entre 33 e 38 anos de idade, e havíamos acabado de assumir ou estávamos prestes a assumir posições que nos habilitariam a exercer influência. Cada um de nós havia lido *Über den Prozess der Zivilisation* por recomendação pessoal de professores ou amigos. Agora estávamos dispostos a, e, em nossas várias posições acadêmicas, em condições de convidar Elias a vir para a Holanda como professor convidado e despertar o interesse dos alunos para o que tínhamos a dizer. Nossos contatos tornaram possível a tradução de alguns de seus trabalhos para o holandês e iniciar uma discussão nos círculos profissionais. (Goudsblom, 1977: 64)⁸⁵

O trabalho de habilitação de Elias também é publicado em 1969, mas sob outro título: *Die höfische Gesellschaft*.⁸⁶ Em 1970, Elias é convidado a redigir um pequeno livro sobre teoria sociológica, que vem a se chamar *Was ist Soziologie?*.⁸⁷ A década de 1970 é frutífera para Norbert Elias, que passa a ser cada vez mais reconhecido, e conhece muitos jovens estudantes, que nos anos seguintes se tornarão seus colaboradores e irão contribuir para a formação de uma área da sociologia chamada de sociologia figuracional. Um desses jovens é

⁸⁴ “Es entsprach dieser Absicht, dass sich das erste Kapitel meines Buches im wesentlichen der älteren, vornehmlich ideologischen Entwicklung der beiden Begriffe Kultur und Zivilisation widmete. Das erlaubte mir, im folgenden Kapitel und dann im abschließenden Entwurf zu einer Theorie der Zivilisation, später auch in anderen Büchern einen sachorientierten, ideologisch, bereinigten Begriff der Zivilisation vorzustellen” (Elias, 2006d: 335)

⁸⁵ “Among the advocates were the political scientist Godfried Van Benthem Van den Bergh, the anthropologist Anton Blok, myself, a sociologist, and, with some more reservations, the historian Maarten Brands. At the time we were all between 33 and 38 years old, and we had either just assumed or were about to assume positions which enable us to exert some influences. Each of us had read *Über den Prozess der Zivilisation* on the personal recommendation of teachers or friends. Now we were not only willing but also, in our various academic capacities, able to invite Elias to come to Holland as a guest professor and to arouse the students’ interest in what we had to say. Our connections also enabled us to arrange the translation of some of his work into Dutch and to begin a discussion in professional circles.” (Goudsblom, 1977: 64).

⁸⁶ Em português, *A sociedade de corte*.

⁸⁷ Em português, *Introdução à sociologia*.

Stephen Mennell, que ajudou a divulgar a abordagem figuracional nos países de língua inglesa.⁸⁸

Curiosamente, após se aposentar, ao retornar de Gana, a carreira de Elias começa a tomar o rumo que ele almejava mais de 30 anos antes. Após a reedição de *O processo civilizador* e de *A sociedade de corte*, Elias é professor convidado em várias universidades na Alemanha e na Holanda. De fato, Elias nunca retomou residência definitiva na Alemanha; segundo ele, as situações foram acontecendo sem que ele tivesse muito controle sobre elas: “Não posso dizer com certeza que voltei à Alemanha, pois foi um processo gradual. Eu fui professor visitante em Münster, logo após, eu voltei para a Inglaterra; depois, eu fui professor visitante por um ano em Konstanz, e então, voltei mais uma vez para a Inglaterra, e isso foi se tornando permanente com o tempo. Eu penso que não posso dizer o dia determinado em que decidi retornar à Alemanha como se fosse o resultado de uma decisão determinada. Isso foi acontecendo. Sempre foi assim em minha vida” (Elias, 1996: 94).⁸⁹

Dessa forma, nos anos que se seguiram a 1969, Elias trabalhava mais, publicava artigos e livros, alguns dos quais foram frutos de projetos não levados a cabo nas décadas de 1950 e 1960, como é o caso de *Sobre o tempo e Envolvimento e alienação*. O autor foi paulatinamente seu bom nome. Em uma carta à sua prima Lili, em Tel Aviv, em 27 de junho de 1972, amiga de infância com quem compartilhava lembranças, Elias fala de sua proeminente carreira:⁹⁰

⁸⁸ Stephen Mennell. Professor emérito da University College Dublin. Faz parte do conselho da Norbert Elias Foundation em Amsterdam. É o responsável pela publicação das obras de Norbert Elias.

⁸⁹ “*Ich kann nicht wirklich sagen, das sich nach Deutschland ‘zurückgekehrt’ bin, denn es war ein sehr allmählich Process. Ich hatte eine Gastprofessur in Münster, und danach gingi ich zurück nach England; dann hatte ich eine Gastprofessur für ein Jahr in Konstanz und ging ebenfalls wieder zurück, und so wurde ganz langsam etwas Permantens daraus Ich meine, ich kann nicht einen Tag angeben, an dem ich nach Deutschland zurückgekehrt bin, als Resultat eines bestimmten Beschlusses. Ich bin hineingeglitten. So war es immer in meinem Leben.*” (Elias, 1996: 94).

⁹⁰ Cópia do original no anexo número 15.

Minha querida Lili,

(...)

Eu posso, no momento, colocar de pé minha atividade com todo vigor. Estranhamente, eu tenho mais a fazer agora do que antes. Isso se deve em grande parte ao fato de que o tipo de sociologia que pratico, que me parece mais adequada, apenas agora começa lentamente a se estabelecer. Meus livros estão sendo traduzidos em vários idiomas, meu livro *O processo civilizador*, cuja primeira edição ocorreu em 1939, e a segunda em 1969, será agora simultaneamente traduzido para o inglês, francês e holandês. Um pequeno livro, que foi publicado em alemão em 1970, está esgotado na Holanda, cuja edição foi de mais de 10 mil exemplares. Estão iniciando agora a segunda tiragem com mais 10 mil exemplares. A edição inglesa está sendo preparada. Eu poderia falar mais sobre essas coisas. Naturalmente, eu devo acompanhar tudo isso de perto, corrigir, me corresponder com pessoas, sem falar nos novos trabalhos aos quais me dedico. Eu achei que você ficaria contente em saber do sucesso do seu velho primo. Eu penso constantemente como minha mãe e, especialmente, também meu pai, ficariam contentes se eles pudessem também vivenciar isso.

(...)

Lembranças do seu velho primo.

Porém foi ainda em 1973 que Elias vivenciou a resolução de uma situação que remontava a muito no passado. Quando houve a ocupação das universidades em 1933, decorrente da medida de governo da proibição de judeus ocuparem cargos públicos, a carreira de vários jovens universitários foi interrompida, como a de Norbert Elias. Ele estava prestes a conseguir sua habilitação e ter condições de pleitear um posto em outras universidades, porém os acontecimentos daquele período foram mais impositivos. Além do prejuízo moral, afetivo - vale lembrar que sua mãe foi assassinada em Auschwitz -, havia o prejuízo financeiro, o que aconteceu com o espólio de seus pais, de sua abastada família. A partir da década de 1950, o governo alemão decidiu indenizar as famílias que sofreram perdas decorrentes da guerra e das ações políticas do governo Nacional Socialista.

As dificuldades encontradas pelos sobreviventes eram muito grandes, não havia como provar o que se havia possuído, quantos familiares foram

assassinados, ou que essas pessoas não teriam condições de viver na Alemanha nazista se o quisessem. Elias entrou com uma ação desde 1956 para conseguir reparação pelos danos causados pela guerra. As ações não tiveram ganho de causa nos primeiros anos, pois Elias não tinha como provar tudo o que dizia. Sua situação não era diferente daquela vivida por tantas pessoas que tiveram suas vidas devastadas. Porém, Elias continuou insistindo, até que em 1973 recebeu ganho de causa. Aos 76 anos, Elias tinha uma vida financeira confortável, começa a ter reconhecimento acadêmico, mas faltava o reconhecimento de seu título de “professor”, o que ocorreu com o ganho de sua causa, como mostra o documento abaixo transcrito:⁹¹

1. (...)
2. Para o cálculo dos vencimentos supõe-se que o requerente teria sido habilitado no dia 31.03.1933 e teria sido convidado para ocupar uma cadeira ordinária para o dia 1.4.1939. Além disso, supõe-se que ele teria sido exonerado no dia 31.3.1951, de seu cargo do grupo salarial H 1b da ordem salarial do Reich.
3. O requerente é autorizado a usar o título de Professor.

À medida que seus trabalhos foram sendo publicados, aumentava a resistência de Elias em deixar que novos trabalhos fossem editados e deixassem os desordenados arquivos do autor. É fato que Elias dificultou ao máximo muitas de suas produções de maior envergadura, algumas demoraram anos para sair dos ilegíveis rascunhos e ganhar as prateleiras. Assim como é fato também que procurou impedir que colaboradores próximos, como Stephen Mennell, realizassem um trabalho acadêmico sobre a abordagem eliaseana. Mas o que fazia com que Elias não deixasse assim tão facilmente que seus trabalhos fossem publicados? Segundo Mennell, Elias era, para ele mesmo, seu pior inimigo. A dificuldade em colocar no mundo suas obras assemelha-se a mesma dificuldade de deixar que os filhos partam. De fato, Elias guardou “seus filhos” por longos anos, e havia chegado o momento de deixá-los ir, mas não antes sem alguma resistência

⁹¹ O processo para a reparação de danos de Guerra foi longo, durou de 1956 a 1973. A cópia integral do processo encontra-se no arquivo de Elias em Marbach e o número de chamada é 115, Título Wiedergutmachung.

e teste de paciência com seu editor e com os colaboradores mais próximos. Stephen Mennell produziu um dos melhores trabalhos sobre a abordagem de Norbert Elias, mas ele lembra, com certo desgosto, que Elias havia tentado impedir seu trabalho. A ele parecia estranho uma obra para explicar a abordagem de um autor vivo. Mennell começou o trabalho em 1985 e o terminou em 1989:

No início de 1987, quando eu já havia escrito esboços dos primeiros cinco capítulos do que viria a ser *Norbert Elias: civilização e a auto-imagem humana* (1989), Elias tentou impedir que eu completasse o livro. Ele o declarou um anátema, e fez sua agente, Ruth Liepman - para seu constrangimento - me telefonar e me enviar uma carta ríspida. Eu suponho que, se ele quisesse, poderia impedir o uso extenso de citações de seu trabalho. Criou-se uma situação desconfortável, e por algum tempo eu parei de trabalhar no livro. (Mennell, 2006: 85)⁹²

Michael Schröter, que foi o editor e promotor da publicação das obras de Elias na Alemanha, deixou claro em algumas ocasiões a dificuldade em trabalhar com Norbert Elias. “Sem dúvida, Elias não pertence ao grupo de autores à la Freud que podiam escrever, como Mozart podia compor, de uma tacada só. Ele fazia muito esforço para começar, desdobrar e polir suas ideias, o que se manifestava em uma grande série de versões. Ele não estava exagerando quando disse: “Frequentemente, eu preciso escrever a mesma coisa novamente oito vezes” (Schröter, 1990: 226).⁹³

Com o impulso colaborativo dado pelo editor, assistentes, alunos, professores que compreendiam a importância da abordagem figuracional, Elias, ainda relutante, deixa que uma grande gama de seus manuscritos não finalizados ganhassem forma e fossem publicados.

O autor contava com mais de 80 anos quando se ocupou do tema da morte. Provavelmente, foi a forma que encontrou para elaborar o fim de sua própria vida.

⁹² “Earlier in 1987, when I had already written drafts of the first Five chapters of what was to become *Norbert Elias: Civilization and the Human Self-image* (1989), *Elias tried to stop me completing it. He declared it anathema, and had his agent, Ruth Liepman – to her acute embarrassment – telephone me and write a stiff letter. I suppose, at a pinch, he could have prevented my extensive use of quotations from his work. It was an uncomfortable situation, and for a while I stopped working on the book.*” (Mennell, 2006: 85).

⁹³ “Zweifellos, *Elias gehörte nicht zu den Autoren à la Freud, die schreiben können, wie Mozart komponierte – in einem Zug, und es sitzt.* (Sachs, 1959: 88). *Ihm machte das Einfangen, das Entfalten und Polieren seiner Gedanken Mühe, was sich in einer langen Reihe von Textversionen niederschlug. Er übertrieb nicht, als er erklärte: ‘Oft muss ich dieselbe Sache achtmal neu schreiben’*” (Schröter, 1990: 226).

No entanto, ele viveria ainda mais dez anos. Em *A solidão dos moribundos* de 1982, Elias se preocupou com a desnaturalização da morte, ao mostrar que percepção da morte também passa por um processo. A morte, segundo Elias, não é um problema dos mortos, mas dos vivos, dos seres humanos que têm consciência de sua finitude, mas têm dificuldades de encará-la como um processo natural, como parte do viver.

A morte na contemporaneidade é encarada como um problema que deve ser afastado da vida, como um processo separado. Os indivíduos são isolados e submetidos a procedimentos médicos que os despojam da vida. “Mas com frequência a despedida das pessoas já começa muito cedo. A doença já separa frequentemente o idoso dos vivos. Sua degeneração o isola. Seu contato prazeroso começa a diminuir, suas ligações afetivas começam a enfraquecer, sem que a necessidade de pessoas ao redor diminua” (Elias, 1982: 8).⁹⁴ A argumentação de todo o texto é sóbria, porém percebe-se uma preocupação melancólica com o próprio fim, de ser afastado do contato caro com as pessoas que lhe eram mais próximas.

Em *Sobre o tempo*, publicado em 1984, Elias acerta as contas com a teoria kantiana. Permite-se tomar um tema essencialmente do âmbito da filosofia e redimensioná-lo no mundo das relações de interdependência. O objetivo do livro é trazer uma abordagem do tempo como uma necessidade construída, ou desenvolvida socialmente, na interrelação entre indivíduos. O problema do tempo, como afirmou Elias, não é apenas da esfera dos físicos e dos metafísicos, é também dos cientistas sociais. “Os problemas que os homens procuram resolver, ao medirem a ‘duração’ do tempo remetem ao fato de que os grupos humanos estão situados no interior de um conjunto mais vasto do que o formado por eles: o universo natural. Em toda parte, onde se opera com o ‘tempo’, os homens são implicados juntamente com seu meio ambiente, ou seja, com processos físicos e sociais. Numa palavra, este livro formula a questão muito geral de saber com que

⁹⁴ “*Aber oft beginnt der Abschied Von Menschen viel früher. Schon Gebrechen sondern oft die Alternden Von den Lebenden. Ihre Verfall isoliert sie. Ihre Kontakt freudigkeit mag geringer, ihre Gefühlsvalenzen mögen schwächer werden, ohne dass das Bedürfniss nach Mensch erlischt*” (Elias, 1982: 8).

objetivo os homens necessitam determinar o tempo”. (Elias, 1988: 13). Se os indivíduos necessitam determinar o tempo, ele deixa de ser um dado *a priori* por excelência. Com um pequeno, porém denso livro, cujos manuscritos datam do final da década de 1960, Elias dá sequência aos trabalhos sobre a sociologia do conhecimento, que formarão um conjunto conciso de sua crítica à teoria do conhecimento.

Como podemos acompanhar, a vida de Elias durante a década de 1980 é igualmente ativa. Várias publicações, palestras e aulas ocupam expressamente seus dias. Norbert Elias vai firmando reputação não apenas na Alemanha, mas também na França. Encontrou em Pierre Bourdieu um bom colaborador e crítico. As ideias de Elias, sua forma de abordagem sociológica vai despertando igualmente novas visões sociológicas, como poderemos acompanhar no excerto de uma carta de Bourdieu a Elias em 23 de setembro de 1985:⁹⁵

Caro Norbert Elias,

À ocasião de sua vinda a Paris e da reedição de *A sociedade de corte*, nós gostaríamos de traduzir dois capítulos de seu belo livro com J. L. Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*, na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*.

Trata-se do capítulo 7, “Observações sobre a fofoca”, que é uma contribuição importante aos estudos de sócio-linguística concernentes às classes populares, e do capítulo 8, “Os jovens de Winston Parva” que propõe numerosas ferramentas para aprofundar a reflexão sociológica sobre os modos de produção da delinquência. Esses dois terrenos de estudos interessam a numerosos pesquisadores franceses e me parece que as duas traduções permitiriam, ao mesmo tempo, tornar conhecida aqui uma outra faceta de sua obra e enriquecer os procedimentos de análise sobre objetos que fascinam e que são, frequentemente, mal construídos.

Nós pretendemos fazer preceder as duas traduções sucessivas de uma breve apresentação dos elementos necessários à boa compreensão dos textos concernidos, que figuram nos capítulos precedentes do livro e que concernem, notadamente, à sócio-gênese da oposição entre duas comunidades e modos de socialização que nelas têm curso e as estratégias de distinção permanentes no seio de grupos sociais frequentemente percebidos como homogêneos.

⁹⁵ Cópia do original no anexo número 16.

Se esse projeto te agrada, nós gostaríamos de publicar a tradução do capítulo 7 rapidamente, pois o próximo número de *Actes de la Recherche* está centrado na sociologia das imagens populares.

Você poderia, amavelmente, pedir ao editor ao qual nós escrevemos autorização para a publicação desses dois textos (ao menor custo, evidentemente: como você pode imaginar, nossa revista não é rica).

Nós te ligaremos em dez dias para conhecer sua opinião sobre esse projeto. Eu te agradeço tudo que você puder fazer.

(saudação em inglês).

Pierre Bourdieu

Em 1987, Norbert Elias recebe o Prêmio Amalfi pelo livro *A sociedade dos indivíduos*.⁹⁶ O livro premiado, como quase todas as obras de Elias, também tem uma longa história, ou um longo processo se quisermos ser condizentes com o vocabulário utilizado por Elias. *A sociedade dos indivíduos* é composta por três ensaios produzidos em diferentes épocas, com um intervalo de tempo de quarenta e seis anos entre o primeiro e o último texto. A primeira parte, “A sociedade dos indivíduos”, foi redigida no final da década de 1939 e era destinada a uma palestra na Universidade de Upsala;⁹⁷ deveria compor a obra *O processo civilizador*, mas como lembra o próprio Elias: “O livro sobre a civilização, de qualquer modo, já estava bastante longo. Assim, tratei de concluí-lo, retirando dele as partes em que tentava estabelecer a relação entre sociedade e indivíduo” (Elias, 1994b: 8). A segunda parte é composta por uma série de textos escritos entre as décadas de 1940 e 1950. Algumas passagens desse texto apresentam uma reformulação de trechos do primeiro texto. A terceira parte “Mudanças na balança nós-eu” foi elaborada em 1987 por Norbert Elias para a edição do livro.

Essa descrição resumida da estrutura do livro, no entanto, pode dar a entender que não existe uma relação intrínseca e dinâmica entre suas partes.

⁹⁶ O Prêmio Amalfi foi instituído em 1987 pela Associação Italiana de Sociologia, e é atribuído a um pesquisador europeu que tenha contribuído nas áreas de sociologia ou ciências sociais.

⁹⁷ O texto da palestra teria como destino uma publicação, mas nunca ocorreu. Ficou por anos perdido, quando foi resgatado em 1983 por Nils Runeby, da Universidade de Estocolmo, que o elaborou e fez uma nota introdutória, e o publicou na revista *Idehistorika Uppsatser* n. 5

Elias lamentou o fato de que a obra poderia não ser compreendida em sua totalidade, se fosse descrita de forma tão orgânica: “Há pouco tempo, alguém escreveu uma crítica sobre *A sociedade dos indivíduos*, na qual, sobretudo, ele diz: neste volume há um texto dos anos trinta, um texto dos anos cinquenta e um texto dos anos oitenta. Isso quer dizer que ele viu apenas textos de diferentes épocas. Ele não enxergou de modo algum o processo que conecta esses textos uns aos outros” (Elias, 2006e: 371).⁹⁸

Mais do que a reunião de textos de períodos distintos, *A sociedade dos indivíduos* encerra a complexidade da abordagem eliaseana. Vemos que o conjunto dos textos não se deixa separar e que, a modo de Elias, sua produção final mostra a tecitura da abordagem, a relação entre indivíduo e sociedade: “Esse tema me fascinava. Sua importância para os fundamentos da sociologia como ciência foi ficando cada vez mais clara para mim” (Elias, 1994b: 8). A relação entre indivíduo e sociedade, como sustenta Elias, assume formas diferenciadas ao longo da história; assim, a segunda e a terceira parte do livro são voltadas para a análise dessas alterações nas percepções. “A mudança em minha abordagem do problema da relação entre indivíduo e sociedade, que se deu ao longo de uns bons cinquenta anos, sem dúvida reflete modificações específicas ocorridas nos indivíduos e sociedades nesse mesmo período” (Elias, 1994b: 9).

O conjunto de textos que confere conteúdo e forma à obra, embora remetam a uma data específica, o final da década de 1939, se retrocedermos para 1922, veremos que a tese de doutorado de Elias, “*Idee und Individuum. Ein Beitrag zur Philosophie der Geschichte*”,⁹⁹ traz já as preocupações do futuro sociólogo, ainda que em densa linguagem filosófica, com a interdependência recíproca entre os indivíduos em sociedade.

Seguindo os mesmos trilhos da publicação de *A sociedade dos indivíduos*, em 1987 é lançado *Engagement und Distanzierung*, cujo foco é a problematização

⁹⁸ “*Vor kurzem hat jemand eine Kritik der Gesellschaft der Individuen geschrieben in der er im Grunde Sagt: In diesem Band ist ein Aufsatz aus den dreissiger Jarhen, ein Aufsatz aus den fünfziger Jahren und ein Aufsatz aus den achtziger Jahren. Das heisst, er sieht nur Aufsätze aus verschiedenen Zeitaltern. Er sieht nicht, durchaus nicht, den Prozess, der diese Aufsätze miteinander verbindet*” (Elias, 2006e: 371).

⁹⁹ “*Ideia e indivíduo: uma contribuição para a filosofia da história*”.

da natureza do saber sociológico, do conhecimento das sociedades humanas. Para sua composição, o editor Michael Schröter trabalhou conjuntamente com Elias três textos elaborados em períodos diferentes. “O que se mostrou na preparação da tradução é que o autor estava cada vez mais interessado, novamente, na ampliação do desdobramento de suas ideias do que em uma transmissão pragmática dos artigos existentes. Essa inclinação chegou ao ponto do insuportável, que interrompeu o trabalho conjunto de tradução. Para que se chegasse à finalização de um texto em alemão, o senhor Elias permitiu que eu traduzisse autonomamente o restante dos textos” (Schröter, 1997: 227).¹⁰⁰

Os 90 anos de Norbert Elias são comemorados festivamente em Amsterdam. Em seu discurso de agradecimento, o autor, naturalmente, discorre sobre sua trajetória, porém dá importância a um evento, aparentemente singelo, mas que, na verdade, simboliza o que foi para ele o significado de sua existência:

Naturalmente que se tem consciência que se envelhece. Mas se vive também ao mesmo tempo, dia após dia, em completa atividade. É preciso um certo tempo até que se perceba: “Você está agora 90 anos nesse mundo”. Pequenas experiências aprofundam então a surpresa. Em um período de férias, nas Ilhas Canárias, chegou-se até minha mesa uma senhora e perguntou um tanto agitada: O senhor é o Dr. Elias? Evidenciou-se que ela fora uma aluna minha da Leicester University nos anos de 58 e 59. Essa era uma memória que ela estimava, um professor cujas aulas ela tinha gostado, acima de tudo, alguém que a tinha fortemente aconselhado de seguir a atividade docente. O que ela fez. Estava nos olhos dela o conselho certo e ela nunca havia esquecido o homem que havia dado isso a ela. Isso era com uma óbvia excitação. Ela nunca mais havia ouvido nada a respeito desse professor, não sabia mais nada sobre o processo civilizador, vivia com seu marido em uma pequena vila perto de Leicester. Nós bebemos algo juntos após o jantar. Memórias dos anos de estudante são capazes de enfeitar a realidade. Ela era uma mulher muito agradável, mas é claro que eu não me lembrava dela. Nem ela, tampouco, lembrou de muita coisa mais. Eu espero que nosso rápido encontro casual não tenha impedido uma memória prazerosa. Para mim isso trouxe

¹⁰⁰ “Es zeigt sich bei der Herstellung der Übersetzung, dass dem Autor immer wieder mehr an der weiteren Entfaltung seiner Gedanken als an einer pragmatischen Übertragung des bestehenden Artikels gelegen war. Diese Neigung erwies sich an dem Punkt, an dem die gemeinsam erarbeitete Übersetzung abbricht, als übermächtig. Um gleichwohl zu einem abgeschlossenen deutschen Text zu gelangen, überliess Herr Elias es mir, den Rest des Aufsatzes selbständig zu übersetzen” (Schröter, 1997: 227).

substancialmente a passagem do tempo. Uma estudante formada por mim, agora três anos antes da sua aposentadoria.

Elias não escolheu lembrar um fato “marcante” da passagem do tempo. Há vários, mas ele escolheu um simples, porém que revela algo marcante: mais do que a formação de um arcabouço teórico, o que tocou Elias foi esse reconhecimento fortuito, de alguém simples, com uma vida igualmente simples. Pode influenciar positivamente a vida de alguém – trabalho minucioso, do qual nunca se tem a certeza de que foi valioso para alguém.¹⁰¹

O nonagenário Elias tinha uma saúde estável, continuava trabalhando, fazia suas caminhadas no Vondel Park, próximo a sua casa em Amsterdam, acompanhado na maior parte das vezes por Cas Wouters. O trabalho tornava-se mentalmente mais exaustivo; Elias, praticamente cego, precisava organizar mentalmente suas ideias e, depois, ditá-las ao seu assistente.

Elias trabalhava ao mesmo tempo em três projetos de grande envergadura: *Os alemães*, *Mozart* e *Teoria simbólica*. Estes dois últimos, por iniciativas dos editores, foram publicados postumamente. *Os alemães* parece ter sido um livro que causou grande preocupação em Elias, que temia, novamente, não ser compreendido.

Schröter se interessou por um escrito de Elias entre os anos de 1978/79, “Considerações sobre a República alemã”. Pareceu notável ao editor que um autor judeu expulso pelos alemães se propusesse a refletir sobre a questão-tabu do seu *habitus* nacional. Assim, a obra *Os alemães* tem como fio condutor o desenvolvimento social alemão - trata-se, mais precisamente, da biografia de uma sociedade-Estado. A partir dela é possível perceber que as experiências anteriores continuam fazendo parte de seu desenvolvimento. Elias fez o editor Michael Schröter se comprometer de que o livro não mancharia seu bom nome. Foi preciso, como lembra o editor, de um grande trabalho editorial para a realização do livro, que foi publicado justamente à época da queda do muro de Berlim. O temor de Elias, de o que livro pudesse manchar sua reputação, e o de

¹⁰¹ Este trecho é parte do discurso elaborado por Elias em agradecimento às festividades de seu aniversário de 90 anos. O Original encontra-se no arquivo de Norbert Elias em Marbach, número de chamada 105.

Schröter por ter se comprometido a elaborar o livro, não se concretizou, como relata o próprio editor:

Eu fiquei muito contente quando Katharina Rutschsky¹⁰² me disse, ainda na entrega da prova do livro, que ela havia escrito uma entusiasmada resenha, seria o terceiro melhor livro do mestre. Um ano mais tarde, em 12 de julho de 1990, Elias me telefonou e me disse que *Os estudos (Os alemães)* também seriam editados em inglês – com isso nós não contávamos necessariamente. Nós nos alegamos com esse sucesso do “nosso” livro, como Elias o chamou. Essa foi nossa última conversa. Eu acho que Elias sabia. (Schröter, 1997: 319).¹⁰³

A proposta do editor Michael Schröter a Elias para que se produzisse um livro sobre Mozart foi bem recebida pelo sociólogo, que trabalhou sazonalmente nesse projeto nos anos da década de 1980. Esses textos faziam parte de um projeto maior, cujo título seria: “O artista burguês na sociedade de corte” (*Der bürgerliche Künstler in der höfische Gesellschaft*), que deveria ser publicado pela editora Suhrkamp. O interesse de Elias por Mozart vai além da admiração de sua genialidade. Através da reconstrução do quadro da sociedade de corte francesa, Elias situa Mozart e seu drama: de ser um gênio em uma sociedade que não conhecia a categoria de gênio. A trama da corte francesa do século XVIII não permitia um artista autônomo, que não seguisse os cânones estabelecidos, que diziam respeito, sobretudo, ao lugar do artista na escala de valores sociais. Mozart se emancipou, tornou-se um artista livre, mas perdeu prestígio porque deixou de ser visto como parte daquela sociedade que ainda ditava, em grande parte, as normas e convenções sociais.

Ao traçar a biografia figuracional de Mozart, Elias deixa uma pista a mais para compor um quadro mais profundo sobre os sentidos e significados do viver, o que ele já havia feito mais diretamente em seu trabalho *A solidão dos moribundos*.

¹⁰² Katharina Rutschsky foi uma ensaísta e jornalista alemã.

¹⁰³ “Ich war sehr froh, als Katharina Rutschsky mir sagte, noch vor dem Eintreffen meiner Belegeexemplare, dass sie eine begeisterte Rezension geschrieben habe, es sei das dritte grosse Buch des Meisters. Ein Jahr später, am 12. Juli, 1990, rief mir Elias an und erzählte, dass die Studien auch auf Englisch herauskommen würden – vomit wir nicht unbedingt gerechnet hatten. Wir freuten uns über diesen Erfolg ‘unseres’ Buches, wie er es nannte. Das war unser leztes Gespräch. Ich stelle mir vor, dass Elias es wusste” (Schröter, 1997: 319).

Mozart tinha como o sentido de existência o reconhecimento do público e o amor de sua Constance. Ao perdê-los, abandona-se a si mesmo. Ele não percebeu que poderia ter um significado para as futuras gerações, que o legado doado às sociedades futuras poderia ser o sentido de sua vida. Elias não apenas redime Mozart de suas intempéries e dificuldades, mas concede a ele *a posteriori* um sentido e significado para sua existência.

Norbert Elias havia produzido vários manuscritos sobre Mozart e a sociedade de corte francesa, mas, como usual, não estavam organizados de forma que pudessem compor um livro. Elias ainda trabalhava no livro quando faleceu, e não pode vê-lo concluído. Schröter toma para si a responsabilidade editorial, e mantém o título escolhido por Elias: *Mozart: para a sociologia de um gênio*. “Elias faleceu em 1.º de agosto de 1990. Em uma mistura de superatividade e lamentação, que substitui a tristeza, eu publiquei após sua morte o livro sobre Mozart. Um dos livros que eu mais influenciei. O plano foi negociado com Elias, ele escolheu o título; no mais, o livro foi organizado por mim a partir de seus manuscritos” (Schröter, 1997: 323).¹⁰⁴

A *Teoria simbólica* não é apenas um livro inusual no campo da sociologia, ele encerra uma série de trabalhos de Elias sobre sociologia de conhecimento. O livro foi publicado postumamente, mesmo inacabado. O editor inglês Richard Kilminster trabalhou os manuscritos deixados por Elias de forma a respeitar a ordem que o próprio Elias havia deixado. “O processo de trabalho deve ter sido muito difícil para Elias, pois ele estava quase cego, e precisou organizar seu conteúdo de cabeça. Por isso, as várias repetições são compreensíveis (...)” (Kilminster: 228).¹⁰⁵

A singularidade do livro está em apresentar a relação entre o campo biológico e o social, a relação intrínseca entre natureza e sociedade. “A

¹⁰⁴ “Elias starb am 1. August 1990. In einer Mischung von Überaktivität und Lähmung, die das Trauern ersetzte, brachte ich nach seinem Tod das Mozar-Buch heraus. Einer der Bände, die ich stark geprägt habe. Der Plan war mit Elias abgesprochen, er steuerte den Titel bei, ansosten wurde das Buch von mir aus den Manuskript komponiert” (Schröter, 1997: 323).

¹⁰⁵ “Der Arbeitsprozess muss für Elias schwierig gewesen sein – da er fast blind war, musste das Ganze von ihm im Kopf zusammengehalten werden. So sind auch die verbleidenden Wiederholungen verständlich, die dem Leser auch dieser deutschsprachigen Fassung auffallen werden” (Kilminster: 228).

constituição natural dos seres humanos os prepara para aprender de outros, para viver com outros, para serem cuidados por outros e para cuidar de outros. É difícil imaginar como os cientistas sociais podem ganhar uma clara compreensão sobre o fato de que a natureza prepara os seres humanos para a vida em sociedade sem incluir em seu campo de visão aspectos do processo evolutivo e do desenvolvimento social da humanidade” (Elias, 1991: 145).¹⁰⁶

¹⁰⁶ “*The natural constitution of human beings prepares them for learning from others, for living with others, for being cared for by others and for caring for others. It is difficult to imagine how social scientists can gain a clear understanding of the fact that nature prepares human beings for life in society without including aspects of the evolutionary process and of the social development of humankind in their field of vision*” (Elias, 1991: 145).

A abordagem sociológica sobre a interdependência recíproca entre os seres humanos é a urdidura central de todas as obras de Elias. Mesmo nos primeiros escritos, quando essa imagem não estava totalmente formulada, percebemos o quão presente ela se faz. No último trabalho do autor, vemos, necessariamente, um arremate do ciclo. Que fique claro que Elias não desenvolveu a abordagem como estática, mas que ela, assim como tantas outras, faz parte de um elo na cadeia humana de conhecimento.

Elias faleceu em sua casa, em Amsterdam, aos 93 anos. Talvez tenha tido em 1982, quando escreveu sobre a morte, uma inspiração de como seria a sua: “A morte não é ruim. Se cai no sonho e o mundo desaparece. (...). A morte não oculta nenhum segredo, ela não abre nenhuma porta. Ela é o fim de um ser humano. O que sobrevive a ele foi o que ele deu para as outras pessoas, o que permanecerá em suas lembranças” (Elias, 1982: 99,100).¹⁰⁷

O legado de Elias se faz presente na sua abordagem sociológica, na contribuição que deixa para as futuras gerações de sociólogos e cientistas sociais, educadores, historiadores e assim por diante. Portanto, ele se tornou um elo na cadeia de gerações. O que esta concisa biografia procurou mostrar foi o desenvolvimento dessa perspectiva sociológica, porém sem descolá-la de seu autor. Preparamos terreno, assim, para termos melhores condições de compreender essa abordagem sociológica, agora sim, colocada explicitamente em primeiro plano, que propõe a consideração simultânea das ações individuais em processo e do ambiente social em que são geradas. A sociologia de processo e figuração, como foi chamada por Elias, apenas em meados da década de 1980 compõe-se pela relação inextricável dos conceitos de processo e figuração, os quais veremos mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

¹⁰⁷ “*Der Tod is nichts Schreckliches. Man fällt ins Träumen, und die Welt verschwindet (...). Dert Tod verbirgt kein Geheimnis, Er öffnet keine Tür. Er ist das Ende eines Menschen. Was von ihm überlebt, ist das, was er anderen Menschen gegeben hat, was in ihrer Erinnerung bleibt*” (Elias, 1982: 99, 100).

1.1 - ESTABILIDADE E RUPTURA

1897

1915

1918

1922

Estudo laico no
Johannes Gymnasium

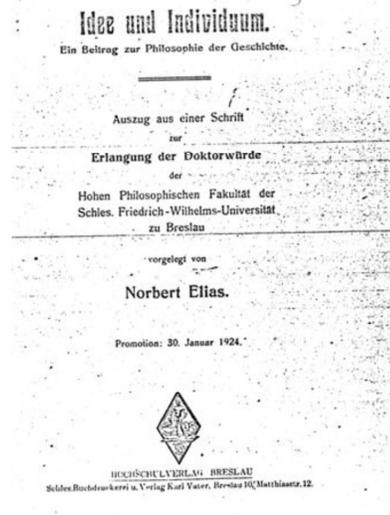


Filho de judeus alemães, Norbert Elias nasce em Breslau, em 22 de Junho de 1897.



Com 18 anos incompletos, alista-se como voluntário na Primeira Guerra Mundial, como telegrafista

- Defesa da tese de doutorado em Filosofia *Idee und Individuum. Ein Beitrag zur Philosophie der Geschichte.*
- Rompimento com o orientador neokantiano Richard Höningwald



- Após um colapso nervoso, Elias retorna do Front, porém continua servindo em um hospital de Campanha em Breslau.

- Ingressa na Universidade de Breslau nos cursos de filosofia e medicina, este último, Elias cursa por dois anos.

1.2 MUDANÇAS DE TRAJETÓRIA E O FIM DA REPÚBLICA DE WEIMAR.

1924

Mudança para Heidelberg, considerada um renomado centro universitário na Alemanha



Com vistas à carreira acadêmica, Elias torna-se assistente de Alfred Weber. Porém, devido à longa espera a qual estaria sujeito e a afinidade que compartilha com Karl Mannheim, Elias decide trocar de orientação, tornando-se assistente de Mannheim.



1930

Mannheim muda-se para a Universidade de Frankfurt, e Elias o acompanha na condição de assistente



1933

Ascensão do Partido Nacional Socialista.



- Fim do Instituto de Frankfurt
- O trabalho de habilitação "O homem da corte" estava concluído, porém Elias não teve tempo para sua apresentação e, assim, não logrou o título de Privat Dozent.

1.3 O EXÍLIO E O RECOMEÇO

1935

1938/1939

Vários intelectuais judeus perdem seus postos e partem para o exílio, Norbert Elias é um deles.



Trabalha como assistente de pesquisa sênior na London School of Economics

Após tentativa fracassada de se estabelecer em Paris, Elias muda-se para Londres.

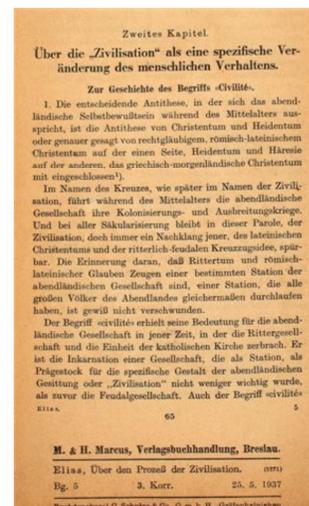


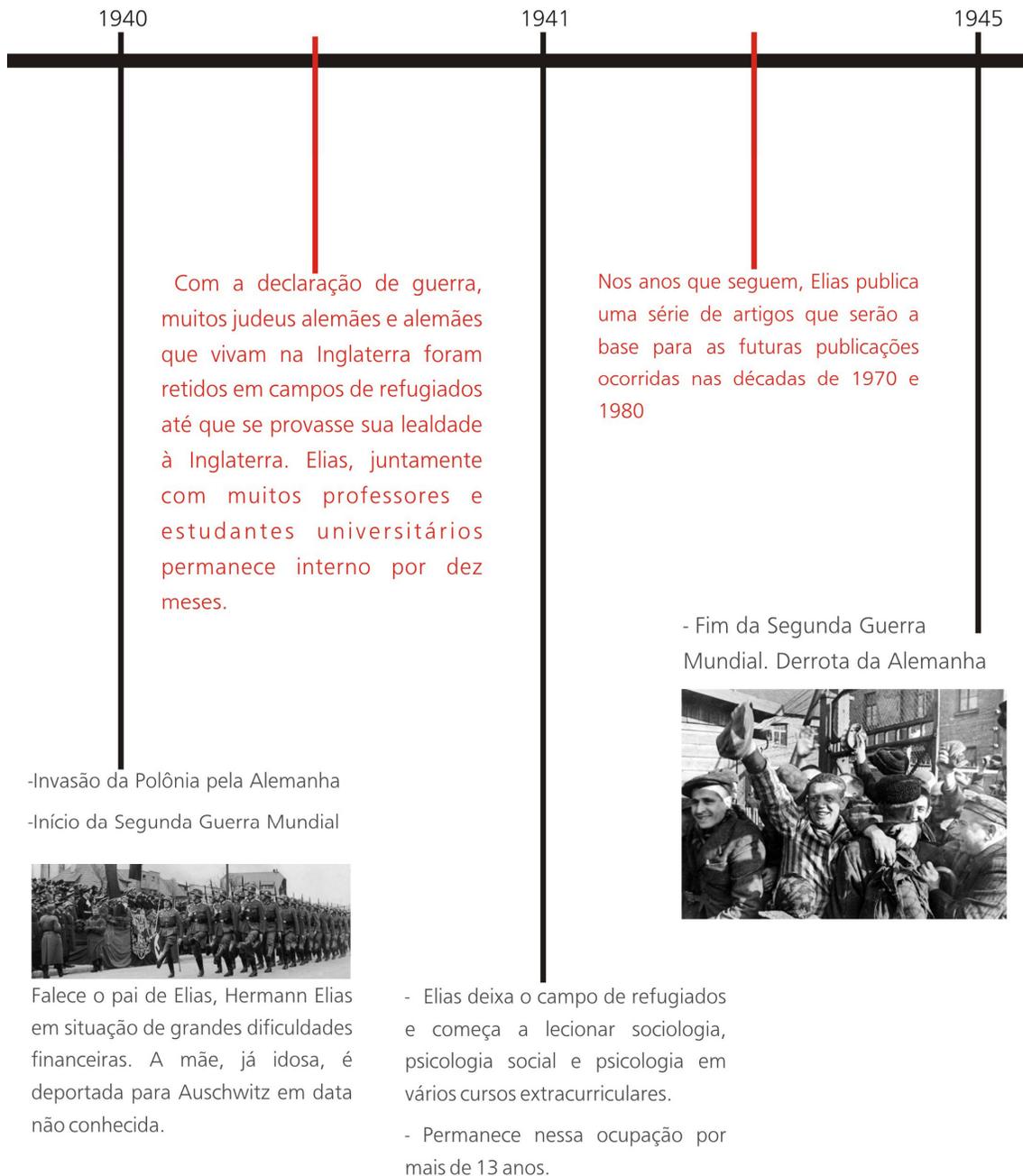
Elias obtém a concessão da bolsa do comitê judeu de refugiados para realizar a obra em dois volumes O Processo Civilizador

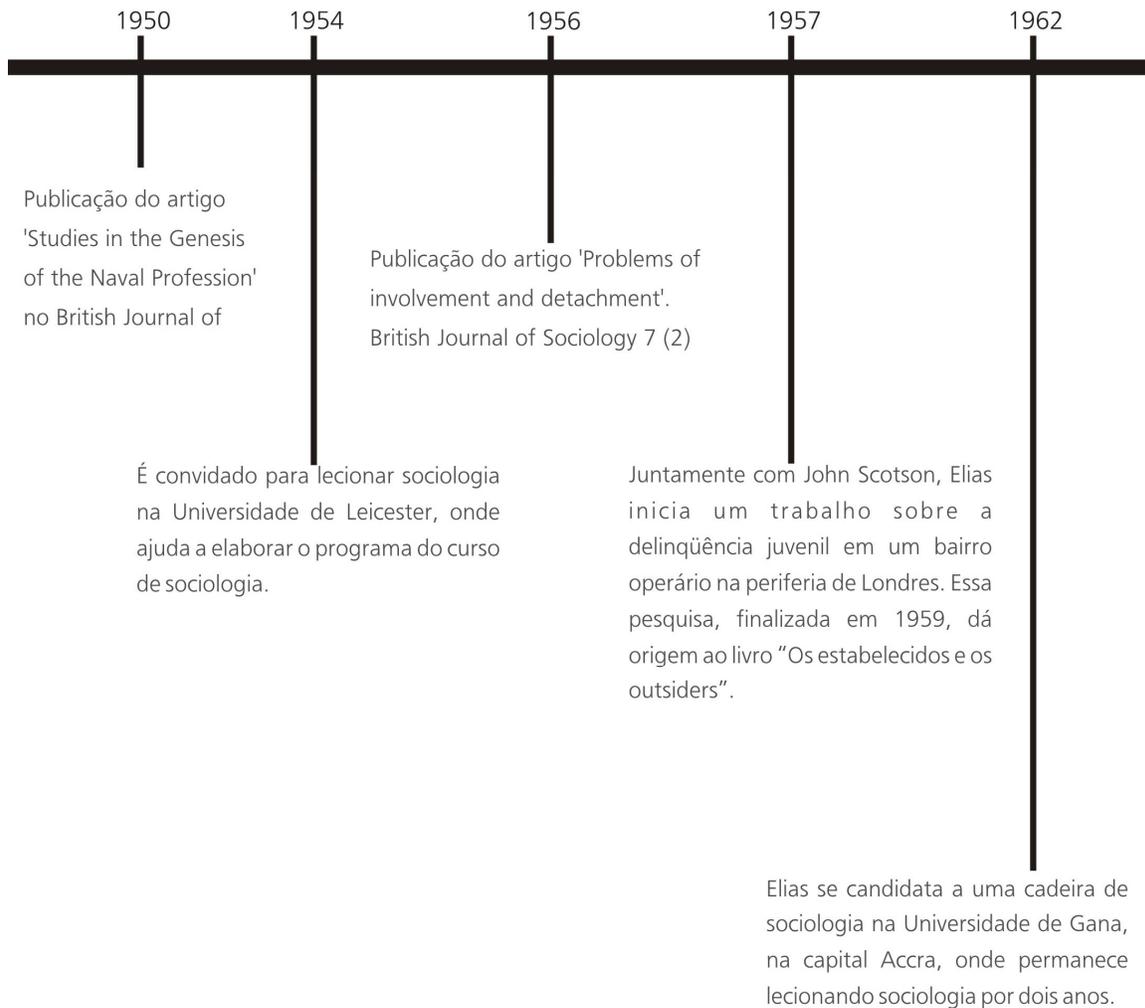
Agrava-se situação dos judeus na Alemanha, na noite de 9 de novembro 1938 membros organizados do Partido Nacional Socialista promovem uma grande e violenta perseguição aos judeus em toda Alemanha, que ficou conhecida como Noite dos Cristais



Primeira Edição de Über den Prozeß der Zivilisation (Edição em português – O Processo Civilizador)







1.4 APENAS UM ELO

1964

Elias retorna a Leicester

1965

Publicação do livro *The Established and the Outsiders* (Edição em português – *Os estabelecidos e os outsiders*)

1966

Eclodem movimentos estudantis e de protesto por todo o mundo, os chamados movimentos de contracultura.

1968



Invasão de Praga pelas Tropas do Pacto de Varsóvia



A experiência em Gana despertou em Elias uma grande admiração pela arte africana



Sitzende Muttergöttheit (76?)

Mutterfigur, Elfenbeinküste (80)

Publicação com Eric Dunning 'Dynamics of sport groups with special reference to football', no *British Journal of Sociology* no. 17

NA CADEIA DE GERAÇÕES

1969

1970

- Publicação do artigo 'Sociology and psychiatry', in S.H. Foulkes and G. Stewart Prince (eds), Psychiatry in a Changing Society (London: Tavistock)

- Nova Publicação com Eric Dunning: 'The quest for excitement in leisure', Society and Leisure no: Bulletin for Sociology of Leisure, Education and Culture no.2.

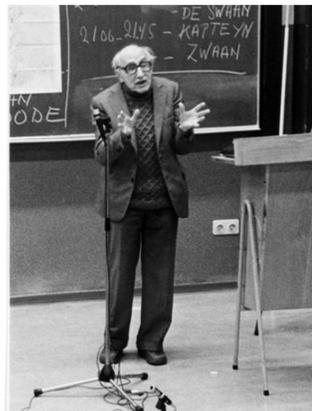
- Publicação de Die höfische Gesellschaft (Edição em português – A sociedade da Corte), que é uma versão modificada e ampliada de sua tese de habilitação de 1933

- Segunda edição de Über den Prozeß der Zivilisation (Edição em português – O Processo Civilizador)

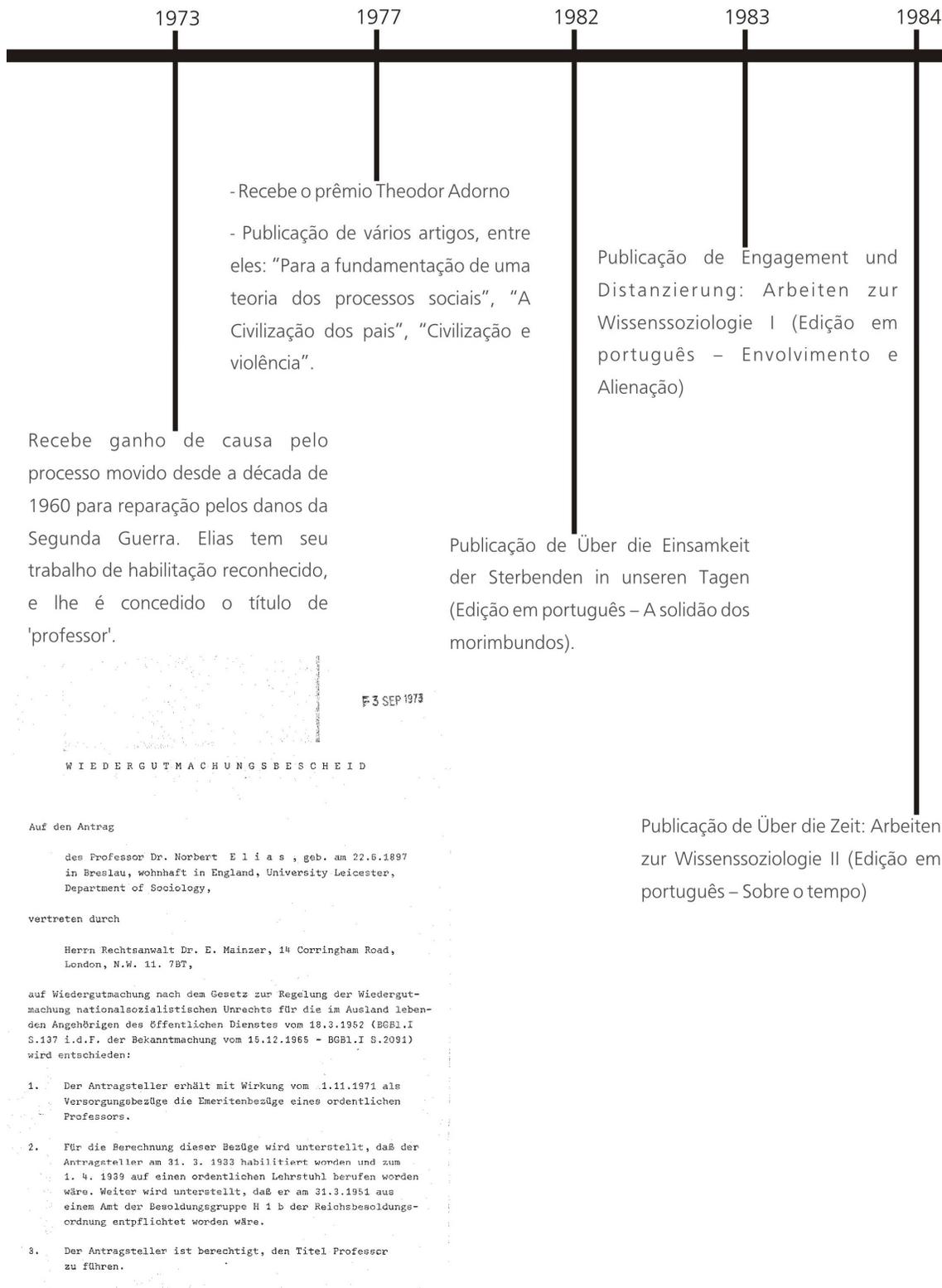
Maior aceitação das idéias de Elias na Holanda, em particular na Universidade de Amsterdam, onde o sociólogo Holandês Johan Goussblom, admirador e amigo de Elias é professor de sociologia.



Elias se aposenta, e passa a ser convidado a dar aulas e palestras e várias universidades, na Alemanha e na Holanda.



Publicação de Was ist Soziologie?
(Edição em português – Sociologia)





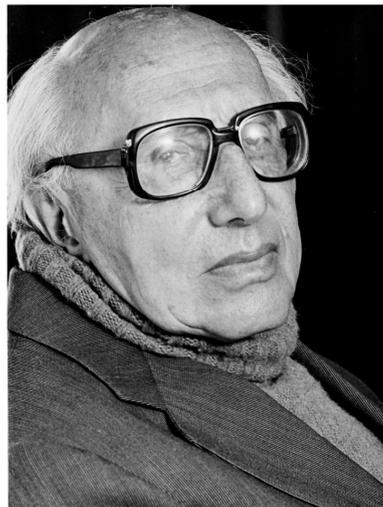
Elias fixa residência definitiva em Amsterdam



Palestra em Bielefeld por ocasião da comemoração de quarenta anos de paz na Europa – Humana Conditio

Publicação com Eric Dunning: *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process* (Oxford: Basil Blackwell).

- Publicação de Die Gesellschaft der Individuen (Edição em português – A sociedade dos indivíduos)
- Publicação de poemas Los der Menschen. Gedichte – Nachdichtungen. (O destino dos seres humanos)
- Recebe o Prêmio Amalfi pela obra A sociedade dos indivíduos.
- Comemoração de seus noventa anos



1989

1990

1991

- Queda do Muro de Berlim
- Publicação de Studien über die Deutschen (Edição em português – Os alemães).



Publicação póstuma de Mozart: Zur Soziologie eines Genies (Edição em português: Mozart: a sociologia de um gênio).

Publicação póstumas de The Symbol Theory (Edição em português Teoria Simbólica).

Norbert Elias falece em 1 de Agosto de 1990 em sua casa em Amsterdam.



Capítulo 2:

Perspectiva processual: direções de processos sociais e conhecimento

Norbert Elias desenvolveu uma abordagem sociológica dos processos sociais voltada para a compreensão da formação e transformação das sociabilidades, para as alterações estruturais de sociedades ocorridas ao longo de séculos e para a construção de um campo de conhecimento sociológico interdisciplinar.

Elias parte de dois pressupostos primários para a elaboração mais complexa de sua abordagem sociológica. No primeiro, ancora-se em terreno incomum, na transitoriedade, na mudança contínua de modelos sociais de relacionamento, na transformação sempre corrente de padrões de sentimento, na sucessão de eventos ao longo da história, que, por sua vez, engendram novas estruturas sociais. O que Elias observou e procurou transmitir é que as complexas mudanças sociais, sempre em curso, formam processos cujas direções específicas, embora não teleologicamente determinadas, seguem um fluxo e apresentam regularidades passíveis de observação. Ao analisarmos mais detalhadamente a natureza dos processos sociais descritos por Elias, perceberemos uma momentânea ambivalência prontamente estabelecida pela proposição hipotética do sociólogo: processos são cegos, mas com direções determinadas. A ambiguidade suscitada por essa afirmação se desfaz à medida que se aprofundam os estudos de Elias sobre os processos sociais.

É possível distinguir o fluxo dos processos com base em pesquisas empíricas, como foi claramente o caso de *O processo civilizador*. O ponto de desalinhamento fixa-se, então, na natureza cega dos processos sociais. No entanto, Elias esclarece que os processos não são determinados pelas ações conscientes dos indivíduos, antes, são consequências imprevisíveis de ações conscientes e inconscientes dos indivíduos vivendo em sociedade. Em outras palavras, os processos são produtos das relações humanas de interdependência recíproca. A

esta altura, alcança-se o segundo ponto de apoio da abordagem figuracional-processual: o humano em suas inter-relações recíprocas.¹⁰⁸

Do entremeio de dois pontos primários básicos, a transitoriedade inerente a todas as coisas e o humano em suas inter-relações sociais, Elias desenvolve a abordagem sociológica processual, cujo objetivo é mostrar o desenvolvimento dos processos sociais originados nas relações de interdependência entre os indivíduos; em outras palavras, elucidar como grupos de indivíduos formam específicas configurações sociais ao longo da história.

Elias desenvolve modelos de processos e não propõe leis gerais. Esses modelos podem servir para se compreender os mesmos temas, porém em configurações diferentes, e a eles devem ser agregadas todas as peculiaridades, especificidades do tempo, do lugar, da cultura. “Os avanços nas ciências podem induzir as pessoas a considerar os modelos processuais como uma espécie de lei, ou generalizações como leis. Comte sucumbiu a essa tentação. Porém, os modelos sociológicos processuais não têm, de modo algum, o caráter de leis gerais para numerosos casos repetidos” (Elias, 1991: 137)¹⁰⁹.

O autor toca em um tema controverso para as ciências humanas: a interdisciplinaridade. A afirmação, não discutível, de que somos seres sociais, envolve nossa natureza biológica. Nossa adaptação e necessidade social é um atributo de nossa natureza biológica. Portanto, o conhecimento que possuímos, apesar das necessárias fronteiras identitárias, pode ser ampliado pela comunicação e parceria de áreas tão distintas.

A abordagem sociológica de Elias adquire contornos definidos apenas quando permanece flexível para analisar a especificidade de cada problemática, esteja ela ambientada em vários séculos passados, ou mais recentes, ou ainda em sociedades diferentes. Nesse sentido, a sociologia figuracional-processual oferece modelos de análise que devem levar em conta a multiplicidade das

¹⁰⁸ Trataremos mais adequadamente desse tema no terceiro capítulo desta tese.

¹⁰⁹ *The advances in the natural sciences may tempt people to regard process models as a kind of Law or of Law-like generalizations. Comte succumbed to this temptation. But sociological process models have in no way the character of general laws for numerous recurrent special cases.* (Elias, 1991: 137).

diferenças temporais e sociais. Não há em Elias uma proposta teórica que ofereça modelos estáticos, válidos para todo tempo e lugar.

Segundo o próprio Elias, a teoria dos processos e figuração não apenas aprofunda a análise sociológica, como também oferece outra perspectiva, aquela que auxilia o pesquisador a ocupar uma posição mais flexível, para além de abordagens pautadas na dicotomia entre indivíduo e sociedade, ou agência e estrutura. Esse “outro” lugar é oferecido pelo ponto de fuga. Com a finalidade de melhor compreender não apenas a formação dessa abordagem, considerada paradigmática, mas também sua aplicação, trataremos seus principais aspectos nas seções seguintes de forma a enfatizar melhor cada elemento estruturante, sem contudo negligenciar o nexo entre eles.

A compreensão da abordagem processual de Norbert Elias requer uma explicação mais minuciosa, por vezes repetitiva, dos pressupostos teóricos e metodológicos do autor. O que se tentou reproduzir nessa breve introdução foi uma exposição da perspectiva processual no entrelaçamento entre o nível teórico e empírico. O argumento teórico está, na maior parte das vezes, seguido pelos casos de estudo concreto do autor.

2.1 Para a construção de uma abordagem processual

Apresentar a abordagem de processos e figuração, desenvolvida por Norbert Elias, requer como ponto de partida e modo de diferenciação a exposição da visada sociológica do autor. As diferentes abordagens sociológicas convergem para a estruturação de uma disciplina de conhecimento sobre a realidade social, mais especificamente para a composição de uma ciência que propõe esclarecer as relações sociais, os diferentes processos de formações societais. O que se observa ao longo do desenvolvimento da sociologia como matéria científica é a sua crescente diferenciação e as consequências daí decorrentes. Quanto mais complexas se tornam as organizações sociais, tão mais a sociologia se pluraliza e enseja a formação de novas teorias, sejam elas de micro, médio ou longo alcance.¹¹⁰

Da possibilidade de emprego de diferentes abordagens das ciências sociais para uma questão específica decorre uma questão crucial: a de saber com margem de segurança qual a abordagem mais adequada, que tipo de análise trará um conhecimento real sobre a problemática. Normalmente, encontramos uma polarização estrutural do próprio campo de conhecimento sociológico. As antinomias indivíduo/sociedade; agência/estrutura; universal/particular são características do próprio desenvolvimento da sociologia como matéria de conhecimento. No entanto, os debates sobre essa oposição terminam por revelar a fragilidade das abordagens sociológicas, não apenas no sentido positivo que tal revelação poderia trazer – uma vez que a exposição dos limites abre caminho para uma possível ampliação da discussão sobre as abordagens –, mas também porque fixa o impasse no sentido de se ter que escolher entre uma ou outra posição.

¹¹⁰ Os limites encontrados por essas correntes teóricas esbarram justamente no alcance de suas explicações. As críticas normalmente dirigidas às macro-teorias referem-se a generalizações dos sistemas sociais e, conseqüentemente, a pouca ou quase nenhuma atenção dispensada com as particulares características de uma determinada sociedade. Não se credita a um modelo sociológico macro-teórico a capacidade de prever com margem de segurança o funcionamento de mecanismos sociais, por generalizar de forma rígida as estruturas e mecanismos de funcionamento sociais. No que tange à micro-sociologia e à sociologia de médio alcance, é criticado o reduzido potencial de alcance, pois podem contribuir para estudos de problemas locais e pontuais.

Existe, portanto, uma grande dificuldade em conduzir esse debate para além das preferências já estabelecidas. Nesse contexto, a abordagem sociológica de Norbert Elias apresenta uma proposta inovadora que se empenha em ultrapassar a polarização das correntes abordagens sociológicas. Na medida em que compreende o objeto de estudo como parte de um processo de longa duração, sobre o qual incidiram as mais diferentes figurações sociais, a abordagem eliaseana acredita deslocar o objeto da polaridade agência/estrutura.

A introdução no pensamento sociológico dessa superação dicotômica não prescindiu de críticas a abordagens que sustentam a divisão analítica entre indivíduo e sociedade. Devemos entender que a revisão de Elias não é apenas um elemento metodológico, mas a afirmação de uma cosmovisão. Encontraremos em Elias críticas dirigidas a dois intelectuais de reconhecida envergadura: Talcott Parsons é severamente criticado por sua abordagem estática dos processos sociais, e Max Weber, por sua posição singularizada e individualizada das questões sociais.¹¹¹

Segundo Elias, Parsons, por adotar uma abordagem estática de conceitos, trata questões processuais de forma reducionista, transformando-as em formas estáticas. Desse modo, o problema perde o movimento, é emoldurado e visto como se não houvesse uma ou várias interfaces com outras questões. Elias argumenta ainda que a abordagem parsoniana colabora para uma desfavorável simplificação de fenômenos complexos.¹¹² Em Elias, os fenômenos sociais são observados e analisados em seu movimento, suas características singulares são respeitadas porque é a partir delas que a problemática adquire seus reais

¹¹¹ Naturalmente, as críticas de Elias tanto a Parsons quanto a Weber procedem em muitos aspectos, principalmente no que toca à cisão entre indivíduo e sociedade presente em suas abordagens. No entanto, é preciso considerar que as críticas de Elias necessitariam de uma réplica mais consistente e baseada no conhecimento mais aprofundado dos autores ora citados. Infelizmente, não será possível tal aprofundamento neste trabalho por entendermos que tal tratamento deslocaria o eixo da discussão sobre a abordagem processual de Norbert Elias. (Ver a respeito, Schroer: 2000).

¹¹² “Em vez de em processo relativamente complexo, mediante o qual a vida afetiva das pessoas é gradualmente levada a um maior e mais uniforme controle de emoções – mas certamente não a um estado de total neutralidade afetiva – Parsons sugere uma simples oposição entre dois estados, afetividade e neutralidade afetiva... Ao reduzir a dois diferentes estados o que empiricamente se demonstrou neste livro ser um processo e que necessita ser interpretado teoricamente como tal, Parsons priva-se da possibilidade de descobrir como as peculiaridades das sociedades a que se refere devem ser realmente explicadas” (Elias, 1994a: 219).

contornos. Para o autor, a divisão de fenômenos em pares de conceitos antitéticos empobrece a análise sociológica.

A crítica a Weber é mais um elemento que sustenta a argumentação principal de Elias em relação ao equívoco das abordagens que separam indivíduo e sociedade. Segundo Elias, Weber concebia a ação individual como a força motriz da realidade social, porém não empreendia questionamentos mais aprofundados sobre as motivações das ações e negligenciava as cadeias de interdependência que se desenvolvem ao longo do tempo. A sociedade, por sua vez, era compreendida por Weber como algo externo ao indivíduo.¹¹³

Elias não desconstrói as visões correntes sobre o conceito de sociedade e de indivíduo, no sentido de invalidá-las, porém aponta os limites em que esbarram para então lançar as bases de sua compreensão sociológica sobre esta relação. As problemáticas sociais, compreendidas como originadas nas ações recíprocas entre os indivíduos, são apropriadas pela perspectiva do autor como a retratação viva do presente. No entanto, a perspectiva reconduz o movimento ao passado, como uma reconstrução dos caminhos percorridos pela problemática. O que essa ação metodológica evidencia não são apenas as formas, as feições adquiridas, mas principalmente que existe um infundável processo tecido pelas ações individuais em conjunto. Assim, um passo decisivo na direção da superação da dicotomia indivíduo/sociedade é uma visão processual que situe o objeto no interior de uma longa trajetória a ser reconstituída.

Vemos, portanto, que a análise processual de Elias propõe a recomposição histórica de uma determinada figuração social. Será através da recuperação da trajetória de uma figuração que a pesquisa alcançará a natureza da perspectiva que ora se apresenta. No entanto, a pesquisa processual não segue por um caminho linear, ela estende-se como uma teia que procura encontrar e explicar as interconexões entre diversas esferas sociais. O sociólogo Johan Goudsblom

¹¹³ “Weber procurou evitar as armadilhas tanto no seu trabalho teórico como no seu trabalho empírico, representando tudo o que pode ser dito sobre as ‘sociedades’ como abstrações sem realidade atual, e considerando a sociologia como uma ciência generalizadora. O ‘Estado’ e a ‘nação’, a ‘família’ e o ‘exército’ apareciam-lhe, conseqüentemente, como estruturas sem outro significado que não o de um padrão particular de ação social das pessoas individuais” (126,27 – *Was ist Soziologie*, 2004).

(1996: 17) define história como “... o meio de os grupos humanos se orientarem em seu passado”.¹¹⁴ Algumas formas de orientação foram produzidas de modo a mostrar um desenvolvimento cronológico dos eventos sociais. O que difere essa forma de trabalhar o passado, ainda personalizado e cronológico, de uma perspectiva processual, é que o passado não é concebido em termos de nomes ou datas, mas em termos de fases ou estágios impessoais. Segundo Goudsblom (1996: 21), “O conceito ‘processo’ pode servir como uma visão mais detalhada que os conceitos de ‘fases’ ou ‘estágios’. Refere-se a sequências de mudanças durante as quais algo passa de uma fase para a próxima”¹¹⁵

A palavra “processo” evoca o movimento contínuo, a fluidez imanente à percepção do tempo, a transformação à qual todas as coisas estão submetidas. Segundo a definição de Elias (2006f: 28) “O conceito de processos sociais refere-se a transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, que abranja em geral não menos de três gerações – de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas”.

Essas mudanças devem ser entendidas como desenvolvimento de uma forma a outra, sem, contudo, seguirem uma determinação teleológica. Como produto das relações humanas interdependentes, os processos seguem caminhos, muitas vezes, inesperados. Embora as ações orientadas conduzam de imediato ao objetivo inicialmente proposto, suas consequências a longo prazo podem destoar severamente de seus principais propósitos.¹¹⁶

Podemos tomar como exemplo de um desenvolvimento social analisado como processo a análise que Norbert Elias desenvolveu sobre a sociedade de corte francesa no século XVI.¹¹⁷ As ações da nobreza visavam de forma imperativa à manutenção de seu status, assim seus gastos dispendiosos eram empregados para um único fim, o de manter um estilo de vida condizente com sua

¹¹⁴ (...) *a means for human groups to orient themselves to their past* (Goudsblom: 1996: 17).

¹¹⁵ “*The concept of ‘process’ may serve as an elaboration on that of ‘phases’ or ‘stage’. It refers to sequences of changes in the course of which something is transformed from one phase into the next*”.

¹¹⁶ Não me refiro aqui ao tipo de ação racional orientada para fins desenvolvida por Weber. As ações a que me refiro são aquelas surgidas das inter-relações sociais, que movem processos de desenvolvimento social.

¹¹⁷ Ver a respeito, (Elias, 1995).

posição na esfera social. Ao longo de alguns séculos foi possível aos nobres da corte manter, não apenas sua posição, mas toda uma estrutura social. A longo prazo, a nobreza já não possuía tantos recursos, endividando-se mortalmente.

Naturalmente, sem saber, de enredada que estava no desafio de manter seu status, contribuiu para sua própria ruína. “Na boca de um aristocrata de corte a palavra economia, quando significava harmonização das receitas e das despesas ou limitação planificada do consumo com vista à poupança tem, até o fim do século XVIII e, por vezes até mais tarde, até depois da revolução, uma conotação mais ou menos depreciativa. Ela simbolizava a virtude dos plebeus” (Elias, 1995: 42).

As ações individuais em conjunto, de indivíduos inter-relacionados e engajados no conviver de sua época, tomadas com o objetivo de conservar ou superar a posição social, conduziram a uma situação que estava além da capacidade preditiva daqueles indivíduos. É importante ressaltar que a estrutura da sociedade de corte não é concebida por Elias como instituição supra individual, antes, ela era o produto das inter-relações humanas desenvolvidas ao longo do tempo, e encontrava sua sustentação nas ações – resultantes do *modus vivendi* – de seus membros.

Não era decerto uma escolha livre que reunia os homens de corte, que cimentava a sua união, que aglutinava, depois dos pais e das mães, os filhos e as filhas sob o signo da corte. Não foi certamente também a idéia de um indivíduo isolado, um rei, por exemplo, que deu origem a um grupo assim estruturado. A partir do Renascimento, a importância da corte foi sempre aumentando em todos os países da Europa e, se é verdade que a organização das cortes européias dos séculos XVII e XVIII se inspirou basicamente na da corte francesa, designadamente na de Luís XIV, a “corte” como tal foi a expressão de uma estrutura social determinada que não ficou a dever a sua existência à iniciativa, à vontade ou às intenções de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, exatamente como é o caso da igreja, da cidade, da fábrica ou da burocracia, para citar outras formações sociais típicas. (Elias, 1995: 15)

A sociedade da corte foi analisada por Elias no seu desenvolvimento processual e figuracional. Esses dois conceitos, desenvolvidos como ferramentas

para análise, vão dando contorno e movimento ao que o autor propôs mostrar, a saber, que a formação social específica, considerada como uma figuração, cujo movimento é dado pelas ações individuais em conjunto, não foi planejada isoladamente por nenhum de seus membros, e que essa formação teve seu desenvolvimento característico ao longo de séculos.

O estudo de Elias sobre a sociedade da corte francesa utiliza as informações históricas para montar o quadro geral da estrutura social, sem deixar que a história seja um fio condutor unilinear do processo. Assim, a história é o apoio empírico de que Elias necessita para corroborar a sua hipótese sobre aquela formação social específica, segundo a qual as estruturas sociais são formadas por indivíduos interdependentes e suas ações funcionais recíprocas engendram os mais variados processos não-lineares. Embora não nos pareça hoje comum um estudo sociológico sobre sociedades que tiveram sua formação em um passado mais longínquo como foi o caso de *A sociedade de corte*, Elias ressalta que esse tipo de análise:

(...) não só contribui para uma melhor compreensão do desenvolvimento dos grupos sociais cujo resultado é a nossa atual rede de interdependências como também se desenvolve, nas formações sociais que nos parecem tão estranhas como os indivíduos que as constituíam, aspectos essenciais graças aos quais ficamos em condições de nos pôr no lugar de pessoas cujo modo de vida não é semelhante ao nosso, que fazem parte de outras sociedades e se distinguem por caracteres próprios (Elias, 1995: 179).

Seguindo o mesmo caminho de *A sociedade Corte*.¹¹⁸ Elias desenvolve uma obra de maior envergadura na qual o emprego de uma visão processual e figuracional evidencia a relação simultânea entre a micro-esfera e a macro-esfera social. Em *O processo civilizador*, Elias nos mostra primeiramente a relação intrínseca entre o desenvolvimento da estrutura da personalidade dos indivíduos das sociedades de corte europeia – Alemanha, França e Inglaterra, em finais da

¹¹⁸ O livro *A sociedade de corte* foi publicado em 1969. Porém, essa publicação é fruto da pesquisa de habilitação que Norbert Elias desenvolvia no início da década de 1930. Devido à tomada de poder pelos nacional-socialistas, Elias não pôde defender sua habilitação, já concluída, e partiu para o exílio na França em 1933. A obra *O processo civilizador* é posterior ao estudo sobre a sociedade da corte, e muito de seu material e insights devem-se a esse trabalho anterior. Ver mais a respeito no primeiro capítulo deste trabalho.

Idade Média e início da Renascença – e as estruturas de formação dos Estados Nacionais.¹¹⁹ O objetivo subsequente da obra foi provar, por um lado, com base em uma série de evidências empíricas, que a mudança na estrutura da personalidade seguiu uma direção, não planejada, que resultou no maior controle dos afetos e emoções, e por outro lado, que a centralização de poder político favoreceu igualmente a centralização territorial, possibilitando, assim, as formações estatais modernas.

O que eu gostaria de mostrar é que as mudanças sociais de longo prazo dos sentimentos e dos comportamentos – as quais de fato resultaram do entrelaçamento e do entrecruzar das intenções de muitas pessoas – não podem ser explicadas ou entendidas como resultados de planos e metas de seres humanos ou de grupos de seres humanos singulares, mas sim como fatos de caráter próprio. Mesmo não se tratando, de forma alguma, de acontecimentos naturais, mas sim de fatos da convivência social dos seres humanos, tais mudanças sociais são parte de um âmbito factual que não se pode entender ou explicar como se fosse ancorado em ações planejadas de seres humanos ou de grupos de seres humanos (Elias, 2006d: 334).¹²⁰

Um dos maiores problemas que essa obra aponta, apesar dos esclarecimentos do autor, está relacionado à direção desse processo que Elias chamou de civilizador. Por esse motivo, faz-se necessário uma pequena explicação sobre o conceito de civilização. Segundo Elias, o conceito de civilização pode se referir a várias situações, dentre elas a mais controversa é que civilização significa uma distinção hierárquica de poder, do domínio dos melhores. Obviamente, que a forte conotação ideológica relacionada a esse conceito acaba por influenciar as outras possíveis aplicações do conceito. Uma vez explicada essa situação, cabe indagar por que, então, o uso do conceito de civilização?

¹¹⁹ Ver a respeito, (Elias, 1993) e (Elias, 1994a).

¹²⁰ *Worauf es mir ankam, war zu zeigen, dass solche langfristigen sozialen Wandlungen des Empfindens und Verhaltens, die ja durch die Verschränkung und Durchkreuzung der Absichten vieler Menschen zustande kommen, sich nicht als Ergebnisse von Plänen und Zielen einzelner Menschen oder Menschengruppen verstehen und erklären lassen, sondern als Tatsachen eigener Art. Obgleich es sich ganz und gar nicht um Natursachen handelt, sondern um Tatsachen des gesellschaftlichen Verkehrs der Menschen, gehören solche gesellschaftlichen Veränderungen einem Tatsachenbereich an, der sich nicht erklären und verstehen lässt, als ob er auf gezielte und geplante Aktionen einzelner Menschen und Menschengruppen zurückging* (Elias, 2006d: 334).

De acordo com Elias, o termo “civilização” poderia ser utilizado desde que se conseguisse neutralizar o peso ideológico relacionado, principalmente, ao movimento de expansão neo-colonialista. Com esse intuito, Elias desenvolveu em boa parte do primeiro capítulo – “Da sociogênese dos conceitos de ‘civilização’ e ‘cultura’” – uma explicação diacrônica, baseada em evidências empíricas, sobre a utilização desses conceitos e sua diferenciação nas sociedades alemã, francesa e inglesa. Com isso, o autor imaginou que o desenvolvimento de uma teoria do processo civilizador não seria compreendida como dirigida a um fim padronizado e idealizado. Pelo contrário, os usos diferentes atrelados a diversas percepções dos conceitos de cultura e civilização mostram que o desenvolvimento social das sociedades, já referidas, tomou rumos diferentes, apesar da proximidade territorial e de um passado comum de descentralização feudal.

Uma vez que tocamos o ponto dos problemas relacionados ao uso do conceito de civilização, podemos então retomar a questão sobre a direção do processo social que o estudo de Elias demonstrou existir. Segundo Elias (1994a: 193), “(...) o processo civilizador constitui uma mudança na conduta de sentimentos humanos rumo a uma direção específica”. A questão que causa desconforto é levantada pelo autor ao afirmar que essa direção não foi planejada racionalmente por nenhum indivíduo soberano ou grupo de indivíduo, mas no entanto pode-se observar que essa mudança tem uma ordem estruturadora. “A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem” (Elias, *idem*, *ibidem*).

Mennell explica que a idéia básica de Elias consistia em evidenciar uma conexão entre desenvolvimentos estruturados de longa duração de sociedades e mudanças de longa duração nas personalidades. “Em outras palavras, na medida em que a estrutura das sociedades se torna cada vez mais complexa, mudam também as maneiras, a cultura e a personalidade numa direção particular e

discernível, inicialmente entre as elites, depois pouco a pouco de forma mais ampla” (Mennell, 1990: 83).¹²¹

Esses padrões de conduta controlada e civilidade não são fixos, são passados de geração a geração. Essa transmissão geracional sofre mudanças no que diz respeito aos padrões de sensibilidade. No primeiro volume de *O processo civilizador*, Elias demonstrou com base em material empírico, constituído basicamente de manuais de boas maneiras, a mudança nos padrões de comportamento da elite aristocrática europeia. O fato de sentirmos certo estranhamento ao lermos esses códigos de conduta e comportamento é uma indicação da mudança nos nossos padrões de sensibilidade. Tomemos como exemplo uma regra de bom comportamento ditada por Erasmo em seu *Manual de civilidade para meninos*, de 1530. “Se lhe oferecem alguma coisa líquida, prove-a e devolva a colher, mas, antes, seque-a em seu guardanapo” (Elias, 1994a: 100). Devemos lembrar que no século XVI boa parte dos utensílios usados à mesa ainda eram de uso comum. E se um manual diz o que deve ser feito, no sentido de educar, significa que ainda havia um padrão dominante de costumes considerados não civilizados. Outro exemplo dado por Elias, retirado de uma carta, datada de 1768, de uma jovem aristocrata, mostra a atitude comum frente às funções corporais:

Eu gostaria de lhe contar, querida avó, como contei ao reverendíssimo abade, a minha enorme surpresa quando um grande saco que a senhora me enviou foi trazido à minha cama na manhã de ontem. Apressei-me a abri-lo, enfiei a mão e encontrei uma boa quantidade de ervilhas verdes... e também um vaso... que rapidamente tirei dali de dentro: era um urinol. Mas era de tal beleza e magnificência que as pessoas de minha família disseram, a uma só voz, que ele devia ser usado como molheira. O urinol ficou em exposição durante toda a noite de ontem e foi admirado por todos. Quanto às ervilhas... nós as comemos até não sobrar nada. (citado em Cabanés, A. *Moerus intimes*, cit. Elias, 1994a: 139).

¹²¹ *In other words, as the structure of societies becomes more complex, manners, culture and personality also change in a particular and discernible direction, first among elite groups then gradually more widely* (Mennell, 1990: 83).

A repugnância ou o lúdico estranhamento que por ventura venhamos a sentir quando nos deparamos com esses exemplos evidenciam, naturalmente, que não compartilhamos os mesmos utensílios à mesa, e que temos outro padrão de recato em relação a nossas funções corporais. Os exemplos utilizados por Elias mostram um caminho, uma direção no sentido de maior controle social dos gestos e emoções e sua internalização individual. O processo de civilização descrito por Elias segue uma direção vetorial – no sentido físico do termo – para a construção de laços sociais. Quando os laços coercitivos afrouxam, ou seja, quando as pressões para a regulação do convívio social enfraquecem, ocorre, segundo Elias, o processo reverso, o de descivilização sobre o qual falaremos mais apropriadamente nas Considerações Finais deste trabalho.

O processo civilizador traz a análise e problematização de uma questão: o maior controle social e sua internalização individual. Esse estudo mostra um processo particular, sem que seja considerado um problema de anomia social. Já o processo de desenvolvimento da Alemanha talvez nos sirva como um exemplo mais contemporâneo sobre as direções não planejadas dos processos sociais que podem chegar a uma situação de descivilização. Esse desenvolvimento mostra-se particular, especialmente pelos rumos que tomou, ocasionando a Segunda Guerra Mundial e o genocídio de judeus e minorias culturais que viviam no seio da sociedade alemã.

Para Elias as explicações desses acontecimentos não podem se restringir ao presente, nem tampouco creditar suas razões à naturalização de certa perversidade da população alemã. Logo, faz-se necessário ir além das explicações voluntaristas e fixas ao presente. Com o intuito de desenvolver a sociogênese da sociedade alemã, ou seja, traçar seu desenvolvimento processual, Elias realizou o estudo *Os alemães*.¹²² Um dos aspectos mais importantes desse trabalho diacrônico é a elucidação do *habitus* nacional, ou seja, o desenvolvimento do caráter nacional e sua manifestação individual, bem como sua contribuição para os rumos do desenvolvimento da nação.

¹²² Ver a respeito, (Elias: 1997c).

O desenvolvimento do Estado alemão, acentua Elias, foi caracterizado por uma série de rupturas na constituição da nação, do que é mais significativo para qualquer Estado, que é a definição de suas fronteiras geográficas. Pode-se perceber que a unificação tardia e descontínua da Alemanha fez com que valores humanistas fossem preteridos por valores militares e autoritários, uma vez que sob o signo destes últimos a Alemanha logrou sua unificação em 1871.

A direção dos processos sociais está relacionada às particularidades estruturais de cada sociedade, particularidades essas que se configuram constantemente. A visão ampla do desenvolvimento social encontra seu contraponto – necessário – na perspectiva miúda, no olhar atento ao microcosmo social. É nesse âmbito, das relações humanas localizadas, que a análise processual tem seu fundamento. Os processos são produtos das inter-relações humanas ocorridas sob os coercivos laços que ligam as pessoas umas às outras. Assim, a análise do microcosmo social evidencia o material constitutivo dos macroprocessos sociais.

Novamente é preciso retomar o nível da análise micro-social para dar o sentido complementar do macroprocesso. A direção de um dado desenvolvimento social é impulsionada pelas tendências de direções conjuntas dos vários processos que o compõem. Em outras palavras, o processo maior de desenvolvimento social é composto por processos complementares, estes últimos imprimem o fluxo às tendências transformadoras. Os processos complementares básicos são acompanhados de suas contra-tendências, entendidas também como consequências inevitáveis do desenrolar das relações sociais. Temos nos processos de integração e sua contra-tendência, os processos de desintegração, duas tendências básicas de formação do desenvolvimento social, uma vez que dizem respeito às constantes lutas no interior das sociedades por posição de poder.

Toda formação societal sofre transformações em suas estruturas, transformações estas que são colocadas em movimento pelas ações conjuntas, recíprocas de indivíduos interdependentes. Os processos de integração em seu

continuum operam desde os níveis sociais mais básicos até os mais elevados. Podemos tomar como exemplo o processo de formação dos Estados Nacionais europeus, em particular a França, a Inglaterra e a Alemanha. Para dar conta desse assunto, Elias recupera a trajetória do processo de feudalização, tido como um ótimo modelo do produto dos processos de integração e desintegração.

O reinado de Carlos Magno é conhecido pela tendência centralizadora, e sua autoridade era reconhecida pela elevada qualidade guerreira do rei.¹²³ Nesse tipo de sociedade, a centralização de poder nas mãos do rei e de sua família dependia da capacidade desses últimos de conquistar territórios e mantê-los sob seu domínio, em constantes conflitos internos. “Como comandante do Império, Carlos Magno controlava a terra que conquistava e defendia. Como príncipe vitorioso, premiou com terras os guerreiros que lhe seguiam a liderança. E, em virtude dessa autoridade, manteve-os coesos, mesmo que suas terras se espalhassem por todo o país” (Elias, 1994a: 25).

A descentralização foi um processo inevitável. O jogo e o contrajogo das forças centrípetas e centrífugas, como a história nos mostra, formaram uma figuração na qual os reis suseranos apenas logravam poder se tivessem sucesso nas batalhas de defesa de território e se subjugassem outros territórios. O que Elias apropriadamente observa é que o processo de feudalização não é a causa de mudanças decorrentes da primazia das forças descentralizadoras: “Os vários elementos do dilema, tais como a necessidade de conceder terras a guerreiros e servidores, a inevitável diminuição das propriedades reais, a menos que se procedesse a novas guerras de conquista, a tendência da autoridade central a debilitar-se em tempos de paz, tudo isso fazia parte do processo de feudalização” (Elias, 1994a: 33).

Aos conceitos de integração e desintegração, Elias atribui a qualidade processual, para, dessa forma, evidenciar a fluidez permanente das transformações sociais que caracterizam estágios diferentes de uma mesma

¹²³ Carlos Magno, ou Carlos, o Grande, foi o primeiro imperador do Sacro Império Romano, que compreendia as áreas hoje correspondentes a grande parte da França, Itália, Alemanha, Áustria, Polônia e parte da Espanha (Barcelona).

sociedade. Assim, vemos que a prevalência das forças centrífugas no interior da sociedade pré-medieval, ou seja, a desagregação territorial em unidades territoriais menores e independentes concorreu para que o processo de desintegração das unidades sociais ocorresse ao longo de séculos. A análise processual abarca um longo período histórico; somente por meio da comparação entre as várias etapas de um dado desenvolvimento social pode-se aferir a direção do processo. No exemplo supracitado, vemos que o processo de desenvolvimento social transcorreu tanto na direção da descentralização territorial, como na de poder, corroborando assim a direção de um processo de feudalização.

É possível distinguir que a percepção da transformação imanente a todas as coisas constitui o núcleo da abordagem processual; no entanto, é necessário um recorte temporal em grande escala para que o processo torne-se manifesto, para que salte aos olhos do pesquisador o desenvolvimento histórico da trama social. O processo do qual fala Elias é composto pelas inter-relações recíprocas entre os indivíduos que ocorrem continuamente. Portanto, é a ação recíproca e necessária entre os indivíduos que Elias identifica como a energia propulsora dos processos sociais. É necessário ressaltar que para Elias as ações sociais não estão no plano ideal, isto é, elas são ações concretas no mundo social que buscam realizar as aspirações individuais. Do entrelaçamento de inúmeros interesses e ambições individuais surge uma figuração distinta, algo que os indivíduos, nem em conjunto, nem isoladamente, apresentam intenção de criar.

Ao retomarmos o exemplo da feudalização, veremos que a figuração, ou seja, a formação social na qual aqueles indivíduos estavam inseridos, caracterizava-se por uma intensa luta para manter a centralidade do poder. Da relação entre as forças centrípetas e centrífugas no interior da figuração social surgiu uma nova figuração, caracterizada pela descentralização política, pela autonomia de vários territórios em relação ao poder real. Essa nova figuração não foi planejada pelos indivíduos, assim como seu desdobramento futuro em Estados Nacionais também não foi. A mudança da macroestrutura social encontra sua correspondente na transformação das formas de relacionamento humano no interior do desenvolvimento social.

A fim de melhor aclarar tanto a direção como a inevitabilidade dos processos, conceitos que formam a abordagem eliaseana, é conveniente que nos debrucemos sobre uma consequência importante dos processos de integração e desintegração descritos acima: a crescente divisão social de funções. Esse fato é um exemplo de tendências não planejadas estudadas por Elias que ele define como “(...) uma diferenciação crescente nas sociedades e de uma correspondente especialização crescente de posições e funções sociais atribuídas aos seres humanos singulares” (Elias, 2006f: 219).

O crescimento das interdependências humanas corresponde a uma ampla diferenciação de funções sociais relacionadas à esfera econômica, política, científica e cultural. No processo de desenvolvimento social, essas esferas estão intimamente relacionadas e, na visão de Elias, elas não exercem primazia umas sobre as outras. Quanto maior é o grau da diferenciação, maior é a complexidade de integração social. Isso se deve ao crescimento das cadeias de interdependência humana, dos laços de obrigação e controle que reúnem os indivíduos em sociedade.

A crescente diferenciação social correspondeu igualmente ao desaparecimento de especialidades de trabalho que tomavam parte na figuração social, como é o caso, mencionado por Elias, dos tecelões e artesãos. Estes compunham a base produtiva daquela formação social específica, estavam ligados à forma de produção e consumo social da sociedade feudal. O surgimento dos teares mecânicos foi um fator importante para que começasse a se estabelecer um novo tipo de profissionalização, uma nova ordem produtiva: a industrial. Esse episódio revela mais do que a substituição de uma especialidade por outra, ele aponta para a desorganização de um tipo específico de inter-relação social, na qual, além do desaparecimento das profissões, os indivíduos perdem sua posição social e toda uma cadeia de significados de sua valia social.

A essa substituição de funções, Elias denomina desfuncionalização de especialidades, que deve ser considerada como um efeito reverso da diferenciação social. Ao produzir novas figurações sociais, influenciando desde o

micro ao macrocosmo – como é o caso de processos de formação dos Estados Nacionais –, o processo de desfuncionalização desata os laços anteriores e dá continuidade ao processo de desenvolvimento social. O processo civilizador estudado em profundidade por Elias é a expressão mais clara da crescente diferenciação social vivida pelas sociedades humanas.

Os modelos processuais são dinâmicos, além de se referirem à dimensão espacial, se referem à dimensão temporal. “Eles são representações simbólicas de configurações tri o quadridimensionais, ou, em outras palavras, eles são modelos estereométricos sincrônicos e diacrônicos.”¹²⁴ Segundo Elias, para alcançarmos uma maneira de ver o mundo social para além da aparente bidimensionalidade, é necessário, antes de tudo, um questionamento sobre as formas pelas quais adquirimos conhecimento. A percepção contemporânea sobre as realidades sociais está fundamentada, segundo Elias, em formas de pensar dicotômicas e excludentes. O conhecimento pode ser compreendido, na percepção do autor, como relacional e produto de um processo. Nas seções seguintes, trataremos de aprofundar esse tema.

2.2. Sociologia do conhecimento: uma perspectiva processual

A investigação sociológica desenvolvida por Norbert Elias propõe, como já mencionado, modelos teóricos construídos com base em pesquisas empíricas e análise processual, em detrimento da elaboração teórica de leis gerais, cuja aplicabilidade deixa à margem questões importantes relacionadas à especificidade dos objetos. Consequentemente, a análise de processos e figuração não prescinde de uma preocupação com a temática do conhecimento humano. Para Elias, a forma pela qual se chega a conhecer determinado objeto – entendido em sentido amplo, agregado de suas características objetivas e subjetivas – é produto de um processo histórico, bem como a produção de conhecimento surge nas inter-relações sociais.

¹²⁴ “*Sie sind symbolische Repräsentationen drei oder vierdimensionaler Konfigurationen oder, mit anderen Worten, synchrone und diachrone stereometrische Modelle*”. (Elias, 2006b: 414)

A perspectiva processual de Norbert Elias aborda a temática do conhecimento humano em dois aspectos fundamentais. Primeiramente, no questionamento profícuo das bases filosóficas da teoria do conhecimento e, posteriormente, na proposição de uma sociologia do conhecimento pautada por estudos processuais do desenvolvimento do conhecimento humano.¹²⁵ O objetivo da proposição de Elias é oferecer uma visão realista das formas do conhecer humano de tal modo que sejam consideradas as questões afetivas que subjazem tanto à maneira do conhecer quanto à sua aplicação concreta.

Elias compreende conhecimento como forma de orientação no mundo social produzida pelos indivíduos em sociedade. A partir dessa premissa abrangente, nos é possível aferir que há no presente uma variedade de formas de orientação, além de uma infindável cadeia de saberes predecessores. Deve-se ter em mente ainda as múltiplas dimensões culturais. Dada a inevitabilidade desse entrecruzar, Elias empenhou-se na elaboração de uma perspectiva sociológica sobre o conhecimento que mediasse as várias formas de orientação, ou os vários conhecimentos existentes, bem como a importância dos afetos humanos na elaboração das formas de orientação.¹²⁶

Por conhecimento, eu entendo o *fundo* de representações simbólicas que cada sociedade desenvolve ao longo de gerações e que coloca à disposição de seus membros em um dado período de tempo. Este *fundo* pode desempenhar uma série de funções sociais, entre as quais existe uma estreita interdependência. Esse fundo tem caráter desconhecimento à medida que ele serve de meio de orientação aos membros de uma sociedade – orientação em relação ao mundo em que se encontram, e em relação

¹²⁵ A preocupação com questões relativas ao conhecimento ocupou Elias desde seus primeiros escritos, já na tese de doutorado em filosofia. A preocupação sociológica, no entanto, tomou forma mais tarde. Atualmente, além de vários artigos, existem três obras que se complementam e servem de apoio à perspectiva de uma sociologia do conhecimento processual, são elas: *Envolvimento e alienação*, *Sobre o tempo e Teoria simbólica*.

¹²⁶ Encontramos também outras abordagens que se ocupam da importância da carga afetiva emocional dos indivíduos envolvida na produção de conhecimento. Alfred Schütz, herdeiro da perspectiva fenomenológica de Husserl, trata da relevância emocional que um determinado padrão de orientação social – o conjunto de saberes de uma sociedade – tem para seus membros. Que em nome da não observância de determinados códigos de conduta por estranhos, sentem-se desrespeitados e agem de forma a excluir aqueles que não o seguem. No entanto, a abordagem não enfatiza o papel das emoções na construção dos padrões de orientação social. Ver a respeito: Schütz, 1976.

a si mesmos. Esse fundo pode ser apreendido, armazenado e transmitido de uma geração a outra (...). (Elias, 1996: 397)¹²⁷

A consideração da importância dos vários conhecimentos existentes fundamenta-se em críticas pertinentes à teoria do conhecimento. O que de fato se observa é que a proposta eliasiana de uma sociologia do conhecimento pauta-se estritamente na crítica aos fundamentos filosóficos do conhecimento e da ciência. As principais críticas de Elias são dirigidas a três pontos centrais do debate epistemológico: à rivalidade entre conhecimento científico e conhecimento do senso comum, à categoria *a priori* do conhecimento e à proposta monista de conhecimento. Esses três aspectos sobre as formas do conhecimento humano, na perspectiva de Elias, reforçam uma perspectiva de análise de curto prazo, restrita ao presente, negligenciando os processos condutores dos saberes atuais. A importância da consideração desses processos diz respeito a uma ampliação sobre a compreensão do conhecimento atual, seja científico ou não.

A compreensão atual do conhecimento humano baseia-se em uma polaridade valorativa costumeiramente aceitável. De um lado há o conhecimento do senso comum, parcial e envolvido; de outro lado, o conhecimento científico valorizado como imparcial e verdadeiro. Essa oposição comporta uma série de debates sobre a constituição de cada campo do saber. No entanto, questionamentos sobre o conhecimento foram durante séculos prerrogativa da filosofia, cuja problematização girava em torno da possibilidade de se adquirir conhecimento digno de crédito. A sociologia começa a abordar questões relacionadas à produção do conhecimento humano com maior ênfase a partir de meados da década de 1920.¹²⁸

¹²⁷ “*Unter Wissen verstehe ich den Fundus symbolischer Repräsentationen, den jede Gesellschaft über die Generationen hinweg entwickelt und der ihren Mitgliedern zu einer gegebenen Zeit teilweise zur Verfügung steht. Dieser Fundus kann einer Reihe sozialer Funktionen dienen, zwischen denen eine enge Interdependenz besteht. Den Charakter von Wissen hat dieser Fundus, insofern er den Mitgliedern einer Gesellschaft als ein Mittel zur Orientierung dient – der Orientierung im Hinblick auf die Welt, in der sie sich befinden, und damit auf sich selbst. Dieser Fundus kann erlernt, gespeichert und von einer Generation an eine andere weitergegeben werden (...)*” (Elias, 1996: 397)

¹²⁸ Max Scheler foi um dos primeiros a tratar a produção do conhecimento sob uma perspectiva sociológica. No entanto, sua contribuição situou a sociologia do conhecimento como uma área da sociologia da cultura e

Elias situa as bases de uma sociologia do conhecimento e da ciência na relação não antagônica entre duas formas de conhecimento; denominadas por ele de conhecimento de fantasia ou mítico, e conhecimento congruente com a realidade. Ambas as formas de conhecimento não oferecem verdades inquestionáveis; antes, oferecem formas de orientação social e compõem o mesmo processo de desenvolvimento social do conhecimento.

A orientação referida por Elias adquire o significado de sobrevivência de um grupo, principalmente se nos referirmos às sociedades primevas. Elias argumenta que o conhecimento da fantasia tinha grande valor de sobrevivência para estes grupos humanos. O conhecimento mítico preenchia os vazios do não conhecimento, instituindo uma cadeia de significados para os fenômenos naturais obscuros ao grupo. A experiência surgia em um mundo ainda não explicável em termos racionais, mas sim em termos míticos.¹²⁹

tratou de forma histórica o surgimento dos fatores que contribuíram para a formação do pensamento em diferentes sociedades e períodos históricos. Ver a respeito: Scheler, 1924.

¹²⁹ O conhecimento mítico auxiliou os indivíduos a organizar seu mundo social de forma a lidar com o desconhecido. Os indivíduos puderam imaginar, fantasiar as causas 'reais' de eventos que não poderiam ser explicados. "Eles não podiam saber o que causava fogo de enxofre em um vulcão próximo. O conhecimento de que um dragão que cuspiam fogo estava abrigado dentro da montanha, ou que um demônio forjador estava ali, permitia a eles empreender uma ação adequada com o objetivo de apaziguar aquele espírito. A consciência de que eles não tinham ou não poderiam ter um conhecimento mais congruente com a realidade em relação à natureza do vulcão deveria equivaler a uma confissão de sua incapacidade para influenciar o curso dos acontecimentos. O mito dirigiu sua ação. *"They could not know what caused a fire in brimstone from a nearby volcano. The knowledge that a fire-spitting dragon was sitting within the mountain or that a demon's smithy was situated there enable them to take appropriate action in order to appease this spirit. Awareness of the fact that they did not and could not have a more reality-congruent knowledge of the nature of the volcano would have been tantamount to a confession of their own inability to influence the course of events. Myth directed their action"* (Elias, 1991: 73).

Os símbolos das fantasias são frequentemente considerados como não pertencentes ao intelecto, mas como irracionais. Mas, na realidade, a capacidade humana de imaginar coisas que não existem, eventos que não ocorrem e comunicá-los através de símbolos adequados apenas encontra na melhor das hipóteses traços de algo equivalentes no mundo animal. Não foi apenas o pai e a mãe da arte, foi também e ainda é indispensável para a sobrevivência da humanidade uma vez que surgiu uma espécie biologicamente equipada para se orientar e se comunicar por meio do conhecimento aprendido. Seus membros teriam ficado perdidos em um mundo que em sua maior parte não conheciam, e não poderiam conhecer sem a capacidade para estabelecer um conhecimento imaginário e poder comunicá-lo. (Elias, 1991: 72).¹³⁰

Elias usa o termo “congruência” com a realidade para expressar outro tipo de conhecimento, sem opô-lo ao conhecimento da fantasia. O conhecimento congruente com a realidade expressa uma maior conformidade entre o símbolo e sua representação. Ele é fruto de uma postura de conhecimento mais distante do objeto, mas que só se tornou possível devido a um fundo de conhecimento acumulado. O conhecimento relativo atual sobre o que são o Sol e a Terra – diferente de nossos ancestrais há menos de cinco séculos – é proveniente de séculos de pesquisa e conhecimento acumulado. É importante ressaltar que Elias não estabelece uma dissociação entre o conhecimento congruente com a realidade e conhecimento de fantasia. Ambos coexistem, e o saber congruente se realiza devido à comparação da fantasia com a realidade.

¹³⁰ *Symbols of fantasies are often regarded as not of the intellect, but as irrational. Yet in actual fact the human ability to imagine things which do not exist, events which do not occur and to communicate about them by means of appropriate symbols has at best only traces of an equivalent in the animal world. It is not only the father and mother of art, it also was and still is indispensable for the survival of humanity once a species came into being which was biologically equipped for orientation and communication by means of learned knowledge. Its members would have been lost in a world which for the greater part they did not and could not know without the capacity for establishing and communicating about imaginary knowledge (Elias, 1991: 72).*

Mesmo aqueles nossos ancestrais que passaram suas vidas como caçadores e coletores, ou como agricultores primitivos, possuíam uma grande quantidade de conhecimento que, embora não possamos chamar de científico, merece certamente ser chamado de congruente com a realidade. Ele merece essa caracterização ainda que estivesse misturado com todo o conhecimento de fantasia predominante (Elias, 1991: 135).¹³¹

O tratamento processual do desenvolvimento do conhecimento humano evidencia-se na perspectiva de longo alcance, na consideração de uma cadeia geracional de transmissão de conhecimento, bem como na perspectiva figuracional que não contrapõe os conhecimentos necessários à orientação humana. Sob a perspectiva de Elias, uma postura racional e uma irracional fazem parte de um mesmo processo de conhecimento.

Atualmente, o conceito de “Lua” é tido como evidente, e todos podem julgar-se capazes de construí-lo sozinho, abrindo os olhos e contemplando o céu noturno. Imaginar um cenário de um grupo humano desprovido de qualquer bagagem de saber pode ajudar-nos, talvez, a compreender que até uma operação sumamente simples, como a integração de uma diversidade de impressões sensoriais num conceito unitário como o que designamos por “Lua”, foi o resultado de uma longa cadeia de gerações. Para isso, foi preciso um longo processo de aprendizagem, uma lenta acumulação de experiências, algumas das quais, feitas e refeitas incessantemente, foram registradas, ao longo de gerações, como recorrentes (Elias, 1988: 35).¹³²

A sociologia do conhecimento proposta por Elias confronta a teoria do conhecimento, principalmente a filosofia da ciência, que atribui ao procedimento científico a forma por excelência do conhecimento, deixando, assim, os demais

¹³¹ “*Even those of our ancestors who spent their lives as hunters and food gatherers or as early agriculturalists possessed a great deal of knowledge which, though one cannot call it scientific, certainly deserves to be called reality congruent. It deserves this characterization even though it was blended throughout with fantasy knowledge*” (Elias, 1991: 135).

¹³² “*Heute mag der Begriff ‘Mond’ leicht als evident erscheinen, und mag sich denken, dass man ihn von selbst bilden könnte, durch blosses Augenöffnen und Hinschauen auf das Licht am Nachthimmel. Das Szenario einer Menschengruppe ohne vorangehendes Wissen kann uns helfen zu verstehen, dass selbst eine so einfache Integration einer Vielfalt von Sinneserfahrungen in einen einheitlichen Begriff, wie er in unserem Wort ‚Mond‘ zum Ausdruck kommt, dass Resultat der Arbeit eiener langen Generationskette war. Es bedurfte dazu eines langen Lernprozesses, eines langsamen Ansammels von immer mehr Erfahrungen, von denen einige wieder und wieder gemacht wurden und über die Generationen hin als wiederkehrend erinnert wurden*”. (Elias, 1988: 35)

tipos de conhecimento à margem de legitimidade quanto à função de orientação social. Elias deriva sua abordagem da fértil crítica tecida ao longo de seus trabalhos à teoria do conhecimento e à filosofia da ciência. A crítica mais contundente refere-se à concepção *a priori* desenvolvida por Kant e incorporada pelo discurso acadêmico-científico até nossos dias.

Uma vez que a crítica de Elias a Kant é um dos fios condutores de sua abordagem sociológica, torna-se necessário que assinalemos o que Kant denominou conhecimento *a priori*.¹³³

O conhecimento para Kant provinha de duas fontes: a primeira, obtida através da experiência dos sentidos – os conhecimentos *a posteriori*. A segunda, categoria de conhecimentos que recebeu mais atenção de Kant, são os conhecimentos puros, aqueles que estão acima do mundo sensível, os *a priori*. “No que se segue, portanto, por conhecimentos *a priori* entenderemos não os que ocorrem de modo independente desta ou daquela experiência, mas absolutamente independente de toda experiência” (Kant, 1999: 54).

Segundo Kant, todas as ciências teóricas da razão contêm como princípios os juízos sintéticos *a priori*, aqueles que ampliam o conhecimento do objeto, pois acrescentam ao conceito de sujeito um predicado que não poderia ter sido atribuído a ele inicialmente. Os juízos sintéticos *a priori* são os juízos matemáticos, a matemática pura não contém conhecimento empírico, apenas conhecimento puro *a priori*; a física compreendida como ciência da natureza contém em si juízos sintéticos *a priori* como princípio; e a metafísica que se debruça sobre questões inevitáveis da razão; como Deus, liberdade, imortalidade. “(...) o procedimento desta é de início dogmático, ou seja, assume confiantemente a sua execução sem um exame prévio da capacidade ou incapacidade da razão para um tão grande empreendimento” (Kant, 1999: 56).¹³⁴

¹³³ Não é objetivo deste trabalho tratar em profundidade a concepção kantiana de conhecimento. Trataremos de forma circunstanciada, porém com o cuidado analítico que a perspectiva merece.

¹³⁴ A *Crítica da razão pura* se dedica a explicar a possibilidade dos “juízos sintéticos *a priori*”. Kant afirma que tanto a matemática quanto a física são ciências dadas, estão presentes no mundo, existem. Mas a metafísica não é dada, e cada indivíduo pode duvidar de sua possibilidade. Ela pode ser considerada um conhecimento, uma disposição natural, mas não uma ciência.

De forma sintetizada, podemos aferir que para Kant os juízos *a priori* são a essência do pensamento. O conhecimento *a priori* é necessariamente verdadeiro, enquanto os *a posteriori* são contingentes, podem acontecer ou não. Os juízos *a priori* são universais, analíticos: um triângulo tem e terá sempre três lados. O espaço e o tempo são quadros *a priori*, necessários e universais à percepção do ser humano.

Para Elias, a concepção *a priori* não é realista, ela comporta uma séria de projeções que são reproduzidas no discurso científico, reforçando uma mentalidade que enxerga o mundo através de dicotomias estáticas e imutáveis: indivíduo/sociedade, racional/irracional, sujeito/objeto. É preciso deixar claro que, se, por um lado, Elias contesta o princípio *a priori* e procura oferecer argumento para romper com essa tradição, por outro lado, concebe que este faz parte do desenvolvimento do conhecimento humano.

Encontramos essa crítica de Elias de forma desafiadora em *Sobre o tempo*, no qual o autor afirma que o tempo não é um princípio *a priori*, como afirmou Kant, mas uma construção social, advinda de uma necessidade humana de orientação, transformada em conhecimento de geração a geração. Para Elias, a hipótese kantiana não conserva sua força se for contraposta a fatos reais. “Dentre as capacidades naturais do ser humano, figura uma capacidade geral de síntese, isto é, de estabelecimento de relações entre acontecimentos. Mas todas as ligações específicas que estabelecemos e todos os conceitos que utilizamos em correspondência com ela, ao falarmos e ao refletirmos, são resultantes da aprendizagem e da experiência, e não se trata do indivíduo singular, mas de uma longa cadeia geracional de transmissão de conhecimento (...)” (Elias, 1988: 3).¹³⁵

O conhecimento é uma narrativa do cotidiano, cuja contingência não impede que ele sirva de orientação, ao contrário do que afirmou Kant sobre a generalidade do conhecimento *a priori*. Elias argumenta a favor de um

¹³⁵ “Menschen besitzen als Teil ihrer natürlichen Ausstattung ein allgemeines Potential zur Synthese, das heisst zur Verknüpfung Von Ereignissen; doch alle spezifischen Verknüpfungen, die sie herstellen, und die entsprechenden Begriffe, die sie in ihren Reden und Nachdenken gebrauchen, sind das Ergebnis von Lernen und Erfahrung, und zwar nicht einfach jedes einzelnen Menschen, sondern einer seher langen Kette menschlicher Generationen, die erlerntes Wissen von Glied zu Glied weitergeben: (...)” (Elias, 1988: 3).

conhecimento que compreenda seu próprio processo de desenvolvimento, que dê voz à espontaneidade da inexperiência do passado, sem a qual não existiria o atual estágio do conhecimento. “Existem várias evidências que indicam que o crescimento do conhecimento pré-científico foi condição para que surgisse a forma científica. O erro de Ptolomeu foi a condição da correção que fez Copérnico desse erro” (Elias, 1991: 132).¹³⁶

Se o tempo é considerado por Kant “... a condição formal *a priori*, de todos os fenômenos em geral” (Kant, 1999: 79), não encontra a mesma correspondência em Norbert Elias, que situa a temática do tempo no campo sociológico. Dessa forma, reorienta-se a pergunta, em vez do questionamento filosófico sobre a essência do tempo, o redirecionamento sociológico busca as respostas nas necessidades humanas que geraram a determinação do tempo. Quando e por que os indivíduos sentiram a necessidade de determinar o tempo? Elias trata a questão para além de sua essência natural – tratada pela filosofia e física. Propõe que se observe o desenvolvimento do saber, considerando que os indivíduos estão imbricados em processos físicos e sociais.

Nos dias atuais, o “tempo” é um instrumento de orientação indispensável para realizarmos uma multiplicidade de tarefas variadas. Dizer, porém, que é um meio de orientação criado pelo homem traz o risco de levar a crer que ele seria apenas intervenção humana. E esse “apenas” traduz nossa decepção diante de uma “idéia” que não seja o reflexo fiel de nenhuma realidade externa. Ora, o tempo não se reduz a uma “idéia” que surja do nada, por assim dizer, na cabeça dos indivíduos. Ele é também uma instituição cujo caráter varia conforme o estágio de desenvolvimento atingido pelas sociedades. O indivíduo, ao crescer, aprende a interpretar os sinais temporais usados em sua sociedade e a orientar sua conduta em função deles. A imagem mnêmica e a representação do tempo num dado indivíduo dependem, pois, do nível de desenvolvimento das instituições sociais que representam o tempo e difundem seu

¹³⁶ “Yet there is a good deal of evidence which suggests that the growth of pre-scientific knowledge was a condition of the emergence of the scientific form. Ptolemy’s error was a condition of a Copernicu’s correction of this error” (Elias, 1991: 132).

conhecimento, assim como das experiências que o indivíduo tem delas desde a mais tenra idade (Elias, 1988: XXI).¹³⁷

Os indivíduos adquirem conhecimento em uma determinada figuração, estão presos a ela, e o conhecimento adquirido sob determinadas condições é produto também de uma série de fatores interligados como o meio natural, a capacidade biológica humana, o repertório de conhecimento acumulado até o momento. Desse modo, para aferir a direção do desenvolvimento do conhecimento – a direção que a conduta humana irá tomar ao incorporar e produzir novos conhecimentos –, é necessário que se tome em consideração, simultaneamente, a figuração social, a estrutura social e da personalidade.

O problema maior apontado por Elias não é o fato de Kant, assim como Descartes, representantes de uma *intelligentsia* acadêmica, desenvolverem conceitos relativos à possibilidade do conhecimento humano, e da razão, que hoje podem ser confrontados. Descartes e Kant compartilhavam um fundo social de conhecimento acumulado, suas especulações não surgiram *a priori*, elas fazem parte de uma bagagem de conceitos que já estavam à disposição e foram desenvolvidos ao longo de gerações. Eles não fizeram uma descoberta desconectada dessa cadeia geracional. A partir desses filósofos pensadores, a perspectiva do conhecimento começou a romper barreiras estabelecidas pelo domínio de dogmas religiosos.

Não se trata de jogar por terra a contribuição daqueles filósofos, isso seria um contra-senso dada a proposta processual de Elias. A questão pode ser sintetizada da seguinte maneira: tanto a percepção do indivíduo como ser isolado

¹³⁷ “*Gegenwärtig braucht man ‘Zeit’ zur Orientierung bei der Erledigung einer Fülle verschiedenartiger Aufgaben. Aber wenn man darauf hinweist, dass ‘Zeit’ ein von Menschen geschaffenes Orientierungsmittel ist, dann schleicht sich beim Sprechen leicht die Formulierung ein, die Zeit sei bloss eine von Menschen geschaffene Erfindung. Entsprechend der Erwartung, die die Abbildungstheorie erweckt, bringt dieses ‘bloss’ die Enttäuschung darüber zum Ausdruck, dass die Zeit nicht eine ‘Idee’ ist, die etwas real Gegebenes getreulich widerspiegelt. Aber die Zeit ist eben nicht einfach eine ‘Idee’, die gleichsam aus dem Nichts im Kopfe des einzelnen Menschen auftaucht. Sie ist auch eine je nach dem Stand der sozialen Entwicklung verschiedene soziale Einrichtung. Der einzelne Mensch lernt beim Heranwachsen, die in seiner Gesellschaft gebräulichen Zeitsignale zu verstehen und sich im Verhalten an ihnen zu orientieren. Das Erinnerungsbild von der Zeit, die Vorstellung von ihr, die ein einzelner Mensch besitzt, hängt also von dem Entwicklungsstand der die Zeit repräsentierenden und kommunizierenden sozialen Institutionen ab und von den Erfahrungen, die der Einzelne mit ihnen von klein auf gemacht hat*” (Elias, 1988: XXI).

da natureza e dos demais indivíduos, quanto a noção de um conhecimento que preceda a experiência e não surja no contexto das inter-relações sociais, são percepções que se desenvolveram ao longo do tempo, foram internalizadas de forma a impedir uma visão ampla e correlacional do desenvolvimento do conhecimento humano. Esses princípios foram consubstanciados em um pensamento geral sobre a consciência humana de si.

A percepção humana da mudança de uma visão geocêntrica para uma heliocêntrica manteve-se fiel ao sentimento de centralidade e importância do indivíduo. Essa postura resvalou na produção de conhecimento científico e da postura filosófica. A tradição da filosofia da ciência, por exemplo, prescreve a busca por leis gerais, compreende a ciência como única, abstém-se de considerar as várias especializações científicas, bem como de promover a idéia de uma produção de conhecimento individual. Essas tendências observadas por Elias, que influenciam a forma de fazer e refletir sobre o conhecimento em geral, e ciência, em particular, têm suas origens no pensamento iluminista, emancipador. Até os dias atuais, a filosofia da ciência perpetua uma tradição de pensamento, cujas raízes estão nos primeiros estágios do desenvolvimento do conhecimento científico.

Uma das características observáveis do desenvolvimento científico diz respeito a uma crescente diferenciação e especialização das ciências em pelo menos três níveis visíveis: físico, biológico e social, bem como as suas várias e contínuas especializações. Um exemplo claro da crescente especialização pode ser observado no desenvolvimento da biologia, que apresenta atualmente uma crescente rede de ramificações especializadas.

Um exemplo para isso é a própria teoria da evolução com os conceitos “diferenciação sexual”, “hereditariedade”, “embrião”, “nascimento”, “estado larval”, “maturidade” ou “morte”. Estas expressões são símbolos que as pessoas desenvolveram, e sempre continuarão a desenvolver, a fim de ter à sua disposição ferramentas para analisar a característica peculiaridade dos planos de integração biológico, e assim apresentar os resultados das suas pesquisas. Os cientistas sociais se formaram de uma forma não

especializada – a partir da matriz filosófica pré-científica do final do século XVIII – e desenvolveram uma série de especialidades divergentes (Elias, 2006b: 403).¹³⁸

Essa crescente especialização abrangeu igualmente as áreas das ciências sociais. Os precursores das ciências sociais também desenvolveram conceitos que correspondiam a vários níveis de integração: a teoria de Marx do desenvolvimento das sociedades, de Keynes sobre o ciclo de conjuntura e de Freud sobre o desenvolvimento e estrutura da personalidade humana. No caso do desenvolvimento dessas teorias e de alguns conceitos, os pesquisadores precisaram se abstrair da complexidade imanente do mundo social. Mostra-se extremamente difícil que ocorra, a médio prazo, uma integração entre as várias vertentes das ciências sociais, embora seja desejável.

Elias não concebe a ciência no singular, como ocorre com os filósofos que falam em Ciência. “Eles dão continuidade à tradição dos séculos XVII e XVIII, quando a física representava o maior exemplo da capacidade das pessoas para fazer descobertas sobre o universo, apoiadas na própria capacidade de refletir e observar” (Elias, 2006b: 405).¹³⁹ Elias critica severamente o pensamento filosófico que ainda hoje aplica essa habilidade como uma abstração internalizada. A concepção de leis gerais, própria da esfera das ciências naturais, reflete ainda – de forma inconsciente, argumenta Elias – a perspectiva de leis naturais que explicam a ordem equilibrada e a regularidade do universo.

Existem vários níveis de integração além dos naturais; o nível da sociedade é um deles. É nessa esfera que Elias encontra o material que compõe, em certo sentido, o núcleo de sua análise sobre o processo de conhecimento. A partir da

¹³⁸ “Ein Beispiel hierfür ist die Theorie der Evolution selbst, mit ihren Begriffen wie ‘sexuelle Differenzierung’, ‘Vererbung’, ‘Embryo’, ‘Geburt’, ‘Larven-stadium’, ‘Reif’, oder Tod. Diese begriffen sind Symbole, die Menschen entwickelt haben und immer weiter entwickeln, damit ihre Werkzeuge zur Verfügung stehen, um die charakteristische Besonderheit der biologischen Integrationsebene zu untersuchen und um die Ergebnisse ihrer Forschungen zu repräsentieren. Die Sozialwissenschaften haben sich ihrerseits aus der relativ unspezialisierten Form, in der sich am Ende des 18. Jahrhunderts aus der vorwissenschaftlichen Matrix der Philosophie herausbildeten, zu einer Reihe divergenter Spezialgebiete entwickelt.” (Elias, 2006b: 403).

¹³⁹ “Sie setzen die Tradition des 17. und 18. Jahrhunderts fort, als die Physik als das höchste Beispiel des Vermögens der Menschen erschien, Entdeckungen über das Universum zu machen, unterstützt durch die den Menschen eigene Fähigkeit, Überlegungen anzustellen und Beobachtungen zu machen” (Elias, 2006b: 405).

crescente interdependência funcional torna-se cada vez mais premente o exame das singularidades dos processos sociais do conhecimento. Embora o conhecimento científico contribua para o desenvolvimento geral da humanidade, existe uma variedade de particularidades próprias de cada período e sociedade que devem ser consideradas. É preciso, argumenta Elias, que se analise cada configuração, mais especificamente, a composição relacional de suas partes. Será a especificação do tipo de interdependência funcional que poderá aclarar o desenvolvimento do conhecimento em um dado período e em uma determinada sociedade.

Pois “estrutura”, “figuração”, “interdependência funcional”, “integração”, “modo da relação”, “organização” ou outros conceitos que se utilizem no caso concreto, todos juntos são representações simbólicas destes fatores que determinam as características de uma unidade complexa. Por isso o descobrimento destes fatores tem um significado crucial para explicar uma unidade complexa. (Elias, 2006b: 410-411).¹⁴⁰

Elias não propõe uma mudança abrupta de perspectiva científica; antes, observa uma transição em curso, de leis gerais para teorias processuais. As leis gerais são representadas por teorias estáticas; estas, por sua vez, representam os seres humanos em tempo e espaço como imutáveis, sem movimento e atemporais, elas transmutam a representação quadridimensional científica de fenômenos em simplicidades bidimensionais. Como pessoas e paisagens que foram pintadas em uma tela bidimensional, as teorias são projeções de um sentido quadridimensional em um plano bidimensional. Elas são representações simbólicas de representações universais e eternas regularidades de relações, das quais se espera a repetição, apesar de que posição concreta no tempo e lugar elas respectivamente ocupem. (Elias, 2006b: 412)¹⁴¹

¹⁴⁰ “Da ‘Struktur’, ‘Figuration’, ‘funktionale Interdependenz’, ‘Integration’, ‘Art der Bindung’, ‘Organisation’ oder welche Begriffe man auch im konkreten Fall verwenden mag, alle zusammen symbolische Repräsentationen solcher Faktoren sind, die die Eigenschaften einer zusammengesetzten Einheit bestimmen, ist die Entdeckung dieser Faktoren von entscheidender Bedeutung, um die zusammengesetzte Einheit zu erklären.” (Elias, 2006b: pp. 410-411).

¹⁴¹ “Wie Menschen und Landschaften, die auf einer zweidimensionalen Leinwand gemalt sind, sind diese Theorien Projektionen eines vierdimensionalen Zusammenhangs in eine zweidimensionale Ebene. Sie sind symbolische Repräsentationen universeller und ewiger Regelmäßigkeiten von Zusammenhängen, von denen

A atual forma de abordar o desenvolvimento do conhecimento humano sobre a natureza, que se resume em estudos de períodos de curta duração, impede a compreensão sobre as estruturas processuais, que exigem, por sua vez, uma perspectiva de longo prazo. Podemos falar do desenvolvimento do conhecimento humano em termos plurais, ou seja, na aquiescência da existência do entrelaçamento de vários processos de conhecimento.

Elias argumenta que existe um sério problema no que diz respeito à produção de conhecimento, que colabora para uma percepção antagônica de conhecimento. As áreas de conhecimento preocupam-se com a delimitação de seu objeto e conseqüentemente com a própria autonomia. Assim, essas áreas evitam a busca de uma abrangência comum dos problemas sociais, um exemplo nesse sentido pode ser dado pela incompatibilidade entre ciências naturais e ciências sociais.

A sociologia do conhecimento desenvolvida por Elias propõe uma teoria simbólica do conhecimento humano e das ciências. Isso em relação estreita com o desenvolvimento empírico, observável, do desenvolvimento do conhecimento humano. Como já afirmamos, Elias parte da crítica da filosofia da teoria do conhecimento, cujo ponto de partida é a colocação do ser humano individual, o desprendimento de toda ligação entre seres humanos do mundo dos objetos se defronta. Vale ressaltar que o conhecimento humano é o resultado de um longo processo de aprendizagem da humanidade, do qual não é possível determinar o início. Cada indivíduo, não importa qual seja sua valiosa contribuição, parte de um fundo de conhecimento já existente e agrega a ele novos conhecimentos, impulsionando-o.

Na sociologia do conhecimento, o desenvolvimento do saber, isto é, dos meios humanos de orientação, não tem recebido a atenção que merece. Ora, a maneira como a humanidade aprendeu a se orientar no universo, e conseguiu fazê-lo cada vez melhor ao

man erwartet, dass sie sich, ungeachtet dessen, welche konkrete Position in Zeit und Raum sie jeweils gerade einnehmen, wiederholen." (Elias, 2006b: 412).

longo de milênios, não deixa de ter importância para a compreensão que ela adquiriu de si mesma (Elias, 1998: 8).

A crescente diferenciação das áreas do conhecimento não é um indicativo apenas da consolidação da esfera científica como a que melhor pode oferecer compreensões sobre a natureza – também social. Ela também pode ser interpretada como um indicador do fato de que o do conhecimento humano comporta vários conhecimentos, e o científico é apenas um deles.

Uma vez que o desenvolvimento da ciência direciona-se para as crescentes diferenciação e especialização, Elias aponta três níveis dessa diferenciação: físico, biológico e social. A pergunta pelos motivos dessa diferenciação não é vazia de sentido. Mas para os filósofos, sob a perspectiva da crítica eliasiana, essa questão não é significativa, pois ainda predomina nessa esfera a mesma forma de pensar dos antecessores do século XVII.

Uma consequência danosa para a trajetória do conhecimento refere-se ao fato de que a mentalidade científica que acompanha a crescente diferenciação das áreas de conhecimento dificulta as análises interdisciplinares. As fronteiras de cada área de conhecimento são sustentadas pela limitação específica de seu objeto, como se este fosse isolado das mais variadas influências.

Elias incorpora ainda mais um argumento necessário para a compreensão das formas do conhecer humano - existe uma constituição biológica presente e responsável para que a espécie humana tenha capacidade de aprender, armazenar e reproduzir experiências, transmitir tais experiências de uma forma intergeracional. Os seres humanos têm a capacidade de regular o comportamento de acordo com o conhecimento que possuem, seja de ordem mítica ou científica. Essa capacidade não é inata, mas adquirida individualmente por aprendizagem, acumulada e transmitida de geração a geração.

Em síntese, em contraposição à tradicional diferença entre a teoria do conhecimento e a sociologia do conhecimento, Elias parte do pressuposto de que o ato individual do conhecimento é totalmente inseparável do fato de que o conhecimento humano é aprendido através dos outros. Elias fala a favor de uma

teoria sociológica da ciência e do conhecimento, na qual a relação sujeito-objeto não seja compreendida, como é tradicionalmente na teoria do conhecimento, como universalidade imutável, mas como um processo sem início, não planejado, de longa duração e estruturado, cuja ordem e a respectiva direção na sequência de sua mudança possa ser analisada, descrita e esclarecida. O desenvolvimento do conhecimento humano está estritamente ligado à direção, na qual se desenvolvem as relações de interdependência.

Com o processo de humanidade como estrutura social não é difícil mostrar que a balança entre conhecimento de fantasia e congruente com a realidade, em um contexto intergeracional, pode mudar a favor de um ou de outro. Porém no caso do conhecimento de natureza não humana, de fato, a balança moveu-se em favor da congruência com a realidade. Ambos os tipos de conhecimento podem se desenvolver em especialidades sociais como a ciência, por um lado, e as artes, a religião e outras formas culturais, por outro lado (Elias, 1991: 134).¹⁴²

2.3 As direções do conhecimento: relação entre engajamento e distanciamento

Para Norbert Elias, o desenvolvimento do conhecimento humano, de forma análoga aos processos sociais, não segue um caminho predeterminado, ou de antemão planejado pelas mentes humanas. O conhecimento humano apresenta várias tendências que são representativas de um tipo específico de sociedade situada no tempo. A perspectiva de Elias não imobiliza o ato do conhecer, nem o desconecta da intrincada rede de relações sociais presentes e pretéritas.

O que a abordagem de Elias delineia é uma forma de tratar o conhecimento como um processo composto por vários processos que se entrelaçam. Provavelmente, aí reside uma das melhores contribuições de Norbert Elias para a análise sociológica, a de pluralizar e assim respeitar as diversas características das sociedades humanas. Com a finalidade de analisar as fases de processos de

¹⁴² “*With the process of humanity as the social framework it is not difficult to show that the balance between fantasy knowledge and reality-congruent knowledge, in an intergenerational context can change in favour of either, but in the case of knowledge of no-human nature has in fact changed in favour of reality-congruence. Both types of knowledge may develop into social specialism such as science on the one hand, the arts, religion and some others cultural attainments on the other.*”(Elias, 1991: 134).

conhecimento, bem como suas direções, Elias utiliza dois conceitos-chave - engajamento e distanciamento -, cujos significados correspondem a posturas pessoais frente ao conhecimento. Com o auxílio desses conceitos é possível compreender as razões pelas quais o conhecimento humano não é uniformemente o mesmo. “Diferentes tipos de conhecimento estão correlacionados às diferenças específicas na situação das sociedades em que são produzidos e usados” (Elias, 1998: 33).¹⁴³

Os estudos de Elias demonstram que o desenvolvimento do conhecimento humano é direcionado e estruturado. O par conceitual engajamento/distanciamento auxilia a pesquisa sobre o conhecimento humano no sentido de evidenciar as características das fases de conhecimento. A balança entre engajamento e distanciamento pode se expressar de forma diferente, e em vários níveis, como na relação do indivíduo consigo mesmo, na relação com outros indivíduos e na relação com objetos.

Embora os conceitos de engajamento e distanciamento expressem posturas opostas, sob o ângulo de Elias, eles retratam uma relação. Vemos assim que para Elias o que menos interessa é a exata constatação de uma dicotomia, como entre racionalidade e irracionalidade, objetividade e subjetividade, mas sim a relação entre engajamento e distanciamento frente a ação de produzir conhecimento no contexto histórico de diferentes sociedades.

A relação entre uma perspectiva engajada e uma distanciada pode ser observada, por exemplo, no desenvolvimento do conceito de natureza.¹⁴⁴ A compreensão que atualmente possuímos sobre a natureza envolve um elevado grau de síntese. Os indivíduos vivenciam a natureza em sua forma domesticável, uma vez que o conhecimento de suas leis leva a uma postura mais segura no controle dos eventos naturais. Assim a natureza é percebida de uma maneira distanciada. No entanto, essa percepção não se ocupa com as fases anteriores, quando os indivíduos não conheciam as leis da natureza. Quando se olha para

¹⁴³ Ver a respeito, (Elias, 1998).

¹⁴⁴ No artigo “Über die Natur” Elias propõe demonstrar o desenvolvimento de longo prazo do conceito de natureza até o nível de distanciamento vivenciado atualmente (Ver a respeito: Elias, 2006d, pp. 118-137).

essa “domestificação” como um processo, então alcança-se um nível mais elevado de distanciamento. A natureza sofre intervenções humanas que influenciam seu curso.

Quando se considera a natureza com algum distanciamento, pode-se facilmente reconhecer que ela não é boa, nem ruim, nem benevolente, nem malévola para com os seres humanos, mas é completamente indiferente. De todas as manifestações da natureza, os seres humanos possuem meramente a capacidade de influenciar o errante processo dos acontecimentos naturais, de forma que estes sejam úteis e agradáveis. Os seres humanos podem também fazer o contrário, podem conduzir os eventos naturais para uma direção que traga destruição em massa ou grande sofrimento para a humanidade (Elias, 2006d: 129).¹⁴⁵

A percepção atual da natureza, embora seja congruente, comporta da mesma forma uma postura fantasiosa que não percebe a natureza com distância. Paradoxalmente, esse envolvimento decorre do alto nível de intervenção humana na domesticação da natureza e de um alto controle afetivo.¹⁴⁶ O conceito de natureza é vivenciado de acordo com os sentimentos gerados por cada situação particular. Desse modo, a natureza pode ser vivenciada como catástrofe, como um campo bucólico e aprazível, ou ainda como algo saudável. O conceito de natureza se refere a várias situações, e cada uma delas pode apresentar uma postura distanciada ou engajada.

O conceito de natureza tornou-se, de um lado, o símbolo máximo da unidade da ordem, que conecta todos os possíveis objetos das ciências naturais. Nesse sentido, o conceito expressa um alto grau de distanciamento e de congruência com a realidade. Mas por outro lado, ele absorve – ou guarda consigo – como já fez seu equivalente na antiguidade, algo da função simbólica que oferece uma resposta aos desejos pessoais e

¹⁴⁵ “Wenn man es mit einiger Distanzierung betrachtet, kann man leichter erkennen, dass die Natur weder gut ist noch schlecht, weder wohlwollend noch böswillig gegenüber den Menschen, sondern nur völlig indifferent. Von allen Manifestationen der Natur besitzen lediglich die Menschen die Fähigkeit, den ziellosen Fortgang des Naturgeschehens so zu beeinflussen, dass er für sie selbst erfreulicher und nutzbringender wird. Sie können auch das Gegenteil tun; sie können Naturereignisse in eine Richtung steuern, die zu Massenvernichtung und grossen Leid für Menschen führt” (Elias, 2006d: 129).

¹⁴⁶ A capacidade individual de distanciamento dos próprios afetos, que influenciam o processo de conhecimento, pode novamente significar um aspecto de qualquer controle dos afetos (afetivo), que caracterizou o processo de civilização. O próprio processo de conhecimento aparece como parte do processo de civilização.

necessidades humanas. Ele permanece assim, também, um símbolo de um engajamento afetivo (Elias, 2006d: 124).¹⁴⁷

Uma mesma percepção pode expressar uma relação entre uma postura engajada e uma distanciada. O aumento cumulativo do conhecimento ajudou a criar um distanciamento em relação aos objetos. No atual estágio do desenvolvimento científico, os indivíduos concebem, graças ao distanciamento, os processos naturais como uma esfera autônoma, em uma forma mecânica ou causal. Mas eles – os indivíduos – “... ainda não são capazes de se distanciarem o suficiente de si mesmos para tornarem seu próprio autodistanciamento, sua própria contenção de emoções – em suma, as condições de seu próprio papel como sujeito da compreensão científica da natureza – objeto do conhecimento e da indagação científica” (Elias, 1994a: 245).

O quadro atual do conhecimento revela a tendência de maior distanciamento por parte dos cientistas em relação a áreas científicas específicas. A perspectiva menos envolvida presente, sobretudo, nas ciências naturais, como já argumentado anteriormente, é fruto de um processo contínuo. No entanto, essa postura científica indica a distância em relação ao objeto, sem que ocorra concomitantemente o autodistanciamento por parte dos cientistas.

Obviamente existem problemas quando uma dessas duas atitudes é levada ao extremo. Se, por um lado, um alto grau de distanciamento apenas do objeto cerceia o conhecimento, restringe a análise de eventos apenas ao momento presente, ou seja, atua de forma reducionista; por outro lado, o engajamento implica o perigo maior de se deixar captar por mitos e ideologizações da realidade social. Apesar dos problemas originados quando uma dessas perspectivas é levada ao limite, e quando ainda há uma compreensão negativa quanto ao engajamento emocional, existe uma questão relevante implícita na postura de

¹⁴⁷ “Der Naturbegriff wurde so auf der einen Seite das oberste Symbol für die Einheit der Ordnung, die alle möglichen Gegenstände der Naturwissenschaften miteinander verbindet. In diesem Sinne drückt er eine hohe Stufe der Distanzierung und Realitätskongruenz aus. Auf der anderen Seite aber übernahm er – oder behielt er –, wie es schon seine Äquivalente in der Antike getan hatten, einige der Funktionen eines Symbols, das eine Antwort auf ganz persönliche Wünsche und Bedürfnisse der mensch bot. Er blieb also auch das Symbol eines affektiven Engajaments” (Elias, 2006b: 124).

envolvimento que deve ser levada em conta: “A questão característica do envolvimento – ‘O que isso significa para mim e para os outros?’ – tornou-se subordinada a questões como ‘O que é isso?’ ou ‘Como esses acontecimentos se relacionam com outros?’” (Elias, 1998: 112).

Como já afirmamos, os conceitos de envolvimento e distanciamento expressam posturas, formas de lidar com determinada situação que envolve conhecimento. Essas perspectivas, antes de se tornarem conceitos de análise científica, representam padrões de sentimentos envolvidos na relação entre sujeito e objeto, seja este último humano ou não. Como conceitos que expressam sentimentos, seus graus, ou seja, a intensidade de cada postura varia individualmente. Duas pessoas podem apresentar graus diferentes de distanciamento para uma mesma situação. “No fundamental, o que se observa são pessoas e manifestações de pessoas, como padrões de discurso ou de pensamento e de outras atividades, alguns rotulados como alta alienação ou de alto envolvimento, e outros de baixa alienação ou de baixo envolvimento” (Elias, 1998: 108).

Elias ressalta que as variações entre engajamento e distanciamento devem ser compreendidas dentro de um contexto muito específico; existem padrões sociais, vividos também como especificidade individual, que orientam as formas como os indivíduos lidam com questões que os afetam.

Há uma diferença de percepção e abordagem quanto aos objetos das ciências naturais e das ciências sociais. A ciência, em geral, é mobilizada quando se trata de buscar soluções para questões “naturais”, mas o mesmo não acontece quando se trata de questões sociais. Normalmente, observamos que as áreas das ciências sociais recebem pouca credibilidade quando colocam seu fundo de conhecimento à disposição da sociedade. “No caso de guerras e revoluções, entretanto, que são desastres humanos não menores e, muitas vezes, bem maiores, do que grandes enchentes ou epidemias, poucas pessoas esperariam ajuda ou conselho dos cientistas sociais; e se eles oferecessem, poucos estariam dispostos a aceitá-los ou, mesmo, a ouvi-los” (Elias, 1998: 12).

A fraca influência das ciências sociais sobre as ações sociais deve-se ao fato de que no campo das emoções e afetos humanos ainda há uma deficiência de conhecimento, ao contrário do que acontece com as ciências naturais, cujo controle institucionalizado das emoções diante do objeto colabora para o desenvolvimento científico. Mas cabe uma pergunta: o que é necessário para que se alcance um maior equilíbrio entre controle emocional e distanciamento nas ciências sociais? Como alcançar esse equilíbrio? Elias não oferece resposta a essas questões, mas sinaliza a necessidade de que seja buscado um equilíbrio entre essas duas posturas humanas com relação à produção de conhecimento.

Os conceitos de envolvimento e distanciamento, segundo Elias: “Referem-se aos seres humanos, incluindo seus movimentos, seus gestos e suas ações, não menos do que seus pensamentos, seus sentimentos, seus impulsos e o controle deles” (Elias, 1998: 48). Nesse sentido, podem oferecer uma perspectiva confiável da rede de interdependências humanas.

Assim chegamos ao ponto de concluir que a total negação de uma postura engajada não é possível nem aconselhável. Um engajamento ativo não é suficiente para se produzir conhecimento, é preciso aprender a combinar as duas posturas. Para que se logre uma postura científica mais distanciada, sem que se perca de vista o fato de que se está diretamente em contato com o objeto de pesquisa, ou seja, de que se é influenciado por ele, Elias argumenta a necessidade de ruptura com a tradição filosófica do conhecimento. Uma postura que parece simples é reconhecer que aprendemos em um mundo que nos preexiste, e que, portanto, não somos inteiramente autônomos no que diz respeito à produção de conhecimento.

2.4 Para uma compreensão processual do conhecimento: Teoria simbólica

Norbert Elias aborda criticamente as dicotomias estáticas – indivíduo/sociedade; racional/irracional; sujeito/objeto; cultura/natureza, entre outras. Essas oposições, como são normalmente apropriadas pelas diferentes escolas científicas, reduzem as questões sociais circundando-as ao presente. A perspectiva processual, longe de ignorar esses dualismos, compreende que são constitutivos de um amplo processo: o processo de desenvolvimento da humanidade. Uma das dicotomias mais controversas no meio científico é o dualismo entre natureza e cultura. Essa percepção foi acentuada pela filosofia da ciência, cuja tradição – mantida desde as primeiras fases do desenvolvimento científico – influencia a cisão de processos que devem ser vistos como entrelaçados. Para essa tradição, ciência deve permanecer no singular. Ela não leva em conta a crescente diferenciação do campo científico.

O complexo geral dos problemas que se desenvolveram desde o século 17, uma vez que as ciências se desenvolvem e por isso se transformam, e especialmente aqueles problemas que se formaram devido a uma crescente diferenciação – e através da formação das crescentes especialidades científicas – foram completamente negligenciadas pelos filósofos das ciências. Atualmente, a realidade de uma crescente diferenciação e especialização científica é, sobremaneira, óbvia.¹⁴⁸

¹⁴⁸ *Der gesamte Komplex vom Problemen, die seit 17. Jahrhundert daraus entstehen, dass die Wissenschaften sich weiterentwickeln und damit verändern, und insbesondere diejenigen Probleme, die sich durch die wachsende Differenzierung, durch die Herausbildung von immer mehr wissenschaften Spezialgebieten ergeben, wird von den Wissenschaftsphilosophen vollkommen vernachlässigt. Die Tatsache der zunehmenden wissenschaftlichen Differenzierung und Spezialisierung selbst liegt überaus deutlich zutage* (Elias, 2006b: 403).

Elias trata a relação entre cultura e natureza e não a sua oposição. Essa perspectiva relacional e funcional foi desenvolvida de forma específica para iluminar o processo de desenvolvimento do conhecimento humano. Tendo como pano de fundo o quadro referencial de desenvolvimento do conhecimento, Elias utiliza a relação entre cultura e natureza de forma a explicitar que o conhecimento humano é fruto da relação funcional que se desenvolve ao longo de milênios. Como já vimos, o autor concebe conhecimento como um processo moldado pelas formas de orientação humana no mundo social. Esse processo é caracterizado, igualmente, por uma relação entre duas formas de conhecimento, o conhecimento de fantasia e o congruente com a realidade. Segundo Elias, atualmente, o conhecimento segue uma direção de maior congruência, dada sua transmissão geracional.

A transmissão de conhecimento de uma geração a outra advém de uma capacidade humana de produzir, corrigir e transmitir esses conhecimentos. Essa capacidade é possível devido ao aparato biológico inato dos seres humanos. A partir dessa constatação, Elias reconcilia natureza e cultura, sem, no entanto, negligenciar os antagonismos entre cultura e natureza.¹⁴⁹ A capacidade humana de comunicação, de produzir padrões sonoros, é atributo biológico inato, é própria da espécie humana. No entanto, o desenvolvimento dos padrões sonoros em símbolos de comunicação é próprio do meio social. “É evidente que o potencial para comunicação por meio da linguagem é parte da herança biológica inata da humanidade. É igualmente óbvio que este potencial natural da espécie humana para comunicar-se através da linguagem apenas chega a ser operante se for ativado por um processo social de aprendizagem individual” (Elias, 1991: 18).¹⁵⁰

Assim, assumindo como ponto de apoio a relação entre natureza e cultura, Elias desenvolve, ainda que de forma não acabada, um modelo de teoria simbólica que diz respeito a um aspecto da relação entre cultura e natureza. Como

¹⁴⁹ Ver a respeito, (Elias, 1991).

¹⁵⁰ “*It is obvious that the potential for communicating by means of a language is part of the unlearned biological heritage of humanity. It is equally obvious that this natural potential for language communication of the human species becomes operative only if it is activated by a social process of individual learning*” (Elias, 1991: 18).

já foi salientado, o autor não desenvolve somente uma crítica bem elaborada dos modelos herdados do conhecimento. Na verdade, ele formula, a partir dessa postura crítica, vários modelos teóricos de análise, como os modelos de processo civilizador, de balança de poder entre grupos adversários e um modelo de teoria simbólica do conhecimento.¹⁵¹ Esse modelo teórico propõe uma consideração do vínculo entre a evolução biológica humana e o desenvolvimento social. A controvérsia levantada pela apresentação desse modelo assenta-se no tratamento sociológico do processo de evolução humana, uma vez que esse tema pertence à esfera das ciências naturais, da biologia, mais especificamente.¹⁵²

As polêmicas geradas nesse âmbito devem-se, sobretudo, à tendência de analisar de forma análoga o desenvolvimento social e a evolução biológica. Assim, é necessário reiterar que para Elias esses processos são distintos, porém interligados. A evolução torna o desenvolvimento social possível. Ambos os processos são responsáveis pela transmissão de meios de sobrevivência de uma geração, bem como das transformações desses meios. A diferença fundamental reside no material de transmissão e nos meios de transmissão. No caso da evolução, o instrumento principal de transmissão é a estrutura orgânica genética. No desenvolvimento social, por sua vez, o instrumento principal de transmissão e mudanças são os símbolos, aqui entendidos em sentido amplo, pois além de incluírem conhecimento, agregam normas de conduta e sentimento. A evolução pode ser compreendida como o símbolo do processo biológico que se realiza através da transmissão genética, ao passo que desenvolvimento significa a transmissão simbólica inter-geracional em todas as suas formas. Outra diferença significativa diz respeito à perenidade dos produtos desses dois processos. A

¹⁵¹ Em “Symbol Theory”, Elias aprofunda a abordagem processual da produção de conhecimento humano e propõe uma teoria simbólica do conhecimento. A inovação nessa obra é a contemplação da esfera da natureza para a construção da vida humana em sociedade. Elias não contrapõe natureza e cultura, mas sim associa essas duas esferas. A capacidade humana de viver em sociedade, de produzir cultura, é um atributo da natureza. Ver a respeito: Elias, 1991.

¹⁵² *The Symbol Theory brings to the foreground the implications of the longer-term process of biological evolution, as a relatively autonomous, interwoven level, for the way in which we look at human beings in societies. This process is usually relegated by sociologists to the status of simply the biological background to social life in industrial societies, a stance that assumes the rather blunt and indiscriminating dualism of nature/culture. For Elias, however, a longer-term understanding of social development needs to be integrated into the overall biological, evolutionary process.* (Kilminster, 2007: 134)

evolução biológica não retrocede; os indivíduos não retornam aos patamares anteriores da evolução da espécie. Mas os processos sociais podem retroceder.¹⁵³

A linguagem é um exemplo entre o entrelaçamento da evolução biológica e do desenvolvimento social. É a constituição biológica que favorece o aprendizado da língua, mas não estamos providos biologicamente de uma língua. Temos biologicamente a predisposição para aprendê-la através de pessoas que possam ensiná-la, em ambiente social. “A evolução biológica que tornou possível e necessário para os seres humanos adquirir seu principal meio de comunicação com seus semelhantes através do aprendizado individual também possibilitou que estes meios de comunicação possam mudar sem que haja uma alteração biológica, ou, em outras palavras, que possam desenvolver-se.” (Elias, 1991: 25)¹⁵⁴

Elias reitera que a aquisição da linguagem é um longo processo de entrelaçamento entre dois processos distintos, o biológico e o cultural. Os indivíduos não podem se orientar em seu mundo social sem uma linguagem. E continuando sua argumentação, Elias afirma existir uma direção que resulta desse entrelaçamento de processos – que se configura em um terceiro, o crescimento do conhecimento congruente com a realidade. Porém, essa direção não é percebida pelos biólogos ou cientistas sociais, devido à cisão entre as duas áreas, e mais particularmente, à cisão conceitual entre corpo e mente, que remete a Descartes. O ponto principal levantado por Elias e, provavelmente, o mais polêmico, é levar adiante a argumentação da evolução biológica como responsável pela adaptação humana para viver e desenvolver as sociedades. Para ele é preciso compreender antes de tudo que somos fruto de um longo processo, que não se pode medir tendo como base de orientação a duração de uma vida.

¹⁵³ Segundo Elias, os processos podem retroceder em sua direção. Isso corresponde a um recuo de características sociais adquiridas, como é o caso do processo de descivilização, que ocorre com o afrouxamento das normas de coerção social.

¹⁵⁴ “*The biological evolution which made it possible and necessary for human beings to acquire their principal means of communicating with their fellows through individual learning, also made it possible that these means of communication can change without biological changes or, in other words, can develop.*” (Elias, 1991: 25)

Os indivíduos produzem conhecimento devido aos seus questionamentos e dificuldades de lidar com o desconhecido, assim conseguem se orientar no meio social. O desconhecido precisa ser conhecido, o não-conhecimento é fonte de angústia. Os seres humanos são dotados de capacidade biológica para sobreviver, capacidade de síntese que permite acumular e ampliar o conhecimento. Essa capacidade de síntese é acionada por meio da experiência, da convivência entre os indivíduos em todas as épocas. Sem a necessidade de experiência, a capacidade humana de síntese permaneceria estagnada.

A constituição biológica dotou os seres humanos da capacidade de síntese e de comunicar símbolos sonoros que correspondam ao objeto. Cada palavra, conceito, comporta uma série de significados encadeados e relacionados. Por exemplo, a palavra “soma”, referida à operação matemática, contém uma série de saberes que foram sintetizados, nascidos da experiência, da necessidade humana de adicionar para totalizar. Como e em que condições surgiu a necessidade de somar? Como essa necessidade evoluiu? Que padrões de sentimentos podem estar relacionados a esse processo? Poderemos usar a imaginação, com base na existência das representações rupestres, e supor que nossos ancestrais pré-históricos sentiram a necessidade de somar os resultados de suas caças. Não existem números inscritos nas imagens das cavernas, mas sim representação simbólica dos objetos: uma, duas, três presas, além da representação da cena, vários indivíduos em conjunto no ato da caça. Na região de Ardèche, sul da França, foram encontradas várias pinturas rupestres, que provavelmente foram criadas entre 32 ou 31 mil anos atrás, e retratavam rinocerontes, leões e ursos. “Os rinocerontes, dos quais existem mais de 40, com frequência apresentam chifres exagerados e orelhas especialmente curvas, como se tivessem sido pintados pela mesma mão habilidosa” (Klein, 2005: 216).¹⁵⁵ A representação quantitativa demonstra nitidamente a necessidade de somar; para que essa

¹⁵⁵ “A caverna Chauvet que abriga inúmeras pinturas rupestres foi descoberta em 1994 por uma expedição de três exploradores de cavernas liderada por Jean-Marie Chauvet. O local foi batizado como caverna Chauvet em homenagem a Jean-Marie Chauvet, e a exploração continuada mostrou que havia lá dentro quatro câmaras de galerias em uma extensão de cerca de 500 metros. Juntas, as quatro câmaras continham mais de 260 animais pintados e gravados, juntamente com pontos, padrões geométricos e gravações a mão por meio de estêncil.” (Klein, 216: 2005).

necessidade se cristalizasse e se transformasse em síntese numérica foram necessários centenas de anos, e uma longa cadeia geracional de transmissão e aperfeiçoamento de conhecimento. Com isso podemos certificar que o número 40, referido no exemplo acima, é compreendido por nós hoje como uma quantidade que totaliza, que essa quantidade era percebida por nossos ancestrais, mas que ainda não possuíam a capacidade de síntese para dar a essa quantidade um símbolo e poder comunicá-lo.

Não estamos aptos aqui a investigar as condições do surgimento dessa necessidade, por ora é suficiente que fique esclarecido que houve, segundo Elias, uma necessidade *a posteriori*, nascida da experiência do conviver humano, e não uma necessidade *a priori*, como argumentou Kant. Os juízos matemáticos são, para Kant, um exemplo dos juízos sintéticos *a priori*, e se referem à ampliação do conhecimento. “Antes de tudo precisa-se observar que proposições matemáticas em sentido próprio são sempre juízos *a priori* e não empíricos porque trazem consigo necessidade que não pode ser tirada da experiência” (Kant, 1999: 60).¹⁵⁶

De forma análoga podemos identificar a capacidade humana de comunicação, reflexão e síntese – nossas condições biológicas *a priori* – como quis Elias, com a capacidade de conhecimento *a priori* a qual Kant se referiu.

Para Elias, o problema está no fato de Kant defender a existência de um conhecimento inato que promoveria o desenvolvimento da humanidade. Esse tipo de conhecimento tem quase o aspecto de dom divino. Para Elias, o que é inato é capacidade biológica humana para produzir e transmitir conhecimento, e a partir dessa premissa, o desenvolvimento humano no âmbito social e científico se dá pela interligação entre as esferas biológica e social.

A matriz natural é flexível e permite mudanças sem limites identificáveis. A multiplicidade de linguagens específicas de um grupo é um exemplo da flexibilidade da matriz biológica. Outro exemplo é a multiplicidade de sociedades

¹⁵⁶ Para Kant o conhecimento *a priori* é um conhecimento puro, com isso quer dizer que não advém da experiência, é pensado como universalidade e nenhuma exceção é possível. “Necessidade e universalidade rigorosa são, portanto, seguras características de um conhecimento *a priori* e também pertencem inseparavelmente uma à outra.” (Kant, 1999: 55).

humanas com estruturas diferentes que surgem umas das outras em uma ordem sucessiva, em forma de desenvolvimento. “Para um estado em desintegração é improvável que retorne a uma condição tribal. Pode conservar certas características de estabilidade. Em vez de transformar-se em um grupo de tribos, pode se transformar, por exemplo, em um grupo maior ou menor de unidades do tipo feudal” (Elias, 1991: 33).¹⁵⁷

Os indivíduos necessitam se orientar no meio social, e em detrimento dessa necessidade, eles desenvolvem formas de conhecimento que são comunicáveis. Às tradicionais quatro dimensões de orientação, Elias acrescenta uma quinta; a dimensão simbólica da comunicação, que, assim como as anteriores, é construída socialmente. A quinta dimensão, simbólica, é dada pela interação biológica e social.

Os indivíduos estão predestinados por natureza a viver em sociedade e para entrar no mundo simbólico da mesma forma que para viver como indivíduos diferenciados com voz própria. A vida em sociedade só é possível porque a natureza humana é propícia para esse fim.

Em certas ocasiões, a cultura luta contra a natureza, e a natureza contra a sociedade, mas convém recordar, uma vez mais que as características individuais básicas da natureza humana apenas se desenvolvem na convivência com os outros, através da vida em sociedade. A concatenação de um processo biológico, um processo social e um processo individual, que é a condição da capacidade humana de falar, representa um claro exemplo do entrelaçamento entre um processo biológico, um processo social e um processo individual em um dos momentos decisivos de uma vida humana (Elias, 1991: 126).¹⁵⁸

A tradição científica apresenta o conhecimento da fantasia e o conhecimento congruente com a realidade como antagônicos, porém quando se

¹⁵⁷ “A disintegrating state is unlikely to return to a tribal condition. A disintegrating state may retain some characteristics of statehood. Instead of transforming itself into a group of tribes, the disintegrating state may, for instance, transform itself into a group of major or minor social units of a feudal type” (Elias, 1991: 33).

¹⁵⁸ “On occasions culture battles against nature and nature against society, but it may be useful to remember once more that basic individual characteristics of human nature unfold themselves only through life with others, through life in society. The concatenation of a biological, a social and an individual process which is the condition of the human capacity to speak, is a vivid example of the interlocking of a biological, a social and an individual process at one of the turning points of a human life.” (Elias, 1991: 126)

observa o conhecimento em seu contexto de desenvolvimento, percebe-se a proximidade entre eles. Elias argumenta que são manifestações da mesma etapa evolutiva. Os indivíduos têm o dom de regular o comportamento de acordo com o conhecimento da fantasia, que não é inato, ainda que se possa representar desejos inatos, e que se adquire individualmente por aprendizagem.

Elias propõe uma teoria simbólica do conhecimento, uma teoria que não é generalizadora, uma vez que o símbolo pode mudar, é flexível. As línguas não permanecem sempre as mesmas, assim como os conceitos têm seu significado também alterado e diversificado. A teoria simbólica do conhecimento é um modelo inicial, e serve como exemplo para a explicação sobre mudança de uma situação de predomínio das fantasias para uma de maior congruência com a realidade. Símbolos mudam de uma sociedade para outra.

2.5 Considerações metodológicas

Até o momento, foram apresentados de forma mais aprofundada dois temas centrais na sociologia eliasiana: as noções de processos e de conhecimento. Igualmente de forma menos completa apresentamos a noção de figuração.¹⁵⁹ Dado o objetivo deste trabalho que, reitera-se, é o de oferecer um panorama do desenvolvimento da abordagem sociológica de processos e figuração, existem ainda questões que necessitam de um maior aprofundamento. Se uma perspectiva de processos de longa duração é utilizada em um estudo sociológico, como operacionalizá-la? Que critérios são necessários para a escolha do recorte temporal? Qual o entendimento do autor, ou o uso feito por ele, de conceitos comumente empregados nas ciências sociais, porém utilizados sob outra perspectiva, como o conceito de estrutura, de sociedade, além da própria percepção da sociologia? Essas questões são assunto do âmbito da metodologia utilizada por Norbert Elias.¹⁶⁰

¹⁵⁹ A noção de figuração será aprofundada no terceiro capítulo dessa tese.

¹⁶⁰ Norbert Elias tratou a questão metodológica de forma inter-relacional. Vemos a preocupação com o método imbricada com a perspectiva teórica. A fim de tratar adequadamente aqui os procedimentos utilizados por Elias, utilizamos um texto não publicado, e muito elucidativo sobre as questões metodológicas. Esse manuscrito faz parte do acervo do arquivo de Norbert Elias, no Arquivo de literatura alemã, (DLE), em

Um ponto de partida razoável para chegarmos aos procedimentos metodológicos utilizados por Elias é a retomada do conceito de teoria utilizado pelo autor. A teoria sociológica deve propor modelos teóricos flexíveis, e não leis gerais que devem ser aplicadas a inúmeros casos particulares, negligenciando as transformações que ocorrem ao longo de sucessivas gerações.

Existe a suposição tácita de que aquilo que ocorre em um experimento é um caso particular de uma lei universal. Com o caso empírico exemplar de uma formação social as coisas são diferentes; o conceito de uma lei geral para inumeráveis casos particulares idênticos confunde mais do que esclarece, ao ser aplicado a modelos sociológicos. Estes funcionam de uma maneira própria de acordo com o campo do objeto. Basta lembrar como podem ser diversificadas as relações estabelecidos-*outsiders*. Não só pequenas comunidades, mas homens e mulheres, governos e partidos políticos, assim como dúzias de grupos que costumamos caracterizar por sua proveniência étnica, estão entrelaçados em muitas sociedades como estabelecidos e *outsiders*. Para percebermos as regularidades de todas essas figurações e suas distinções, para podermos esclarecer suas semelhanças e diferenças estruturais precisamos de modelos empíricos mais ou menos padronizados. (Elias, 2000: 200-201)

No segundo volume de *O processo civilizador*, Elias desenvolve uma teoria de formação estatal. Na verdade, essa teoria é uma proposta de modelo teórico que foi utilizado para analisar o processo de formação e desenvolvimento de sociedades-Estado. Esses processos, obviamente, apresentam certas características comuns, mas, ao mesmo tempo, o curso de processo de formação de um Estado pode diferir completamente de outro. Assim, o processo de formação estatal da França, Alemanha, Inglaterra, que em certo sentido são processos interdependentes e que seguiram a mesma direção, mostra ao mesmo tempo diferenças consideráveis. A utilidade de um modelo teórico de processo de formação estatal como um instrumento de pesquisa consiste em suas funções como um instrumento que indica em que sentido os processos de formação estatal de diferentes sociedades são os mesmos e em que sentido eles são diferentes.

Marbach. (Elias, s/d, "Note on my 'method'", Manuscrito do autor, cujo original encontra-se em seu arquivo em Marbach).

Os modelos teóricos estão fundamentados em uma correlação entre a visada processual de longo prazo e as relações funcionais de interdependência formadas no interior dos processos. Esse binômio oferece a possibilidade de uma moldura referencial, na qual podem se inscrever as diferentes singularidades sociais. Tais singularidades são apreendidas através da pesquisa empírica bem direcionada; cabe a ela embasar as conclusões teóricas e assim qualificar a teoria no sentido de fornecer sua singularidade.

Uma vez esclarecido o que Elias entende por teoria, podemos avançar no sentido de indagar quais os procedimentos utilizados para a construção de modelos teóricos. Veremos que em decorrência da longa duração dos processos sociais e da negativa do autor em trabalhar com uma visão retilínea, Elias faz comparações entre fases do desenvolvimento social. Essas comparações podem ser acompanhadas na maioria de seus trabalhos; no entanto, foram escolhidas algumas obras para aclarar questões metodológicas que trazem uma relação equitativa entre teoria e empiria. São elas: *O processo civilizador*, *Sociedade de corte*, *Os estabelecidos e os outsiders* e, por fim, *Os alemães*.

As questões metodológicas não são tratadas por Elias como um procedimento técnico descolado de questões essenciais do objeto ou tema de pesquisa. O procedimento da pesquisa, como veremos, apoia-se principalmente em uma postura que enxerga a problemática sociológica inter-relacionada. Em outras palavras, tanto o método quanto a proposição de problemas e hipóteses, bem como o produto de conhecimento, são funcionalmente interdependentes. A consideração da natureza do problema de pesquisa é o ponto de partida para as suposições teóricas e escolhas metodológicas. No caso específico da sociologia processual, a escolha do método deve estar relacionada às suposições teóricas sobre a natureza das mudanças na estrutura das sociedades. Elias afirma que “Meus métodos, ou talvez eu deva dizer os métodos usados por mim, estão estreitamente ligados à convicção que surgiu gradualmente após muitos testes empíricos, que na verdade criou forma em constante interdependência com estudos empíricos de detalhes, que a mudança que as figurações de interdependência que os seres humanos sofrem (...)” (Elias, s/d, pp. 1, “*Note on my*

method, Manuscrito).¹⁶¹ Dessa forma, nos parece possível extrair do corpo de suas obras um conjunto de procedimentos próprios à pesquisa processual e figuracional.

A hipótese geral presente nos trabalhos de Elias, a de que as mudanças não planejadas que ocorrem na sociedade seguem um curso que é possível determinar por meio de pesquisas empíricas, alcança um nível maior de refinamento com a afirmação de que as mudanças de longa duração podem ser explicadas como resultado de lutas por sobrevivência. Mais geralmente, lutas por poder entre diferentes formações sociais, consideradas como unidades de sobrevivência. Cabe aqui uma pequena digressão sobre a conceitualização das unidades de sobrevivência.

Para Elias, as unidades de sobrevivência são basicamente as formações sociais. A caracterização funcional atrelada às formações sociais diz respeito exclusivamente a sua função de salvaguardar a sobrevivência de seus membros. Os indivíduos pertencentes a um grupo, para assegurar a continuidade de existência do grupo, como unidade, enfrentam vários sacrifícios. Dentre eles é possível citar a subordinação a normas e regras sociais que contrariam as vontades individuais. A defesa de valores socialmente construídos e compartilhados age igualmente para a manutenção da coesão social. Um feudo foi considerado unidade de sobrevivência para a manutenção da estrutura social localizada no passado, assim como um Estado, um grupo étnico e assim por diante. O que a história mostra é que em nome da preservação das unidades de sobrevivência, da manutenção de um núcleo de poder, muitas batalhas foram levadas a cabo.

A luta por poder para a manutenção de estruturas sociais, vivenciadas como unidades de sobrevivência, não se restringe apenas a âmbitos institucionalizados, como o Estado. No estudo *Os estabelecidos e os outsiders*, a

¹⁶¹ *My method of procedure or perhaps I should say the methods used by me are thus closely connect with the conviction which gradually after many empirical tests, which in fact has grown itself into shape in constant interdependence whit empirical studies of details, that the change which the figurations of interdependence human beings undergo (...)* (Elias, s/d, pp. 1, “Note on my method, Manuscrito”).

figuração que se apresenta tem como característica principal uma situação de exclusão social e delinquência juvenil originada na inter-relação entre os dois grupos. Mais precisamente, numa estratificação que coloca de um lado o grupo estabelecido, com profundas raízes de pertencimento e detentor de uma auto-imagem superior, e de outro lado o grupo *outsider*, recém-chegado, desunido e com uma auto-imagem negativa.

A figuração formada pela relação de interdependência entre esses dois grupos apontava para a internalização e perpetuação de valores de superioridade e inferioridade. O grupo com uma auto-imagem superior, os estabelecidos, vivenciavam seu pertencimento ao grupo de modo significativo, e a forma conhecida de manutenção de identidade grupal é a observância das normas e regras estabelecidas. O grupo de imigrantes, sem profundas raízes locais, não compartilhava o mesmo sentimento de pertencimento, portanto, não tomava para si as mesmas normas e regras sociais. Assim, a circunstância de conflito se estabelece até mesmo em pequenas comunidades onde, normalmente, fatores como ocupação, renda e nacionalidade são compartilhados. Era essa a situação na pequena comunidade operária inglesa.

Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, “cor” ou “raça” entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional – em suma, quanto a sua classe social. As duas eram áreas de trabalhadores. A única diferença entre elas era a que já foi mencionada: um grupo compunha-se de antigos residentes instalados na região havia duas ou três gerações, e o outro era formado por recém-chegados. (Elias, 2000: 20)

Aqueles vindos de fora, por não aceitarem as tradições e padrões do grupo local, eram vistos como uma ameaça para a identidade e coesão da comunidade. A forma de combater essa ameaça era a exclusão dos postos de poder social, ou de qualquer outra instituição que pudesse receber sua influência. Constituiu-se também como estratégia de defesa um sistema de atitudes e crenças que justificava a própria superioridade do grupo “estabelecido” em detrimento dos “*outsiders*”. O sentimento de pertencimento, de responsabilidade e de dedicação à

comunidade tornava sólidos os vínculos entre as pessoas, reforçando ainda mais a exclusão de quem não tinha condições de entender e praticar essas determinações.

É possível, entre outras coisas, destacar dessa situação complexa que o grupo estabelecido tinha como *locus* da sua existência a preservação de seus valores, a necessidade de perpetuar seu status de maior valor humano em relação a outros. A unidade de sobrevivência para esse grupo não se materializava no espaço urbano habitado por eles, mas existia como valor simbólico internalizado de um núcleo de valores compartilhados.

Sob a perspectiva de Elias, lutas de poder são estabelecidas no interior das unidades de sobrevivência ou grupos sociais. Dada essa constatação. Elias desenvolve um modelo de análise de relações de poder, denominada balança de relações de poder.

Problemas de relação de poder são, excetuados alguns casos limites, problemas de relação e de interdependência. Não importa se são examinadas relações de poder na relação entre pais e filhos, entre patrões e empregados, entre governados e governantes, ou entre pequenos e grandes Estados; sempre se trata, na maior parte das vezes, de balanças de poder instáveis e que podem mudar.¹⁶² (Elias, 1996: 85)

Embora a imagem de luta remeta à ideia de uma batalha violenta, a luta por superioridade política, religiosa, cultural, assumiu várias formas ao longo da história. Elias destaca que as lutas por poder podem produzir tanto regressão social como progresso social. Os modelos teóricos auxiliam a visualização da direção desse processo. A forma de demonstrar a trajetória de um problema dá-se por uma sequência de comparações entre estágios e, mesmo com regressões temporárias, é possível diagnosticar se houve regressão ou progresso.

¹⁶²“Denn Machtprobleme sind, von einigen Grenzfällen abgesehen, Beziehungs und Interdependenzprobleme. Ob man die Machtverhältnisse in der Beziehung von Kleinkind und Eltern, von Arbeitern und Unternehmern, von Regierenden und Regierten oder von kleineren und grösseren Staaten untersucht, es ahndelt sich immer um zumeist unstabile Machtbalancen, die sich wandel können” (Elias, 1996: 85).

Somente é possível descobrir o real significado de termos como mudança direcional das configurações que os homens formam entre si devido a sua interdependência funcional, e mais especificamente termos como regressão ou progressão em controles da natureza ou sociedades interdependentes- mudanças no controle individual, embora interdependentes com os outros dois, também não podem ser contextualizadas nos mesmos termos- através de estudos comparativos (...). (Elias, s/d, pp. 4, “*Note on my method, Manuscrito*”).¹⁶³

Assim vemos que o procedimento principal utilizado por Elias é uma comparação sistemática entre estruturas interdependentes em seu desenvolvimento temporal. Elias utiliza o conceito de estrutura conservando a dinâmica processual característica de uma dada sociedade. Ela representa o molde social em permanente mudança.

Ao empreendermos uma pesquisa processual, devemos perguntar pela estrutura da sociedade que se apresenta como objeto de estudo. É necessário ressaltar que o emprego do termo “estrutura” não se faz no sentido de reconhecer estruturas prontas e fixas. As estruturas sociais são para Norbert Elias formas mutáveis – compostas mediante as inter-relações recíprocas dos agentes sociais – do substrato social. As relações entre os diferentes indivíduos, as inter-relações funcionais recíprocas, formam uma estrutura social, a constituição não tangível, porém vivida por cada membro como as bases reconhecidas de sua sociedade. Assim, a sociedade cavalheiresca medieval difere em estrutura da sociedade de corte nobiliária.

Para a abordagem eliaseana é preciso compreender a estrutura social de forma a distinguir as partes que a compõem e, ao mesmo tempo, buscar a relação entre elas. Deve-se considerar ainda que os padrões de comportamento socialmente sancionados permeiam todas as estruturas e desempenham a importante tarefa de manter as características próprias de cada elemento

¹⁶³ *One can only find out what terms such as directional change of the figurations men form with each other owing to their functional interdependence actually mean, and more specially terms such as regression or progression and advance in controls of nature or societies which are interdependent - changes in control of self, although interdependent with the two others too cannot be conceptualised in quite the same terms – if one undertakes comparative studies (...). (Elias, s/d, pp. 4, “*Note on my method, Manuscrito*”).*

estrutural. Podemos buscar novamente um exemplo elucidativo a esse respeito oferecido pelo estudo sobre a sociedade da corte francesa. Como era tal estrutura? Seguramente, não é a mesma de hoje, porém a estrutura presente é herdeira da estrutura passada. Muitos elementos se desenvolveram, se transformaram e hoje têm outra forma.

O estudo de Elias sobre a sociedade da corte evidencia não o desenho estrutural, mas o fluxo de relações de poder que compõem a estrutura social. Vemos que a relação de poder implica obrigações. Espalha-se por várias esferas: política, administrativa, econômica, ideológica, cultural. Uma articulação constante que permitiu que aquela formação social específica existisse.

Uma das características da corte que chama nossa atenção era sua composição estrutural. Aquela formação social possuía um grande número de súditos, servidores do rei. Estes estavam ligados uns aos outros por uma ordem hierárquica e por uma etiqueta minuciosa. Os cortesãos, como eram chamados, precisam impor-se para permanecerem em sua posição “privilegiada”. Elias coloca três questões sobre a formação desse tipo de sociedade. Em primeiro lugar, indaga sobre a estrutura do contexto social no qual pode surgir essa formação específica. Em segundo lugar, pergunta sobre as relações de dependência que ligaram homens e mulheres “durante gerações sucessivas, sob o signo dessa formação social da corte, da sociedade da corte” (Elias, 1995: 13). E em terceiro lugar, procura revelar que tipo de exigências sociais deveriam ser seguidas por quem desejasse manter seu status na corte, ou por quem desejasse alcançar mais méritos e chegar a ter um status melhor.

A partir do Renascimento, a importância da corte cresceu em todos os países da Europa. A corte, como expressão de uma estrutura social, não deve sua existência à iniciativa ou intenções de um indivíduo ou de um grupo. A abordagem de Elias segue, então, na direção de explicar como se formaram e perpetuaram os laços sociais responsáveis pela coesão daquela sociedade.

Tal como é impossível compreender a estrutura de nossa sociedade ocidental sem estudar o processo que concentrou massas imensas e sempre em número crescente nas “grandes cidades”, também não se pode ter uma ideia clara da época precedente sem explicar as estruturas sociais que a caracterizam aquilo que no seu âmago deu origem à “corte” ou, em outras palavras, aquilo que atraiu um número sempre crescente de indivíduos para esse campo social. (Elias, 1995: 14).

É possível comparar os desdobramentos de uma determinada estrutura social, ou apenas alguns de seus aspectos, em diferentes tempos, nos termos de uma sucessão geracional. Desse tipo de comparação emergem diferenças que podem indicar em que direção seguem as mudanças, se, por exemplo, houve avanço ou regressão no tocante à diferenciação e complexidade social.

Elias lançou mão dessa primeira forma citada de comparação funcional e interdependente quando comparou a estrutura de sociedade francesa, considerada como uma unidade de sobrevivência, em relação a sua relativa integração, em um número de séculos consecutivos – séculos XI, XII e XIII – ou expresso de forma diferente, como uma sequência de gerações consecutivas.¹⁶⁴ Segundo Elias, no caso da França, as evidências mostraram que havia de fato uma mudança estrutural em uma direção particular, quando vista como uma perspectiva de longa duração, embora repleta de altos e baixos e longe de apresentar uma retilineidade quando visto como um período de curta duração.

A natureza da centralização territorial que começou a ocorrer desde o final do século XII pode ser mais bem compreendida se analisados também os processos desintegradores, ou como Elias os chamou, o processo de feudalização que formou as bases para a posterior fase de centralidade territorial e política. “A França, no início do século XII, era, na melhor das hipóteses, uma união de territórios independentes, uma federação frouxa de domínios maiores e menores, entre os quais se estabelecera uma espécie de equilíbrio provisório” (Elias, 1993: 32). No final do século XII, começa a ocorrer maior estabilidade de poder, os

¹⁶⁴ Ver mais a respeito, (Elias, 1997b).

processos desintegradores começam a cessar, e lentamente estabelece-se uma autoridade central.

A cena dessa desintegração radical deve ser vista como, de certa maneira, o ponto de partida, se queremos compreender como áreas menores se aglutinaram para formar uma unidade mais forte e através de que processos sociais se constituíram os órgãos centrais das unidades mais amplas de governo, que designamos pelo conceito de “absolutismo” – a máquina de governo que forma o esqueleto dos Estados modernos. A relativa estabilidade da autoridade e das instituições centrais, na fase que denominamos de “Idade do Absolutismo”, contrasta vivamente com a instabilidade da autoridade central na precedente fase feudal. (Elias, 1993: 32)

O que poderia ser compreendido como um processo linear, se analisado de forma geral – sem a consideração das especificidades do jogo de forças que alimentou a descentralização feudal e posteriormente a união de feudos em uma centralidade político-administrativa –, torna-se, sob a perspectiva eliasiana, um processo cego, porém direcionado para a formação de um Estado. O procedimento utilizado consistiu na identificação das unidades de sobrevivência, no caso, a estrutura feudal. Essas unidades foram comparadas entre si e, conseqüentemente, Elias reconstruiu a estrutura processual de longo prazo que deu origem à França. Assim, através de uma comparação da estrutura da sociedade francesa em diferentes séculos e a síntese dos resultados dessas comparações como meio de reconstituir o processo de mudança de um século para outro, emerge o modelo de um processo de formação do estado. (Elias, s/d, pp.4, Note on my method, Manuscrito).¹⁶⁵

A partir do modelo de formação da França, Elias comparou a estrutura da formação do Estado da sociedade francesa com o processo de formação estatal de outras sociedades, como a Alemanha e a Inglaterra. Embora o modelo francês tenha sido um padrão de referência, não foi generalizado para os demais processos. A comparação sistemática permite visualizar em que sentido os processos de formação das sociedades alemã, inglesa e francesa são diferentes e

¹⁶⁵ *Thus from a comparison of the structure of French society in different centuries and the synthesis of the results of these comparisons as a means of reconstituting the process of change from one century to another, there emerged the model of a state formation process) (Elias, s/d, pp.4, Note on my method, Manuscrito).*

em que sentido são semelhantes. A tarefa do pesquisador é explicar os diferentes rumos. Com isso, é possível compreender que para a abordagem de processos e figuração, método, formação teórica e a colocação de problemas estão intimamente conectados.

O método, se é possível chamá-lo assim, é o de comparação sistemática. Neste caso, é a comparação sistemática entre dois processos de longo prazo, entre os processos pelos quais a Inglaterra e a França tornaram-se sociedades separadas e estruturalmente diferentes. Mas o método usado não é dado a priori nem é um *modus operandi* que se possa escolher independentemente dos problemas ou teorias a serem testados, no exemplo deste caso, os processos de formação de um estado, nem independente do conhecimento empírico disponível. Todos esses aspectos se completam. (Elias, s/d, pp.7, Note on my method, Manuscrito).¹⁶⁶

Devemos atentar para o fato de que o procedimento comparativo utilizado por Elias segue critérios básicos, não são circunstâncias escolhidas a esmo e simplesmente contrastadas. As comparações são feitas levando em estrita consideração o desenvolvimento de longa duração. Os eventos escolhidos devem comportar uma precisa compreensão do significado de “estrutura da sociedade”, bem como da transformação dessas estruturas nas sequências temporais. A favor desse procedimento comparativo há a evidente compreensão das diferenças no desenvolvimento de estruturas de diferentes sociedades.

A abordagem processual não se aplica apenas a sociedades situadas no passado, ela é igualmente válida para o estudo de processos contemporâneos. Assim, por exemplo, o estudo de processos de formação de Estados europeus no passado pode auxiliar o estudo de processos de formação a serem observados em nosso próprio tempo. Ao questionar em que sentido tais processos são

¹⁶⁶ *Again the method, if one can so call it, is that a systematic comparison. In this case it is a systematic comparison between two long term processes, between the processes in the course of which England and France grew into separate and structurally different state societies. But the method used is not given a priori nor is it a modus operandi which one can choose independently of the problems or of theories to be tested, in this case for instance models of a state formation processes, nor independent of the empirical knowledge at one's disposal They all go together (Elias, s/d, pp.7, Note on my method, Manuscrito).*

diferentes, o pesquisador pode ser capaz de estudar problemas de natureza processual.

As comparações feitas entre estruturas sociais em diferentes fases históricas, como já vimos, revelam as tendências de direção de um processo, de maior integração político-geográfica. Não foram somente as estruturas sociais objeto de estudos comparativos. A investigação sobre a direção de um processo deve também procurar por evidências no campo dos comportamentos e afetos humanos. Da mesma maneira como são comparadas estruturas de instituições sociais, também são comparadas estruturas de personalidade e de comportamento em épocas distintas. O que Norbert Elias chama de processo civilizador diz respeito a uma mudança na estrutura da personalidade, influenciando a direção das mudanças comportamentais.

A psicogênese, como Elias denominou o estudo dessas transformações, pode se realizar dadas comparações entre estruturas de personalidade e comportamento entre diferentes períodos históricos e em diferentes sociedades, como nos mostra a obra *O processo civilizador*, em que foram estudadas as transformações psíquicas e de comportamento na Alemanha, França e Inglaterra. Elias demonstrou que os padrões de comportamento seguiam na direção de um maior controle individual das emoções, e que tal controle era fruto da internalização de constrangimentos sociais.

Assim como a monopolização da força física reduz o medo e o pavor que um homem sente de outro, mas, ao mesmo tempo, limita a possibilidade de causar terror, medo ou tormento em outros e, portanto, certas possibilidades de descarga emocional desagradável, o constante autocontrole ao qual o indivíduo agora está cada vez mais acostumado procura reduzir os contrastes e mudanças súbita de conduta e a carga afetiva de toda auto-expressão. (Elias, 1994a: 202)

O quadro criado por Elias do padrão de comportamento e da estrutura de personalidade de indivíduos foi desenvolvido principalmente com o apoio de duas fontes de análise, ambas produtos da manifestação intelectual. A fonte mais conhecida são os manuais de etiqueta escritos por Erasmo de Roterdã. A

segunda fonte são conceitos que Elias relaciona à mudança de mentalidade e comportamento. A transformação de conceitos, como também o surgimento de novos conceitos, que expressam a transformação de estruturas interdependentes da personalidade e do comportamento.

Um dos objetivos da obra *O processo civilizador* é compreender o desenvolvimento do comportamento de indivíduos qualificados como civilizados, membros de sociedades europeias ocidentais. Elias faz um primeiro recorte, que é o recorte temporal de uma sequência de três séculos, XVI, XVII e XVIII, posteriormente, faz o recorte de lugar; as sociedades europeias ocidentais. Daí a dificuldade que se encontra em categorizar a obra, que muitas vezes é compreendida como um trabalho histórico e não sociológico. Como se mostrasse um quadro emoldurado pelo passado, Elias desconstrói a cena, porém sem perder o nexo da associação entre os elementos que a compõem. Percebe-se novamente que processo de dissociação faz parte da metodologia utilizada pelo autor, que na verdade vai mostrando as camadas existentes por debaixo da cena momentânea e aparentemente estática. Podemos assim perceber que o desconstruir e o reconstituir tornam evidentes os movimentos antecessores e constitutivos do presente.

O comportamento civilizado é caracterizado pelo maior controle dos afetos, pela complexidade elaborada dos gestos, o que implica um maior grau de abstração e distanciamento dos impulsos naturais. Porém, o conceito de civilização tem significados distintos para diferentes nações ocidentais. Elias comparativamente assinala que para ingleses e franceses "... o conceito resume em uma única palavra seu orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade" (Elias, 1993: 24). *Zivilisation*, para os alemães, diz respeito apenas à aparência externa dos seres humanos, que não pertence a sua essência, embora seja considerada conveniente e necessária.

Para os alemães, é o conceito de *Kultur* que exprime o orgulho das próprias realizações e do próprio ser.¹⁶⁷

Elias ressalta ainda outra diferença entre os dois conceitos, na verdade, a diferença explicitada por Elias corrobora sua visão processual. Civilização descreve um processo, um movimento constante que tem uma direção. Em contraposição, o conceito de *Kultur restringe*.

Civilização descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente “para a frente”. O conceito alemão de *Kultur*, no emprego corrente, implica uma relação diferente com movimento. Reporta-se a produtos humanos que são semelhantes a “flores do campo”, a obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo. O conceito de *Kultur* delimita. (Elias, 1993: 25).

Percebe-se assim a antítese, revelada pela comparação entre seus usos, presente na concepção e experiência de um mesmo termo. Os conceitos encerram em sua interpretação uma série de formas de ver e compreender o mundo. Nesse caso, o conceito de civilização é uma síntese abstrata de formas diferentes de percepção sobre a realidade social. A antítese percebida e descrita por Elias do processo de transformação dos conceitos de *Kultur* e *Zivilisation*, na verdade, exprime a tensão entre *intelligentsia* burguesa e a aristocracia cortesã na Alemanha. Essa tensão está manifesta em padrões de comportamento.

A partir desse ponto, é possível dar um passo à frente, no sentido de problematizar de forma acurada a relação entre formas de perceber e internalizar conceitos e sua expressão objetiva. Em outras palavras, compreender o padrão comportamental como a manifestação concreta dos conteúdos simbólicos de conceitos que foram internalizados. A antítese conceitual percebida por Elias evidencia o contraste nas características humanas particulares entre cada grupo. O que inicialmente era uma característica de uma antítese social entre dois grupos transforma-se na base de uma antítese nacional. A antítese entre *Zivilisation* e

¹⁶⁷ A palavra “*kultiviert*” aproxima-se mais do conceito ocidental de civilização. Representa a forma de conduta e comportamento das pessoas; ao passo que “*Kulturell*” se refere diretamente a realizações humanas peculiares. (Ver a respeito: Elias, 1993)

Kultur insere-se em um contexto maior. Ela é expressão da auto-imagem alemã calcada na disseminação de diferenças. O caráter e o comportamento, que antes pertenciam a um grupo específico, passaram a fazer parte da nação alemã e de sua relação com outras nações.

Um dos objetivos principais da obra *Os alemães*, ao traçar a biografia do Estado alemão, é esclarecer aspectos do desenvolvimento da estrutura social e de comportamento alemão que levaram à ascensão de Hitler e ao genocídio. Um desses aspectos diz respeito à antítese supracitada. O estudo de Elias revela que as estruturas de personalidade e comportamento podem também ser analisadas através do desenvolvimento de conceitos que encerram significados emocionais.

Elias nos relata que o pensamento intelectual predominante no século XVIII considerava a humanidade como um todo, e atrelada a essa concepção estava a noção de desenvolvimento social, que se dirigia de um estágio menos desenvolvido para outro mais desenvolvido. Essa visão trazia, portanto, a esperança num futuro melhor. Os conceitos de cultura e civilização inserem-se nesse contexto por expressarem a crença em uma nova perspectiva histórica, segundo a qual a ênfase nas áreas de humanas contribuiria para o progresso da moralidade humana.

Essa forma de pensar foi característica das classes médias alemãs politicamente excluídas. O exílio da classe média possibilitou uma atitude crítica perante a ordem social, mas sem um envolvimento explícito de oposição ao regime. A tendência oposta às classes liberais encontrava respaldo na aristocracia militar, em sua maioria, adeptos do nacionalismo alemão. Essa tendência teve como foco principal a consolidação de uma cultura comum e não a manutenção e expansão de uma cultura universal. Segundo Elias, os ideais nacionalistas pregaram uma imagem ideal de país que se colocou à frente dos ideais humanos e morais.

Setores das classes médias industriais alemãs basearam seu orgulho na ancestralidade de sua nação e na realização de valores nacionais. Essa imagem toma o lugar dos ideais humanistas e converte-se no eixo central do sistema de

crenças sociais. No final do século XVIII e início do XIX membros da classe média alcançam altos postos do Estado. Essa ascensão não poderia deixar de ser acompanhada pelo código de conduta humanista, porém não se observou, tampouco, um total repúdio ao código aristocrático. Os grupos das classes médias absorveram parte das tradições dinásticas, tentando conciliar sua crença no código humanista com a crença de que nas relações entre Estados deve prevalecer o interesse próprio.

Essa assimilação provocou uma identificação com a nação e com compatriotas, não ocorrendo o mesmo com indivíduos de outras nações. “Essa mudança no padrão de sentimentos de nós e eles, de identificação e exclusão, foi uma das principais condições de desenvolvimento de sentimentos, valores e crenças nacionalistas” (Elias, 1997c: 137).

Segundo Elias, a transferência na ênfase emocional do futuro para o passado, para a crença do valor imutável das características nacionais, favoreceu a mudança nos conceitos de civilização e de cultura, que antes correspondiam a processos para conceitos relativos a Estados imutáveis. No final do século XIX e início do XX o termo cultura foi cada vez mais usado para designar cultura nacional.

Essa incursão ao desenvolvimento da antítese entre *Kultur* e *Zivilisation* nos orienta para a compreensão da comparação conceitual empreendida por Elias. Se ambos os conceitos exprimem formas de pensar e agir característicos de um tempo e lugar, a comparação conceitual acentua o processo de transformação, e, de forma análoga, a transformação de mentalidades. Assim, o autor demonstrou como a análise do desenvolvimento dos conceitos evidenciou sedimentação de uma mentalidade que via na violência um instrumento político real.

É corrente encontrarmos nos escritos de Elias o questionamento crítico do uso comum de conceitos, como é o caso de “sociedade” e de “civilização”. Elias não opera uma desconstrução do conceito, antes, age no sentido da retomada do seu significado. O autor empreende uma busca pela compreensão do vir a ser. Em outras palavras, Elias traça a história do termo de uma forma peculiar, tendo como

fio condutor seu entrelaçamento com vários outros conceitos. Essa postura de análise reafirma o argumento segundo o qual a transformação de conceitos reflete uma mudança de comportamento.

Nesse contexto, mostra-se interessante recorrer, mesmo que brevemente, ao momento de surgimento da sociologia como novo campo de especulação sobre a sociedade. Sabemos que a sociologia surgiu na primeira metade do século XIX, e havia uma dificuldade de delimitação de áreas que se ocupavam da ciência da sociedade, como economia, política, história e a própria sociologia. Ela era apenas uma, dentre outras, manifestação de uma forma de pensar a sociedade e seus problemas. No entanto, a sociologia se configurou como uma nova forma de pensar a sociedade, representando uma transformação que se desenvolveu em um específico campo de conhecimento. Essa transformação começou a ocorrer na Europa com a ruptura trazida pela Revolução Francesa.

Quais foram as mudanças características da forma de pensar os problemas da sociedade, as quais nos referimos, quando se fala de uma transformação, uma ruptura, de forma pré-científica para uma científica no modo de ver estes problemas? A pergunta geral é: quais foram as mudanças características na estrutura da sociedade, das quais fazem parte essas mudanças nas formas de pensar a sociedade? (Elias, 2006c: 452)¹⁶⁸

O desenvolvimento do conceito de economia não corresponde apenas a um desenvolvimento conceitual, mas também a uma mudança de conduta, de comportamento no que se refere a bens. O conceito de economia hoje remete a questões de equilíbrio financeiro, mas esse conceito, argumenta Elias, também adquiriu essa característica após a Revolução Francesa.

O ponto de inflexão no uso de um conceito aponta para uma mudança na estrutura de pensamento sobre a sociedade. O surgimento da sociologia como campo científico diferenciado da estruturação da economia em ciência espelha as

¹⁶⁸ “*Welches waren die charakteristischen Veränderungen der Denkweisen über Probleme der Gesellschaft, auf die man sich bezieht, wenn man von einer Transformation, einem ‚Durchbruch‘ von einer vorwissenschaftlichen zu einer wissenschaftlicheren Betrachtungsweise dieser Probleme spricht? Die umfassendere Frage lautet: Welches waren die charakteristischen Veränderungen in der Struktur der Gesellschaft, zu denen diese Veränderungen der Denkweisen über die Gesellschaft gehörten?*” (Elias, 2006c: 452)

transformações nos modos de pensar e formas de comportamento. Assim vemos o quanto a pesquisa processual necessita utilizar como material empírico a transformação ocorrida nos usos e interpretações de conceitos. De forma comparativa, os conceitos são tomados na sua compreensão hodierna, para que em seguida sejam retomadas suas origens. Dessa forma, Elias define um padrão temporal, um espaço subjetivo, no qual são comparadas as fases de desenvolvimento de um conceito, este, por sua vez, relacionado obrigatoriamente a formas de pensamento e de conduta social.

Há, por fim, um ponto importante a ser destacado na abordagem eliaseana. O recorte temporal é muitas vezes questionado. A abordagem sociológica proposta é de longo prazo, porém, qual a medida de tempo mais adequada. Que período da história é o mais conveniente? Após a escolha do tema de pesquisa, do lugar, ou dos lugares, a escolha do período histórico reserva certo cuidado. Ao que tudo indica, Elias parece escolher os momentos de eminente transição. Essa escolha reflete a tentativa de corroboração de uma hipótese, a de que as transformações são frutos de processos longos, e não ocorrem como que por acaso, nem por ação direta de um único indivíduo. Há sempre uma figuração específica que envolve produção de cultura, ações individuais e conjuntas. No estudo sobre Mozart, por exemplo, a escolha não se restringiu apenas à importância do personagem, mas sim a um período de específica transição histórica. A tragédia de Mozart toma seu lugar nesse justo período de transição.

Atualmente a figura humana de Mozart aparece então bem viva na lembrança, quando vemos seus desejos no contexto de sua época. Sua vida é um modelo para uma situação, cuja singularidade nos escapa porque estamos acostumados a trabalhar com conceitos estáticos. Mozart foi, pergunta-se então, no que se refere à música, um representante do rococó ou já um expoente da burguesia do século 19? (Elias, 2005: 17).¹⁶⁹

¹⁶⁹ *Mozarts menschliche Gestalt tritt in der Erinnerung erst dann lebendiger zutage, wenn man seine Wünsche im Kontext seiner Zeit sieht. Sein Leben ist ein Modellfall für eine Situation, deren Eigentümlichkeit uns heute oft entgeht, weil wir gewohnt sind, mit statischen Begriffen zu arbeiten. War Mozart, so fragt man dann, inder Musik ein Vertreter des Rokoko oder schon einer des bürgerlichen 19. Jahrhunderts?* (Elias, 2005: 17).

A escolha do objeto de análise pode justificar situar o processo a partir de um momento de ruptura, ou de forte transformação social, como foi o exemplo utilizado sobre o surgimento da sociologia. No entanto, há temas de pesquisa que necessitam de um recorte diferente, como o processo civilizador. Para analisar uma fase específica da história, foi necessário que tomasse em retrospecto o período feudal anterior. Como afirmou Elias, não é possível alcançar o início absoluto de um processo; no entanto, é necessário um ponto de partida que possa ser empiricamente analisado e que ofereça uma perspectiva de longo prazo.

Este processo que não teve fim pode ser remontado indefinidamente ao passado. De onde quer que comecemos, observamos movimento, algo que aconteceu antes. Limites precisam ser traçados a uma indagação retrospectiva, preferivelmente correspondendo às fases do próprio processo. “Aqui o padrão medieval deve ser suficiente como ponto de partida, sem ser em si mesmo minuciosamente examinado, de modo que o movimento, a curva de desenvolvimento que o liga a era moderna, possa ser seguido” (Elias, 1993: 73)

No que diz respeito ao procedimento de investigação, a abordagem sociológica de Norbert Elias apresenta uma conduta específica de pesquisa, pautada na perspectiva de interdependência e transformação social. A primeira questão para Elias é a consideração dos problemas sociológicos que devem estar conectados a suposições teóricas sobre a natureza das mudanças na estrutura das sociedades humanas. Elias recorre ao conceito de estrutura, mas sem engessá-lo, considerando a sua flexibilidade.

Como procedimento de pesquisa, o autor lança mão de comparações sistemáticas para desenhar o percurso, o processo, de seu objeto de estudo. As comparações são feitas entre estruturas sociais diferentes, situadas em períodos históricos distintos. Dessa forma, Elias garimpa o material necessário para a elaboração de modelos teóricos flexíveis, que respeitam as singularidades históricas e culturais.

Capítulo 3.

Figurações e relações de interdependência: o papel das emoções

Norbert Elias passou a utilizar mais sistematicamente o conceito de figuração a partir da publicação, em 1970, de *Was ist Soziologie?*. Encontramos nessa obra explicações mais detalhadas sobre a forma de pensar as sociedades humanas como figurações. Segundo o autor, as figurações são redes de interdependência humanas moldadas por formas estruturais específicas, porém flexíveis e sujeitas a constantes transformações. Podemos considerar, por exemplo, escolas, exércitos, famílias, nações como figurações sociais específicas. Essas redes de interdependência são constituídas pelos indivíduos que se ligam, voluntária e involuntariamente, por meio de suas inclinações e necessidades. Um argumento básico, porém eficaz, é que as pessoas precisam viver em sociedade para sobreviver, tanto individualmente, como em grupo.

Para Elias, o conceito de figuração ajuda o cientista social a olhar para as formações sociais de maneira mais realista, e não reificada, pois a ferramenta de análise considera o indivíduo em suas múltiplas relações sociais, ao mesmo tempo em que aborda as específicas formações sociais em que este se insere. Naturalmente que a preocupação do autor com a forma de abordagem corrente na sociologia não data da década de 1970, como tivemos a oportunidade de acompanhar no primeiro capítulo. A obra *A sociedade dos indivíduos* é inteiramente dedicada a essa questão, à explicitar a forma reducionista de abordagem, tanto da sociologia como da psicologia dos problemas sociais e individuais. Assim vemos as questões propostas pelo autor: “Serão as relações sociais a única realidade e os indivíduos, mero produto do meio social? Serão os indivíduos a verdadeira realidade e as sociedades, mera figura de retórica? Ou será que ambos são reais e se acham numa relação recíproca?” (Elias, 1994b: 77). A proposta da obra é uma superação de visões cindidas, concretiza-se na análise das interrelações que dão forma às inúmeras figurações sociais.

Para analisar uma figuração social é preciso saber que tipo de disposição emocional subjaz às interrelações sociais. Nesse sentido, é necessário que se analise o desenvolvimento dos padrões de comportamento e das estruturas da personalidade que caracterizam uma época e uma sociedade específica. Nas seções seguintes trataremos de forma mais aprofundada as questões relacionadas às figurações sociais e aos padrões afetivos individuais e coletivos, sem, no entanto, perdermos o contato com a sua noção processual.

3.1 A perspectiva figuracional

O conceito de figuração e o conceito de processo formam o núcleo da abordagem desenvolvida por Norbert Elias, cujo objetivo é deixar transparecer o movimento intrínseco às relações sociais em seu desenvolvimento histórico. A crítica corrente feita por Elias às abordagens sociológicas refere-se ao domínio cada vez mais amplo de padrões estáticos de análise social. A falta de mobilidade diagnosticada por Elias considera duas instâncias temporais: o presente e o passado. Ao se deparar com um problema social no presente é preciso perceber-lhe o movimento constante dado pelas relações recíprocas entre os indivíduos envolvidos. Dessa forma, a percepção sociológica deve aumentar seu alcance ao também considerar os vínculos existentes para além do foco sobre o objeto. Um tema presente possui uma história, ele é produto de um processo contínuo; portanto, há um passado a ser considerado. A sociologia processual reconstrói o passado, problematizando-o de forma sociológica e não histórica.

Tanto o conceito de figuração como o de processo servem como ferramentas de análise, pois incorporam uma concepção de relação social que vai além dos antagonismos conhecidos entre as relações de indivíduo e sociedade. Por figuração podemos entender desde as mais simples associações, como a família ou uma associação de moradores, até os agrupamentos mais complexos, como o Estado ou a união de vários Estados. O que difere essas associações analisadas como figurações das associações analisadas como agrupamentos sociais é o fato de Elias procurar pelos elos de ligações constituídos nas interrelações sociais. O que denominamos “elos de ligação” são entendidos, na

visão do autor, como uma “essência” própria de cada tempo e sociedade, que são constituídos nas ações humanas em conjunto e que representam o significado de existência tanto social como individual. Assim, ao propor uma abordagem figuracional, Elias busca descobrir os sentidos do viver próprio de cada grupo, sociedade ou indivíduo que se pretende analisar.

A abordagem sociológica sobre os valores da existência tem como material de investigação o desenvolvimento de normas e valores compartilhados socialmente, bem como a relação entre essas mesmas normas e a transformação de personalidade. Desse modo, a sociologia diferencia-se da psicologia; porém, encontra nessa última um ponto de apoio e cooperação. A abordagem sociológica desenvolvida por Norbert Elias procura saber como são os indivíduos que compõem uma determinada figuração, como estabelecem relações uns com os outros, como criam uma vida significativa, como morrem. O autor avança na direção da construção de um arcabouço empírico-teórico que possa transpor a dicotomia indivíduo-sociedade.

Ao se adquirir distância suficiente, assim se pode reconhecer que todo indivíduo humano forma, em conjunto, específicas figurações: famílias, cidades, igrejas, empresas, batalhas, times de futebol, nações, grupos terapêuticos e outras tantas incontáveis, se encontram completamente em lentas ou rápidas correntes e estão ligadas. Não é o bastante, porém, perceber a formação de outras figurações humanas de vários tipos. O passo decisivo consiste em reconhecer a si mesmo como indivíduo interdependente, como um ser humano entre outros, que se é parte de determinada figuração. Atualmente, é bem difícil conceber que os indivíduos singulares – e entres eles, si próprio - formam em conjunto as figurações particulares, que possuem suas regularidades, suas estruturas e suas dinâmicas. E com base nisso perceber, ao mesmo tempo, a estrutura de personalidade e a dinâmica dos indivíduos que formam essas figurações, assim como a estrutura e dinâmica das próprias figurações como inseparáveis, mas nitidamente como diferentes níveis dos acontecimentos sociais (Elias, 2006b: 301).¹⁷⁰

¹⁷⁰ *“Hat man genügend Abstand gewonnen, so kann man erkennen, daß alle menschlichen Einzelwesen spezifische Figurationen miteinander bilden: Familien, Städte, Kirchen, Geschäftsunternehmen, Schlachten, Fußballspiele, Nationen, therapeutische Gruppen und unzählige andere, sie sich sämtlich in langsamem oder schnellem Fluß befinden und miteinander verbunden sind. Es genügt jedoch nicht, wahrzunehmen, daß andere Menschen Figurationen verschiedener Art bilden. Der entscheidende Schritt*

Elias é enfático ao afirmar que o conceito de figuração inclui “expressamente os seres humanos em sua formação” (Elias, 2006f: 25). Apesar da obviedade, deve-se ressaltar que as famílias são compostas por pessoas, que as escolas existem em função de educar seres humanos, e para dar cabo dessa tarefa, toda uma estrutura administrativa – composta por pessoas – é formada. Certamente, há muito que se debater sobre as formas e funções dessas figurações mencionadas como exemplo; por ora, o importante é destacar que os seres humanos, em suas relações de interdependência recíproca, compõem o núcleo das figurações. Ao adotar essa postura, Elias, conseqüentemente, atravessa o nível superficial das formas – não menos importantes – para imergir na composição dos afetos e emoções que subjazem às relações humanas. “Quando falamos de figurações, que os indivíduos humanos formam uns com os outros, dispomos de uma imagem do ser humano e de um instrumento conceitual mais adequado à realidade e com cujo auxílio poderemos evitar o tradicional dilema da sociologia: ‘aqui o indivíduo, ali a sociedade’, dilema que se baseia na verdade em um jogo, de tipo extracientífico, com palavras ou com valores” (Elias, 2006f: 27). Faz-se necessário salientar que a abordagem figuracional e processual não se atém a subjetividade das emoções, mas sim aos sentimentos que originados no trato social darão o contorno às figurações sociais.

Segundo Elias, a sociologia necessita de conceitos que expressem o movimento das relações sociais, conceitos que não tratem a realidade de forma estática, ou que considerem um problema como algo externo à realidade social. O conceito de figuração comporta essa função: ressaltar o desenvolvimento em curso das entretecidas relações sociais. Dessa maneira, Elias pretende transpor a reificação proveniente da percepção que separa indivíduos e sociedade, que desumaniza as estruturas sociais. “O conceito de figuração serve como um

besteht darin, zu erkennen, daß man selbst als interdependentes Individuum, als ein Mensch unter anderen, Teil solche Figurationen ist. Es fällt heute noch ziemlich schwer, in Gedanken weit genug zurückzutreten, um zu erkennen, daß die einzelnen – und unter ihnen man selbst – miteinander Figurationen bilden, die ihre Regelmäßigkeiten, ihre Strukturen und ihre Dynamik besitzen, und auf diese Weise gleichzeitig die Persönlichkeitsstruktur und – dynamik der Individuen, die diese Figurationen bilden, und die Struktur und Dynamik der Figurationen selbst als untrennbare, aber deutlich unterscheidbare Ebenen des sozialen Geschehens wahrzunehmen” (Elias, 2006b: 301).

simples instrumento conceitual, que auxiliará a abrandar a pressão social em se falar e em se pensar como se indivíduo e sociedade fossem figuras diferentes e antagônicas” (Elias, 2004: 141).¹⁷¹

O movimento inerente ao processo de desenvolvimento social acarreta inevitavelmente mudanças na constituição das figurações – os chamados períodos de transição social -; essas, por sua vez, alteram-se, dando lugar a novas figurações. A essa sucessão de mudanças, Elias atribui um caráter processual, em movimento contínuo, porém sem uma direção específica. O que se faz necessário novamente salienta é a inextricabilidade da noção de movimento permanente quando falamos sobre as figurações sociais e as relações de interdependência entre os indivíduos.

As relações a que Elias se refere em seus estudos são caracterizadas pela necessidade funcional e – de natureza – que os indivíduos têm para sobreviver em sociedade. Assim, quando nos deparamos com uma obra do autor, percebemos que “relações” são tecidas em interdependência recíproca e funcional entre os indivíduos que compõem a trama social. Não há por parte da abordagem de Elias uma essencialização do termo “relação”, que pode adquirir várias formas. Logo, o que salta à vista na abordagem figuracional é, primeiramente, um tratamento das formas de interação, do significado que as estruturas adquirem em cada configuração social distinta, bem como seu papel na formação das personalidades individuais e estruturas sociais.¹⁷²

Para tanto, é preciso considerar que as relações que os indivíduos estabelecem uns com os outros, formando figurações sociais e engendrando estruturas sociais distintas, bem como personalidades individuais, não foram planejadas por eles, porém estão encerradas nas intrincadas cadeias de redes de interdependência que vão se formando em sucessão no tempo.

¹⁷¹ “*Der Begriff der ‘Figuration’ dient dazu, ein einfaches begriffliches Werkzeug zu schaffen, mit dessen Hilfe man den gesellschaftlichen Zwang, so zu sprechen und zu denken, als ob ‘Individuum’ und ‘Gesellschaft’ zwei verschiedene und überdies auch noch antagonistische Figuren sein, zu lockern.*” (Elias, 2004: 141).

¹⁷² Normalmente, Elias fala em figurações sociais; no entanto, muitos cientistas sociais utilizam o conceito de configuração. Não existem diferenças no que se refere ao significado do conceito; por esse motivo, nesse trabalho, utilizaremos ora figuração, ora configuração.

Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos, aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal (Elias, 1994b: 22).

Ao focar as relações recíprocas entre os indivíduos, Elias descentra tanto o “indivíduo” considerado sujeito autônomo na condução de sua vida, como a sociedade concebida como o órgão que submete e determina a vida dos indivíduos, do foco de sua abordagem sociológica. Pautada nessa argumentação básica, a sociologia de Norbert Elias propõe que as relações sociais sejam interpretadas como relações de interação e não de oposição. Possivelmente, a palavra “interação” pode evocar um sentido simétrico das relações sociais, sem que se perceba o potencial de conflito existente quando abordamos as relações sociais. No entanto, ao perceber as relações sociais como interações, a sociologia processual possibilita que sejam percebidos os movimentos individuais, suas repercussões no ambiente social, bem como os efeitos dessas repercussões nas vivências individuais. A imagem que se pode alcançar é a de um círculo em espiral, no qual não é possível identificar o início, mas que há um movimento circular progressivo impulsionado pelas relações recíprocas de interdependência. Segundo Elias (1994b: 43).

Os seres humanos criam um cosmo especial dentro do cosmo natural, e o fazem em virtude de um relaxamento dos mecanismos naturais automáticos na administração de sua vida em comum. Juntos, eles compõem um *continuum* sócio-histórico em que cada pessoa cresce – como participantes a partir de determinado ponto. O que molda e compromete o indivíduo dentro desse cosmo humano, e lhe confere todo o alcance de sua visão não são os reflexos de sua natureza animal, mas a inerradicável vinculação entre seus desejos e comportamentos e dos das outras pessoas, dos vivos e dos mortos e até, em certo sentido, dos que ainda não nasceram – em suma, sua dependência dos outros e a dependência que os outros têm dele, as funções dos outros para ele e suas funções para os outros.

A perspectiva sociológica figuracional, ao propor que as relações sociais, sejam elas simétricas ou assimétricas, passem a ser analisadas como relações de interdependência recíproca, esbarra em uma questão cara tanto à filosofia quanto à sociologia e às demais ciências sociais: a questão da autonomia do indivíduo. Pois sendo progressivamente interdependente, não há possibilidade de imaginarmos um indivíduo livre ou independente. Elias confirma essa tendência ao enxergar que tanto a liberdade quanto a autonomia são relativas. O problema maior está, segundo o autor, na concepção enganosa que os indivíduos alimentam de que são, ou podem ser, pessoas totalmente autônomas. Com vistas a essa questão, Elias desenvolveu largamente em seus estudos a crítica à concepção do indivíduo isolado, que ele denominou *homo clausus*. Essa concepção diz respeito à imagem vivenciada de um “eu” interno, separado do mundo externo:

Esta é uma experiência que leva os indivíduos a pensarem como se seu próprio “eu” existisse, de certa maneira, dentro deles, e como se estivessem separados por um muro invisível de tudo que está fora, o chamado mundo exterior. Essa experiência de vivenciar a si mesmo como uma espécie de caixa fechada, como *homo clausus*, mostra-se como imediatamente evidente. Os indivíduos não conseguem imaginar que existem outras pessoas que não percebem a si mesmas, nem o mundo onde vivem da mesma maneira. (Elias, 2004: 128).¹⁷³

A ideia de um indivíduo cindido, agindo em independência, é um produto artificial do homem, característico de um estágio do desenvolvimento de sua autopercepção. Essa autopercepção, segundo Elias, “tem para um grande número de pessoas na era moderna a mesma força imediata que a convicção de que o Sol girava em torno de uma Terra situada no centro do cosmos possuía na Idade Média” (Elias, 1994a: 248).

¹⁷³ “Es ist eine Erfahrung, die es Menschen so erscheinen lässt, als ob sie selbst, als ob ihr eigentliches ‘Selbst’ irgendwie in einem eignen ‘Innern’ existiere, und als ob es dort im ‘Innern’ wie durch eine unsichtbare Mauer von allem, was ‘draussen’ ist, von der sogenannten ‘Aussenwelt’ abgetrennt sei. Diese Erfahrung ihrer selbst als einer Art von verschlossenem Gehäuse, als *homo clausus*, erscheint den Menschen, die sie haben, als unmittelbar einleuchtend. Sie können sich nicht vorstellen, dass irgendwelche Menschen sich selbst und die Welt, in der sie leben, nicht dieser Weise wahrnehmen.” (Elias, 2004: 128)

A percepção que o indivíduo contemporâneo tem de si como entidade separada e auto-suficiente tem suas origens, segundo Elias, na tradição da filosofia clássica, que concebia o indivíduo como agente de conhecimento autônomo dada a sua capacidade racional. Em *Sobre o tempo*, Elias argumenta que a percepção que o indivíduo tem de si como ser isolado, e que apenas chega a conhecer devido a disposições internas inatas, desenvolveu-se mais fortemente a partir da filosofia renascentista. O autor toma como expoente de sua argumentação as formulações de Descartes sobre o conhecimento humano.

A descoberta cartesiana sintetizada na percepção concreta do “eu” derivada da experiência interna da auto-suspensão e da suspensão do mundo externo evidencia, segundo Elias, um forte indício de separação do indivíduo e do meio, do ambiente sobre o qual pensa. A célebre conclusão de Descartes, “Penso, logo existo”, nascida da suspensão das ligações externas de indivíduo e da sua íntima ligação interna, estabelece uma existência autônoma, porém fundamentada em um “dogma de seu tempo”. Porém, a análise do passado nos auxilia a compreender e rever essa forma de pensamento. Segundo Elias (1988: 30, 31):

Podemos compreender esse cenário insatisfatório, se imaginarmos como o indivíduo age em consonância com sua época. Ele penetra, esta é a idéia, em sua meditação totalmente consigo mesmo, numa camada de seu próprio pensamento – a qual em função de um dogma de seu tempo – ele toma por não aprendida e independente de sua experiência ou da de qualquer pessoa. Em sua tentativa, ele utiliza um imenso arsenal de saber aprendido e, especialmente, de conceitos aprendidos. O que ele em outras palavras traz à luz, ao descer às profundezas transcendentais de seu próprio pensamento, é uma parte do equipamento conceitual que lhe foi transmitido por outros, do qual ele se serve em sua viagem interior.¹⁷⁴

¹⁷⁴ “Das Unbefriedigende dieses Szenarios tritt zutage, wenn man bedenkt, was ein Mensch nach dieser Vorstellung eigentlich tut: Er dringt, das ist die Vorstellung, in seiner Meditation ganz für sich in eine Sicht seines Denkes vor, die er – nach einem ungeprüften Dogma seiner Zeit – für ungelernt und unabhängig von seiner eigenen oder auch von jedermanns Erfahrung hält. Indem er das versucht, benutzt er ein immenses Arsenal erlernten Wissens, einschliesslich erlernter Begriffe. Was er beim Abstieg in die transzendentalen Tiefen seines eigenen Denkens antrifft und ans Licht befördert, ist mit anderen Worten ein Teil eben jener begrifflichen Ausstattung, die ihm von anderen weitergereicht wurde und deren er sich für seine ‘Reise in das Innere’ bedient.” (Elias, 1988: 30, 31).

O argumento utilizado por Elias ajuda a compreensão do desenvolvimento de um padrão de pensamento internalizado, cujas consequências se exprimem na relação indivíduo e sociedade. A internalização dessa imagem de autonomia é, segundo o autor, emocionalmente mais gratificante do que a imagem de seres humanos relativamente autônomos, agindo de forma interdependente, e compondo – em conjunto – o desenvolvimento social.

Assim, Elias compreende que a imagem internalizada do *homo clausus* tem um significado emotivo de gratificação pessoal. O indivíduo autocentrado vê a si mesmo, como sua nação, ou seu grupo, o centro de tudo. Esse padrão de autopercepção engendra ações comportamentais, estruturas de personalidade que bloqueiam um desenvolvimento social pautado pela realidade das interdependências, ou seja, a imagem de *homo clausus* impede que os indivíduos sejam investigadores de si mesmos quando precisam refletir sobre as próprias emoções geradas em sociedade, no contato com outros.

Elias argumenta que no atual estágio do desenvolvimento científico, por exemplo, os indivíduos concebem os processos naturais de uma forma mecânica ou causal porque se tornaram capazes de exercer distanciamento emotivo desses processos. Mas eles – os indivíduos – “... ainda não são capazes de se distanciarem o suficiente de si mesmos para tornarem seu próprio autodistanciamento, sua própria contenção de emoções – em suma, as condições de seu próprio papel como sujeito da compreensão científica da natureza – objeto do conhecimento e da indagação científica” (Elias, 1994a: 245).

O autor propõe que a imagem do homem como personalidade fechada seja substituída por uma imagem de personalidade aberta, o que representaria um passo em direção ao amadurecimento do ego. As experiências poderiam ser vivenciadas na relação do indivíduo com os outros, não apenas de forma imediata, mas também no sentido temporal, pois o indivíduo pode ver-se fazendo parte de uma cadeia geracional. Essa personalidade aberta pode possuir um maior ou menor grau de autonomia face a outras pessoas, porém jamais absoluta. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga às mais diversas

figurações. Quando olhamos para as figurações como estruturas flexíveis de pessoas mutuamente orientadas e interdependentes, vemos que a divisão tradicional entre indivíduo e sociedade, entre indivíduo e o mundo externo a ele, perde sua força de influência. Para Elias (1994a: 249):

O conceito de figuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de “sociedade” que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um “sistema” ou “totalidade” para além dos indivíduos, mas a rede de interdependências por eles formada.

Quando pensamos em figuração vemos que a questão da autonomia e da liberdade humana coloca-se sob o aspecto do estabelecimento dos limites próprios de cada figuração, que embora não sejam rígidas, apresentam uma forma, têm fronteiras, limites, que igualmente sofrem transformações no decurso histórico. A mobilidade não é um sinônimo de ausência de forma. A isso corresponde uma autonomia regulada e parcial do indivíduo, pois “... um ser humano singular pode possuir uma liberdade de ação que lhe permita desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra, mas se e em que medida isso é possível depende do fato das peculiaridades da figuração em questão” (Elias, 2006f: 27).

Autonomia está relacionada à compreensão de si. Ora como ser isolado e independente, ora como sujeito a forças sociais. Na verdade, Elias advoga uma compreensão de si, como co-participante, seja por desejo voluntário, seja por forças que não se podem controlar. Ver-se a si como um entre muitos:

Todo ser humano, em certa medida, governa-se a si mesmo. Todo ser humano, até certo ponto, está sujeito às coerções geradas pelo convívio com outros, pelo desenvolvimento e estrutura de sua sociedade e, finalmente, pelas necessidades naturais, ao mesmo tempo individuais e comuns, como a necessidade de comer e de beber, ou que provêm da natureza externa, como as coerções ligadas ao calor e ao frio. A margem de decisão dos seres humanos, sua liberdade, se baseia, em última instância, na possibilidade que possuem de controlar, de diversas maneiras, o equilíbrio mais ou menos flexível e, aliás,

em permanente transcurso, entre as diferentes instâncias de onde provêm as restrições (Elias, 1988: XLIII).¹⁷⁵

Como já salientado, a teoria de processos e figuração não é uma teoria no sentido de oferecer leis gerais, mas de construção de modelos, cuja forma flexível é determinada pelas características próprias e únicas de uma sociedade ou comunidade. O lugar das emoções, seu controle para o convívio social de um número cada vez maior de indivíduos interdependentes, mostra quão flexível pode ser a abordagem e, ao mesmo tempo, como essa volatilidade firma estruturas de comportamento.

A partir das figurações reais, das teias de interdependência constituídas por pessoas, é que Elias constroi modelos de processos sociais, como o de relação estabelecidos-*outsiders*, ou ainda o modelo de processo civilizador. Nesses dois casos, que serão tratados a seguir, percebe-se claramente que a análise parte das formas reconhecidas e compartilhadas do conviver social e vai adentrando a trama social, percebendo suas ramificações. Dessa forma, a sociologia figuracional traz ao conhecimento um maior detalhamento sobre as figurações, que apresentam estruturas e regularidades próprias, mas, no entanto, apresentam uma característica subjetiva comum: as emoções humanas geradas nas relações sociais se configuram na matéria estruturadora de uma determinada figuração.

¹⁷⁵ “*Jeder Mensch steuert bis zu einem gewissen Grade sich selbst. Jeder Mensch ist bis zu einem gewissen Grade Zwängen unterworfen durch das Zusammenleben mit anderen, durch die Entwicklung und Struktur seiner Gesellschaft, schliesslich und endlich auch durch Naturabläufe seiner oder ihrer selbst, also etwa durch die der weiteren Natur, etwa Zwänge von Hitze und Kälte. Der Entscheidungsspielraum der Menschen, ihre Freiheit, beruht letzten Enden auf der Möglichkeit, die sie haben, die mehr oder weniger flexiblen Balancen zwischen verschiedenen zwingenden Instanzen, die überdies ständig im Fluss sind, auf mannigfaltige Weise zu steuern.*” (Elias, 1988: XLIII)

3.2 Figurações e a importância das emoções

Elias situa a abordagem do comportamento humano em um campo interdisciplinar, no qual as ações e motivações individuais devem ser consideradas a partir das relações de interdependência humana. Os indivíduos aprendem a regular seu comportamento de acordo com o ambiente social e natural. Vemos que Elias não dissocia, de forma a opor, indivíduo e natureza.¹⁷⁶ A natureza humana fornece o aparato necessário para que os indivíduos possam viver em sociedade. Como já vimos no segundo capítulo, o processo de aprendizagem social só é possível porque a natureza nos forneceu condições para isso; porém, tal aparato permaneceria inativo se não fosse estimulado pelas necessidades humanas de viver em sociedade.

Assim, as emoções para Elias dizem respeito a uma série de mecanismos naturais biológicos que compartilhamos com outros animais, porém elas também dizem respeito às formas de convívio social. As emoções individuais que afloram nas situações sociais são um produto de modelagem social das pulsões inatas. Elias afirma que “nenhuma emoção de um indivíduo adulto é totalmente inata, ou consiste apenas em um modelo de reação geneticamente fixado. Assim como as línguas, as emoções resultam de uma relação de processos inatos e adquiridos”. (Elias, 2006d: 71).¹⁷⁷

Com esse raciocínio, Elias procura sair do âmbito do debate polarizado sobre as emoções, que ou são tratadas em um sentido estrito, referindo-se apenas ao comportamento sentimental, ou em sentido amplo, como um padrão de reação que envolve o organismo todo em seus aspectos somático, emocional e comportamental. As emoções são consideradas em sua manifestação ampla, porém condicionadas pelas formas sociais de relacionamento ou de autorregulação. O autor enxerga as emoções como uma evidência de que os

¹⁷⁶ Trata-se de um dos argumentos centrais do livro *Teoria simbólica*. Ver a respeito, (Elias, 1991).

¹⁷⁷ “Keine Emotion einer erwachsenen menschlichen Person jemals in einem vollständig ungelerten, genetisch fixierten Reaktionsmuster besteht. Wie Sprachen resultieren auch Emotionen aus einer Verbindung gelernter und ungelerner Prozesse.” (Elias, 2006d: 71)

seres humanos são constituídos por natureza para viver em sociedade. Assim, nossas disposições naturais vão adquirindo modelagem no convívio social.

Para Elias, os seres humanos ainda se veem como concorrentes que necessitam da hierarquização de valores, de lugares. Ainda não foi possível perceber que as situações de competição podem ser transpostas, quanto menos, amenizadas. Para Elias, os sentimentos e afetos têm importante papel nessas situações de competição; por esta razão, formaram um arcabouço de estudo a natureza das configurações sociais, das transformações de sentimentos e afetos.

Os estudos de Elias tratam dessa modelagem social das emoções inatas. Há no autor uma preocupação explícita com as emoções surgidas nas figurações sociais, mas essa preocupação é direcionada para o tipo de emoção que está na base de processos violentos, desagregadores dos laços de controle sociais, o que veremos mais detalhadamente a seguir na abordagem de *Os estabelecidos e os outsiders*, *Os alemães* e *Mozart*.

No estudo desenvolvido por Norbert Elias e John Scotson sobre os conflitos vividos por uma pequena comunidade em uma área industrial da Inglaterra na década de 1950, fica clara a importância do papel das emoções sobre o estabelecimento das relações de poder e, conseqüentemente, dos conflitos que daí se originaram.¹⁷⁸ Nessa comunidade, formada por migrantes, verificou-se uma relação conflituosa entre seus membros, que se dividiam em dois grupos distintos. O problema que chamou a atenção dos sociólogos foi a crescente delinquência juvenil, considerada uma preocupante fonte de violência para a comunidade. Os autores identificaram, após um detalhado e profundo estudo empírico, que as origens dessa delinquência estavam na progressiva estigmatização e exclusão social vivenciada pelo grupo de migrantes mais recentes – *os outsiders* –, pelo grupo de migrantes mais antigos – os estabelecidos.

¹⁷⁸ Ver: Elias, Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, 2000. Essa obra é fruto de uma pesquisa realizada em uma pequena comunidade da Inglaterra em finais da década de 1950.

A relação que se dá entre os migrantes recém-chegados e os já estabelecidos era de estigmatismo e exclusão social que se perpetuava, como uma herança, ao longo de décadas. Verificou-se a formação de um equilíbrio instável de poder. A relação entre os grupos deu origem a uma distinta configuração social, que não foi planejada por nenhum grupo ou indivíduo isoladamente. Segundo Elias:

Não se trata de elogiar nem de censurar, mas de contribuir para uma melhor compreensão e explicação das interdependências que, nessa comunidade, prenderam dois grupos na armadilha de uma configuração que eles não criaram, mas que produziu tensões e conflitos específicos entre eles. As tensões não surgiram porque um dos lados fosse perverso ou despótico, e o outro, não. Antes, eram inerentes ao padrão que eles formaram entre si. (Elias, 2000: 172-3).

É possível extrair desse estudo alguns pontos importantes para a compreensão da perspectiva figuracional. O primeiro diz respeito à relação que os grupos formaram entre si – a qual Elias chamou de “relação estabelecidos/*outsiders*” –, que não se originou devido ao desejo do grupo “estabelecido” em excluir, por sua força e vontade, mas sim pela relação de interdependência entre os grupos que se desenvolveu ao longo de anos, gerando dessa forma um equilíbrio instável de poder, em prejuízo do grupo recém-chegado. A interação se deu de forma a criar e acentuar a desigualdade entre grupos. O segundo fator é a abordagem sociológica da influência das emoções nas relações sociais. Uma das conclusões de Elias é que as emoções geradas nas interações entre os grupos serviam de lastro para manutenção e desenvolvimento desse padrão de relação desigual de poder.

A superioridade do grupo “estabelecido” estava ancorada no sentimento prazeroso que seus membros tinham em fazer parte de um grupo considerado superior e, em contrapartida, o sentimento de inferioridade do grupo *outsider* era um forte impedimento para que conseguissem se livrar do estigma social que lhes era impingido. A falta de coesão social era uma característica básica do grupo *outsider*; disso resultaram o afrouxamento de laços sociais e a formação de uma minoria desviante. A imagem dessa minoria foi usada de maneira a generalizar o

estigma para todo o grupo. Segundo Elias a internalização “da crença depreciativa do grupo socialmente superior pelo socialmente inferior, como parte da consciência e da imagem que este tem de si, reforça vigorosamente a superioridade e a dominação do grupo estabelecido” (Elias, 2000: 175).

Os dois grupos formavam uma configuração própria, eram parte de uma mesma sociedade, e suas relações de interdependência evidenciam o que o estudo de Elias nos mostrou: uma relação do tipo “estabelecidos/*outsiders*” com um equilíbrio instável de poder, que pendia para a manutenção dos laços mais fortes entre os antigos moradores, e para a frouxidão ou quase ausência desses laços entre o grupo de migrantes mais recentes.

O pertencimento a uma comunidade, o compartilhar de um ideal comum de grupo, não oferece apenas coesão comunitária e sua continuidade. Significa também que a sobrevivência individual está atrelada à sobrevivência das formas sociais, no caso específico, comunitárias. Cada indivíduo do grupo estabelecido acreditava na superioridade humana e moral de sua comunidade, o que significa também afirmar que estava igualmente convencido de sua própria superioridade. A vida individual vinculava-se à vida social de tal forma que não é possível dissociar indivíduo e sociedade, isso tampouco é efetivo. Mas esse é um nível da estrutura que vai, independentemente dos desejos individuais, entrelaçar-se a outra estrutura figuracional menor: a vivida pelo grupo estigmatizado.

Os membros do grupo *outsider* não compartilhavam laços comuns, não estavam filiados por decisão própria, não possuíam vida comunitária na qual poderiam buscar um sentido que os estruturasse como grupo coeso. Faltavam-lhes a ligação afetiva ao lugar e a sua própria condição dentro da comunidade. Esses fatores contribuíram para que tomassem para si a condição de inferioridade, de área problemática.

A associação dessas diferentes estruturas deu origem a uma figuração maior, mais intrincada e particular, que dificultava que se identificasse que os casos percebidos como anomia, pelo grupo dominante, decorriam, dito de maneira simplificada, da exclusão social, da integração comunitária, que se firmou pelo

tempo de estabelecimento das pessoas no local. A anomia real estava relacionada ao padrão de relação formada pelos grupos, não era uma particularidade do grupo *outsider*, ao padrão de exclusão social que se perpetuou por gerações.

O alcance dessas conclusões foi possibilitado pela adoção de uma postura metodológica de distanciamento do objeto, o que não significa um colocar-se à margem, mas antes desenvolver um olhar retrospectivo. Elias, considerando um problema atual, adotou a postura de afastar-se do momento presente. Através da investigação histórica, averiguaram-se as condições de constituição daquela comunidade, buscou-se pelo momento histórico de formação dos bairros e da chegada dos migrantes. Elias procurou reconstruir os laços que uniram os primeiros moradores e que serviram de lastro a sua existência social e individual. Da mesma forma, analisou as condições de adaptação do grupo mais recente, bem como sua diversa constituição. Da comparação entre as formações das estruturas dos dois grupos, e da interrelação vivenciada por eles, foi possível aferir as reais raízes do problema que se mostrava em primeiro plano.

Como já acompanhamos, a abordagem processual e figuracional ancora-se em uma perspectiva de longo prazo, bem como na comparação entre as diferentes estruturas sociais que se apresentam ao pesquisador. Porém, leva em conta a composição afetiva individual e social; as ligações afetivas entre os indivíduos, aquelas aos quais eles estão ligados sem perceber. Não se trata aqui de vínculo afetivo eletivo, por afinidade, mas de emoções que são comuns a todas as pessoas, como o orgulho, o embaraço, o medo, a vergonha, o prazer.

Esse modelo de relação conflituosa é um exemplo de uma figuração específica, uma análise micro, de curta duração, se comparada aos estudos de longa duração desenvolvidos por Elias em outros estudos de maior porte. Em *Os alemães*, Elias realizou uma abordagem macro do desenvolvimento da sociedade alemã. Naturalmente, esse estudo é mais complexo, pois debruça-se sobre uma série interligações de figurações sociais e seu longo desenvolvimento histórico. Porém, é possível observar a mesma lógica descrita acima em uma abordagem macro, como é o caso do desenvolvimento social do Estado alemão.

Deve-se ressaltar que a biografia do Estado alemão teve uma finalidade. A pesquisa foi conduzida para dar resposta a um problema de dimensões ainda não mensuráveis devido à atrocidade de sua natureza; a saber, descobrir a origem social e, portanto, construída, do genocídio cometido contra judeus, ciganos e homossexuais durante a Segunda Guerra Mundial. Procurar entender como se estruturou a separação “nós-eles”, como a identidade pessoal adquiriu significado social a ponto de excluir drasticamente aqueles que se acreditava não compartilhavam o mesmo arsenal de significados sociais. Com a ascensão do nacional socialismo, a balança de poder tendeu vigorosamente para o lado do grupo que estava no poder e daqueles que o apoiavam, o que representou boa parte da sociedade alemã.

A sociedade alemã à época da ascensão do Nacional Socialismo apresentava uma configuração que foi o produto de um longo processo de desenvolvimento social. Tanto a eclosão da Segunda Guerra Mundial como a forma de seu desenrolar evidenciam a força do componente emocional no qual se baseavam as relações sociais, especialmente no que toca às populações judaica e não-judaica.

De uma maneira dramática, as relações de interdependência, entre esses dois estratos da população, levaram a uma sistemática eliminação da população judaica do corpo da sociedade alemã. Por meio dessa macroanálise, Elias chega à mesma conclusão da microanálise; as figurações sociais não foram planejadas pelos indivíduos em seu conjunto ou isoladamente. Mas isso não corresponde a uma anulação ou ausência de responsabilidades. O genocídio praticado pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial foi de sua responsabilidade.

Se normas morais universais que embasavam a produção e aplicação de leis no sentido de assegurar a vida humana foram transformadas em normas morais restritas, que se aplicavam apenas aos alemães considerados cidadãos, não significa que os alemães – tomados no conjunto da nação – tivessem uma crueldade naturalizada. Significa, antes, que houve um longo processo. Segundo Elias, procurar compreender os crimes cometidos contra a humanidade, que

infringiram direitos fundamentais dos indivíduos, dessa maneira, significa, de forma direta, agir com a mesma lógica de naturalização que legitimou alemães a impingirem toda sorte de atributos morais negativos aos judeus, homossexuais, ciganos e dissidentes políticos.

A abordagem levada a cabo por Elias, o que ele já chamou de análise sociogenética em *O processo civilizador*, considera o desenvolvimento social do Estado alemão e as várias configurações sociais que incidiram sobre sua história. Dentre elas, destacam-se: a irregularidade do processo de unificação da Alemanha, a transformação de uma mentalidade universalista em particularista – expressa na modificação de interpretação dos conceitos de cultura e civilização –, o fortalecimento do nacionalismo e, conseqüentemente, do Estado autoritário, e a extensão dos direitos civis aos judeus, fator que possibilitou sua ascensão social.

As figurações da sociedade alemã analisadas por Elias, em seu desenvolvimento no tempo, evidenciaram um padrão social específico que se tornou característico aos alemães, o seu *habitus* social. Faz-se necessário no momento explicar o que o autor entende por *habitus*. Em linhas gerais, podemos entender por *habitus* as características comuns aos membros de uma comunidade ou nação. Essas características não são naturais, mas desenvolvidas em sociedade, por isso são mutáveis e sujeitas a processos de mudança; logo, o *habitus* nacional não é estático.

O conceito de *habitus* era de uso corrente na sociologia alemã do período entre guerras, e Elias o usa como uma ferramenta de análise para abordar de forma mais aberta as questões relacionadas ao caráter nacional.¹⁷⁹ A abertura do conceito reside no fato de ele expressar um processo de formação do caráter nacional, social ou de um grupo, não o engessando de forma a naturalizá-lo. Apesar da variedade cultural e linguística que possa possuir uma nação, é possível identificar um padrão geral de comportamento comum à maioria de seus habitantes. Este padrão é o *habitus*, formas de comportamento compartilhado e

¹⁷⁹ No prefácio do livro *Os alemães*, Mennell e Dunning fazem saber que o conceito de *habitus* foi utilizado por Elias já na primeira edição de *O processo civilizador* em 1939, antes, portanto, da difundida utilização feita por Pierre Bourdieu. Ver a respeito, (Elias, 1997c).

em conformidade com as estruturas sociais de uma nação. Elias exemplifica essa ideia transpondo-a para um campo mais concreto. Segundo o autor, um alemão difere de um holandês – apesar das semelhanças físicas – ou de um inglês no tocante aos seus gestos, às suas maneiras e às formas de ver e compreender seu ambiente social. Essas formas particulares de comportamento correspondem a padrões nacionais desenvolvidos *pari passu* com o desenvolvimento de uma nação. Segundo Elias (1994b: 150):

(...) cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição específica que compartilha com outros membros e sua sociedade. Esse *habitus*, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social – um estilo mais ou menos individual algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível que brota da escrita social.

No estudo sobre a sociedade alemã, Elias mostra como sua história descontinuada concorreu para a formação de um padrão de sentimentos que são ao mesmo tempo individualizados e generalizados para o conjunto da população. Esses mesmos padrões também sofrem transformações ao longo do desenvolvimento social da nação. Assim, o autor deduz de suas análises que o sentimento primário de inferioridade devido à fragilidade das fronteiras nacionais caminhou para um sentimento de se deixar orientar por padrões hierarquizadores, militarizados, sendo estes últimos responsáveis pela unificação da nação. Elias argumenta que a problematização do *habitus* é importante porque não trata apenas do que é pitoresco, e aparentemente superficial, mas por relevar problemas de sociabilidade, uma vez que traz à tona os mecanismos de distanciamento moral entre seres humanos. Esse foi o caso da Alemanha.

(...) uma história marcada no longo prazo por derrotas e conseqüentes perdas de poder, e que deu vazão, correspondentemente, a um abalado orgulho nacional, uma identidade nacional muito insegura de si mesma, um ideal nacional retrógrado que envolvia a projeção da imagem fantasiosa de um passado mais grandioso no futuro – facilitou o

surgimento de uma variante particularmente maligna de crenças e tendências comportamentais, que também se manifestou em outros países. Tratava-se de uma forma extrema e sumamente perigosa de devoção a ideais, credos ou princípios *a priori*, os quais eram absolutos, inflexíveis, inalteráveis e não podiam ser questionados nem modificados à luz de novas experiências ou argumentos racionais – em suma, ao tipo de credo que tem sido característico de movimentos nacionalistas e muitos outros movimentos sociais desde o começo do século XIX, e antes disso de inúmeros movimentos religiosos, no sentido mais estrito do termo (Elias, 1997: 293).

É possível apreender que embora os entrelaçamentos de várias figurações sociais tenham levado à Segunda Guerra, a base era dada pelo conjunto de padrões emocionais entrelaçados, esse era o elã que dava significado a todas as ações. Nesse sentido, as emoções constituem a base desse processo, modificam e são modificadas ao longo do tempo.

A análise de uma situação micro mostrou que a formação de um modelo que pode igualmente ser aplicado a uma situação macro, como foi o caso de *Os alemães*. Esse modelo, como foi apresentado, leva em conta os elementos responsáveis pelo equilíbrio da relação de poder. Os elementos formadores desse modelo constituem-se de grupos sociais distintos que buscam melhores posições de poder. Estabelece-se então uma competição, muitas vezes velada, pela manutenção de um *status* superior. O pertencimento à boa sociedade gera o confortável sentimento de acolhida social, de significativos laços sociais que muitas vezes são aqueles que dão significado às vidas individuais.

Podemos recorrer ainda a outro exemplo para melhor esclarecer o papel dos laços de ligação afetiva do indivíduo singular ao seu ambiente social. Na biografia sociológica de Mozart, Norbert Elias não desfaz a magia da genialidade de Mozart; porém, situa sua tragédia, descortinando o tecido social de seu tempo. Dessa maneira, o que o leitor percebe em relevo é a trajetória individual – em destaque -, porém sem descolá-la da imbricada rede social.

Embora sejam comuns as histórias de gênios incompreendidos que tiveram um final trágico de suas vidas, ainda hoje pode soar insólito tomar conhecimento de casos nos quais a genialidade individual não foi compreendida. Entretanto, é preciso contemporizar os sentimentos e compreender que normalmente a genialidade é reconhecida *a posteriori*. Este foi, não excepcionalmente, o caso de Wolfgang Amadeus Mozart, hoje mundialmente reconhecido por sua genialidade musical.

A sociedade vienense em finais do século XVIII era fortemente marcada por uma cultura aristocrática da corte, cuja organização relativamente rígida mantinha a distância social de delimitação identitária entre os estratos sociais. Porém, a estrutura “patrimonialista” que sustentava o ostentoso mundo da corte e mantinha as divisões sociais entrou em declínio e se chocou com a ascendente burguesia local. Essa concisa referência serve de pano de fundo para evidenciar a disputa por poder de dois grupos distintos: a corte decadente e a burguesia ascendente.¹⁸⁰ Mozart pertencia ao grupo da pequena-burguesia que prestava serviços à corte, dependendo estritamente desta última para seu estabelecimento como músico.

Cabe aqui um pequeno adendo: as relações entre a corte aristocrática e os membros da pequena-burguesia – serviços em sua maioria – eram marcadas por uma forte distinção social. A música era considerada uma arte menor e, conseqüentemente, os músicos ocupavam um lugar inferior na escala de importância dos serviços prestados às cortes. O músico era um empregado cujo valor do trabalho equivalia ao de um jardineiro, por exemplo.

O que nós denominamos corte real esteve e permaneceu no centro do governo real. Músicos eram para uma tal estrutura tão indispensáveis como confeitheiros, cozinheiros ou camareiros, e tinham na hierarquia de corte normalmente o mesmo *status*. Eles eram, como depreciativamente se pode expressar, cortesãos. (Elias, 2005: 22).¹⁸¹

¹⁸⁰ Embora o caso específico trate da corte vienense, esse movimento de decadência se generaliza pelas cortes europeias. Ver mais a respeito em *Sociedade de corte*.

¹⁸¹ “Was wir als Fürstenhof bezeichnen, war und blieb im Kern der fürstliche Haushalt. Musiker waren für einen solchen Großhaushalt ebenso unentbehrlich wie Zuckerbäcker, Köche oder Kammerdiener und hatten in der höfischen Statushierarchie normalerweise den gleichen Rang wie jene. Sie waren, wie man das etwas verächtlich ausdrückt, Hofschranzen.” (Elias, 2005: 22).

A figuração específica da sociedade da corte é resultado de um longo processo de estratificação social e centralização administrativa do Estado. Foi dentro desses moldes, na ligação indissociável da trama social, que se situa o que vamos chamar, concordando com Elias, de “tragédia pessoal” de Mozart.

Mozart não usufruiu as glórias advindas do reconhecimento de seu talento, faleceu aos trinta e cinco anos, no ano de 1791, pobre, endividado e sepultado em uma vala comum, sem o reconhecimento de seu público. A *causa mortis* é explicada por Elias como um conjunto de eventos que significaram um esvaziamento existencial, a perda do amor que conferia sentido à vida de Mozart: “(...) o amor de uma mulher por ele, e em quem ele podia confiar, e o amor do público de Viena por sua música. Ele usufruiu de ambos por algum tempo; ambos estavam no topo da hierarquia de seus desejos” (Elias, 2005: 9).¹⁸²

Elias adverte que a biografia sociológica de Mozart é um ponto de partida para a elaboração de um averiguável modelo teórico de figuração, que uma pessoa – no caso, um artista do século XVIII - forma em virtude de sua interdependência com outras figuras sociais. O drama de Mozart era o de buscar sentido para sua existência no mundo externo. O que o ligava a sua sociedade era o que sustentava sua vida. Sua ligação afetiva com o mundo se dava através do reconhecimento externo de sua arte. “Ele morreu evidentemente com o sentimento de fracasso de sua existência social – metaforicamente falando – com o esvaziamento de sentido de sua vida, da perda total da crença na possibilidade de encontrar preenchimento para o que ele desejava do fundo de seu coração”. (Elias, 2005: 9).¹⁸³

Elias nos reporta, com um exercício de distanciamento, para a compreensão dos sentimentos de Mozart, para entendermos o que significou a crescente falta de sentido de sua existência. Para o autor, o vazio existencial de

¹⁸² “... die Liebe einer Frau, der er vertrauen konnte, für ihn selbst und die liebe des Wiener Publikums für seine Musik. Beide hatte er eine Zeitlang genossen; beide rangierten mit am höchsten in der Hierarchie seiner Wünsche” (Elias, 2005: 09).

¹⁸³ “Er starb offenbarn mit dem Gefühl des Scheiterns seiner sozialer Existenz, also – metaphorisch gesprochen – an der Sinnentleerung seines Lebens, dem totalen Verlust des Glaubens an die Möglichkeit, Erfüllung für das zu finden, was er sich in der Tiefe seines Herzens am meisten wünschte” (Elias, 2005: 9).

Mozart decorreu, sobretudo, da necessidade de existência entre dois mundos, um que começa a ruir e outro que começa a ascender. Mozart viveu em um tempo de demarcada transição social. Ele pertencia a um mundo social, cujo reconhecimento se dava pelos serviços prestados às cortes. Portanto, a pequena-burguesia usufruía de pouco prestígio e sua identidade estava marcada por isso.

O reconhecimento de seu valor se dava, portanto, pela sua adequação às necessidades da corte. Assim, o músico precisava se adequar aos cânones musicais de sua época, alimentando, por vezes, um estilo musical que desejaria superar. O artista estava imbricado em uma relação de interdependência da qual não podia se livrar, por mais que o desejasse. Nessa figuração, a relação hierárquica entre a corte aristocrática e seus serviçais, como o músico, estava fortemente internalizada e era um dos pilares onde se assentava a legitimidade da corte.

Com a decadência da corte e a respectiva ascensão paulatina da burguesia na escala de valores sociais, todas essas relações hierárquicas começam a se afrouxar, é um processo lento segundo o qual os lugares originalmente sancionados vão deixando de existir e ensejam assim uma nova ordem e estrutura social. Esse processo, a que nos referimos resumidamente, não ocorreu rapidamente, e a vida de Mozart situa-se no momento em que essa figuração começa a mudar. Ela ilustra essa configuração.

Embora a conduta das cortes estivesse internalizada, o músico vivenciava o desejo de libertar-se dela, de ser um artista livre e reconhecido por seu talento. Mozart buscou a emancipação de uma ordem social que ainda tinha suas raízes firmes no regime aristocrático. “Por um lado, ele frequentou os círculos aristocráticos da corte, cujo gosto musical tradicional ele adotara, e onde era esperado dele o comportamento condizente com o cânone dominante da corte. Por outro lado, ele representava um tipo específico de seu tempo, que nós

podemos categorizar de forma grosseira de pequena-burguesia” (Elias, 2005: 27).¹⁸⁴

Segundo Elias, a época em que Mozart viveu não conhecia a categoria de “gênio musical” tal qual compreendemos atualmente. Por esse motivo, aquela sociedade não poderia reconhecê-lo, no sentido de exprimir sua estima social. Portanto, Mozart viveu em um tempo que não estava preparado para a individualização das genialidades, que não conhecia o conceito romântico de genialidade. Mozart era um gênio anterior ao tempo da genialidade, segundo Elias.

A música não era, como foi discutido anteriormente, uma arte maior. Os artistas ocupavam uma escala inferior, comparável ao dos pajens e jardineiros, dentro da sociedade cortesã. Mozart não viveu diferente, mas procurou solitariamente escapar a essa ordem, e viveu uma revolta pessoal contra a sociedade de corte e contra seus cânones. Mozart não percebeu que sua emancipação poderia significar seu fracasso. Ao deixar o lugar social comumente reconhecido, ele estaria à margem do sucesso e da acolhida social. Elias salienta que não havia identificação de Mozart com a aristocracia da corte, a relação era ambivalente: de um lado havia o desejo de ser reconhecido pela aristocracia da corte e de ser aceito como um artista livre. Porém “quando esse reconhecimento permaneceu negado apesar de seus esforços para uma posição livre, Mozart desenvolveu um forte sentimento negativo contra a sociedade dominante” (Elias, 2005: 136).¹⁸⁵

A busca pela emancipação artística fez com que Mozart perdesse a admiração de seu público e, conseqüentemente, de sua família. Experimentou então um vazio existencial. Sua obra deveria ser reconhecida no momento imediato, era essa a gratificação afetiva de que necessitava. Segundo Elias, ele

¹⁸⁴ “Auf der einen Seite bewegte er sich in höfisch-aristokratischen Zirkeln, deren musikalische Geschmackstradition er adoptiert hatte und wo man von ihm ein Verhalten gemäß dem höfischen Kanon erwartete. Auf der anderen Seite repräsentierte er einen spezifischen Typ dessen, was wir mit einer allzu groben Kategorie das ‘Kleinbürgertum’ seiner Zeit nennen müssen” (Elias, 2005: 27).

¹⁸⁵ “Und da ihm diese Anerkennung bereits bei seinen frühen Bemühungen um eine Anstellung versagt blieb, gab es bei Mozart sicher sehr ausgeprägte negative Empfindungen gegen die herrschende Gesellschaft” (Elias, 2005: 136).

não conseguiu perceber que como membro de uma humanidade produtora de conhecimento e cultura, sua obra continuaria fazendo parte dessa corrente, influenciando e sendo admirada, como é atualmente.

As possibilidades individuais, de expressão de sentimentos, de Mozart foram desenvolvidas dentro dos limites dos velhos cânones, dentro dos quais nasceu e se desenvolveu. Para Elias, compreender esse contexto é a chave para a compreensão de sua música e de sua eternidade. O desejo de emancipação e reconhecimento nasceu das condições estruturais da sociedade em que Mozart vivia.

Mozart sentia, desde a infância, necessidade de reconhecimento e afeto, experimentava sensações de desamor que pareciam ser reais. Essa era a vulnerabilidade de Mozart, sua extrema necessidade de amor. Para Elias: “(...) o lado trágico da existência de Mozart foi que ele se esforçou demasiadamente para conseguir o amor das pessoas. Jovem, como era ao fim de sua vida, sentia que ninguém o amava mais, nem ele mesmo. Isto é certamente uma forma de esvaziamento de sentido, da qual alguém pode morrer”.¹⁸⁶ Segundo Elias, ele não desejava o reconhecimento para manter *status*, mas para dar significado afetivo a sua existência. O reconhecimento estava relacionado à sua arte, ao que ele produzia para a sociedade em que vivia.

Trazer para o momento os problemas de vida de um indivíduo, sua personalidade, bem como sua obra – no caso específico de Mozart - pode servir de exemplo a futuras gerações. Elias argumenta que a sociologia apresenta ferramentas úteis para esse fim. Segundo o autor, o indivíduo precisa ter em conta que seus dramas pessoais têm origem na sociedade em que vive, e que ele, assim como todos os outros indivíduos, faz parte de uma cadeia geracional, que deixará material de elaboração para o futuro.

Em todas as figurações tratadas por Elias e incluídas neste trabalho, vemos que o autor não credita o movimento do processo de desenvolvimento a uma força

¹⁸⁶ “ (...) *es war die Tragische Seite des Mozarts Existenz, das ser, der sich so sehr bemüht hatte, die Liebe von Menschen zu gewinnen, jung, wie er am Ende seines Lebens war, fühlte, niemand liebe ihn mehr, er sich selbst auch nicht. Das ist gewiss eine Art der Sinnentleerung, an der jemand sterben kann.*” (Elias, 2005: 12)

individual ou de um grupo. Os indivíduos estão enredados em figurações sociais sobre as quais não têm poder de influenciar totalmente, a menos que consigam olhar com mais distância o conjunto que formam:

A rede de atividades humanas tende a tornar-se progressivamente complexa, extensa e intimamente tecida. Cada vez mais grupos e, com eles, cada vez mais indivíduos tendem a se tornar interdependentes uns dos outros para sua segurança e satisfação de suas necessidades, por meios que ultrapassam a compreensão da maioria dos envolvidos. É como se junto com os primeiros milhares, dez milhões e casa vez mais milhões caminhassem juntos pelo mundo, com suas mãos e pés amarrados por laços invisíveis. Nenhum está no comando. Nenhum fica de fora. Alguns querem ir por este caminho, outros por aquele. Atacam-se uns aos outros e, vencedores ou derrotados, ainda permanecem unidos. Ninguém pode regular os movimentos do todo a menos que uma grande parte esteja pronta para entender, como se visse de fora os modelos completos que formam juntos. E não são capazes de visualizar como parte desses modelos mais amplos porque, estando encurralados e sendo incontroladamente levados aqui e ali, por caminhos que nenhum deles planejou, não podem evitar a preocupação com os problemas urgentes, restritos e cotidianos que cada um tem que enfrentar. Só podem olhar o que lhes acontece e sua estreita localização dentro da figuração. Estão profundamente envolvidos para se olhar de fora (Elias, 1998a: 117).

A retomada que fizemos neste trabalho de três figurações distintas, a de um bairro operário inglês caracterizado pela relação de poder desigual entre um grupo estabelecido e um recém-chegado, a do desenvolvimento do Estado alemão e a formação de seu *habitus* nacional, e por fim, uma biografia individual de Mozart, teve o objetivo de evidenciar como as emoções arraigadas e nascidas de diferentes contextos sociais podem gerar as mais variadas situações de constrangimento, violência e perda de sentido existencial. Se Elias, por um lado, principalmente em *O processo civilizador*, se ocupa das emoções no âmbito de sua regulação social e de sua função na internalização de normas e padrões de conduta social, nos estudos supracitados, por outro lado vemos o reverso da moeda. Daremos continuidade na seção seguinte à abordagem de Elias sobre as emoções, porém o foco será seu papel na estruturação de comportamentos sociais sancionados.

3.3 Sociologia figuracional: emoções e normas sociais

A problematização das emoções está normalmente filiada ao campo da psicologia, que embora trate das manifestações emocionais individuais originadas no ambiente social, circunscreve seu escopo ao âmbito do indivíduo. Freud foi fortemente criticado à época da publicação de seu livro *Das Unbehagen in der Kultur*, e por ocasião de outros escritos culturais, por atribuir às patologias psíquicas também uma origem social. Um de seus críticos, Theodor Reik, declarou:

Os últimos escritos de Freud são, também para aqueles que se consideram seus seguidores, uma verdadeira fonte, por vezes desagradável, de constrangimento. Seu alinhamento causa certas dificuldades, sua rotulação, dentro da literatura científica, não transcorre tão claramente como seria desejável. Eles têm menos a ver com os problemas do ensino sobre as neuroses naquele sentido estrito. Eles seriam antes um tipo específico de discussão e crítica da cultura ocidental, uma tentativa de reflexão cultural – porém

desenvolvida sob os mesmos pontos históricos que no passado determinaram o aprofundamento psicológico das psiconeuroses.¹⁸⁷

A obra *O mal-estar na civilização*,¹⁸⁸ publicada em 1929, não apenas abre o caminho para as discussões sobre a relação das patologias psíquicas e seu ambiente social, como também que outras abordagens sobre a relação do indivíduo e seu meio viessem à tona. Nesse contexto, insere-se a abordagem de Norbert Elias, mais especificamente a obra *O processo civilizador* publicada em 1938. Seria apropriado traçar algumas semelhanças e diferenças entre os chamados escritos culturais de Freud e a abordagem sociológica desenvolvida por Elias.¹⁸⁹ Como já mencionado no primeiro capítulo, a hipótese básica dessa obra consiste na afirmação de que existem alterações processuais nas estruturas das emoções e dos afetos humanos, conseqüentemente, essa mudança leva a uma alteração na personalidade individual, no sentido de maior controle das emoções e dos afetos.¹⁹⁰ Essas transformações seriam as responsáveis pelo maior domínio das emoções e estariam na base do processo civilizador que corresponde ao maior controle emocional no âmbito das socializações, ou seja, na formação de normas e padrões de conduta social.

Aos poucos, e de forma controversa, a tematização sobre o controle e a disciplina dos impulsos agressivos – mais especificamente, a falta desse controle gerando o que Elias chamou de descivilização - deixam de pertencer apenas ao

¹⁸⁷ “Die Letzten Schriften Freuds sind auch für viele, die sich seine Anhänger nennen, eine Quelle ernster, manchmal peinlicher Verlegenheit geworden. Ihre Einreihung bereitete gewisse Schwierigkeiten, ihre Etikettierung innerhalb der wissenschaftlichen Literatur vollzog sich nicht so glatt als es wünschenswert gewesen wäre. Sie hatten wenig mit den Problemen der Neurosenlehre in jenen engeren Sinne zu tun. Sie waren eher eine besondere Art Erörterung und Kritik der abendländischen Kultur, ein Versuch der Kulturbetrachtung – doch unternommen unter denselben Gesichtspunkten, die früher die psychologische Durchdringung der Psychoneurosen bestimmt hatten.”(Reik, cit. In Freud, 2000)

¹⁸⁸ A tradução do título original alemão “Das Unbehagen in der Kultur” para o inglês, assim como para o português, substitui a palavra *Kultur* por *Civilisation* e civilização. Sem querer se eximir à polêmica em voga à época da publicação, 1930, Freud também polemiza ao manter o termo *Kultur* quase como sinônimo de *Zivisation*.

¹⁸⁹ No entanto, não é o objetivo desse trabalho aprofundar as questões levantadas por Freud no campo da psicanálise, embora seja um campo de grande relevância para as ciências sociais, careceria aqui de um tratamento apropriado.

¹⁹⁰ Os afetos são compreendidos como sentimentos ou emoções em diferentes graus de complexidade, por exemplo, amor, paixão, ódio, ira. Para Freud, os afetos seriam reproduções de acontecimentos antigos de importância vital e, eventualmente, pré-individuais.

âmbito da psicologia e passam a compor o quadro de investigações das ciências sociais.

A particularidade da abordagem de Norbert Elias reside na exploração do campo formado na intersecção das ações individuais e sua relação com o ambiente social. Nem as ações individuais são consideradas como formadoras por excelência da sociedade, nem a sociedade é concebida como a entidade que determina a vida dos indivíduos. A formação desse lugar, dessa intersecção, dá-se das mais variadas maneiras, mas a forma de seus elementos constitutivos é sempre a mesma: indivíduos, seres humanos dotados de carga afetiva, e a sociedade dotada de um aparato normativo.

É que, a rigor, o modo como uma pessoa decide se age, desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade. Mas o que assim se molda não é algo simplesmente passivo, não é uma moeda sem vida, cunhada como milhares de moedas idênticas, e sim o centro ativo do indivíduo, a direção pessoal de seus instintos e de sua vontade; numa palavra, seu verdadeiro eu. O que é moldado pela sociedade também molda, por sua vez: é a autorregulação do indivíduo em relação aos outros que estabelece limites à autorregulação destes. Dito em poucas palavras, o indivíduo é, aí mesmo tempo, moeda e matriz (Elias, 1995: 52).

Para Elias, o comportamento humano pode sofrer alterações influenciado pelos acontecimentos contingentes do ambiente social. Embora para muitos pode parecer difícil aceitar que exista alteração radical da personalidade, o autor argumenta que essa alteração é processual e pode ser visualizada quando analisados os diferentes padrões de sensibilidade de cada época e sociedade. O comportamento é uma manifestação da personalidade, uma conduta que o indivíduo assume para viver. Essa conduta pode mudar quando o meio também muda, mas que tipos de consequência essa mudança pode trazer para a estrutura de personalidade ainda é um tema controverso.

Elias usa um exemplo extremo, recorrendo às experiências narradas de Bruno Bettelheim.¹⁹¹ O autor concebe o campo de concentração como uma figuração, percebe sua estrutura interna, bem como as relações de poder que se estabelecem entre os prisioneiros.¹⁹² Mas a sua argumentação é que a regularidade do comportamento bem como a estrutura da personalidade estão vinculadas a uma forte filiação identitária de grupo. São a forte ligação e identificação do indivíduo com seu grupo social que asseguram uma estrutura de personalidade relativamente estável. Isso não equivale a uma personalidade moral e ética; o que Elias argumenta diz respeito a uma estrutura relativamente equilibrada, que mantém as características desenvolvidas ao longo do processo de aprendizagem social.

As experiências trazidas por Bettelheim e apropriadas por Elias evidenciam que as condições sociais exercem forte influência sobre a vida dos indivíduos, a ponto de operar o que pode parecer algo inimaginável: mudança de comportamento, seguida de mudança na estrutura da personalidade. Elias identificou que aqueles que pertenciam a um grupo, político ou religioso, mantiveram suas estruturas emocionais, ao contrário de quem não possuía tal ligação de identificação. Assim, a estrutura hierárquica do campo reflete o emaranhado das estruturas individuais de prisioneiros e de membros da Gestapo. A mudança de comportamento ocorria em uma figuração específica, em uma específica relação de interdependência entre indivíduos. Só seria possível compreender essa modificação se se percebia o tipo de ligação entre as pessoas.

A auto-estima é um alimento importante da personalidade, em situações extremas é difícil mantê-la. Nesse sentido, o apoio do grupo mostra-se fundamental. Os prisioneiros políticos compunham um nível elevado na estratificação do campo, o mesmo não ocorria com os prisioneiros não políticos. As crenças – sejam reais ou não – exercem papel importante na resistência

¹⁹¹ Bruno Bettelheim foi um psicólogo judeu preso em campos de concentração durante a Segunda Guerra e escreveu alguns livros sobre sua experiência.

¹⁹² A literatura produzida sobre as experiências em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial é considerada uma rica fonte de informações sobre o comportamento humano.

quanto à quebra da personalidade. “Uma das necessidades mais fundamentais de cada adulto é tomar parte de um grupo de pessoas, onde não se esteja realmente sozinho. Pertencer a um grupo é incrivelmente importante, o que os prisioneiros políticos tinham, enquanto outros não.” (Elias, 1959. lecture n. 4: 4).¹⁹³

Com esse exemplo extremo, o autor procura deixar evidente que as relações de interdependência no interior das figurações sociais podem ocorrer de várias formas e que a estrutura da personalidade individual está relacionada ao tipo de dinâmica de cada figuração. Dessa forma, a perspectiva sociológica de Elias alcança esferas ainda pouco usuais às ciências sociais, como é o caso das alterações nas estruturas de personalidade decorrentes das alterações estruturais da sociedade.

As alterações no padrão de comportamento podem ser observadas nas formações sociais mais integradas, ao contrário do exemplo acima. No estudo sobre a sociedade de corte na França, Elias torna evidente que os padrões de comportamento foram gerados no estrato superior daquela sociedade e transmitidos não só de cima para baixo, mas, em conformidade com a mudança no centro de gravidade social, de baixo para cima.

Assim, no curso de ascensão da burguesia, por exemplo, o código de conduta aristocrático de corte perdeu parte de sua força. As formas sociais tornaram-se mais relaxadas e, de alguma maneira, mais rudes. Os rigorosos tabus observados em certas esferas da classe média, acima de tudo os relativos ao dinheiro e à sexualidade, saturaram círculos mais amplos em graus variáveis, até que, finalmente, quando desapareceu esse equilíbrio específico de tensões, em ondas alternadas de relaxamento e renovada seriedade, elementos dos padrões de conduta de ambas as classes fundiram-se num código novo e mais estável. (Elias, 1994a: 267)

O aprofundamento do processo histórico, a análise de uma figuração podem ser comparados à análise que busca aprofundar nas questões inconscientes. “Quanto mais profundamente imergimos nos processos históricos,

¹⁹³ “*One of the most fundamental needs for every adult is to have a group of people on whom one can rely, not to be alone. To have a group is incredibly important, and that the political prisoners had while many of the others had not.*” (Citação de texto de aula: Lecture n. 4, p. 4, 1950).

no curso dos quais as proibições, bem como os medos e ansiedades, foram criados e transformados, mais aumenta uma introversão que tem sua importância para nossos atos, bem como para nossa compreensão de nós mesmos: damo-nos conta do grau em que os medos e as ansiedades que motivam as pessoas são obra do homem”. (Elias, 1994a: 269).

As normas de etiqueta podem ser tomadas como algo extremamente frívolo, como um comportamento sem muita relevância para um estudo sociológico. No entanto, Elias procura na descrição do superficial explicar que o essencial está em constante processo, em formação. Logo, corresponde à forma de os seres humanos interagirem entre si.

Estudando nossos sentimentos em relação ao ritual do garfo, podemos ver com especial clareza que a primeira autoridade em nossa escolha de comportamento “civilizado” e “incivil” à mesa é o nosso sentimento de repugnância. O garfo nada mais é que a corporificação de um padrão específico de emoções e um nível específico de nojo. (Elias, 1993: 133)

Para Elias, as emoções como o medo e as ansiedades são parte da natureza humana, porém adquirem uma forma específica em sociedade. Para Freud, os sentimentos são da natureza, mas ele ainda permanece nesse campo. Ao colocar o peso da análise nas questões das satisfações das pulsões sociais, Freud as trata como algo tão intrínseco à natureza humana, e não considera que a pulsão sexual, a de vida – Eros – e de morte – Tanatos - adquire sua forma nas relações sociais. Assim como sua repressão social.

A pesquisa empírica realizada por Elias consistiu em lançar mão do campo histórico, documentado e redigido. Devemos lembrar que foram elaborados em uma época específica e redigidos por indivíduos pertencentes a grupos sociais distintos.¹⁹⁴ A distância temporal pode ser boa conselheira; mas também uma armadilha. Ao que tudo indica, Elias conseguiu se aproximar do ponto de equilíbrio

¹⁹⁴ Vale ressaltar que a maior parte do material utilizado por Elias na composição do primeiro volume de *O processo civilizador* é formada de manuais de etiqueta produzidos por uma elite esclarecida, com o claro intuito educativo das classes superiores, como é o caso dos manuais de etiqueta de Erasmo de Rotterdam.

ao usar a perspectiva processual histórica, ao tratar as pulsões no campo da sociologia.

Como vimos, Elias desenvolve uma abordagem sociológica que ele chama de Teoria de processo e figuração. No centro dessa abordagem está o indivíduo em sua essência humana, que não se separa da composição biológica - o relacionar-se, que implica que as ligações afetivas são os agentes unificadores da humanidade.

Torna-se, no entanto, impossível tratar adequadamente os problemas das ligações sociais das pessoas, especialmente, em suas ligações emocionais, se apenas considerarmos interdependências relativamente interpessoais. Podemos obter uma visão mais completa da teoria sociológica se incluirmos nas interdependências pessoais e sobretudo nas ligações emocionais entre as pessoas, considerando-as como agentes unificadores de toda a sociedade. (Elias, 2005b: 150)

Elias procurou desenvolver seus argumentos teóricos sempre com base na conciliação de duas categorias de análise caras à sociologia: indivíduo e sociedade. Excedendo a trivialidade da afirmação segundo a qual a sociedade é formada pela união de indivíduos em relações variadas e constantes, Elias alcança um núcleo-chave para a abordagem sociológica, ou seja, toda análise deve se pautar no reconhecimento da existência de uma relação de interdependência recíproca e em constante desenvolvimento no tempo dos indivíduos em sociedade.

Um problema sociológico não é unidimensional, não é tão somente um fato do momento, tampouco é um fato isolado de outros contextos. Assim, o que parece simples vai se tornando complexo. O âmbito da abordagem figuracional, ou processual, é o estudo do movimento desenvolvido no tempo de um problema e suas implicações para o presente.

O que liga os seres humanos, em primeira instância, é a sua necessidade de sobrevivência. A essa necessidade foram se somando outros fatores que tornaram mais complexas as relações sociais e, por isso, mais difícil de divisar o tipo de relação que os indivíduos formam entre si. O fator emocional começou a

ser considerado com seriedade no que se refere ao seu potencial de esclarecimento sobre as relações sociais. As emoções têm muito a dizer sobre as formas de elo social; dizem respeito ao reconhecimento social, ao preenchimento afetivo da existência e, sobretudo, a situações inversas, ou seja, falta de reconhecimento, vazio existencial, situações em que as emoções conduzem para uma relação desequilibrada de poder. Como afirmou, é possível abordar as emoções também em seu aspecto social, uma vez que são geradas em ambiente social, nas relações recíprocas e de interdependência entre os indivíduos. Em última instância, as emoções são, para Elias, aprendidas em um meio social.

Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas interrelacionadas. (Elias, 1994b: 27)

Elias concentrou sua atenção na mudança das estruturas das emoções e dos afetos, o que tem como consequência alteração de personalidade, nas transformações dos modos de representação e de compreensão do mundo. Perceber a vida social como um conjunto de relações de recíprocas interdependências (figurações) requer uma capacidade ampliada para captar o cerne das mudanças, o material básico que faz parte de todas as esferas sociais, inclusive, as problemáticas.

Assim, nossa percepção, por exemplo, sobre exclusão social está totalmente atrelada ao sentimento de embaraço, reprovação ou indignação. Porém, sempre há uma mudança no padrão de sensibilidade no que diz respeito ao objeto do sentimento. O que hoje é percebido como exclusão provavelmente não o era há um século. Da mesma maneira como o nosso julgamento sobre o processo de exclusão social no passado é influenciado pela forma como o vivenciamos hoje.

Para trazermos esse argumento mais próximo de nossa realidade, tomamos como exemplo um conto de Machado de Assis do século XIX, “Pai

contra mãe”. Machado narra, meio século após a lei áurea, à maneira de seu cinismo velado, porém com reprovação, alguns costumes comuns à época da escravidão:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara da folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social humana nem sempre se alcança sem o grotesco e alguma vez o cruel.¹⁹⁵

A crônica machadeana traz um relato contumaz de um padrão de comportamento comum à época da escravidão, porém atualmente reprovável. E vemos pelo uso que Machado faz das palavras a sua própria reprovação. Ao olharmos para o passado não tão distante assim de nosso próprio desenvolvimento social, somos capazes de identificar as alterações nos padrões das emoções e comportamentos que Norbert Elias propõe que sejam analisadas de forma sociológica.

Olhar para o mundo social e concebê-lo como uma intrincada rede de relações interdependentes pode trazer dificuldade de análise, pois o quadro que se apresenta à primeira vista significa destituído de uma ordem aparente, já que todos os fatores se relacionam intermitentemente. Encontramos uma dificuldade de enxergar uma regularidade, algo que dê um sentido de orientação a esse estado de situações amalgamadas. Entretanto, Elias percebeu que, apesar do fluxo de relações continuadas sem um sentido aparente, existe um sentido de orientação, porém que não é determinado pela vontade individual, mas é um produto das interrelações. Entretanto o ponto que se faz necessário salientar aqui é que Elias identificou um padrão, algo que pudesse orientar as pesquisas em

¹⁹⁵ Machado de Assis. Pai contra mãe. In: *Obra completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. (vol. II, pp. 659, 667).

sociologia; ele identificou um núcleo composto de influência recíproca: as alterações nas estruturas das emoções e dos afetos e sua função na regulação de padrões e normas de convivência social.

Em síntese, encontramos em *O processo civilizador* a base da sociologia figuracional, a qual recebeu ao longo dos anos melhor delineamento em sua forma e aprofundamento de seus pressupostos teóricos. Ao considerar as emoções como a força motriz das transformações ocorridas no comportamento humano, Elias defronta-se com a tarefa de explicar e provar como isso acontece, ou seja, como e em que condições as alterações nas emoções originam padrões diferentes de comportamento e sancionam normas de conduta social.

Segundo Elias, o comportamento civilizado é caracterizado pelo maior controle dos afetos, pela complexidade elaborada dos gestos, o que implica um maior grau de abstração e distanciamento dos impulsos naturais. A base empírica para a execução da obra consistiu-se em vários manuais de comportamento humano, que abarcam o período medieval até o início do século XX. Os manuais de comportamento expressam, até os dias atuais, as regras de conduta consideradas refinadas, cortesias, civilizadas, necessárias para o bom convívio entre indivíduos que compartilham o mesmo “espírito” civilizado ou o mesmo *status* social.

A conduta civilizada é também a senha que permite identificação entre indivíduos de um mesmo *status* social; serve, nesse sentido, para hierarquização e manutenção de *status*. Elias cita vários exemplos a esse respeito, dentre eles: “Algumas pessoas, nem bem se sentam, e enfiam as mãos nas travessas, diz Erasmo. Lobos ou glutões fazem isso. Não seja o primeiro a deitar a mão à travessa que é trazida à mesa. Deixe que camponeses enfiem os dedos no caldo”.¹⁹⁶ Percebemos que o próprio tom do conselho é de superioridade. A expressão verbal e escrita da opinião traça a diferença entre a conduta humana e

¹⁹⁶ “Manche greifen mit der Hand auf die Platte, kaum dass sie sitzen, Sagt Erasmus. Wölfe machen das oder ein Vielfrass. Greif nicht als erster auf die Platte, die man hereinbringt. Die Finger in die Bruhe zu tauchen, überlas den Bauern.” (Cit. In Elias, 19:162 – Vol. I)

ação animal, e que a distinção de *status* está posta; camponeses estão aquém da conduta civilizada.

Ao utilizar o conceito de civilização, Elias tem a intenção de explicar um processo e não um estado. O “estado civilizado” é a expressão do orgulho que o Ocidente tem de seus próprios feitos. A partir dessa constatação, Elias procura pela ordem constitutiva desse estado, a fim de evidenciar que como processo a civilização é um eterno porvir.

Para Elias, a civilização dos costumes e das emoções significou um maior controle social das pulsões, ou seja, os indivíduos desenvolveram práticas sociais não tão agressivas. Isso correspondeu a um maior controle do Estado, no sentido de normatizar e concentrar as paixões “sociais”. Em outras palavras, o processo civilizador corresponde a um abrandamento das relações violentas entre as pessoas. Isso não significa, no entanto, pacificação social, uma vez que outras formas de violência surgem no âmbito da esfera social.

Os ganhos “civilizatórios” como avanço tecnológico e científico não correspondem à superação da violência, que deve ser entendida não apenas como violência física. Atualmente, observamos que a violência é reconhecida como a ação que coage, que oprime; logo, a coação psicológica não deixa de ser uma violência. A conduta civilizada marca distinção, fortalece as oposições e hierarquizações. Essa conduta é tida como padrão de superioridade. Mas a própria noção do que é superioridade é colocada em questão por Elias. A ideia de superioridade é construída, não por alguém ou por um grupo, como algo planejado. Ela nasce das pressões individuais e coletivas, das pressões psicológicas para o convívio humano.

A abordagem sobre *O processo civilizador* traz à tona uma série de questões ainda hoje controversas. O que faz com que mais pessoas vivam juntas sob as mesmas normas sociais? Qual o papel das emoções na formação da estrutura da personalidade, e sua influência na formação da estrutura social? A sociologia de processos e figuração tem sua maior base na teoria desenvolvida por Elias como o modelo de processo civilizador. Esse modelo apresenta

flexibilidade, auxilia a relevar os pontos a serem estudados em cada sociedade, pois cada sociedade tem seu próprio processo.

Vimos que Elias compreende civilização como um processo de pacificação das relações sociais entre indivíduos e instituições. Como um processo que tem uma direção (não única, pois isso depende da figuração social que se estabeleceu ao longo da história da sociedade). A civilização não é um bem que uma vez adquirido permanece inalterado. Ela é um processo típico e tem uma forma específica de sociedade para sociedade. Daí a afirmação segundo a qual a teoria da figuração respeita as características de cada sociedade, não tenta enquadrá-las em um modelo padrão, mas sim móvel, que adquire forma constante e que se complexifica.

Considerações Finais

A obra de Elias oferece possibilidades de análise sobre um amplo espectro de temas: emoções, esporte, arte, violência, formação do Estado, porém todos emoldurados e guiados pela abordagem de processo e figuração. Nessas finalizações que agora conduzimos, pretendemos resgatar, de forma breve, a consistência da abordagem eliaseana, a fim de lograr terreno para apontar os avanços e limites de sua abordagem. As críticas pertinentes feitas à abordagem de processos e figuração servirão como ponto de apoio para essa exposição. Por fim, gostaríamos de apresentar um argumento que nos parece o cerne, não só da sociologia eliaseana, mas também de outras perspectivas importantes das ciências sociais, que se refere à construção social e a internalização individual dos significados do viver que caracterizam épocas e sociedades específicas. A finalidade dessa discussão é oferecer matéria de reflexão sobre nossa própria época, e assim divisar futuros caminhos de análise sociológica.

A Teoria de Processos e Figuração desenvolvida por Norbert Elias oferece, na verdade, um molde teórico-empírico para analisar problemáticas sociais em uma perspectiva de longa duração, nas quais são consideradas as relações recíprocas entre os indivíduos que compõem a trama social, ou seja, que formam uma figuração. Tanto o desenvolvimento social estruturado de uma forma a outra, por isso o autor denomina a mudança de processual, como as alterações nas normas e padrões de comportamento social caminham juntas em uma direção, passível de determinação quando analisadas simultaneamente as estruturas sociais cambiantes.

Segundo Eric Dunning, existe atualmente um consenso crescente no campo das ciências sociais que se refere à necessidade de haver um maior diálogo entre sociologia e história, o que favoreceria uma melhor compreensão da necessidade de se trabalhar com os processos em uma perspectiva de longa duração. Nesse sentido, a abordagem eliaseana oferece uma proposta inovadora:

Lo nuevo es la síntesis, la reunión sistemática em um corpus coherente de una serie de estúdios que son 1) guiados por uma teoria central – la teoría del proceso de civilización - ; 2) teóricos e empíricos al mismo tiempo y por partes iguales, en el sentido de que trascienden la tradicional dicotomía entre teoría e investigación, razón y observación, y 3) tanto figurativos como desarrollistas; además, 4) tratan a los seres humanos y sus sociedades “de manera global”, contribuyendo así a evitar la compartimentación y la fragmentación que resultan de la actual división del trabajo académico. (Elias, Dunning, 1992: 29).

O desafio da perspectiva de Elias mostrou-se, pois, na combinação entre a noção de processos e figuração, de forma que essa organização pudesse dar forma aos modelos teórico-empíricos nascidos no âmbito das pesquisas sociológicas. Como já tratada aqui, no segundo capítulo, a perspectiva de um desenvolvimento processual comporta para sua efetuação uma série de pormenores. O autor compreende o desenvolvimento social como um todo interrelacionado, que por sua vez é composto por vários processos menores interligados, ou sub-processos. Dentre os processos menores podemos citar os processos de desintegração social – como foi o processo de feudalização – e o de integração – como o processo de formação dos Estados nacionais europeus. Ao aprofundarmos ainda mais a análise do fluxo dos processos, veremos os processos de desfuncionalização de ofícios e de diferenciação de funções, e a crescente divisão de trabalho.

O estudo de Norbert Elias sobre o processo civilizador foi circunscrito a um período específico, entre os séculos XV e XVIII. Esse estudo diz respeito ao desenvolvimento estrutural social e de personalidade em três nações específicas: Alemanha, França e Inglaterra. Apesar de ater-se a esses elementos espaciais, a teoria desenvolvida a partir desse estudo pode ser estendida a outras sociedades devido à flexibilidade de sua composição. A diferenciação social enseja, segundo Elias, formas cada vez mais impositivas de controle social. Os indivíduos vêem-se cada vez mais compelidos a agir de acordo com as novas estruturas sociais; assim, nesse enredamento mútuo e contínuo, controlam-se a si mesmos e aos outros. É essa forma crescente de controle social que Elias vê espargir-se pelos vários tipos de sociedade, sejam primitivas ou contemporâneas.

O conceito de figuração foi utilizado por Elias como uma ferramenta de análise para lidar com situações concretas: a figuração da sociedade de corte, do bairro operário da periferia de Londres, das competições esportivas, ou da sociedade alemã. A análise figuracional abrange o desenvolvimento das ações e os sentimentos humanos, bem como padrões de comportamento. Com isso, a teoria esforça-se para lançar luz sobre os sentidos sociais construídos de cada época. Esse propósito, embora lide de certa forma com questões subjetivas, tem seus fundamentos concretos nos indicadores empiricamente comprováveis à disposição da pesquisa. Podemos considerar como indicadores as transformações de comportamento que observamos em nossa sociedade ao longo do desenvolvimento histórico.

Em *O Processo Civilizador*, Elias lança mão da análise de algumas pinturas medievais, contidas no *Mittelalterliches Hausbuch*, que retratavam a vida cotidiana da sociedade feudal para evidenciar não apenas as transformações dos costumes, mas as alterações emotivas condensadas nos novos padrões de nojo, repugnância ou vergonha. Vejamos como Elias (1994a: 205) descreve um desses quadros:¹⁹⁷

No primeiro plano, um pobre homem está estripando um cavalo morto ou talvez cortando a carne dele para que seja aproveitada. Ao curvar-se, suas calças escorregam um pouco para baixo, deixando visível parte das nádegas, que são cheiradas por um porco que está atrás dele. Uma velha frágil, semi-esfarrapada, passa coxeando, amparada por muletas. Em uma pequena caverna, ao lado da estrada vemos um pobre miserável sentado com as mãos e os pés no tronco e, ao lado dele, uma mulher com uma das mãos no tronco e a outra em correntes. (...) À distância, vemos um agricultor e seu jovem filho arando laboriosamente um campo com a ajuda de um cavalo. Ainda mais longe, um homem andrajoso é levado para a forca, com um homem armado usando chapéu emplumado, andando orgulhosamente a seu lado; no outro lado do condenado, um monge com a cabeça coberta por um capuz estende-lhe um grande crucifixo. Atrás dele vêm, o cavalo, o cavaleiro e dois de seus homens. No alto da colina, ergue-se a forca, com um corpo pendurado, e uma roda de tortura sobre a qual vemos um cadáver. Aves negras voam em volta. Uma delas bica o cadáver.

¹⁹⁷ Ver a ilustração no anexo número 17.

A figuração formada pelos indivíduos no período medieval apresenta características muito distintas aos olhos dos indivíduos contemporâneos. Não são apenas as diferenças estruturais das organizações sociais que mudaram, mas juntamente com ela, os padrões de afetividade, comportamento e personalidade próprios apenas dos seres humanos que compõem as figurações. É sobre esse aspecto tão particular que a sociologia de Elias volta seu foco, para a abordagem sociológica das emoções, que podem ser assim devidamente analisadas através de um estudo processual e figuracional.

A breve retomada dos conteúdos deste trabalho permite assim que algumas críticas à abordagem de processo e figuração sejam colocadas. O intuito dessa exposição é de promover um diálogo entre a perspectiva eliaseana e seus críticos, além de tornar um pouco mais claro alguns pontos sobre os quais essas críticas se equivocam, e no que elas têm de pertinente.

Optamos por apresentar dois tipos de críticas que sintetizam concretamente o conjunto geral dos juízos sobre perspectiva de processo e figuração. Um conjunto de críticas versa, de forma geral, sobre a pretensão de superação por parte da sociologia eliaseana dos antagonismos entre sociedade e indivíduo, presentes nas abordagens correntes das ciências sociais. Já um segundo conjunto das críticas mais consensuais, feitas a Elias, diz respeito a pouca, ou quase ausência da menção, de forma a identificar claramente, àquelas abordagens teóricas que o influenciaram, ou a nomes de intelectuais que poderiam ter contribuído para a formação de sua perspectiva sociológica. Vamos iniciar por estas últimas, para então chegarmos às primeiras, que nos parecem mais complexas.

Derek Layder,¹⁹⁸ por exemplo, expõe essa lacuna sobre a falta de referências de influências intelectuais, de forma bem pontual, ao acrescentar ainda o fato de que Elias a fim de ressaltar sua própria visão, acaba por ser reducionista em relação às teorias que critica. Por exemplo, o livro *A Sociedade dos Indivíduos* (1994b) é inteiramente dedicado a explicar de forma pormenorizada que essas

¹⁹⁸ Derek Layder é professor do departamento de sociologia da Universidade de Leicester.

duas instâncias não devem ser consideradas como antagônicas, onde a análise privilegiaria indivíduo às expensas da sociedade, ou vice versa. Mas que nas sociedades ocidentais modernas modelou-se uma forma de pensar dominante que privilegia essa antinomia. Dessa forma, Elias segue para o caminho de conclusões generalizadas no que se refere à produção de conhecimento sobre a relação indivíduo e sociedade, não reconhecendo as contribuições significativas feitas nesse campo. Por exemplo, ao afirmar que “Os projetos que hoje nos são oferecidos para pôr termo a essas dificuldades parecem, ante um exame rigoroso, apenas voltados para solucionar uma coisa à custa de outra” (Elias, 1994b: 17). O autor parece desconsiderar inclusive a possibilidade da existência de abordagens que procurem superar essa visão cindida entre agência e estrutura. Com essa postura, segundo Layder (2003), a proposta de análise figuracional enfraquece sua força explicativa, pois perde em amplitude ao não considerar as contribuições de outras análises para o desenvolvimento de seu próprio corpo.

Porém, tais generalizações também representam confusões e simplificações exageradas, principalmente porque Elias fracassa em reconhecer a diversidade de premissas teóricas que ressaltam quais os pontos fracos da psiquiatria e a psicologia social. Existem, por exemplo, várias versões de psiquiatria fenomenológica e existencial que não se enquadra, a essa questão da imputação de um cru atomismo (e.g. R.Lang 1963, J.P. Sartre 1966, C. Rogers 1961). Similarmente, várias escolas da psicologia social da sociologia, tais como interacionismo e etnometodologia (as quais também compreendem a sociologia fenomenológica, existencialista e humanista) estão baseadas sobre, e derivam sua força da rejeição explícita das concepções atomísticas sobre a realidade social. Mead (1967), Blumer (1962) e Schutz (1967), todos eles enfatizam que *self*, sentido e comportamento estão inextricavelmente ligados aos processos sociais e interdependências. Cooley em 1902, antes mesmo da queixa de Elias sobre a falsa dicotomia entre indivíduo e sociedade, afirma: “um indivíduo separado é uma abstração desconhecida da experiência, e também da mesma maneira é a sociedade quando considerada algo a parte dos indivíduos” (Cooley cit in Layder, 2003: 311).¹⁹⁹

¹⁹⁹ *But such generalizations also represent confusions and oversimplifications, mainly because Elias fails to acknowledge the diversity of theoretical premises which underlie what are loosely psychiatry and social psychology. For example, there are many phenomenological and existential versions of psychiatry which do not conform to this question to this imputation of crude atomism (e.g. R.Lang 1963, J.P. Sartre 1966, C. Rogers 1961). Similarly, various ‘social-psychological’ schools of sociology, such as interactionism and*

Encontramos igualmente em Georg Simmel ²⁰⁰ uma visão não antagônica sobre a relação indivíduo e sociedade, e se a analisarmos um pouco mais detalhadamente, veremos quão semelhantes parecem ser a percepção de Simmel e Elias. A pergunta feita por Simmel (1971: 6-32): “*como a sociedade é possível?*” visava uma resposta que ia além da consideração de fatores isolados que pudessem oferecer uma contribuição específica, de forma instrumentalizada, para a formação e o desenvolvimento da sociedade. A possibilidade da formação da sociedade estava enraizada, segundo Simmel, na formação de uma complexa rede de interações entre os diferentes indivíduos, pertencentes a diferentes classes sociais, diferentes gêneros ou oriundos de diferentes lugares.

(...) cada elemento de um grupo não é apenas uma parte societal, mas, além disso, algo mais. Este fato, por mais trivial que pareça, apesar de tudo, opera como um social *a priori*. Aquela parte do indivíduo que não é, como era, inclinada para a sociedade e não é absorvida por ela, não está simplesmente fora de sua parte socialmente relevante, sem ter estabelecido uma relação com ela. Não se trata simplesmente de algo fora da sociedade, a que a sociedade de boa vontade ou não submete. Antes, o fato de que em certos sentidos o indivíduo não é um elemento da sociedade constitui a condição positiva para a possibilidade de que em outro sentido, ele o é: a maneira pela qual ele é sociado é determinada, ou co-determinada, pela maneira em que ele não é. (Simmel, 1971: 12)

Em Waizbort (2001: 102) encontramos uma análise plausível sobre as afinidades entre a concepção de Simmel e a de Elias da sociedade. Ambos percebem a sociedade como uma teia de relações interdependentes. Segundo Waizbort, “O que salta aos olhos ao lermos Elias, é como suas formulações estão na continuidade a mais estreita com o pensamento simmeliano”. Não é difícil averiguarmos a afirmação de Waizbort. Em vários escritos de Elias encontramos

ethnomethodology (which also subsume ‘phenomenological’ ‘existential’ and even ‘humanistic’ sociology) are based upon, and derive their force from an explicit rejection of atomistic conceptions of social reality. Mead (1967), Blumer (1962) and Schutz (1967) have all stressed that self, meaning and behaviour are inextricably bound up with social processes and interdependencies. Cooley in 1902 even prefigures Elias’s complaint about the false dichotomy between the individual and society when he states: “a separate individual is an abstraction unknown to experience, and so likewise is society when regarded as something apart from individuals” (Cooley cit in Layder, 2003: 311).

²⁰⁰ Georg Simmel era judeu-alemão (1858-1918), filósofo e sociólogo contribuiu significativamente para o campo da sociologia na Alemanha, sendo considerado um de seus fundadores. Existem algumas afinidades entre a sociologia de Simmel e Elias, apontadas em obras de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Ver a respeito, (Waizbort, 2000), (Waizbort, 2001) e (Vandenbergh, 2005).

uma forma muito semelhante à de Simmel para descrever a relação entre sociedade e os indivíduos. Verificaremos na citação de Elias logo abaixo que não são necessários muitos exercícios de aproximação analítica para entrevermos a proximidade entre ambos.

(...) funcionando nesse tumulto de gente apressada, apesar de toda a sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos. Cada pessoa nesse turbilhão faz parte de determinado lugar. Tem uma mesa à qual come, uma cama em que dorme; até os famintos e sem teto são produtos e componentes de uma ordem oculta que subjaz à confusão.

(...) Cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. (Elias, 1994b: 21,22)

Dadas as afinidades de perspectiva, pode-se perguntar por que então Elias não as assinalou de forma a evidenciar sua contribuição? Podemos pensar em algumas respostas, e seria conveniente encontrá-las primeiro no próprio Elias e posteriormente introduzir outras percepções. Em *Was ist Soziologie* (2004: 33), o autor ao analisar as idéias de Comte afirma:

Comte realizou mais para o desenvolvimento da sociologia do que apenas dar-lhe o nome. Como todos os outros pensadores, ele deu continuidade ao que os que o antecederam já haviam começado. Podemos economizar o debate improdutivo sobre as idéias que Comte tomou de Turgot, Saint-Simon ou outros, e que idéias suas são totalmente originais: Nenhum ser humano é um começo; cada ser humano é uma continuidade.²⁰¹

Ao afirmar que é preciso partir de onde outros chegaram, Elias considera, de forma muito generalizada, o arcabouço de conhecimentos à disposição das sociedades. De certa maneira, somos induzidos a pensar que a omissão de referências talvez seja uma característica de sua geração. Encontramos

²⁰¹ *Comte tat für die Entwicklung der Soziologie weit mehr, als ihr den Namen zu geben. Wie jeder andere Denken baute er daran weiter, was andere sich vor ihm gearbeitet hatten. Man kann es sich sparen, auf die müßige Debatte einzugehen, welche Idee Comte Von Turgot, von Saint-Simon und anderen übernommen hat und welche seiner Gedanken 'ganz originell' sind: Kein Mensch ist ein Anfang; jeder Mensch setzt fort.* (Elias, 2004: 33).

argumentos nesse sentido em Reinhard Blomert (1999: 227) que em seu trabalho sobre os cientistas sociais de Heidelberg no período entre guerras, faz a seguinte menção sobre a tese de doutorado de Elias: “A imagem externa não se diferencia muito dos trabalhos acadêmicos comuns à época: até a divisão em duas grandes partes aparecem sem qualquer articulação, e além de uma longa citação de (Ernst) Cassirer, não se encontram notas de rodapé, nem, tão pouco, referências a outros autores”.²⁰²

No entanto, apesar de ter vivenciado o contato estreito com novas gerações, o autor manteve-se convicto de que deveria ressaltar a sua contribuição específica para a sociologia, e não necessariamente salientar suas fontes de inspiração intelectual. Como adequadamente salientaram Neiburg e Waizbort, (cit. em Elias 2006f: 09): “(...) a necessidade imperiosa de Elias, tão reveladora em seus escritos autobiográficos e entrevistas, em aparecer como aquele que descobre absolutamente o novo”.

De par com a falta da menção sobre o reconhecimento de influências intelectuais vem, como já mencionamos acima, a forma generalizada de Elias criticar as abordagens das ciências sociais que, segundo sua visão, não contribuem para uma superação da dicotomia indivíduo sociedade. A negativa de Elias em aceitar as contribuições de outras abordagens acaba por enfraquecer o próprio desenvolvimento de sua sociologia de processo e figuração. Para Layder “enquanto (Elias) não reconhece o poder das várias teorias sociais existentes ou quadros de referências para explicar os processos sociais, a assumida superioridade e o conteúdo excedente de sua própria abordagem figuracional permanecem fortemente em questão. (Layder, 2003: 316).²⁰³

Um dos problemas, ao nosso entender, com a receptividade da abordagem de Elias está relacionado às críticas acima referidas. Elias simplifica ao apontar

²⁰² *Das äussere Bild weicht nicht ab von üblichen akademischen Arbeiten jener Zeit: Bis auf die Einteilung in zwei Grossabschnitte kommt sie ohne jegliche Gliederung aus, und ausser einem längeren Zitat Von Cassirer finden sich weder Fussnoten noch Anführungen anderen Autoren.* (Blomert, 1999: 227)

²⁰³ “...since he does not recognize the powers of various extant social theories or frameworks to explain social process, the assumed superiority and surplus content of his own figurational approach remains very much in question” (Layder, 2003: 316).

apenas as limitações, e não as contribuições de outras teorias. Nesse contexto, as colocações de Layder, assim como as Neiburg e Waizbort se mostram pertinentes. A perspectiva processual-figuracional poderia alcançar, ao nosso entender, maior compreensão e aceitação se dialogasse com as teorias que critica – convergindo aproximações teóricas e metodológicas. Apontando assim outros caminhos para associações entre as diferentes perspectivas.

A segunda forma de crítica que gostaríamos de tratar se refere mais especificamente à capacidade analítica de alcance da abordagem eliaseana. Em outras palavras, as críticas que expomos neste trabalho evidenciam o não convencimento sobre a capacidade da perspectiva eliaseana em superar a dicotomia marcante do campo de análise sociológica entre agência e estrutura. Um problema, ao nosso entender, diz respeito ao fato de que essas colocações críticas não levam em conta a complexidade do arcabouço teórico empírico desenvolvido por Elias. Apesar de sua contribuição para uma reflexão menos apaixonada sobre a sociologia eliaseana, elas esbarram justamente na análise fragmentada que fazem da perspectiva do autor.

Segundo Layder (2003), a noção de figuração desenvolvida por Elias como uma caracterização completa de uma ontologia social, está baseada em uma confusão epistemológica. Para levar essa crítica adiante e explicar as limitações teóricas do conceito de figuração, o autor escolhe um exemplo que Elias utilizou para explicar as figurações como representações complexas e concretas; são os modelos de jogos e de danças sociais. Segundo esse exemplo, a dança, como outras figurações sociais, é relativamente independente de indivíduos específicos. Para Elias (1997a: 71), a dança não tem existência fora dos indivíduos, nem pode ser vista como uma construção mental ou uma abstração. “Naturalmente pode-se falar em uma dança de forma geral, mas ninguém imaginaria uma dança como uma imagem fora dos indivíduos, ou como uma total abstração”.²⁰⁴

De acordo com os argumentos de Layder, a afirmação de Elias representa tanto um erro epistemológico como ontológico. Layder (2003:13) afirma que: “Está

²⁰⁴ *Man kann gewiss Von einem Tanz im allgemeinen sprechen, aber niemand wird sich einen Tanz als ein Gebilde ausserhalb der Individuen vorstellen oder als eine blosse Abstraktion.* (Elias, 1997a: 71)

perfeitamente correto falar em danças e jogos em duas formas diferentes, porém compatíveis: como fenômenos concretos constituídos por indivíduos reciprocamente orientados e dependentes (no sentido atribuído por Elias), e também como construção mental formada através da estrutura simbólica de linguagem, e assim são relativamente independentes de grupos específicos de indivíduos”.²⁰⁵ Dessa forma é possível pensar a dança e os jogos como fenômenos concretos e de pensamento.

O que o Layder tenta empreender na verdade é uma análise conciliatória entre um fato concreto e um fenômeno abstrato. E para ele, o conceito de figuração desenvolvido por Elias não transcende a fronteira entre a representação concreta e a mental de um fenômeno. Porém, quando Elias afirma que não se pode pensar a dança como uma estrutura fora do indivíduo ou como mera abstração, significa que ela nasceu de necessidades humanas interrelacionadas. A representação mental só é possível porque as pessoas compartilham uma herança cultural onde a dança pode ser representada simbolicamente. Mas isso só foi possível porque a dança existe como manifestação concreta. Interessante, porém, é notar que em nenhum momento de sua crítica Layder se refira a um elemento fundamental da abordagem figuracional de Norbert Elias, que diz respeito ao papel das emoções para a formação de figurações.

Certamente, no caso da análise de uma dança, Elias colocaria a seguinte questão: quando e em que momento surgiu a necessidade entre os seres humanos de uma comunidade específica de se unirem executarem movimentos corporais ritmados, ou seja, a dançar? Embora a ação de dançar seja algo que possamos generalizar, sua prática, no entanto, é singularizada, tem características próprias culturais de um tempo e lugar. Ela se configura como uma ação conjunta, surgida de necessidades humanas, das quais não se podem desvincular as satisfações afetivas e emocionais. Esse aparente descuido de algo que é

²⁰⁵ *“It is perfectly in order to talk of dances and games in two quite different but compatible senses: as concrete phenomena constituted by ‘a plurality of reciprocally oriented and dependent individuals’ (Elias sense), and also as mental constructs formed through the symbolic structure of language, and thus which are relatively independent of specific groupings of individuals. (Layder, 2003: 313)*

essencial na abordagem eliaseana evidencia que Layder reifica sua perspectiva, apresenta polaridades conciliadas, mas não em relação de interdependência.

Esse exemplo, embora extenso, é um exemplo de como algumas críticas feitas à abordagem de Elias tomam os conceitos como figuração e processo de forma descontextualizada e reducionista. Nicos Mouzelis, dá um passo à frente nesse sentido, suas críticas são mais substantivas e se referem às perspectivas futuras da sociologia de processo e figuração, no que diz respeito à sua capacidade de superar a dicotomia indivíduo sociedade, porém, assim como Layder, Mouzelis parte de uma análise fragmentada da sociologia processual.

Para Mouzelis (1995: 70) não parece plausível uma abordagem que supere a dicotomia entre agência e estrutura: “Eu considero qualquer tentativa de rejeição ou de transcendência da distinção – seja pela fusão das duas noções, ou pela derivação mais ou menos automática uma de outra: isto conduz ou a um reducionismo, ou a uma reintrodução da distinção pela porta de trás, por assim dizer (isto é, mantendo a lógica da dicotomia agência-estrutura enquanto esta é expressa através de uma terminologia diferente)”.²⁰⁶ De forma instigante, o autor argumenta que a solução dessa dicotomia não está na diferenciação, pois além da diferenciação conceitual das noções de agência e estrutura, pode-se pensar em uma complexa integração teórica entre ambas. O autor parte do princípio da afirmação – não negação – desses dois conceitos. Se eles existem é porque são a expressão, o reflexo de algo que deve ser levado em consideração; ambos devem ser analisados não como manifestação de uma dicotomia, mas sim buscando uma integração entre ambos.

Para validar sua argumentação, segundo a qual a busca pela superação dessa dicotomia implicaria em uma simplificação das análises sociológicas, Mouzelis analisa dois conceitos da abordagem eliaseana: interdependência e

²⁰⁶ *I consider any attempt to reject or ‘transcend’ the distinction - either by conflating the two notions, or by more or less automatically deriving the one from the other – must lead to a theoretical impasse: it leads either to reductionism, or to the reintroduction of the distinction by the back door, so to speak (that is, by keeping the logic of the agency-structure dichotomy while expressing it through a different terminology) (Mouzelis, 1995: 70).*

processo civilizador, sem, no entanto, contextualizá-los dentro do arcabouço da sociologia de processo e figuração.

Segundo Mouzelis, a teoria de Elias sobre o processo civilizador tem seu ponto sensível na afirmação sobre a inevitabilidade de um sentido do processo civilizador, pois esta afirmação não agregaria mais conhecimento sobre as tendências processuais de longa duração.

Se as várias qualificações introduzidas por Elias e seus defensores forem aceitas, toda a teoria fica reduzida a proposição segundo a qual em algumas vezes a crescente divisão de trabalho e interdependência conduz à crescente auto-regulação, e em algumas vezes não. A afirmação pode ser reforçada pelo argumento que em um período de longa duração, as contra-tendências (fluxos descivilizadores, ou tendências mais radicais) são menores, e que corrente geral flui na direção de maior interdependência e maior controle sobre as emoções. Entretanto, mesmo essa forma não é mais elucidativa do que as inumeráveis tentativas para delinear as tendências de longo prazo na transição de sociedades tradicionais para sociedades modernas, como a crescente urbanização, comercialização, racionalização, individualização, empatia, necessidade de realização, e assim por diante. (Mouzelis, 1995: 72) ²⁰⁷

Mouzelis toma a teoria da civilização, como processo de auto-regulação e auto-controle, no entanto, o autor não considera a perspectiva figuracional que lhe subjaz. A análise figuracional considera, como já foi discutido ao longo deste trabalho, as estruturas sociais em seu movimento de constante alteração, essas alterações são compreendidas quando a pesquisa direciona seu foco para as inter-relações que os indivíduos mantêm, dando forma a uma figuração determinada, podendo ser um sindicato, um Estado, uma escola, ou a reunião

²⁰⁷ *If the various qualifications introduced by Elias and his defenders are accepted, the whole theory boils down to the proposition that sometimes growing division of labour and interdependence leads to growing self-regulation and sometimes it does not. The statement could be strengthened by the argument that, in the long term run, the counter-trends (decivilizing-spurts, or more radical reversals) are minor, and that the overall current flows in the direction of greater interdependence and greater control over the emotions. However, even in this form is not more enlightening than are the innumerable attempts to delineate long-term trends in the transition from 'traditional' to 'modern' societies, such as growing urbanization, commercialization, rationalization, individuation, empathy, need for achievement, and so on. (Mouzelis, 1995: 72)*

destes em conjuntos maiores. Dessa forma, a análise de Elias se move entre as esferas macro e micro simultaneamente.

É preciso deixar claro que o conceito de interdependência não é sinônimo de coesão social. Antes, refere-se aos vínculos coercitivos aos quais os indivíduos estão submetidos quando se relacionam e formam figurações com características próprias. Quando Elias afirma que os indivíduos são interdependentes e não autônomos, está se referindo aos laços que impelem os indivíduos a viverem em sociedade. Estes laços não são apenas naturais, mas também socialmente construídos e possuem significações diferentes em cada época e em cada sociedade. Assim as relações de interdependência de um cavaleiro medieval diferem de um nobre da corte ou de um indivíduo contemporâneo. Porém o controle social que as relações de interdependência engendram não corresponde necessariamente a um controle para o apaziguamento social. A proposta de análise sociológica de Elias é a de verificar as especificidades das figurações e das relações de interdependência que estruturam toda uma forma social de existência, compreendendo assim que tipos de coações existentes exercem pressão sobre os indivíduos.

Reiterando a crítica de Mouzelis (1995: 77), a fraqueza da abordagem de Elias está no fato de este negligenciar a esfera das relações instituição-instituição, como faz Parsons, em detrimento das relações de interdependência indivíduo-indivíduo. “Não é muito difícil de perceber como e em que sentido as estruturas figuracionais de Elias são a imagem refletida das instituições estruturais de Parsons. Elias constantemente se refere às atuais relações entre grupos como se desenvolvendo em um tempo macro histórico. Parsons foca primeiramente nas relações virtuais entre normas, papéis, instituições”.²⁰⁸ Ao ignorar a autonomia das instituições, segundo o autor, Elias limita sua abordagem sociológica. Ambos os conceitos (indivíduo e sociedade) são necessários para a compreensão dos arranjos sociais, e que “qualquer tentativa de ignorar uma dessas duas ligações,

²⁰⁸ *It is not difficult to see how in what sense Elias's figurational structures are the mirror image of Parsons institutional structures. Elias constantly refers to actual relationships between groups as these develop in macro historical time. Parsons focuses primarily on virtual relationships between norms, roles, institutions.* (Mouzelis, 1995: 77).

ou qualquer tentativa reducionista de derivar uma de outra, conduz inevitavelmente a uma visão parcial da vida social” (Mouzelis, 1995: 79).²⁰⁹

Partindo da afirmação acima, a abordagem sociológica de Elias negligenciaria a autonomia das normas institucionalizadas, e seria o reflexo ‘inverso’ da teoria de Parsons. A tentativa de superação da dicotomia indivíduo-sociedade empreendida por Elias é compreendida por Mouzelis como uma resolução que negaria a força da relação agência-agência, em detrimento da relação de interdependência indivíduo-indivíduo. O autor da crítica não atentou para o fato de que Elias não propõe uma forma de abordagem que escolha um ou outro lado dessa dicotomia. Tanto indivíduo como sociedade são objetos singulares, com estruturas diferentes, porém intimamente imbricados.

Sinteticamente, a crítica de Elias a Parsons se refere à primazia de uma visão estática, deste último, da realidade social, sobre uma visão de longo prazo. “(...) a relação entre indivíduos e as estruturas sociais só pode ser esclarecida se ambos forem investigados como entidades em mutação e evolução” (Elias, 1994a: 221). Elias não autonomiza essas duas entidades; nem indivíduo é totalmente independente, tão pouco são as estruturas sociais. O que a sociologia figuracional ressalta é que tanto as normas, valores e instituições reguladoras são formadas por necessidades individuais nascidas exclusivamente das pressões de socialização. Ao contrário da afirmação de Mouzelis, Elias não escolhe um lado da dicotomia, mas opta pela relação entre elas. Porém, se sua abordagem de fato dá conta de transpassar essa dicotomia de forma a preservar as particularidades sociais e individuais, é algo que se pode averiguar a partir da consideração dos resultados de suas pesquisas. Essa tarefa configuraria um novo objeto de estudo. Para o momento, este trabalho se restringe ao objetivo inicial que é o de analisar a teoria de processo e figuração desenvolvida por Norbert Elias.

A inevitabilidade apontada por Mouzelis como uma conseqüência lógica, portanto, sem informações importantes para a compreensão do desenvolvimento de um processo social, evidencia novamente que a teoria eliaseana é analisada

²⁰⁹ *Any attempt to ignore one of the two linkages, or any reductive attempt to derive the one from the other, unavoidably leads to extremely one-side views of social life. (Mouzelis, 1995:79)*

de forma parcial. Ao traçar as fases subseqüentes de um desenvolvimento social, Elias aborda retrospectivamente uma tendência, e não prospectivamente. Logo é natural que aparecem fases subseqüentes, porém explicadas em sua gênese e suas particularidades. Por fim, as tendências descivilizatórias não são menores, nem menos intensas. Elas também são formadas nas interrelações, e são uma conseqüência da desorganização das normas e condutas civilizadoras.

Mouzelis (1995: 73) mostra-se mais preocupado, no entanto, com as questões urgentes e prementes da contemporaneidade, e nesse sentido avalia que os sociólogos figuracionistas “deveriam construir sub-teorias mais relacionadas ao contexto local que explicassem ambos processos civilizadores e descivilizadores”.²¹⁰ Ou seja, o autor propõe que sejam estudadas as condições da perda da necessidade de auto-regulação. Neste ponto, a crítica do autor mostra sua maior relevância para a abordagem eliaseana. Os processos de descivilização não são ainda devidamente analisados. Com exceção da obra *Os alemães*, onde a formação do habitus social é de importância relevante para a compreensão do nazismo e do Holocausto como tendências descivilizadoras, encontramos poucos estudos de maior porte sobre os processos descivilizadores.

Compreendidos como o reverso da moeda dos processos civilizadores, a tendência descivilizadora é um indicador de que as normas coercitivas que agem sobre o conviver social estão perdendo sua capacidade de liga social. Para a sociologia eliaseana, ambos os processos, de civilização e descivilização correm paralelamente, eles compõem – juntamente com outros sub-processos – o quadro maior de desenvolvimento social. Porém, a ênfase da abordagem figuracional ainda recai sobre as tendências civilizadoras.

Nessa direção, Ton Zwann desenvolve uma avaliação pertinente sobre os processos decivilizadores, e aponta as dificuldades encontradas nesse âmbito

²¹⁰ *They (the figurational sociologists) should construct more context-bound subtheories to account for both civilizing and descivilizing processes.* (Mouzelis, 1995:73)

devido à pouca elaboração da sociologia processual sobre essa esfera.²¹¹
Segundo o autor:

Indubitavelmente, Elias, cuja visão do processo civilizador não linear, nem teleológica (como tem sido com freqüência erroneamente suposto), era consciente de algumas dessas conseqüências de sua abordagem. Por exemplo, quando ele coloca a importância de estudar a civilização de camponeses e trabalhadores, quando ele se refere a pequenas ou grandes ondas ou fluxos que correm na direção oposta da corrente geral do processo civilizador, e em algumas passagens de *O Processo Civilizador*, nas quais ele se refere sobre a possibilidade que sob certas circunstâncias uma série crise da civilização pode ocorrer ou mesmo uma mudança na direção do processo. Porém isso é tudo que existe sobre esses pontos, ele não elaborou esses pensamentos, ele não desenvolveu uma teoria explícita sobre processos decivilizadores. (Zwann, 2002: 1690)²¹²

As tendências decivilizadoras mostram-se como um campo de maior concentração dos problemas sociológicos. Nesse sentido, a abordagem de Elias poderia auxiliar o exame desses fluxos, as razões do afrouxamento das normas de coexistência social, bem como o desenvolvimento de padrões de comportamento mais violentos.

Norbert Elias se preocupou com um tema que poderíamos a princípio denominar subjetivo ou metafísico. Os sentidos da existência humana são tratados sob a ótica sociológica em Elias. Não que o autor trate esse tema diretamente,

²¹¹ Ton Zwaan é sociólogo holandês e produziu em 2001 um livro, utilizando a abordagem de processos e figuração, sobre formação do Estado e violência. Em “Civilization and decivilization. Studies on state formation and violence, nationalism and persecution, Zwann desenvolve um estudo histórico sociológico sobre violência política que gira em torno de duas questões. Em primeiro lugar, como compreender que algumas sociedades tiveram um desenvolvimento pacífico durante um longo período de tempo, enquanto outras vivenciaram violência política? Em segundo lugar, como é possível compreender a gênese de episódios de sérias perseguições em massa e conflitos étnicos? Para dar resposta a essas questões, o autor estudou comparativamente casos de violência política ocorridos no século XX: a perseguição de armênios pelo Império Turco Otomano, especialmente entre o período de 1915 a 1917; e exclusão e perseguição de judeus na Alemanha antes da eclosão da guerra, entre 1933 e 1939, e a desintegração da Iugoslávia acompanhada pela limpeza étnica, entre 1985 e 1995. Ver a respeito, (Zwann, 2002).

²¹² *Undoubtedly Elias, whose vision of the civilizing process is neither linear nor teleological (as has often been wrongly supposed), was well aware of some of these consequences of his approach. For instance, where he points at the importance of studying the civilization of peasants and workers, where he refers to smaller or greater ‘waves’ or ‘spurts’ which run in opposite direction to the overall direction of the civilizing process, and in the few passages in ‘The Civilizing Process’ in which he refers to the possibility that under certain circumstances a serious crisis of civilization might occur or even a turn in the direction of the process. But that is all there is on these points, he does not elaborate on these thoughts, and he did not develop an explicit theory of decivilizing process.* (Zwann, 2001: 169)

mas as orientações do viver subjazem à perspectiva processual e figuracional. O autor, ao produzir um estudo sobre a sociedade da corte francesa, mostra-nos sobretudo a construção de valores, sua internalização, o resguardo de um modo de vida de uma elite – esse modo de vida, sua aparência em um cerimonial pomposo e muitas vezes sem sentido aos nossos olhos, constituíam para aquela época, para aquela sociedade específica, o sentido de sua existência social. Vemos, assim, que Elias problematiza a construção e a preservação dos sentidos da existência social que alimentam – e são alimentados pelos – os estados afetivos de prazer, desgosto, superioridade, inferioridade. Poderíamos nos estender nessa lista; no entanto, nos parece que esses exemplos bastam para a discussão que sugerimos neste trabalho.

Os membros de um grupo podem vivenciar suas existências de forma prazerosa, ou não. A questão afetiva quando relacionada à valia social de um grupo adquire um caráter sociológico, para Elias, quando a satisfação emocional manifesta-se em uma hierarquia de poder e submissão. Em *Os estabelecidos e os outsiders*, Elias expressamente mostra que a dinâmica de estigmatização de um grupo pelo outro é alimentada pelo sentimento de superioridade de um grupo em detrimento do outro. O grupo estabelecido possuía uma “nós-imagem” ideal de superioridade e de maior valor humano, enquanto o grupo *outsider* incorporou uma “nós-imagem” de inferioridade. As características do grupo estabelecido eram vistas por seus membros como algo valoroso, cuja defesa irrefletida contribuiu para a situação de exclusão social que caracterizou aquela figuração social.

Elias (2000: 175) argumenta que “É com base nos afetos e nas emoções que se produz essa forma de generalização da parte para o todo. Os mais ‘antigos’ muitas vezes conseguem impor aos recém-chegados a crença de que estes são inferiores ao grupo estabelecido, não apenas em termos de poder, mas também ‘por natureza’”. Nos casos estudados por Elias, o desgosto afetivo experienciado pela posição inferior à qual grupos ou pessoas são submetidos, bem como, o prazer afetivo vivido pelos grupos em posição de poder e *status* social, podem ser entendidos como uma relação de poder, ou melhor, como uma interrelação mediada pela necessidade de manutenção de um *status* de poder

social. Este *status*, por sua vez, é a garantia de um sentido existencial do grupo e da personalidade individual.

São as características estruturais de um grupo, sociedade ou nação que conferem aos seus membros o sentimento de pertença social, de preenchimento de sentido do existir, de tal forma que sua defesa é algo desejável e necessário. No próprio livro *Os estabelecidos e os outsiders*, Elias (2000: 43) nos dá outro exemplo interessante sobre o caráter fundamental da “nós-imagem”, ao se referir ao estudo de A. van Dantzig sobre “a Tragédia de Puttenaren”:

O autor descreve o destino de um grupo de 452 pessoas que haviam passado a vida inteira numa pequena comunidade aldeã holandesa, quando, em novembro de 1944, foram subitamente deportadas e, a título de represália, enviadas – como grupo – a um campo de concentração. Rotineiramente, elas continuaram a obedecer às antigas normas do vilarejo, isto é, trabalhavam com o mesmo afinco que antes, faziam as pausas que consideravam justificadas, mostravam-se indignadas diante dos diversos aspectos da vida no campo, etc. Em suma, estando juntas não conseguiram comportar-se de um modo que a opinião pública de sua aldeia pudesse reprovar. (...). Apenas 32 deles retornaram a Putten, onde outros três faleceram.

Elias argumenta que não é possível afirmar que o nível de sobrevivência seria mais alto se os indivíduos não fossem enviados ao campo de concentração como grupo, porém este fato contribuiu para que a grande maioria perdesse a vida. Este caso, assim como o estudo sobre *Os estabelecidos e os outsiders*, ou ainda, *Os alemães*, abrem a perspectiva de análise da relação entre a estrutura da sociedade e da personalidade. O ideal-nós do grupo, seus sistemas de valores são tão importantes para a caracterização da estrutura social quanto para o membro individual, pois o significado da existência pessoal, por mais individualizada que seja uma sociedade, é formado na relação com outros a partir de um conjunto compartilhado de valores.

Podemos apreender dessas colocações que o preenchimento emocional de sentido de existência atrelado à defesa das fronteiras identitárias de um grupo gera sérios problemas sociais quando é alimentado pela imputação de uma inferioridade socialmente produzida, porém internalizada como natural. Em *Os*

alemães, ao explicar o desenvolvimento do *habitus* da sociedade alemã, Elias expõe as fragilidades afetivas da sociedade, expressa pelas condutas individuais, que contribuíram para o Holocausto. Em linhas gerais, o sentimento de superioridade da população alemã em relação aos membros judeus se desenvolveu em estreita relação com o sentimento de superioridade da própria nação, do ideal grandioso de nação. A imagem ideal estava por ser alcançada e tornou-se uma necessidade emocional porque de fato, em realidade, vinha substituir o sentimento de rebaixamento e inferioridade da Alemanha frente a outros países europeus, devido às sucessivas tentativas de unificação do Estado.

Assim vemos que o ideal de superioridade é usado para substituir – fantasiosamente – o sentimento de inferioridade que caracterizou o desenvolvimento da sociedade alemã. Segundo Elias (1997c: 143), “A imagem que um indivíduo faz da nação de que forma parte é também, portanto, um componente da imagem que ele tem de si mesmo, a sua ‘auto-imagem’. A virtude, o valor e o significado da nação também são os dele próprio”.

Se transpusermos essas reflexões de Elias para o momento atual, para a nossa sociedade, que ligações encontraremos? De que maneira essas reflexões podem contribuir para o estudo de sociedades diferentes daquelas estudadas pelo autor? O próprio Elias procurou desenvolver um modelo teórico que servisse de apoio a outros estudos sobre relações desiguais de poder. É interessante notar como Elias - que reiteradamente criticou as teorias sociológicas generalizadoras – procura escapar a essa generalização propondo modelos flexíveis. A adoção do paradigma figuracional não corresponde, segundo o autor, a um engessamento da teoria, posto que o modelo de abordagem adquire formato próprio pela incorporação das particularidades estruturais de uma sociedade e seu desenvolvimento. O modelo de balança de poder entre um grupo estabelecido e um grupo marginal terá características próprias, não generalizáveis para outras sociedades. Porém há certas diretrizes que dão orientação ao pesquisador, como a análise do desenvolvimento social de longo prazo, o tipo de relação de interdependência que caracteriza o grupo, ou a sociedade, e que sentimentos e emoções compartilhadas subjazem às formações sociais, ou, em outras palavras,

como pode ser caracterizada a ligação afetiva entre indivíduos e a sociedade a que pertencem.

Poderemos conceber que as contribuições de Elias se fazem frutíferas nos campos sociais nos quais as relações não horizontais, mas hierárquicas, de poder perpetram exclusão, estigmatização social e violência. A sociologia eliasiana, como já vimos, debruça-se ao mesmo tempo sobre a formação das estruturas sociais e das personalidades. No que diz respeito à análise da formação da estrutura da personalidade, do comportamento e dos afetos, a análise figuracional abre uma perspectiva interdisciplinar, ao buscar cooperação com a psicologia e com a história. Os sentimentos despertados na vida em sociedade ainda se configuram em um difícil e pouco conhecido campo de investigação sociológica. Segundo Elias, “No que diz respeito à coexistência social, as ações e pensamentos humanos continuam quase no mesmo nível de desenvolvimento daqueles comportamentos e pensamentos medievais quanto à peste. Nessas esferas – dos relacionamentos sociais – ainda hoje, os indivíduos estão em grande medida expostos a pressões e ansiedades que não conseguem compreender” (Elias, 2004: 25).²¹³

O sentido da existência individual construído na interrelação social adquire vários significados ao longo da história. Ora esse sentido é dado pela posição de um nobre na corte, ora pela posição do músico ou do artista subalterno à hierarquia de corte, como foi o caso de Mozart e de Watteau, ora pela crença de maior valor humano do próprio grupo em um contexto já não tão formalizado, como era o período do Antigo Regime. Nesses casos, como nos casos contemporâneos, os sentidos da existência estão relacionados à satisfação afetiva da vida em sociedade, e a perspectiva de Elias ajuda a compreensão onde essas satisfações emotivas geram prejuízos para outros seres humanos.

²¹³ *“Aber in bezug auf das gesellschaftliche Zusammenleben der Menschen steht man im Denken und Handeln noch weitergehend auf gleicher Entwicklungsstufe, wie sie durch das Denken und Verhalten mittelalterlicher Menschen angesichts der Pest repräsentiert wird. In diesem Bereichen finden sich Menschen noch heute in sehr hohem Masse Bedrängnissen und Beängstigungen ausgesetzt, die für sie unerklärbar sind”* (Elias, 2004: 25).

Um segundo ponto que gostaríamos de tratar aqui diz respeito à percepção do esvaziamento de sentidos do viver em nossa época. O estudo de Mozart serve bem ao nosso propósito. Elias, ao traçar o retrato sociológico do gênio Mozart, o faz de forma a evidenciar um drama pessoal, o da ausência do sentido da vida. Esse sentido, socialmente construído, significava para o compositor austríaco o reconhecimento de seu público, de sua mulher e de sua família. Ao subverter a ordem hierárquica, Mozart perde todo o reconhecimento, e assim perde também o lastro de sua valia humana.

Em sociedades individualizadas de uma forma tão característica quanto a nossa, é fácil esquecer que mesmo o valor e o significado que as pessoas atribuem às suas próprias vidas, num sentido puramente pessoal e individual, é sempre um valor e significado em relação a outros, a algo para além da própria pessoa, seja real ou imaginário. Sem funções para os outros, sem funções sociais, qualquer que seja a aparência de que se revestem, uma vida humana permanece vazia e sem sentido. (Elias, 1997c: 312).

Segundo Elias, a falta de significado vivido por Mozart dizia respeito ao fato de sua necessidade imediata de reconhecimento e afeto. Mozart via-se como personalidade isolada, não se via como um indivíduo em relação de interdependência com outros de seu tempo, como herdeiro de outros anteriores a ele, nem como uma influência para outros que viriam depois dele. Viveu verdadeiramente uma profunda solidão, em relação ao seu presente, passado e futuro. Elias observou que essa tendência, de reter os acontecimentos no presente, de desconsiderar o fluxo processual de todas as mudanças, reforça uma auto-imagem humana cada vez mais autocentrada, o que ele denominou *homo clausus*, como já vimos no terceiro capítulo.

Essa tendência do indivíduo de ver-se isolado, apartado do mundo social, gera por sua vez esvaziamento dos significados do viver. Como Elias bem observou em *A sociedade dos indivíduos*, o “eu” desprovido do “nós” vai se transformando em experiência cada vez mais internalizada, e os indivíduos têm cada vez mais dificuldade de lidar com a falta de afetividade humana de que necessitam. Vale a pena nesse contexto recorrermos ao exemplo utilizado pelo autor quando se refere ao livro de Camus, *O estrangeiro*:

Uma das peculiaridades do homem solitário que o herói desse livro parece ser consiste numa curiosa confusão das emoções. Mata alguém, mas faltam os sentimentos correspondentes, sejam eles de ódio ou de remorso. Sua mãe morre, mas, na verdade, ele não sente nada. Não surgem neles sentimentos de tristeza ou perda. Os sentimentos que constantemente lhe parecem subjacentes são o isolamento e o abandono. E não estão associados a pessoas. O eu está só, sem nenhum relacionamento real com outras pessoas, sem os sentimentos possibilitados pela relação-nós.

Obviamente, a experiência subjacente à ideia do eu desprovido do nós é o conflito entre, de um lado, a necessidade humana natural de afirmação afetiva da pessoa por parte dos outros e dos outros por parte dela e, de outro, o medo da satisfação dessa necessidade e uma resistência a ela. A necessidade de amar e ser amado é, em certa medida, a mais vigorosa condensação desse anseio humano natural. Ela também pode assumir a forma da oferta e recebimento de amizade. Seja qual for a forma que assuma, porém, essa necessidade emocional de companhia humana, o dar e receber das relações afetivas com outras pessoas, é uma das condições fundamentais da existência humana. (Elias, 1994b: 164, 165).

Para Elias, a mentalidade de um ser isolado, despojado de laços sociais, inclusive os afetivos, não se configura um traço isolado, individual; pelo contrário, mostra-se um problema de *habitus*, um traço básico da estrutura de personalidade social das pessoas da era moderna. E por esse motivo, esta temática pode se configurar em novo campo de pesquisa nas ciências sociais, em geral, e na sociologia em particular. Quais as consequências de um *habitus* altamente individualizado e internalizado para as relações em sociedade? Qual a relação de uma exagerada individualização e o afrouxamento, quando não a infração sistemática das normas de convivência social? Ficam aqui essas questões para futuras reflexões que consigam levar em conta que, querendo ou não, fazemos parte de uma rede de interdependência humana, e é a partir dela que construímos os significados de nosso viver.

BIBLIOGRAFIA

- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Brasília: UNB, 1982.
- ASSIS, Machado. Machado de Assis. *Pai contra mãe*. In: *Obra completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. (vol. II. pp. 659, 667).
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMGART, Ralf; EICHNER, Volker. *Norbert Elias, zur Einführung*. Hamburg: Junius Verlag, 1997.
- BLOMERT, Reinhard. *Psyche und Zivilisation. Zur theoretischen Konstruktion bei Norbert Elias, Studien zur Zivilisationstheorie Band 3*, Münster: Lit Verlag, 1989.
- BRINSON, Charmian. The Anglican Bishop, the Methodist Minister and the women of Rushen: Georg Bell, J, Benson Harrison and their work with women interneees. In: CHANDLE, Andrew; STOKOSA, Kataryna; VIZENTE, Juta. (Org.). *Exile and Patronage: Cross-Cultural negotiations beyond the Third Reich*. Berlin: LIT Verlag, 2006.
- BLOMERT. Reinhard. *Intellektuelle im Aufbruch: Karl Mannheim, Alfred Weber, Norbert Elias und die Heidelberger Sozialwissenschaften der Zwischenkriegszeit*. München: Carl Hanser Verlag, 1999.
- BOTTOMORE, Tom. *Introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- COMTE, August. *Importância da filosofia positiva*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.
- _____. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Edusp; Globo, 1976.

- DEMM, Eberhardt (Org.). *Alfred Weber zum Gedächtnis*. Selbstzeugnisse und Erinnerungen von Zeitgenossen. Frankfurt/M: Peter Lang Verlag, 2000.
- DUERR, Hans Peter. *Der Mythos vom Zivilisationsprozess*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.
- DUNNING, Erik; MENELL, Stephen (Org.). *Norbert Elias*. London: Sage, 2003. (vol. IV)
- DURKHEIM, Émile. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ELIAS, Norbert. *Über die Einsamkeit der Sterbenden in unseren Tagen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982.
- _____. *Engagement und Distanzierung*. Arbeiten zur Wissenssoziologie. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.
- _____. *Conditio humana: Beobachtungen über die Entwicklung der Menschheit*. In: *Bielefelder Universitätsgespräche 2*, Bielefeld, 1986.
- _____. *Über die Zeit*. *Arbeiten zur Wissenssoziologie II*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1988.
- _____. *The Symbol Theory*. London: Sage, 1991.
- _____; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- _____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (vol. II)
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a. (vol. I)
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- _____. *A sociedade de corte*. Lisboa: Estampa, 1995.
- _____. *Norbert Elias über sich selbst*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1996.

- _____. *Über den Prozess der Zivilisation*. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen: Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlands. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1997a. (vol. I)
- _____. *Über den Prozess der Zivilisation*. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen: Wandlungen der Gesellschaft: Entwurf zu einer Theorie der Zivilisation. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1997b. (vol. II)
- _____. *Os alemães: a luta pelo poder e evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997c.
- _____. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Die höfische Gesellschaft*. Untersuchungen zur Soziologie des Königtums und der höfischen Aristokratie. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2002.
- _____. *Was ist Soziologie?* Muenchen: Juventa, 2004.
- _____. *Mozart: Zur Soziologie eines Genies*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005a.
- _____. *A peregrinação de Watteau à ilha do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.
- _____. *Gesammelte Schriften*. Gesammelte Schriften 01 – Frühschriften: Band. I. Herausgegeben im Auftrag der Norbert Elias Stichting – Amsterdam. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006a.
- _____. *Gesammelte Schriften*. Aufsätze und andere Schriften 1: Band 14. Herausgegeben im Auftrag der Norbert Elias Stichting – Amsterdam. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006b.

- _____. *Gesammelte Schriften*. Aufsätze und andere Schriften 2: Band 15.
Herausgegeben im Auftrag der Norbert Elias Stichting – Amsterdam.
Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006c.
- _____. *Gesammelte Schriften*. Aufsätze und andere Schriften 3: Band 16.
Herausgegeben im Auftrag der Norbert Elias Stichting – Amsterdam.
Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006d.
- _____. *Gesammelte Schriften*. Autobiographisches und Interviews. Band 17.
Herausgegeben im Auftrag der Norbert Elias Stichting – Amsterdam.
Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006e.
- _____. *Escritos & Ensaïos*. NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo. (Org.).
Rio de Janeiro: Zahar, 2006f.
- FREUD, Sigmund. *Das Unbehagen in der Kultur und anderen Kulturtheoretische Schriften*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2000.
- FREUND, Gisèle. Norbert Elias als Lehrer. In: GLEICHMANN, Peter;
GOUDSBLOM, Johan; KORTE, Herman. *Human Figurations: Essays for Norbert Elias*. Amsterdam: Stichting Amsterdams Sociologisch Tijdschrift. 1977.
- GLEICHMANN, Peter; GOUDSBLOM, Johan; KORTE, Herman. *Materialien zu Norbert Elias` Zivilisationstheorie*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1979.
- GOUDSBLOM, Johan; JONES, Eric; MENNELL, Stephen (Org.). *The Course of Human History: Economic growth, social process, and civilization*. London: M. E. Sharpe, 1996.
- GOUDSBLOM, Johan; KORTE, Herman. *Human Figurations: Essays for Norbert Elias*. Stichting Amsterdams Sociologisch Tijdschrift: Amsterdam, 1977.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

- KANT, Immanuel. *Idéia de uma historia universal de um ponto de vista cosmopolita*. In: TERRA, Ricardo (Org.). São Paulo: CEBRAP; Brasiliense, 1986.
- _____. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)
- KILMINSTER, Richard. *Norbert Elias: Post- philosophical Sociology*. London: Routledge, 2007.
- KLEIN, Richard G.; BLAKE, Edgar. *O despertar da cultura: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- KORTE, Hermann. *Über Norbert Elias: Das Werden eines Menschenwissenschaftlers*. Opladen: Leske, Budrich, 1997.
- LAYDER, Derik. *Social Reality as Figuration: a critique of Elias' conception of sociological analysis*. In: DUNNING, Erik; MENELL, Stephen (Org.). *Norbert Elias*. London: Sage, 2003. (vol. IV)
- LEPENIES, Wolf; ELIAS, Nobert. *Zwei Reden anlässlich der Verleihung des Theodor W. Adorno*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1977.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia: introdução à sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Globo, 1954.
- MENNELL, Stephen. *Norbert Elias: Civilization and the human self-image*. New York: Basil Blackwell, 1989.
- _____. *Decivilising Process: Theoretical significance and some lines of research*. In: *International Sociology*, n. 2, vol. 5, 1990a.
- . *Norbert Elias: 1897-1990: Personal Reflections on a Remarkable Life*. In: *Thesis Eleven*, vol. 27, 1990b.
- _____. *Elias and the counter-ego: personal recollections*. In: *History of the Human Sciences*, n. 2, vol. 19, London, Sage, 2006.
- MERTON, Robert K. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

- MOUZELIS, Nicos. *Sociological Theory: What went wrong? Diagnosis and Remedies*. London: Routledge, 1995.
- SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp; Annablume, 2004.
- SCHELER, Max; HASHAGEN, Justus. *Versuche zur einer Soziologie des Wissens*. München: Duncker und Humbolt, 1924.
- SCHROER, Markus. *Das Individuum der Gesellschaft*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2000.
- SCHRÖTER, Michael. *Erfahrung mit Norbert Elias*. Gesammelte Aufätze. Frankfurt/M: Surhkamp, 1997.
- SCHÜTZ, Alfred. The Stranger: an essay in social psychology. In: *Collected Papers II: Studies in Social Theory*. Martinus Nijhoff, 1976.
- SIMMEL, Georg. *On Individuality and Social Forms: Select Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.
- ROTH, Philip. *Shop Talk*. Ein Schriftsteller, seine Kollegen und ihr Werk. Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag, 2005.
- VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru: Edusc, Belém: EDUPFA, 2005.
- VAN KRIEGEN, Robert. *Norbert Elias*. Londres: Routledge, 1998.
- WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- . Elias e Simmel. In: NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo. (Org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1993.

----- . Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva; Conceitos Sociológicos Fundamentais. In: *Metodologia das ciências sociais*. 2. ed. Campinas: Cortez, 1995. (vol. II)

WOUTERS, Cas. *Informalization: Manners and Emotions since 1890*. London: Sage, 2007.

ZWANN, Ton. On Civilizing and Descivilizing Processes: A Theoretical Discussion. Paper presented at the British Sociological Association, Leicester, 2002.

ANEXOS

Anexo número 01
Carta de Norbert Elias a Pierre Bourdieu – 1977

as from 19 A Central Avenue

5th February 1977

Dear Pierre Bourdieu,

I liked the way you presented my paper very much. It came out much better than it did either in English or in German (where it was published in a cut down version in Texte zur Soziologie des Sports ed. Kurt Hammerich ,Klaus Heinemann which compares rather badly with the French version, at about the same time as it appeared in the Actes de la Recherche en sciences sociales) I shall have to learn from you how to present my things better. I write very slowly (at least most of the time) and then without interruption, without saying to myself: 'Now here is one point finished. Give it a subtitle and make it clear that you are starting a new point.' Also the French language lends the paper its great potential for lucidity and clarity which, alas , is not always actualised in contemporary French writing. I am sure noone is more aware of it than you. The translators have done an excellent job, even though there are a few mistakes (which don't matter much) and so have the editors. Thank you very much.

I would gladly let you have a more complete version for your series if it existed. I am very sorry to have to tell you that I have nothing more than bits and pieces. Some of them may make a good article. But I am at the moment too much involved with other problems to go back to them, especially with an Essay on Time of which some installments have appeared in the Dutch periodical De Gids. It is one of the most difficult subjects I have tackled. I am just brooding over the next installment., Also I have to prepare a lot of lectures for the summer term. One of the places I shall have to teach is Frankfurt and that is rather an exacting task. You must forgive me, but at the moment I cannot go back to the larger enterprise of which the paper you published was meant to be a kind of introduction.

But I can of course let you have ar-

ticles, if you feel you would like to publish from time to time another paper of mine. I seem to remember that I have among the bits and pieces vaguely destined for the same book as Sport and Violence something on hunting, especially on fox hunting which represented as it emerged in England in the 18th century a very characteristic step in the direction towards what we now call sport. I have not seen the MS for a long time, but it may still be there. Perhaps you remember a saying of Oscar Wilde with regard to foxhunting - something like: The unspeakable chasing the inedible. That in England by far the most prestigious type of hunting was that of something inedible (which one did not even kill oneself), was a very definite step towards ' sportisation ' . It went hand in hand with other transformations ~~of~~ in the same direction and I think I was able to find some explanation. But I may not find it at the moment.

rather like is ^{There is a great deal.} ~~an attempt to show~~ A paper which I myself the direction of the same process by following the changes in the structure of what we call ' communities. That is in print (English) and you can have it any time you like. Or else something on Structure and violence - a case study of a small West African people which makes very vividly clear the theoretical point that the development and structure of ~~social~~ societies depends as much on tribal or interstate relationships where no monopoly of physical violence exists and where the threat of violence is always present, as it depends on internal economic conflicts and developments. Not anti-marxian, but post-marxian. There ~~are~~ many things on Sociology of knowledge etc etc. Perhaps in course of time, there might be enough for an essay volume in your series.

You were kind enough to offer sending a copy of the number of 'Actes de la Recherche ' with my paper to interested people. I would appreciate if you could send the number to the following in my name :

Prof Dr. Peter Gleichmann, D-3000 Hannover, West-
ermannweg 21.

Prof J. Goudsblom, Amsterdam, 13 J.J. Vio-
ttastraat.

Mr Eric Dunning, Dep of Sociology, The University
Leicester

Prof Dr. Karl- Otto Apel, Johann- Wolfgang
Goethe Universität, Fachbereich
Philosophie, Senckenberganlage 31
Frankfurt am Main

Very sincerely,

Yours

Anexo número 02

Este texto é uma compilação de um texto preparado por Norbert Elias em 1983 sobre a ascensão do partido nacional socialista em 1933 e suas conseqüências para as universidades. O texto original, não finalizado, tem 32 páginas.

1983 – Elias, Norbert (Persönliche Erinnerungen)

A República de Weimar em que vivi, e mundo acadêmico ao qual pertenci, primeiramente em até 1930 em Heidelberg, e de 1930 até 1933 em Frankfurt, foi absolutamente um mundo amigável e livre. Tanto em Heidelberg quanto em Frankfurt havia um mundo intelectual produtivo, altamente vivo e estimulante

Na sociedade alemã desse período havia grupos que se acostumaram a considerar uma república parlamentar como uma etapa normal do desenvolvimento de uma nação européia. Elas aceitaram um regime pluripartidário, o tinham como um avanço em relação ao absolutismo monárquico, e nesse sentido um regime humano e sensato. A esses círculos pertenciam a minoria liberal da burguesia cristã, a maioria liberal da burguesia judaica, a grande maioria de trabalhadores alemães, e jornalistas, artistas, em resumo, intelectuais de diferentes origens. Estes últimos eram, sobretudo, portadores do que se poderia chamar de cultura humanista alemã da República de Weimar. (p.4)

O bloco massivo do círculo daqueles que desprezavam profundamente o regime republicano, sobretudo aqueles que o aprovavam, e que procuraram causar a sua queda, tão logo o tempo fosse propício, era composto essencialmente pela alta camada do império, ou seja, do antigo regime alemão. A esses círculos pertenciam a burguesia alemã e também estudantes.

Não é possível compreender perfeitamente a específica divisão da sociedade alemã em dois campos, e em duas culturas no interior da República de Weimar, quando se descuida do estreito entrelaçamento os objetivos da política externa e interna no campo anti-republicano. Muitas correntes de teorias fascistas são insuficientes por essa razão. Tanto como (por parte) do movimento fascista na Itália, como no

nacional-socialismo na Alemanha, e de sua nobreza e burguesa promotora o ferido sentimento nacional da tardiamente unificada do Estado sucessor do Antigo Império Romano desempenhou um papel decisivo. Isto promete uma ilusão, o apelo a uma deteriorada nós-imagem (imagem nacional), desempenhou um papel decisivo na força de atração dos movimentos fascistas em todos os países.

Voltando às universidades. Eu falei que estava em marcha nos tempos de Weimar uma profunda divisão na sociedade alemã. Não se trata absolutamente apenas de uma divisão de classes. Era uma divisão que em grande parte perpassava o corpo docente e os grupos estudantis. No que referia às agremiações estudantis, evidenciava-se uma diferença entre os diferentes grupos estudantes livres, que absolutamente não duelavam, e aqueles membros de diferentes agremiações que duelavam nos salões de esgrima, e duelavam seriamente por questões de honra, obrigados que estavam pelo seu código de honra.

Em Heidelberg, como em Frankfurt, existia um grande círculo de professores universitários com inclinações liberais e humanistas no sentido mais amplo das palavras. A notícia da força crescente do nacional socialismo chegou a esse círculo com o som abafado, como uma parede almofadada na própria consciência. Eu não devo nunca esquecer de lembrar a vocês o tempo sobre o qual falo. Eu vivia em Heidelberg após meu doutorado, aproximadamente entre 1924 e 1929. Eu ouvi de Alfred Weber, que me deu esperanças de fazer a habilitação, a condição de ter que esperar em uma fila. Três deveriam fazer a habilitação antes de mim. O primeiro chamava-se Bersträsser, o segundo chamávamos de Ehrmann, o terceiro eu esqueci, o quarto deveria ser eu. Ehrmann era membro do partido nacional socialista. Isso era característico da tolerância liberal de Alfred Weber, que ele estava disposto a habilitar tanto um nacional-socialista como um judeu (...). Isso talvez mostre um pouco a vocês como Alfred Weber, como tantas outras pessoas viam naqueles tempos o nacional-socialismo, uma convicção política como qualquer outra. (7,8)

Não apenas os cabos pseudo-intelectuais e suas tropas, como os pequenos círculos liberais ou professores universitários de círculos socialistas estavam cegos frente aos arrivistas. Também a massa das antigas altas camadas, os amplos círculos burgueses,

os grandes industriais, os nobres gerais, como os hipócritas e (Franz Von) Papan acreditaram que poderiam usar Hitler e o movimento de suas massas para dar um fim nessa república não desejada com seus muitos partidos, que se poderia facilmente driblá-lo, quando o êxito fosse alcançado. (12)

Quando Mannheim e eu fomos em 1930 de Heidelberg para Frankfurt, ele como professor titular e eu como assistente no seminário de sociologia, nossa relação se alterou apenas um pouco. Ela sempre foi amigável e assim permaneceu até a tomada do poder. Nós chegamos à universidade de Frankfurt em um mundo congenial, com a sensação de que tínhamos uma grande tarefa a nossa frente, embora isso pareça estranho quando falamos de 1930. (13)

Como em Heidelberg, também havia no corpo docente da universidade de Frankfurt uma gama de pessoas muito excepcionalmente talentosas, produtivas e estimulantes, sobretudo o administrador da universidade, Kurt Riezler. Lá estavam (Max) Wertheimer e (Adhemar) Gelb, o eminente psicólogo da Gestalt, o neurologista Kurt Golstein, o filósofo e teólogo Paul Tillich e o economista nacional Adolph Löwe, chamado mais tarde para compor o quadro de docentes. Lá estava o diretor do Instituto de Pesquisa Social Max Horkheimer. Em conjunto com Friedrich Pollock, Theodor Adorno, Leo Löwenthal, Franz Borkenau, Erich Fromm e muitos outros, ele foi conhecido mais tarde como o condutor central da Escola de Frankfurt. (14)

Procurava-se por pessoas que fossem produtivas em suas próprias áreas e que igualmente se interessassem por áreas distintas das suas, e que fossem cooperativas. Isso correspondeu a um grande seminário interdisciplinar sobre o tema antigo liberalismo, e se eu não estou enganado começou a funcionar no semestre de verão em 1932 após algumas dificuldades de organização. Nele tomara parte historiadores, sociólogos, economistas e filósofos, além de assistentes e estudantes. (...). Era uma experiência muito promissora. Eu menciono isso aqui apenas, que e porque se estava longe, com a sensação de escuridão, com o sentimento de viver a proximidade de um declínio. Muito pelo contrário, estava-se disposto a experimentar novos caminhos científicos e culturais. (16)

Então chegou a tomada de poder. (...) A nomeação de Hitler para chanceler de Estado e a ameaçadora fala de Goebels e Göring fez com que as pessoas, dos círculos que mencionei, se tornassem conscientes de que o perigo batia à porta. (...). Eu posso ainda me lembrar muito bem. Subitamente, eu estava sozinho. Mannheim e sua mulher não estavam mais lá (...).Löwe, Tillich, Horkheimer não estavam mais lá. Muitos de nossos estudantes eram politicamente ativos, e até hoje eu não sei como eles mobilizavam os recursos. Porém, o júbilo e a selvagem ameaça do nacional-socialismo também fez com que eles se desorganizassem. Eu permaneci em minha casa, saía para caminhar e não sabia o que deveria fazer. Eu acho que eu me sentia menos exposto porque eu não era membro de nenhum partido político, e nunca fui politicamente ativo. Meu banco me comunicou que meu salário havia sido depositado normalmente. Eu entrei em contato com meus pais e soube que eles estavam sãos e salvos. Tudo estava tranqüilo na rua onde moravam. No entanto, eu ouvi horrores pelo rádio. (...). Eu ouvi uma fala muito direta e violenta de Göring. Ele expôs tudo o que fariam com os representantes a corrompida e velha república, em especial com os vermelhos e com os judeus. Inclusive as universidades seriam limpas. ‘É isto o que parece’, disse a mim mesmo, como se aquilo se tornasse real. Repentinamente, me ocorreu que eu deveria ir mais uma vez às salas de seminários, onde os estudantes também tinham as suas gavetas, para verificar se talvez algo comprometedor tivesse ficado por lá. Assim, eu fui até o ‘Marxburg’. O prédio do Instituto de Pesquisa Social estava fechado. Eu tinha a chave. Não havia pessoa alguma. Eu fui até o lugar dos seminários de sociologia e procurei sistematicamente todos os lugares, todas as gavetas. Eu encontrei de tudo, não poderia ser melhor. Os estudantes foram um tanto descuidados. Entre outras coisas, eu encontrei a lista de membros da Roten Hilfe (Ajuda Vermelha), e a lista de nomes dos estudantes membros do USPD (Partido independente social democrata alemão), e outras coisas mais. O que fazer? Não havia mais ninguém lá, ninguém que eu conhecesse. Eu fui para casa e peguei uma mala. De volta às salas do seminário, eu coloquei tudo o que parecia comprometedor em minha mala. Eu olhei a estante de livros. Lá estavam obras de Marx e Engels. ‘, Eles não podem ser tão estúpidos a ponto de ver algo nisso!’ Eu deixei *O Capital* na estante. (17/18)

Eu trouxe a mala para minha casa. Ela não fechava direito. Eu esperava que ela não abrisse no meio da rua. Mas não morava muito longe, menos que dez minutos. Então, lá esta eu no meu pequeno apartamento, com calefação central, com uma grande mala repleta de papéis comprometedores, e eu não sabia o que deveria fazer. Nesses modernos apartamentos não se podia queimar nada. Eu acalentei a idéia de jogar a mala de noite no rio Main. Por fim, eu comecei a picar página por página em pequenos pedaços e jogá-los no vaso sanitário. Como era de se esperar, após meia hora, o sanitário estava entupido. O que eu deveria fazer?

Após alguma hesitação, eu fui a um encanador e disse que minha toaleta estava entupida. Ele veio no dia seguinte, pescou uma grande bola de papel molhado da tubulação. Eu o vejo como hoje. “Ele me olhou um tanto esquisito e disse:” Alguém deve ter jogado uma grande quantidade de papel aqui”. Eu disse: ‘Sim, deve ter sido’. (...). Ao final, me pus ao trabalho. Sequei os papéis e queimei tudo que estava ali em uma placa de cerâmica em cima na frente do forno elétrico. Bom trabalho. Eu respirei aliviado. (19)

Dois dias depois, minha campainha tocou às dez horas da manhã. Dois oficiais da SS estavam à minha porta com um bilhete: “O senhor é o Doutor Elias, que é assistente na universidade? O senhor deve vir conosco para nos entregar as salas. O senhor tem as chaves? Abaixo estava um carro oficial com uma bandeira relativamente grande com a suástica. Eu me sentei ao lado do motorista fardado, e assim fomos nós através da Bockenheimer Landstrasse para a Viktoria-Allee, 17. No caminho eu pensei: “Se algum me vir, ficará assombrado! À porta do Instituto de pesquisa social estava um alto oficial. Impaciente, ele disse: O senhor tem a chave? Bom. Nos entregue agora as salas do seminário. Nós queremos ver tudo o que há lá dentro’. Eu sabia que eles não encontrariam nada. Ainda hoje, quando eu olho para trás, ainda assim não tenho nenhum temor. Vivia-se ainda como imune, sem ter condições de conceber, o que o Führer dessas pessoas tramava. Talvez ele mesmo ainda não soubesse exatamente. O oficial e seus soldados abriram todas as gavetas. Eu olhava com satisfação, não havia deixado nada para trás. Ele olhou a biblioteca. ‘Ah aha, Marx’ disse ele. Naturalmente que se veria isso novamente! Mas tudo isso irá parar, essa grande porcaria’. Eles continuaram procurando, atrás de todas as estantes. Eu perguntei: ‘O

que vocês propriamente procuram?'. Isso não lhe diz absolutamente respeito'. Disse ele. Mas eles não encontraram nada. Ao final ele me disse: O senhor era assistente aqui. Me entregue as chaves do seu seminário. O senhor está terminantemente proibido de entrar nesse seminário e nesse prédio. O senhor me entende? 'Sim', eu disse, 'eu compreendo o senhor', e fui andando um tanto angustiado para casa. A pergunta era: O que eu devo, enfim, fazer agora? Vagarosamente começou a se mostrar a possibilidade de que a vida que se tinha conduzido até aquele momento teria chegado ao fim. E, além disso, se vê no vazio. (20)

Anexo número 03
Carta de Raymond Aron a Norbert Elias – 1939

ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE
45, Rue d'Ulm

Université de Paris

Paris, le 10 Juillet 1939

Cher Monsieur,

J'ai en effet acheté un exemplaire de votre livre pour le Centre de Documentation sociale. J'ai écrit un bref compte-rendu qui paraîtra dans le prochain fascicule des Annales sociologiques et que vous trouverez ci-inclus. Je me propose d'ailleurs d'analyser plus longuement votre ouvrage lorsque les deux tomes que vous annoncez auront paru. Il m'intéresse, en effet, beaucoup et pose aussi bien par son contenu que par ses méthodes des problèmes intéressants.

Il m'est difficile de présenter dès maintenant les critiques, car les tomes suivants donneront vraisemblablement réponse à beaucoup des questions que l'on serait tenté aujourd'hui de vous poser. Je me bornerai à une seule remarque: peut-être pourriez-vous préciser davantage la direction et le sens de l'évolution que vous décrivez. Peut-être n'y a-t-il pas uniquement répression et affinement, peut-être y a-t-il, en compensation, certaines expressions qui deviennent licites; mais c'est là plutôt une question qu'un reproche; on aimerait que vous décriviez davantage l'état psychique du civilisé.

Si à votre tour vous aviez quelque critique ou quelque suggestion à me communiquer à propos du compte-rendu, n'hésitez pas à le faire et j'entendrai compte dans la mesure du possible avant l'impression.

En attendant le plaisir de vous rencontrer, à Paris ou
à Londres, croyez, cher Monsieur, à l'assurance de mes sentiments
les meilleurs.

Royce Am

Review of *Über den Prozess der Zivilisation*

Raymond Aron

Elias (Norbert). – *Über den Prozess der Zivilisation*. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. – T. I: *Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes*. – Bâle, Haus zum Falken, 1939, 327 p., in-8°.

Il est impossible de porter un jugement équitable sur cet ouvrage avant d'en connaître l'ensemble. Mais le premier tome présente un intérêt et une originalité si indiscutables qu'il nous a paru nécessaire de le signaler dès maintenant.

M. E. a cherché à étudier concrètement le phénomène que l'on nomme civilisation. A cette fin, il n'a pas hésité à analyser des faits qui figurent rarement dans les livres d'histoire ou de sociologie, faits quotidiens, humbles, grossiers: les habitudes des hommes à table, au lit, en société. Par des citations bien choisies, empruntées aux livres de mœurs depuis le xv^e ou le xvi^e siècle jusqu'à nos jours, il suit les transformations de ces habitudes, par exemple l'introduction progressive des « instruments » que nous employons aujourd'hui pour manger (fourchette, cuiller), la formation des « règles de civilité » relatives aux fonctions naturelles, aux soins du nez, de la bouche (moucher, cracher, etc.), l'attitude à l'égard des fonctions sexuelles (sur ce point les analyses sont rapides et probablement provisoires).

La préoccupation centrale de M. E. paraît être de fixer la direction générale du mouvement de civilisation et les facteurs qui déterminent celui-ci. Les justifications hygiéniques ou rationnelles interviennent toujours après coup. Les habitudes nouvelles se forment dans les classes supérieures soucieuses de se singulariser ou de créer des relations interhumaines d'un type nouveau. D'autre part, M. E., manifestement influencé par la psychanalyse, désireux de marquer le conditionnement social des désireux de marquer le conditionnement social des névroses, du refoulement, du sur-moi étudie simultanément

Source: *Annales Sociologiques*, vol. 4, 1941, pp. 54–56.

l'origine psychique et sociale des mœurs civilisées. C'est la société qui réprime certaines conduites en leur attachant un sentiment de peine ou de honte, c'est elle qui modèle le système des pulsions et les manifestations de celles-ci. Mais la société à son tour n'est faite que de ces relations humaines, de ces conduites et de ces mentalités qu'elle exige et qu'elle produit. Manifestement M. E. se propose de démontrer par l'exemple la solidarité des explications et des phénomènes sociologiques et psychologiques.

Un autre intérêt apparaît encore dans ce premier tome la mise en relations des transformations historiques avec les rapports de classes. En particulier, le premier chapitre qui traite de l'opposition des termes civilisation et culture et du sens différent que l'on donne en France et en Allemagne à cette opposition est très suggestif. La conscience nationale des Allemands en matière de culture se serait constituée dans une classe moyenne (*Mittelstand*) de fonctionnaires, bourgeois, universitaires, en réaction contre la civilisation, jugée extérieure, superficielle des classes nobles influencées, par les modèles français. Au contraire la conscience française de civilisation résulterait de l'extension progressive des valeurs et des habitudes de la classe noble d'abord aux bourgeois, ensuite peu à peu à l'ensemble du pays. Nous pensons reprendre ces problèmes à l'occasion des prochains tomes annoncés de l'ouvrage.

Douglas, July 29th.

According to Volume 362 No. 88, the Under Secretary of State for the Home Department stated in the Debate of the 10th of July 1940:

"They (the Internees) have all now arrived there (in Canada) and the Categories sent have been, in priority, prisoners of war, Nazi seamen who have been interned and rank as civilian internees, ^{internees} who have been interned for security purposes, single men in category B, and particularly those who took no objection to going.

So far as possible, therefore, we have sent to Canada the most dangerous classes of internees, and where we have had to make up the number we have selected single men under the age of 50 and in preference those who expressed a wish to go." (Page 1245)

Contrary to this it must be stated that in this camp the events cannot in any way be brought in accordance with the quoted statement of the Under Secretary of State: there were about 1200 Internees who left the camp in three transports. With the exception of a few these were composed of people who were never asked whether they consented and were not in the very least selected on the basis of "dangerous classes". With the first transport on the 3rd of July all single men between the ages of 20 to 50 were ordered to leave without any distinction. With the 2nd transport on July the 4th all single men between the ages of 16 to 20 and 30 to 40 were also ordered to leave without any distinction. Thus in both transports many Internees were forced to go against their emphatically expressed wish to stay back. In this way sons were separated from their fathers, brothers from brothers, juveniles were shipped overseas without or even against the consent of their parents. Furthermore people were forced to leave who had well-

2.

founded expectations of release, such as serious medical cases (with the exception of those unfit for transport), people with key-positions of National Importance, doctors, students, university lecturers and those who had the possibility of emigrating in the very near future.

With the third transport the following classes of people left: single men between 40 and 50, persons who were brought back from Glasgow because of a technical hitch which appeared in the 2nd transport and furthermore a small number of volunteers.

By the statement of the Under Secretary the position of those who were in this way compulsorily transported without any except age-distinctions, another injustice is caused. In the eyes of the British public as well as in the country to which they have been sent, they will be classed as the most dangerous internees, although in reality they were practically all genuine refugees and loyal supporters of this country.

To complete the picture it must be added that in the bulk of the transportees numbering approximately 1200 there were three special groups:

a. About fifty to whom the term of "volunteers" used by the Under Secretary would apply.

b. About twenty who received special orders to leave the camp, apparently because the authorities had information about them which might have justified the appellation of "dangerous class of internees".

c. Twenty-three married volunteers who left under circumstances fully dealt with in the attached documents.

But it is essential to stress the fact that the purpose of this statement represents no complaint whatsoever against any authorities. The internees realise the great difficulties of the situation and above all continue to be loyal supporters of this country. It is for this very reason that they consider it necessary to bring this information to the notice of the authorities concerned. This will help to avoid any repetition of such happenings, and may serve to lighten the fate of the internees.

Anexo número 05
Cartão da Cruz Vermelha
De Hermann Elias a Norbert Elias



MAY 1940 * 037369

Deutsches Rotes Kreuz
Präsidium / Auslandsdienst
Berlin SW 11, Kleinbeerenstr. 7

ANTRAG
an die *Agence Centrale des Prisonniers de Guerre, Genf*
— Internationales Komitee vom Roten Kreuz —
auf Nachrichtenvermittlung

REQUÊTE
de la Croix-Rouge Allemande, Présidence, Service Etranger
à l'Agence Centrale des Prisonniers de Guerre, Genève
— Comité International de la Croix-Rouge —
concernant la correspondance

1. Absender *Hermann Elias, Breslau*
Expéditeur Nikolai - Stadtgraben 14.
bittet, an
prie de bien vouloir faire parvenir à

2. Empfänger *Dr. Norbert Elias, Cambridge, England*
Destinataire 2 B. Drosier Road
folgendes zu übermitteln / *ce qui suit:*

(Höchstzahl 25 Worte)
(25 mots au plus!)

*Geliebter Sohn, benötige zur Auswanderung
dringend sofortige entsprechende Bemühungen Deiner-
seits bei Freunden, Hilfskomitees, oder Karger.
Deiner umgehende diesbezügliche Nachricht
notwendig. Herzlichen Gruss Deine besorgten
Eltern.*



Hermann Israel Elias
8 JUN 1940
(Unterschrift / Signature)

3. Empfänger antwortet umseitig
Destinataire répond au verso

Norbert, hoffe ich, daß Sie gesund u. munter bist,
u. daß es dir auch sonst gut geht. Was hast du für
Pläne oder Pläne die von dort nicht unternehmen?
Mrs. Moore schreibt, daß du G. J. S. gesund bist u. daß es dir
auch sonst gut geht. Im letzten Brief vom Antal Rothner,
Gustav Hornbren, der kürz nach dem Tode vom guten Vater
hinüber, schreibt er von Dr. Benesch, wie begeistert er von
dir, als Wissenschaftler u. auch in jeder anderen Beziehung
ist u. daß du, so meint er, bestimmt überall als Lecturer
dein Auskommen finden wirst. Dr. B. ist in U. S. A., wo fühlst
wohl Lehrgängen? dir ist es wohl nicht möglich auch dort hin
zu kommen? Willst du nicht ab dir dann gelangen, wie
auch freizeitsbringen oder Pläne die willst du immerhin
das sich für mich interessieren würde? Ich weiß es zu wenig
ganz, wie genauig das Alles für dir ist, besonders in
deiner jetzigen Lage. Kannst du an Antal Rothner nicht
schreiben, er ist wirklich sehr nett u. selbstbewußt u. der Einzige, der
immer schreibt. Lieber Norbert, ich würde mich unendlich freuen,
wenn es dir erlaubt wäre, mir auch diesen Brief zu antworten,
damit ich für, wie es dir geht. Ich wünsche dir alles Gute
und grüße dich herzlichst. Dein Vater.

Anexo número 07

Cartão por intermédio da Cruz Vermelha/De Norbert Elias a sua mãe Sofie Elias

RED CROSS MESSAGE BUREAU
 RED CROSS MESSAGE BUREAU.
 453
 4, CORN EXCHANGE ST.,
 CAMBRIDGE.

From:
**WAR ORGANISATION OF THE BRITISH RED CROSS
 AND ORDER OF ST. JOHN**

To:
 Comité International de la Croix Rouge Genève
 Prisoners of War, Wounded and Missing Department.

ENQUIRER
 Fragesteller

Name ELIAS (DOR)
 Christian name NORBERT
 Vorname
 Address

D.R.K.-Prasidium

014078 - 22 MAI 1941

Relationship of Enquirer to Addressee SON
 Wie ist Fragesteller mit Empfänger verwandt?

The Enquirer desires news of the Addressee and asks that the following message should be transmitted to him.
 Der Fragesteller verlangt Auskunft über den Empfänger. Bitte um Weiterbeförderung dieser Meldung.

SOEBEN NACHRICHT VATERS STILLEM
 HINSCHEIDEN SEHR UNGLÜCKLICH. BIN
 IN GEDANKEN BEI DIR. HALTE DICH
 TAPFER, GESUND FÜR MICH LIEBE
 KÜSSE

Norbert



11 FEBRUARY '41

ADDRESSEE
 Empfänger

Name ELIAS (FRAU)
 Christian name SOPHIE
 Vorname
 Address BRESLAU
NICKOLAISTADTERABEN 14

The Addressee's reply to be written overleaf.
 Empfänger schreibe Antwort auf Rückseite.

10 AVR 1941

Anexo número 08

Sobem Nachricht erhalten bin
gesund, sehr unglücklich, hoffentlich
bist Du zufrieden und beschäftigt.
Vater liegt Lohestraße. Schreibe bald,
Bleib gesund. Grüsse Klüsse
Mutter.



- 5 JUIN 1941

Anexo número 09

Cartão por intermédio da Cruz Vermelha/ Norbert Elias a Sofie
Elias

Deutsches Rotes Kreuz

-7. AUG 1942

From :

**WAR ORGANISATION OF THE BRITISH RED CROSS
AND ORDER OF ST. JOHN**

To :

Comité International
de la Croix Rouge
Genève



ENQUIRER
Fragesteller

Name

ELIAS DR

Christian name

NORBERT

Vorname

Address

RED CROSS MESSAGE BUREAU
453

14, CORN EXCHANGE ST.
CAMBRIDGE. SON

Relationship of Enquirer to Addressee

Wie ist Fragesteller mit Empfänger verwandt?

The Enquirer desires news of the Addressee and asks that the following message should be transmitted to him.

Der Fragesteller verlangt Auskunft über den Empfänger. Bitte um Weiterbeförderung dieser Meldung.

HOCHWERTBARER KUZER GEBURTSTAGS-
WUNSCHSELBIN DE SUND-TRAURIG DASS DU
ALLEIN BIST. W.D. SIND ALTEN FREUNDINNEN?
ONKEL GEORG? WEISS WIE SCHWERIG ALLES
IST. DENKE INNER AN DICH.

Date

19. JUNI 1942

Norbert

ADDRESSEE
Empfänger

Name

ELIAS

Christian name

SOFIE

Vorname

Address

10. GOETHESTR. BEI NDHER
BRESLAU



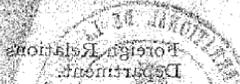
The Addressee's reply to be written overleaf. (Not more than 25 words).
Empfänger schreibe Antwort auf Rückseite. (Höchstzahl 25 worte).

24 JUN 1942

Anexo número 10

Cartão por intermédio da Cruz Vermelha/Sofie Elias a Norbert
Elias

WAR ORGANISATION OF THE BRITISH RED CROSS
AND ORDER OF ST. JOHN



British International
de la Croix Rouge
Geneve

Absender: *Sofie Sara Elias*

*Riebnig Kreis Brieg, Post Stoborau, Wohngemeinschaft
Schlesien*

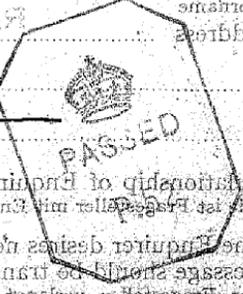
Name

Christian name

Vorname

Address

RED CROSS MESSAGE FORM
IN CORN EXCHANGE
CAMBRIDGE



Relationship of Printer to Addressee
The printer desires news of the Addressee and asks that the following
message should be transmitted to him.
Der Drucker verlangt Auskunft über den Empfänger. Bitte um Weiter-
beförderung dieser Meldung.

*Wieder freudig über Yuninachricht
Ich bin gesund, arbeite, denketäglich
Deiner. Verwandte, alte Freundinnen
fort. Adresse unbekannt, Georg in Berlin.
Sind Blums dort? Große Küsse*

ADDRESSER



Mutter.

Name

Christian name

Vorname

Address

d. 4. 8. 1914.

The Addressee's reply to be written overleaf. (If of more than 25 words)
Empfänger schreibe Antwort auf Rückseite. (Höchstens 25 Worte)

Anexo número 11.
Carta de Elias a seus pais - 1941

Dr. Norbert Elias

7 Union Rd
6th -I- 41

My dearest parents,

I hope you are well and have passed together quietly and without worrying too much the birthday of mother. I hope too that the letter with my congratulations to mother's birthday which I have been sending off about a month ago has arrived in time. It is, of course, terrible that we shall be separated for such a long time without hope - at least, at present, of seeing us. I feel it every day and I am thinking of you, and what you are doing and whether you are suffering very much from the present state of affairs and from this unfortunate separation. We can only take all our courage together and wait patiently and hope for the best.

I have told you already in my last letters that you need not worry about me. I am going on my work as peacefully and quietly as ever, preparing a new book which I hope to write together with Ginsberg who is very kind to me and who, I believe, in his own hesitant way rather likes me. Uncle Karl too is here. He is not on the best of terms with Ginsberg and not very happy, on the whole. But since I have dedicated to him the second volume of my last book on "The Civilising Process" he, too, is very kind to me. The days, the weeks, the months are passing by almost too quickly. In the morning and most of the afternoon I am working in the library. For lunch I am going home to Fuchses where I am staying at present. In the evening we are very often sitting together waking up memories of the old time thinking of all the people we know and I am thinking of you and how nice it were if you would be here and hoping with all my heart that we three may be sitting together again one day in a warm room while outside snow is falling, as it is falling just now, and talking of all the difficulties we have gone through. On the whole, I can say, that it was a good thing that I have chosen sociology and psychology as my profession; though, of course, it does not make me a wealthy man it gives me my daily bread; it is the one thing which gives me constant satisfaction; it is, if I may say so, a rising profession with a great future and I am always very, very grateful to you that you made it possible for me to go this way, the more so as I know you would have wished me to become a doctor. I am constantly worried that I cannot pay you back - now that you need it - all you have done for me.

My friend Alfred has married. He has an excellent position, is held in very high esteem by everybody here on account of his work as a biologist, and we see each other very often. You need not think that I am lonely here or without help should ever the need for it arise. Mrs Moore who has, I believe, written to you, from Northampton Mass. is, together with her husband, a very good friend of mine, too. Prof. Moore used to be Regius Professor of Philosophy at our University here. He is now, for a time, lecturing at Smith College, Northampton and is going in the near future to Columbia University for a series of lectures and courses. Paul Rosenstein is now again living together with his wife who has a domestic job and he helps her though, of course always hoping for an employment as dentist. They are living somewhere in the country but I got a letter from him only recently. He is very happy with

his boy whom he likes very much.

There are very many other people from Breslau here. For most of them it is, of course, not a very easy life, and if it were not for the fact that we are separated from each other I am sometimes inclined to think that it would be difficult for you too to live here. But that will change if I have enough money for us three. I have to write some notes for Ginsberg, so I must finish now. My dear parents, I hope you are well and your courage, your spirits are unbroken. I hope that you, my dear mother, will look to it that father does not give in to thoughts of pessimism and depression. There is no need for it. We have to do our utmost to keep fit whether we are younger or older. I give you my love

Yours, ever

My best wishes and greetings to uncle A. and aunt Gusti. I hope very much they too are well and undisturbed by all the difficulties which are inevitable. All the best!

Anexo número 12
Programa de disciplina para curso de sociologia

Sociology
Introductory course

Prof. N. Elias

Preliminaries

Survey of the general plan of the course and
of the program of work

- (a) The main topics to be studied in this course.
- (b) The nature of sociological problems.
- (c) Comparative studies of countries at different stages of social development; their usefulness for understanding one's own as well as other countries.
- (d) "What is the explanation of this?" Differences between popular and sociological explanations of social facts.

Part I

Comparative Studies of Contemporary Societies at
Different Stages of Development

- (1) Population movements as indicators of social changes.
- (2) Social processes
 - (a) industrialisation
 - (b) urbanisation
 - (c) bureaucratisation
 - (d) democratisation
- (3) Social processes and individual people
 - (a) changing conditions of health
 - (b) socialisation and individualisation
- (4) Types of social organisation
 - (a) States. Social functions and phases of development
 - (b) Crafts and factories
 - (c) Families
- (5) Types of social stratification
 - (a) castes and estates
 - (b) classes. Criteria of class distinctions
 - (c) types of stratification in pre-industrial & industrial societies
 - (d) tensions and conflicts between different social strata
 - (e) the problem of social power characteristic of countries in a process of increasing industrialisation
- (6) Changes in occupational structure.

Part II

Selected Theories of Social Development

- (1) Gradualness and continuity of scientific advance. The moral issues involved in one's attitude towards the work of dead men.
- (2) Contributions to the problems of social development made by
 - (a) Comte
 - (b) Marx
 - (c) Durkheim
 - (d) Weber
 - (e) Hobhouse and others
- (3) Cyclical and unilinear concepts of social development.
- (4) The problem of progress.

Part III

A Bird's-eye View of the Social Development of Mankind

- (1) Social development and biological evolution.
- (2) Pre-historic stages of social development.
- (3) Historic stages of social development
 - (a) Urban societies of the river valleys
 - (b) From city-states to early territorial kingdoms
 - (c) From kingdoms to empires
 - (d) Integration and disintegration of state-societies
Characteristics of feudal societies
 - (e) Characteristics of contemporary nation-states.
- (4) Conclusion: The civilising process.

SHORT BOOK LIST

Textbooks

Preliminary Report on the World Social Situation. United Nations, New York, 1952.
Report on the World Social Situation. United Nations, New York, 1957.
Report on the World Social Situation. United Nations, New York, 1961.
Kingsley Davis Human Society

OR

Broome & Selznick Sociology

Recommended Reading

G.D.H. Cole	Studies in Class Structure
Margaret Mead	Cultural Patterns & Technical Change
Arthur Lewis	Theory of Economic Growth (esp. Ch. 6 on Population)
D. Wrong	Population
V. Gordon Childe	What Happened in History
P. Blau	Bureaucracy in Modern Society
Fraser Brockington	World Health
Report of the Royal Commission on Population	
Encyclopaedia of the Social Sciences, Articles on: Comte, Marx, Spencer, Durkheim, Weber.	
Durkheim	Suicide
Timasheff	Sociological Theory (selected chapters)
Rumney	Herbert Spencer (selected chapters)
Barnes & Becker	Social Thought from Lore to Science
R. Bendix	Work & Authority in Industry (Ch.4)
J.A. Banks	Prosperity and Parenthood
F. Eakin	The Child & Society - problems of socialisation
W.W. Rostow	The Stages of Economic Growth
C. Clark	The Conditions of Economic Progress (1957 ed. Ch.9)
P.L. Dressel, L.B. Mayhew,	Critical Thinking in Social Science
D. Emmet	Function, Purpose and Powers.

Anexo número 13
Carta de Elias a Tom Bottomore

27th March, 1962.

My dear Tom,

You have probably heard in the meantime that I have been offered and that I have accepted the Chair in Sociology in Ghana, but I feel I must send you a personal line about it. When I wrote to you in September whether I should apply, perhaps neither of us thought quite seriously that it would come off. Now that it has, I am rather happy about it. As you may realise, my friends and acquaintances are rather divided in this matter. The majority seem to think that I am rather unwise, but as you know I am not very dependent on that. There is the problem of the climatic conditions, of course, - I shall have to see - by and large I like warm countries and the sea.

There are all kinds of rumours about the latest moves on the chess board of sociological appointments. The rumour about you is that you are contemplating Canada. Whatever the truth about that, I very much hope that you are bringing out your book on the French Civil Service soon and also your text book on sociology. I might like to use it in Ghana. Let me know how things are.

With all good wishes for you all.

Yours,

T. Bottomore Esq.,
London School of Economics,
Houghton Street,
Aldwych,
London W.C.2.

Anexo número 14
Carta de Elias a Tom Bottomore

6th February, 1963.

Mr. Tom Bottomore,
Reader in Sociology,
London School of Economics,
Houghton Street,
Aldwych,
London, W.C.2

Dear Tom,

Thank you very much for your letter. Yes, I suggested your name as an External Examiner and I am glad that you have accepted it. After your experience in India it might be interesting to see the intellectual standards of students in this country. Generally, students are most pleasantly alert intellectually. What is not always realised outside Ghana is that English is only their second language, that their first language is always one or the other of the vernacular languages and that it is from their level, from the level of the vernacular languages, that they start to think.

The fascination of this country for me, after 4 months, has in no way diminished. I am learning more than I ever expected to or to put it in another way, I am only now becoming aware of the extent of my sociological ignorance. There is so much that I hardly begin to understand. I hope you will see the product of the research I have began here soon. I was glad to hear that your text-book has come out. Please do send me a copy if you can spare one. It might be of use for the teaching here. I do not know whether the Registrar has already sent you some of our examination papers.

I shall keep in touch and I hope to see you personally towards the end of July when I hope to be back, for about 2 or 3 months, in England.

With every good wish.

Yours,

Anexo número 15
Carta de Elias à sua prima Lili em Tel Aviv

27 Juni 1972

Prof Dr. N. Elias

My dear Lilli,

Meine liebe Lilli,

es war ausserordentlich nett von Dir, mir zu meinem Geburtstag zu schreiben. Ich habe mich sehr darüber gefreut. Wie Du siehst und wie Du vielleicht weiss habe ich die letzten Monate und damit auch meinen Geburtstag hier in Konstanz verbracht, wo ich bis Mitte Juli als Gastprofessor lehre. Es ist natürlich ganz angenehm für mich, und zum Teil auch finanziell eine Erleichterung, dass ich weiter meine Lehrtätigkeit und auch meine Forschungstätigkeit ausüben kann. Aber früher oder später kommt jederman dazu seine gewohnte Tätigkeit aufzugeben. Glaube mir, ich verstehe, wie Du gefühlst als Du in Dein gegenwärtiges Heim einzogst. Aber ich hoffe, es lasst sich gut leben. und man kümmert sich um Dich in der richtigen Weise.

Ich kann vorläufig noch meine Tätigkeit in vollem Umfang aufrecht erhalten. Merkwürdigerweise habe ich mehr zu tun als je zuvor. Sas hängt zum guten Teil damit zusammen, dass sich die Art, Soziologie zu treiben, die mir nicht erscheint, erst jetzt langsam durchzusetzen beginnt. Meine Bücher werden dementsprechend gleichzeitig in mehrere Sprachen übersetzt, mein Buch über den Prozess der Zivilisation, das in der ersten Auflage 1939, in der zweiten 1969 erschien, wird jetzt beinahe zu gleicher Zeit ins englische Französische und holländische übersetzt. Ein kleineres Buch 'Was ist Soziologie', das in Deutschland 1970 erschien, ist in Holland in der ersten holländischen Auflage von 10 000 Exemplaren bereits ausverkauft. Man beginnt gerade die zweiten 10 000 Exemplare zu drucken. Die englisch-amerikanische Ausgabe wird gerade vorbereitet. Ich könnte noch mehr von solchen Sachen erzählen. Natürlich muss ich das alles durchsehen, korrigieren korrespondieren, ganz abgesehen von den neuen Sachen, die ich schreibe. Ich dachte es würde Dir Freude machen von den Erfolgen Deines alten Veters zu hören. Ich denke oft daran, wie sich meine Mutter und besonders auch mein Vater gefreut hätten, wenn sie es noch hätten erleben können.

Es tat mir leid vom Tode Franz Meyers zu hören. Es freut mich aus den Nachrufen zu sehen, dass er doch noch etwas aus seinem Leben gemacht hat.

Hier in Konstanz habe ich unter anderem die Bekanntschaft eines Kollegen von mir eines Gastprofessors aus Israel Prof. A Deutsch gemacht, der teils als Soziologe teils als Erziehungswissenschaftler hier gearbeitet hat. Eine Sache ergibt die andere -- der Bund europäischer jüdischer Studenten hält hier eine Tagung ab und Deutsch hat Ihnen meinen Namen gelaufen so dass ich dort nächsten Sonntag einen Vortrag halten muss, obgleich ich nicht viel Zeit habe. Aber in meinem Alter kann ich so etwas beinahe aus dem Stegreif und ohne viel Vorbereitung machen. Eine Stunde sprechen ist ja auch nicht schwer.

Nochmals Lilli, ich habe mich sehr über Deinen Brief gefreut. Vor kurzem war ich ein paar Tage zur Kieler Woche (auf Kosten der Stadt und der Universität) eingeladen. Ich lege einen Umschlag mit Briefmarken vor dort bei. Ich weiss, dass manche Deiner Verwandten und Bekannten Briefmarken sammeln. Vielleicht macht es Dir und ihnen Freude, wenn Du ihnen die Marken gibst. Wenn das richtig ist und wenn Du gelegentlich mehr Marken zum Verschenken haben möchtest, sage mir das doch. Ich freue mich immer sehr von Dir zu hören. Bleibe recht gesund und guten Mutes und sei herzlichst

gegrüsst von

Deinem
Lilli

Anexo número 16.
Carta de Bourdieu a Norbert Elias

ACTES DE LA RECHERCHE en sciences sociales

54, bd Raspail, 75270 Paris Cedex 06. tél. 222 23 49

Paris, le 8 avril 1976

Monsieur Norbert Elias
c/o, Royal Tropical Institute
International Centre
2c, Linnaeus Straat
AMSTERDAM (Holland)

Cher Norbert Elias,

Je vous remercie de votre lettre si aimable et de ce que vous dites de la revue.

Je vous remercie aussi du texte que vous m'avez fait envoyer et que j'ai lu avec grand intérêt : l'analyse que vous proposez de la genèse du sport moderne défini dans sa spécificité, dans l'Angleterre du XIXe siècle, me paraît extrêmement éclairante ; je trouve en particulier tout à fait lumineuse la relation que vous établissez entre la monopolisation de la violence physique et le développement du sport comme manifestation "euphémisée" et réglée de cette violence.

Je vais faire faire immédiatement la traduction (que je reverrai moi-même de très près) afin que nous puissions publier votre texte dans un de nos tout prochains numéros. Au cas où vous le souhaiteriez, nous pourrions accompagner votre article d'illustrations (je pense, par exemple, aux vases grecs représentant des scènes de lutte ou à des gravures représentant des formes anciennes de sport telles que le soule) : il vous suffirait de nous indiquer les références et nous trouverions les documents.

Je serais heureux de recevoir les autres textes dont vous me parlez, pour ma propre information et aussi, éventuellement, pour la publication dans la revue.

Au cas où vous envisageriez de passer par Paris, à l'occasion de vos déplacements en Europe, je serais très heureux de vous rencontrer.

Recevez mes amitiés respectueuses.


Pierre Bourdieu

P.S. : Dans l'exemplaire que j'ai reçu, je ne trouve que cinq notes à la deuxième partie (alors que je trouve dix appels de note) ; pouvez-vous me faire envoyer le texte des notes manquantes ?

Anexo número 17.

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hausbuch_Wolfegg_11r_Saturn.jpg



Sobre as Fotos

As fotos do Primeiro Capítulo foram cedidas pelo Arquivo de Norbert Elias em Marbach, Alemanha. Infelizmente, não havia nenhuma referência sobre elas, pois não estão catalogadas. Foram escolhidas para ilustrar e familiarizar o leitor com a figura humana de Norbert Elias.

O mesmo se aplica às fotos presentes na linha do tempo. Com exceção daquelas que indicaremos a seguir:

Índice de Fotos da Linha do Tempo:

1.1 Estabilidade e ruptura

- Foto de Elias com sua mãe Sofie e governanta. (Marbach)
- Foto de capa da Tese de doutorado de Elias: *Idee und Individuum*. (Marbach)

1.2 Mudanças de Trajetória e o fim da República de Weimar

- Foto de Elias com grupo de amigos em Heidelberg. In: Goudsblom, 1977
- Foto de Elias em um passeio com estudantes. In: Goudsblom, 1977
- Foto de Elias com Mannheim em Frankfurt, In: Goudsblom, 1977

1.3 O Exílio e o Recomeço

- Foto de Elias em Paris, In: Goudsblom, 1977
- Foto de Elias por Gisèle Freund. In: Goudsblom, 1977
- Prova da primeira edição de *O processo Civilizador* (Marbach)
- Foto de esculturas africanas, coleção de Elias. In: Elias, 2006c

1.4 Apenas um elo na cadeia de gerações

- Foto de Elias com o sociólogo holandês Johan Goudsblom. (Marbach)
- Foto de Elias em seminário (Marbach)
- Foto do documento do processo sobre a reparação aos danos de Guerra (Marbach)
- Foto de Elias em seminário. (Marbach)
- Retrato de Elias. (Marbach)
- Foto de Elias em seu escritório (Marbach)

Índice de fotos da web.

Foto da Primeira Guerra

http://www.welt.de/multimedia/archive/1226326438000/00698/weltkrieg_15_sturma_698882g.jpg

Foto de Hitler

<http://www.op-online.de/nachrichten/deutschland/begann-zweite-weltkrieg-fotostrecke-453972.html>

Foto da Kristal Nacht

<http://www.wereldinoorlog.be/web/content.php?article.1000639>

Foto da Segunda Guerra Mundial

http://www.spiegel.de/thema/zweiter_weltkrieg/

Foto de fim da Segunda Guerra Mundial – libertação de Auschwitz

<http://www.scrapbookpages.com/poland/birkenau/Birkenau04.html>

Foto da Primavera de Praga

http://www.schaarschmidt.it/cms/gallery-us/?g2_itemId=8456

Foto de Paris, maio de 1968

http://www.nadir.org/nadir/periodika/contraste/aus_dem_inhalt77.htm

Foto queda do Muro de Berlin

<http://www.derweg.org/deutschland/staedte/berlin.html>